DONATO CARRISI

Autor de *O aliciador*

O TRIBUNAL DAS ALMAS

"Um thriller complexo e perfeito."

CORRIERE DELLA SERA



RECORD

O TRIBUNAL DAS ALMAS

DONATO CARRISI

Tradução de
Aline Leal



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C312t Carrisi, Donato, 1973-
O tribunal das almas [recurso eletrônico] / Donato Carrisi; tradução Aline Leal. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.
recurso digital

Tradução de: Il Tribunale Delle Anime
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10047-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção italiana. 2. Livros eletrônicos. I. Leal, Aline. II. Título.

13-03594 CDD: 853
CDU: 821.131.1-3

TÍTULO ORIGINAL EM ITALIANO:
Il Tribunale Delle Anime

Il Tribunale Delle Anime © 2011 by Donato Carrisi

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Ilustrarte Design e Produção Editorial

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10047-4

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Não existem testemunhas tão terríveis nem acusadores tão implacáveis quanto a consciência que mora no espírito de cada um.

Políbio

O cadáver abriu os olhos.

Estava deitado em uma cama, de barriga para cima. A sala era branca, iluminada pela luz do dia. Na parede, bem diante dele, havia um crucifixo de madeira.

Observou as mãos abandonadas ao longo dos quadris, sobre os lençóis claros. Era como se não lhe pertencessem, como se fossem de outra pessoa. Levantou uma delas — a direita — e colocou-a diante dos olhos para vê-la melhor. Foi então que tocou as faixas que lhe cobriam a cabeça. Estava ferido, mas percebeu que não sentia dor.

Virou-se em direção à janela. O vidro devolveu-lhe o fraco reflexo de seu rosto. Naquele momento, o medo chegou. A pergunta lhe fez mal. Mais ainda, a consciência de não saber a resposta.

Quem sou eu?

CINCO DIAS ATRÁS

O endereço ficava fora da cidade. Por causa do mau tempo e do GPS que não conseguia achar o caminho, tinham levado mais de meia hora para chegar ao local isolado. Se não fosse pela pequena luminária acesa na entrada da alameda de acesso, teriam pensado que o lugar estava desabitado.

A ambulância prosseguiu lentamente pelo jardim abandonado. A luz intermitente despertou da escuridão estátuas de ninfas cobertas de musgo e vênus mutiladas, que saudaram a passagem deles com sorrisos deformados, estendidas em gestos elegantes e incompletos. Dançavam imóveis, só para eles.

Uma velha mansão acolheu-os como um porto seguro no meio da tempestade. Não se viam luzes no interior. A porta, porém, estava aberta.

A casa estava esperando por eles.

Eram três. Monica, uma jovem médica generalista que estava de plantão na emergência naquela noite. Tony, um enfermeiro com uma longa experiência em intervenções de emergência. E o motorista, que ficou na ambulância enquanto os outros dois desafiaram o temporal indo em direção à casa. Antes de atravessarem a soleira, chamaram a atenção, em voz alta, de quem estivesse lá.

Ninguém respondeu. Entraram.

Cheiro de mofo, a luz fraca e alaranjada de uma fileira de luminárias desenhava um longo corredor de paredes escuras. À direita, uma escada levava ao andar de cima.

No cômodo ao fundo entrevia-se um corpo exânime.

Precipitaram-se para lhe prestar socorro e se viram em uma sala de estar cujos móveis estavam cobertos por panos brancos. Exceto por uma poltrona puída, que ficava ao centro, bem diante de um modelo antiquado de televisão. Na realidade, tudo naquele lugar tinha cheiro de velho.

Monica ficou de quatro sobre o homem estendido no chão, que respirava com dificuldade, e pediu que Tony se aproximasse com todo o equipamento.

— Está cianótico — constatou.

Tony assegurou-se de que as vias respiratórias estivessem desobstruídas e depois colocou o balão ambu na boca do homem enquanto Monica examinava suas íris com uma lanterna.

Parecia ter no máximo 50 anos e estava inconsciente. Vestia pijama listrado, pantufas de pele e roupão. O aspecto era desleixado, a barba de alguns dias e os poucos cabelos desarrumados. Em uma das mãos, ainda segurava o celular, com o qual havia chamado a emergência, queixando-se de fortes dores

no peito.

O hospital mais próximo era o Gemelli. Com um código vermelho, o médico de plantão juntava-se ao pessoal da primeira ambulância disponível.

Por isso, Monica estava ali.

Havia uma mesinha caída, uma tigela quebrada, leite e biscoitos espalhados por todo lado, misturados com urina. O homem devia ter se sentido mal enquanto via televisão e tinha urinado nas calças. Um clássico, pensara Monica. Homem de meia-idade, que mora sozinho, tem um enfarte e, se não consegue pedir ajuda, geralmente é descoberto morto quando os vizinhos começam a sentir seu mau cheiro. Mas naquela mansão isolada isso não aconteceria. Se não tivesse parentes próximos, passariam anos antes que alguém se desse conta do que tinha acontecido com ele. De todo modo, a cena lhe era familiar e sentiu pena dele. Pelo menos até abrirem a camisa de seu pijama para fazer a massagem cardíaca. No tórax estava gravada uma frase.

Me mate.

Médica e enfermeiro fingiram não vê-la. O dever deles era salvar uma vida. Mas, a partir daquele momento, imprimiram em cada gesto uma urgência perceptível.

— A saturação está baixando — disse Tony, depois de ter verificado os valores do medidor de oxigênio. Não chegava ar aos pulmões do homem.

— Temos que entubá-lo ou vamos perdê-lo. — Monica pegou o laringoscópio da maleta e posicionou-se atrás da cabeça do paciente.

Dessa forma liberou a visão do enfermeiro e notou um lampejo repentino em seus olhos. Uma perturbação que não conseguiu interpretar. Tony era um profissional treinado para todo tipo de situação, mas algo o transtornara. Algo que estava bem atrás dela.

No hospital, todos conheciam a história da jovem doutora e de sua irmã. Nunca ninguém lhe dissera uma palavra sobre isso, mas ela percebia quando a observavam com compaixão e preocupação e se perguntavam como se podia viver com tal peso.

Naquele momento havia no rosto do enfermeiro a mesma expressão, mas muito mais espantada. Então, Monica virou-se por um instante e viu, ela também, o que Tony tinha visto.

Um patim de rodinhas, abandonado em um canto da sala, vindo direto do inferno.

Era vermelho com as fivelas douradas. Idêntico ao seu gêmeo que não estava ali, mas em outra casa, em outra vida. Monica sempre os achara um

pouco kitsch. Mas Teresa afirmava que eram *vintage*. Elas também eram gêmeas, por isso para Monica foi como se tivesse visto a si mesma quando o cadáver de sua irmã foi encontrado na clareira ao lado do rio, em uma manhã de um dezembro frio.

Tinha apenas 21 anos e havia sido degolada.

Dizem que os gêmeos sentem coisas um do outro, mesmo a quilômetros de distância. Mas Monica não acreditava nisso. Ela não teve nenhuma sensação de medo ou perigo enquanto Teresa estava sendo raptada naquele domingo à tarde, voltando de uma patinação com as amigas. Seu corpo tinha sido encontrado um mês depois, com a mesma roupa com que desaparecera.

E aquele patim vermelho, que era uma prótese grotesca no pé do cadáver.

Por seis anos Monica o guardara, perguntando-se que fim teria levado o outro e se por acaso um dia se encontrariam novamente. Quantas vezes tentara imaginar o rosto da pessoa que o havia pegado? Quantas vezes o procurara entre os estranhos que encontrava na rua? Com o tempo, tinha virado uma espécie de jogo.

Agora, talvez Monica estivesse diante da resposta.

Olhou o homem estendido embaixo dela. Suas mãos enrugadas e gorduchas, os pelos que brotavam das narinas, a mancha de urina no gancho da calça. Não tinha as feições de um monstro, como sempre imaginara. Era feito de carne e osso. Um ser humano banal e com um coração frágil, ainda por cima.

Tony trouxe-a de volta de seus pensamentos.

— Sei o que está se passando na sua cabeça — disse ele. — Podemos parar quando você quiser. E ficar aqui esperando que aconteça o que tiver que acontecer… É você que tem que me dizer. Ninguém vai ficar sabendo.

Foi ele quem propôs, talvez porque a viu hesitar com o laringoscópio em suspenso sobre a boca ofegante do homem. Monica observou seu tórax outra vez.

Me mate.

Talvez tenha sido a última coisa que os olhos de sua irmã viram enquanto ele a degolava como um animal de abate. Não uma palavra calorosa de conforto, como deveria ser para todas as criaturas humanas que estão prestes a deixar esta vida para sempre. Daquele jeito, seu assassino quisera brincar com ela. E divertira-se com isso. Talvez Teresa também tivesse suplicado por sua própria morte, desde que tudo acabasse logo. De raiva, Monica apertou com força o cabo do laringoscópio, e os nós dos dedos ficaram brancos.

Me mate.

Aquele covarde tinha tatuado a frase no esterno, mas quando se sentiu mal

chamou o socorro. Era como todos os outros. Ele também tinha medo de morrer.

Monica olhou dentro de si. Quem tinha conhecido Teresa via em Monica apenas uma réplica falsa, a estátua de um museu de cera, a cópia de um pesar. Para sua família, ela representava aquilo que sua irmã poderia ser e nunca seria. Viam-na crescer e procuravam Teresa. Agora, Monica tinha uma oportunidade de se distinguir e libertar o fantasma da gêmea que morava nela. Sou uma médica, lembrou a si mesma. Queria encontrar um vestígio de piedade pelo ser humano deitado diante dela, ou o temor de uma justiça superior, ou algo que se parecesse com um sinal. Em vez disso, percebeu que não sentia nada. Então tentou desesperadamente desenterrar uma dúvida, algo que a convencesse de que aquele homem não tinha nada a ver com a morte de Teresa. Mas, por mais que pensasse nisso, só podia existir um motivo para aquele patim vermelho estar ali.

Me mate.

E, naquele momento, Monica deu-se conta de já ter tomado sua decisão.

6h19

A chuva caía sobre Roma como um triste funeral. Longas sombras drapeavam os edifícios do centro histórico, um desfile de fachadas mudas e lacrimosas. As ruelas, enroscadas como vísceras ao redor da piazza Navona, estavam desertas. Mas a poucos passos do claustro de Bramante as vitrines do antigo Caffè della Pace refletiam-se na rua reluzente.

Lá dentro, cadeiras forradas de veludo vermelho, mesas de mármore riscadas de cinza, estátuas neorrenascentistas e os fregueses de sempre. Artistas, principalmente pintores e músicos, inquietos pela aurora incompleta. Mas também comerciantes e antiquários esperando para abrir suas lojas ao longo da rua e alguns atores que, voltando de uma noite de ensaios no teatro, passavam para um cappuccino antes de dormir. Todos em busca de um pouco de consolo para aquela manhã feia, todos concentrados em conversar entre si. Ninguém prestava atenção aos dois estranhos vestidos de preto, confinados a uma mesa diante da entrada.

— Como vão as enxaquecas? — perguntou o que parecia mais jovem.

O outro parou de catar, com a ponta do dedo, os grãozinhos de açúcar em volta de uma xicrinha vazia e instintivamente acariciou a cicatriz na têmpora

esquerda.

— Às vezes não me deixam dormir, mas diria que estou melhor.

— Ainda sonha com aquilo?

— Todas as noites — respondeu o homem, levantando os olhos de um azul profundo e melancólico.

— Vai passar.

— Sim, vai passar.

O silêncio que se seguiu foi interrompido pelo longo assobio de vapor emitido pela máquina de café espresso.

— Marcus, chegou a hora — disse o mais jovem.

— Ainda não estou pronto.

— Não podemos mais esperar. Lá do alto me perguntam sobre você, estão ansiosos para saber em que ponto você está.

— Estou fazendo progressos, não?

— Está, é verdade: melhora cada dia mais, e isso me conforta, acredite em mim. Mas há muita expectativa. Muitas coisas dependem de você.

— Mas quem se interessa tanto por mim? Gostaria de encontrá-los, falar com eles. Eu só conheço você, Clemente.

— Já discutimos isso. Não é possível.

— Por quê?

— Porque sempre foi assim.

Marcus voltou a tocar sua cicatriz, como fazia sempre que estava preocupado.

Clemente inclinou-se em sua direção, obrigando-o a olhá-lo.

— É para sua segurança.

— Para a segurança deles, você quer dizer.

— Também, se quiser colocar assim.

— Eu poderia virar motivo de constrangimento. E isso não pode acontecer, certo?

O sarcasmo de Marcus não contrariou Clemente.

— Qual é o seu problema?

— Eu não existo.

Disse isso com uma distorção dolorosa da voz.

— O fato de que somente eu conheça seu rosto torna você livre. Não entende? Eles sabem apenas o seu nome e para tudo o mais confiam em mim. Assim, não existem limites para a sua missão. Se não sabem quem você é, não podem lhe criar obstáculos.

— Por quê? — rebateu Marcus, enfático.

— Porque aquilo que nós perseguimos pode corrompê-los também. Se todas as outras medidas falharem, se as barreiras se revelarem inúteis, ainda haverá alguém no controle. Você é a última defesa deles.

No olhar de Marcus apareceu um lampejo de provocação.

— Responda uma pergunta… Existem outros como eu?

Após um breve silêncio, Clemente foi resoluto:

— Não sei. Não tenho como saber.

— Você deveria ter me deixado naquele hospital…

— Não me diga isso, Marcus. Não me decepcione.

Marcus olhou para fora, para os poucos passantes que, durante uma trégua do temporal, saíam dos abrigos para retomar o caminho. Ainda tinha muitas perguntas para Clemente. Coisas que diziam respeito diretamente a ele, coisas que ele não sabia mais. O homem diante dele era seu único contato com o mundo. Aliás, Clemente era todo o seu mundo. Marcus nunca falava com ninguém, não tinha amigos, mas sabia de coisas que preferiria não saber. Coisas sobre os homens e sobre o mal que conseguem fazer. Coisas tão terríveis que fariam qualquer confiança vacilar, que contaminariam para sempre qualquer coração. Olhava as pessoas em volta, vivendo sem aquele fardo do conhecimento, e as invejava. Clemente o salvara. Mas sua salvação coincidira com a entrada em um mundo de sombras.

— Por que logo eu? — perguntou, continuando a olhar para outro lugar.

Clemente sorriu.

— *Os cachorros são daltônicos*. — Era a frase que sempre usava. — Então, está comigo?

Marcus voltou-se mais uma vez para seu único amigo.

— Sim, estou com você.

Sem acrescentar mais nada, Clemente deslizou uma das mãos no impermeável apoiado no encosto da cadeira. Pegou um envelope de papel, colocou-o sobre a mesa e empurrou-o na direção de Marcus. Este o pegou e, com a atenção que caracterizava cada gesto seu, abriu-o.

Dentro havia três fotografias.

A primeira retratava um grupo de jovens em uma festa na praia. Em primeiro plano estavam duas meninas de biquíni brindando com garrafas de cerveja diante de uma fogueira. Na segunda aparecia uma só, de cabelos presos e óculos escuros: sorria, atrás dela o Palazzo della Civiltà Italiana, ícone do neoclassicismo, situado no bairro EUR. Na terceira foto, a mesma menina

abraçava um homem e uma mulher, presumivelmente os pais.

— Quem é? — perguntou Marcus.

— O nome é Lara. Vinte e três anos. Estuda em Roma, mas é de fora. Faculdade de arquitetura, quarto ano.

— O que aconteceu com ela?

— É justamente esse o problema: ninguém sabe. Desapareceu há quase um mês.

Marcus concentrou-se no rosto de Lara, esquecendo as vozes e tudo o que estava à sua volta. Era a típica menina provinciana transferida para a cidade grande. Muito bonitinha, os traços delicados, sem maquiagem. Imaginou que devia quase sempre usar rabo de cavalo porque não podia se dar ao luxo de ir ao cabeleireiro. Talvez fosse a um somente quando ia para a casa dos pais, para economizar. As roupas eram um meio-termo: vestia jeans e camiseta para não ter que obrigatoriamente acompanhar a moda. Em seu rosto podiam ser vistos os sinais das noites passadas sobre os livros ou dos jantares preparados com uma latinha de atum, último recurso dos estudantes de fora quando esgotavam o orçamento mensal, à espera de uma nova transferência de dinheiro da mãe ou do pai. A primeira vez longe de casa. Sua luta diária com a saudade, mantida sob controle pelo sonho de se tornar arquiteta.

— Me conte.

Clemente pegou um caderninho, afastou a xícara de café e começou a consultar suas anotações.

— No dia do desaparecimento, Lara passou parte da noite com alguns amigos em um bar. Os que estavam na companhia dela declararam que parecia tranquila. Conversaram sobre as coisas de sempre e depois, por volta das nove, ela disse que estava cansada e que queria voltar para casa e ir para a cama. Dois deles, um casal, lhe deram uma carona de carro e esperaram que entrasse no portão.

— Onde ela mora?

— Em um prédio antigo do centro.

— Outros inquilinos?

— Uns vinte. O edifício pertence a uma instituição universitária que aluga os apartamentos aos estudantes. O de Lara é no térreo. Até agosto ela o dividia com uma colega que depois foi embora, e na verdade estava à procura de outra menina.

— Até onde chegam as pistas que temos?

— A presença de Lara em casa nas horas seguintes é confirmada pelas

centrais telefônicas da região, que registraram dois telefonemas feitos pelo seu celular: um às nove e vinte e sete e o outro às dez e doze. O primeiro, de dez minutos, para a mãe; o segundo, para a melhor amiga. Às dez e dezenove da noite, seu celular foi desligado. E não foi mais ligado.

Uma jovem garçonete aproximou-se da mesa para retirar as xícaras. Demorou propositalmente para permitir que pedissem outra coisa. Mas nenhum dos dois o fez. Limitaram-se a ficar quietos até que ela se afastasse novamente.

Marcus perguntou:

— Quando foi denunciado o desaparecimento?

— Na noite seguinte. As amigas, sem vê-la na faculdade, ligaram para ela o dia inteiro, mas caía na secretária eletrônica. Por volta das oito da noite, foram bater na casa dela, mas ela não atendia.

— O que a polícia pensa disso?

— No dia anterior ao desaparecimento, Lara sacou quatrocentos euros de sua conta para pagar o aluguel. Mas o administrador nunca recebeu esse dinheiro. Segundo a mãe, estão faltando algumas roupas no armário e uma mochila. E não há vestígios do celular dela. Por isso, a polícia está propensa a acreditar em um afastamento voluntário.

— Muito cômodo, eu diria.

— Você sabe como essas coisas são, não é? Se não aparece uma razão para temer o pior, depois de um tempo para-se de procurar. E espera-se.

Tomara que surja um cadáver, pensou Marcus.

— A menina levava uma vida regular, passava grande parte do tempo na universidade, saía sempre com o mesmo grupo de conhecidos.

— O que os amigos acham?

— Que Lara não era do tipo de grandes impulsos, embora recentemente tivesse mudado um pouco: parecia cansada e distraída.

— Nenhum namorado, nenhum pretendente?

— Na agenda de seu celular não aparecem chamadas a pessoas de fora do círculo de amizades e ninguém nunca falou de um namorado.

— Internet?

— Conectava-se da biblioteca de seu departamento ou de um cibercafé nos arredores da estação de trem. Nenhum e-mail suspeito na caixa dela.

Naquele momento, a porta de vidro do café escancarou-se para a entrada de um novo cliente. Uma rajada de vento percorreu a sala. Todos se viraram, aborrecidos, menos Marcus, imerso nas próprias reflexões.

— Lara volta para casa como todas as noites. Está cansada, como lhe vem

acontecendo com frequência há algum tempo. Seu último contato com o mundo é às dez e dezenove da noite, quando desliga o celular, que depois desaparece com ela e não será mais religado. A partir daquele momento, não sabemos mais nada. Faltam roupas, dinheiro e uma mochila: por isso, a polícia opta por um afastamento voluntário… Saiu de casa e sumiu. Talvez sozinha, talvez com alguém. Ninguém a nota. — Marcus fitou Clemente. — Por que deveríamos achar que aconteceu algo de desagradável com ela? Ou melhor, por que nós?

O olhar de Clemente falava por si. Tinham chegado ao ponto. *Anomalias*. No fundo, era isso que buscavam. Minúsculos rasgos no tecido da normalidade. Pequenos tropeços na sequência lógica de uma investigação policial comum. Naquelas insignificantes imperfeições, frequentemente se escondia outra coisa. Uma passagem em direção a uma verdade diferente, inimaginável. A tarefa deles começava ali.

— Lara nunca saiu de casa, Marcus. A porta dela estava trancada por dentro.

Clemente e Marcus foram até o local. O prédio era na via dei Coronari, a dois passos da piazza San Salvatore in Lauro, com a pequena igreja do século XVI. Para entrar no apartamento do térreo, precisaram de poucos segundos. Ninguém reparou neles.

Assim que colocou os pés na casa de Lara, Marcus começou a olhar ao redor. A primeira coisa que observou foi a fechadura arrancada. Para ter acesso ao apartamento, a polícia teve de arrombar a porta, e os agentes não perceberam o detalhe da correntinha encaixada por dentro que tinha saído do lugar e que agora estava dependurada no umbral da porta.

O apartamento ocupava, no máximo, 60 metros quadrados, divididos em dois níveis. O primeiro era um ambiente único, composto por cozinha e sala de estar. Havia um móvel embutido com um fogão elétrico abaixo dos armários. Ao lado, uma geladeira cheia de ímãs coloridos, sobre a qual, em destaque, estava um vaso com um pezinho de cíclame já seco. Havia uma mesa com quatro cadeiras e, no centro, uma bandeja com xícaras e um jogo de chá. Dois sofás estavam dispostos no canto, diante de uma televisão. Nas paredes pintadas de verde não havia quadros nem pôsteres normais, mas projetos de edifícios famosos espalhados pelo mundo. Havia uma janela que, como todas as outras do apartamento, dava para o pátio interno e era protegida por uma grade de ferro. Dali ninguém podia sair ou entrar.

Marcus registrava cada detalhe com o olhar. Sem dizer uma palavra, fez o sinal da cruz, logo imitado por Clemente. Então, começou a circular pela sala. Não se limitava a olhar. Tocava os objetos, encostando neles de leve, com a palma da mão, quase como se procurasse sentir um resquício de energia, qualquer radiação, como se eles pudessem se comunicar com ele, revelar-lhe aquilo que sabiam ou tinham visto. Como o rabdomante, que escuta o chamado do lençol de água escondido no subsolo, Marcus investigava o silêncio profundo e inanimado das coisas.

Clemente observava seu homem, ficando apartado para não distraí-lo. Não notou nele nenhuma hesitação, parecia ligado e concentrado. Era uma prova importante para ambos. Marcus provaria para si mesmo que era capaz de fazer, novamente, o trabalho para o qual tinha sido treinado. Clemente saberia que não tinha se enganado quanto às suas capacidades de recuperação.

Viu-o se dirigir ao fundo do apartamento, onde uma porta escondia um pequeno banheiro. Era revestido de azulejos brancos e iluminado por uma lâmpada fluorescente. O chuveiro ficava entre a pia e o vaso sanitário. Havia uma lavadora de roupas e um armário para vassouras e sabão em pó. Pendurado atrás da porta havia um calendário.

Marcus voltou e dirigiu-se para o lado esquerdo da sala de estar: uma escada levava ao piso superior. Subiu os degraus de três em três, sozinho, e chegou a um corredor estreito, diante das portas de dois quartos.

O primeiro era o que estava à espera de uma nova inquilina. Dentro dele, apenas um colchão sem lençol, uma pequena poltrona e uma cômoda.

O segundo era o quarto de Lara.

As folhas da janela estavam abertas. Em um canto havia uma mesa com um computador e prateleiras repletas de livros. Marcus aproximou-se e percorreu com os dedos as lombadas dos volumes de arquitetura. Acariciou, então, uma folha com um projeto inacabado de uma ponte. Pegou um dos lápis guardados em um copo e o cheirou, fez o mesmo com um pedaço de borracha, sentindo o prazer secreto que só os artigos de papelaria são capazes de provocar.

Aquele cheiro fazia parte do mundo de Lara, aquele era o lugar onde ela se sentia feliz. Seu pequeno reino.

Abriu as portas do armário e mexeu nos vestidos pendurados nos cabides. Alguns estavam vazios. Três pares de sapatos estavam colocados em fila na prateleira inferior: dois tênis e um escarpim para as ocasiões especiais. Mas havia espaço para um quarto par, que faltava.

A cama, de solteiro, era grande. Entre os travesseiros, um urso de pelúcia

chamava a atenção. Deve ter sido testemunha da vida de Lara, desde criança. Mas agora havia ficado sozinho.

Sobre o único criado-mudo estava o porta-retratos com a foto de Lara com os pais e uma caixa de lata que continha um anelzinho com uma pequena safira, uma pulseira de coral e algumas bijuterias. Marcus observou melhor a foto. Reconheceu-a: era uma das que Clemente lhe mostrara no Caffè della Pace. Lara usava uma correntinha de ouro com um crucifixo, que não estava no porta-joias.

Clemente esperava por ele ao pé da escada e, pouco depois, viu-o descer.

— E aí?

Marcus parou.

— Acho que a pegaram. — Mas, no mesmo instante em que pronunciou aquela frase, teve certeza absoluta disso.

— Como pode afirmar isso?

— Está tudo arrumado demais. Como se as roupas que faltam e o celular que não foi encontrado fizessem parte de uma encenação. Mas quem a organizou não se ateve à correntinha que trancava a porta por dentro.

— Mas como fez para…

— Vamos chegar lá — interrompeu-o Marcus. Então, andou pela sala, tentando se focar no que havia acontecido. Sua mente rodava vertiginosamente. As peças do mosaico começaram a se compor diante de seus olhos. — Lara recebeu uma visita.

Clemente sabia o que estava acontecendo. Marcus começava a se confundir com o visitante. Era esse o seu talento.

Ver o que o intruso via.

— Esteve aqui quando Lara não estava. Sentou-se em seu sofá, experimentou a maciez de sua cama, fuçou suas coisas. Olhou as fotos, fez suas as lembranças dela. Tocou em sua escova de dente, cheirou seus vestidos para sentir seu perfume. Bebeu no mesmo copo deixado na pia, antes de ser lavado.

— Não estou acompanhando…

— Sabia como se mover. Conhecia tudo sobre Lara, horários, hábitos.

— Mas nada aqui leva a pensar em um sequestro. Não há sinais de luta, ninguém no prédio ouviu gritos ou pedidos de socorro. Como sustenta essa ideia?

— Porque a pegou enquanto dormia.

Clemente estava prestes a dizer algo, mas Marcus o precedeu.

— Me ajude a procurar o açúcar.

Embora não entendesse exatamente o que se passava na cabeça dele,

decidiu atendê-lo. Em um armário acima do fogão, achou um pote com SUGAR escrito, enquanto Marcus verificou o açucareiro no centro da mesa, ao lado do jogo de chá.

Estavam ambos vazios.

Os dois olharam-se por um longo momento com aqueles objetos nas mãos. Entre eles vibrava uma energia positiva. Não era uma simples coincidência. Aquele não tinha sido só um palpite de Marcus: ele tivera uma intuição que podia confirmar tudo.

— O açúcar é o melhor esconderijo de um narcótico: encobre seu sabor e assegura que a vítima o tomará regularmente.

— E os amigos de Lara diziam que ela estava sempre cansada nos últimos tempos. — Clemente teve um sobressalto. Aquele detalhe mudava tudo. Mas, por enquanto, não podia falar disso com Marcus.

— Aconteceu gradualmente, não havia pressa — prosseguiu Marcus. — E isso nos prova que quem a raptou esteve aqui antes daquela noite. Junto com as roupas e o celular, também deu sumiço no açúcar que continha o narcótico.

— Mas esqueceu a correntinha da porta — acrescentou Clemente. Era o detalhe destoante que mandava às favas qualquer teoria. — Por onde entrou e, principalmente, por onde os dois saíram?

Marcus olhou ao redor novamente.

— Onde estamos? — Roma era o maior sítio arqueológico "habitado" no mundo. A cidade desenvolveu-se em camadas, bastava escavar poucos metros para se deparar com os vestígios de épocas e civilizações precedentes. Marcus sabia bem que até naquilo que estava na superfície a vida tinha se estratificado ao longo do tempo. Todos os lugares guardavam muitas histórias e mais de um destino. — O que é este lugar? Não me refiro a agora, mas antigamente: você disse que esse prédio é do século XVIII.

— Era uma das moradias dos marqueses Costaldi.

— Sim. Os nobres ocupavam os andares altos e aqui ficavam as lojas do pátio, os depósitos e os estábulos. — Marcus tocou a cicatriz de sua têmpora esquerda. Não conseguia entender de onde viera aquela lembrança. Como conseguia saber isso? Muitas informações haviam desaparecido de sua memória para sempre. Outras voltavam inesperadamente, trazendo com elas a desagradável pergunta sobre sua origem. Havia um lugar dentro dele em que ficavam certas coisas, mas que permaneciam escondidas. De vez em quando voltavam à tona, lembrando-lhe também da existência daquele lugar de névoas e do fato de que nunca o encontraria.

— Você tem razão — disse Clemente. — O prédio ficou assim por muito tempo. A instituição universitária recebeu-o com uma herança há uns dez anos e o transformou em um condomínio.

Marcus curvou-se sobre o chão. O parquê era de madeira maciça, não trabalhada. As tábuas eram estreitas. Não, aqui não dá, disse a si mesmo. Sem desanimar, dirigiu-se ao banheiro, seguido por Clemente.

Pegou um dos baldes que estavam no armário das vassouras, enfiou-o debaixo do chuveiro e encheu-o até a metade. Então, deu um passo para trás. Clemente, atrás dele, ainda não estava entendendo.

Marcus inclinou o balde, fazendo a água deslizar pelo piso de azulejos. Uma poça alargou-se sob seus pés. Ficaram olhando-a, esperando.

Depois de alguns segundos, a água começou a sumir.

Parecia mágica, exatamente como aquela em que uma garota desaparece de uma casa fechada por dentro. Só que dessa vez havia uma explicação.

A água vazava no subsolo.

Entre um ladrilho e outro formaram-se pequenas bolhas de ar, desenhando um quadrado perfeito. Cada lado media cerca de um metro.

Marcus ficou de quatro e percorreu os ladrilhos com a ponta dos dedos à procura da abertura. Pareceu ter encontrado uma. Levantou-se à procura de alguma coisa que servisse de alavanca. Pegou uma tesourinha de metal de uma prateleira. Foi o suficiente para levantar, o mínimo necessário, o quadrado de azulejos. Enfiou os dedos na abertura e, suspendendo, revelou um alçapão de pedra.

— Espere, te dou uma ajuda — disse Clemente.

Deslizaram a cobertura para um lado, descobrindo uma antiga escada de mármore travertino que descia 2 metros no subsolo, antes de cruzar com um corredor.

— O intruso passou por aqui — anunciou Marcus. — Pelo menos duas vezes: quando entrou e quando foi embora com Lara. — Então, pegou a pequena lanterna que trazia sempre com ele, acendeu-a e apontou-a para a abertura.

— Você quer descer lá?

Ele virou-se para Clemente.

— E eu tenho escolha?

Segurando a lanterna em uma das mãos, Marcus desceu a escada de pedra. Chegando ao fundo, percebeu que estava em um túnel que corria sob a casa,

perdendo-se em duas direções opostas. Uma verdadeira passagem subterrânea. Não era possível saber aonde levava.

— Tudo bem? — perguntou-lhe Clemente, que tinha ficado em cima.

— Sim — respondeu Marcus, laconicamente.

No século XVIII, provavelmente o túnel servia como rota de fuga em caso de perigo. Restava a Marcus apenas aventurar-se em uma das duas direções. Escolheu aquela de onde parecia provir um barulho surdo, de chuva forte. Percorreu pelo menos 50 metros, escorregando algumas vezes por causa do solo limoso. Alguns ratos passaram ao lado de seus tornozelos, tocando-os com seus corpos quentes e lisos, antes de se afastarem rapidamente em direção ao refúgio da escuridão. Reconheceu o fragor do Tibre, encorpado pelas chuvas insistentes dos últimos dias. E o cheiro adocicado do rio, parecido com o de um animal empenhado em uma corrida impetuosa. Seguiu-o e, pouco depois, encontrou uma grade maciça, por onde vazava a luz cinza do dia. Dali não se podia passar. Então, voltou para tentar a direção oposta. Assim que começou a caminhar, notou algo que brilhava no limo do chão.

Inclinou-se e pegou-a: era uma correntinha de ouro com um crucifixo pendurado.

Lembrou-se de tê-la visto no pescoço de Lara, na foto dela com os pais que estava na mesa de cabeceira. Era a confirmação de que tinha visto tudo certo.

Clemente tinha razão. Era esse o seu talento.

Eletrizado por aquela descoberta, Marcus não reparou no amigo que nesse meio-tempo o alcançara. Percebeu sua presença somente quando ele chegou ao seu lado.

Mostrou-lhe a correntinha.

— Olhe…

Clemente pegou-a nas mãos, observando-a.

— A menina ainda pode estar viva — disse Marcus, animado por aquela descoberta. — Temos uma pista, podemos encontrar quem foi. — Mas notou que o amigo não compartilhava de seu entusiasmo. Aliás, parecia transtornado.

— Nós já sabemos. Eu precisava apenas de uma confirmação… E infelizmente ela chegou.

— Do que você está falando?

— Do narcótico no açúcar.

Marcus não conseguia entender.

— Então, qual é o problema?

Clemente fitou-o, sério.

— Talvez seja o caso de você conhecer Jeremiah Smith.

8h40

A primeira lição que Sandra Vega tinha aprendido era que as casas nunca mentem.

As pessoas, quando falam de si mesmas, por vezes inventam algumas características nas quais acabam até acreditando. Mas o lugar onde escolheram viver, inevitavelmente, diz tudo sobre elas.

Por causa de seu trabalho, Sandra tinha visitado muitas casas. Toda vez que estava para atravessar uma soleira, achava que tinha de pedir permissão. Para o que vinha fazer, porém, não era nem preciso tocar a campainha.

Quando viajava de trem à noite, muitos anos antes do começo de sua carreira, ela observava as janelas iluminadas nos prédios, perguntando-se o que acontecia por trás daqueles vidros. Que vidas, que histórias se desenrolavam. Às vezes conseguia roubar alguns pequenos espetáculos involuntários. Uma mulher que passava roupa assistindo à televisão. Um homem na poltrona concentrado em fazer anéis com a fumaça de um cigarro. Uma criança de pé em uma cadeira vasculhando uma cristaleira. Breves fotogramas de um filme na sua janela. Depois o trem passava. E aquelas vidas também continuavam a fluir, inconscientes.

Sempre imaginava o prolongamento daquela invasão. Passear, invisível, por entre os objetos mais amados daquelas pessoas. Observá-las em suas atividades mais banais, como se fossem peixes em um aquário.

E, em todas as casas onde morou, Sandra costumava se perguntar o que havia acontecido entre aquelas paredes antes de ela entrar lá. Que alegrias, brigas, tristezas tinham se consumado sem deixar ecos.

Às vezes, pensava nos dramas ou nos horrores guardados como segredos naqueles ambientes. Felizmente, as casas esqueciam rapidamente. Os inquilinos mudam, e tudo recomeça do início.

Aqueles que se vão de vez em quando deixam rastros de sua passagem. Um batom esquecido no armário do banheiro. Uma revista velha em uma prateleira. Um par de sapatos em um quartinho de despejos. Um papelzinho anotado com o número de um telefone antiestupro, escondido no fundo de uma gaveta.

Por meio daqueles pequenos sinais é possível, em alguns casos, percorrer a história de uma pessoa de trás para a frente.

Nunca imaginou que justamente a pesquisa daqueles detalhes viraria sua profissão. Mas havia uma diferença: quando ela chegava, aqueles lugares tinham perdido a inocência para sempre.

Sandra tinha entrado na polícia por concurso, seu treinamento era o padrão. Portava uma arma regulamentar e sabia usá-la bem. Mas seu uniforme era o jaleco branco adotado na polícia científica. Depois de um curso de especialização, pedira para ser designada para a equipe de peritos em fotografia criminal.

Chegava às cenas de crime com suas câmeras fotográficas e o único objetivo de parar o tempo. Tudo era congelado no clarão dos flashes. Nada, a partir do instante sancionado pela objetiva, mudaria mais.

A segunda lição que Sandra Vega tinha aprendido era que, assim como as pessoas, as casas também morrem.

E seu destino era justamente assistir aos seus últimos instantes de vida, quando os moradores nunca mais colocariam os pés nelas. Os sinais daquele apagar-se lento eram as camas desfeitas, os pratos na pia, uma meia largada no chão. Como se os inquilinos houvessem fugido, deixando tudo desarrumado, para escapar de um fim do mundo repentino. Quando, na realidade, o fim do mundo tinha acontecido exatamente entre aquelas paredes.

Então, assim que Sandra atravessou a soleira do apartamento no quinto andar do grande edifício popular na periferia de Milão, percebeu que o que a esperava seria uma cena de crime difícil de esquecer. A primeira coisa que viu foi a árvore enfeitada, embora faltasse muito para o Natal. Instintivamente, entendeu a razão disso. Sua irmã, quando tinha 5 anos, também tinha impedido seus pais de tirar os enfeites depois que as festas passaram. Chorara e berrara uma tarde inteira e, no fim, seus pais renderam-se, com a esperança de que, mais cedo ou mais tarde, aquilo passaria. Mas o pinheirinho de plástico com as luzinhas e as bolas coloridas ficara em seu canto durante todo o verão e o outono seguintes. Por isso, uma fisgada apertou o estômago de Sandra imediatamente.

Agora sabia: naquela casa havia uma criança.

Podia sentir sua presença até no ar. Porque a terceira lição que tinha aprendido era que as casas têm um cheiro. Pertence a quem mora nelas, e é sempre diferente, único. Quando os inquilinos mudam, o cheiro some para dar espaço a um novo. Forma-se no tempo, sedimentando outros perfumes, químicos ou naturais — amaciante e café, livros escolares e plantas de interior,

desinfetantes para o chão e sopa de couve —, e torna-se o cheiro daquela família, das pessoas que a compõem, que o carregam com elas sem nem sequer sentirem.

E, agora, somente aquela sensação olfativa distinguia o apartamento que estava em sua frente das casas de outras famílias de uma renda só. Três cômodos e cozinha. Os móveis comprados em momentos diferentes, de acordo com a disponibilidade econômica. As fotos nos porta-retratos que exibiam principalmente as férias de verão, as únicas que se podiam permitir. Uma manta sobre o sofá diante da televisão: era lá que se refugiavam todas as noites, juntos e apertados, assistindo aos programas até serem vencidos pelo sono.

Sandra catalogava mentalmente aquelas imagens. Não havia indícios do que teria acontecido. Ninguém poderia ter percebido.

Os policiais giravam pelos cômodos como visitantes inesperados, violando todas as intimidades com sua simples presença. Mas ela havia superado há tempos a sensação de se achar uma intrusa.

Ninguém falava em cenas de crime como aquela. O horror também tinha seus códigos. Na coreografia do silêncio, as palavras eram supérfluas, porque cada um sabia exatamente o que fazer.

Mas sempre havia exceções. Uma dessas era Fabio Sergi, que de fato resmungava em algum canto no apartamento.

— Droga, como é possível!

Bastou Sandra seguir a voz: vinha de um banheiro estreito e sem janelas.

— O que está acontecendo? — perguntou, apoiando no chão do corredor as duas bolsas com o equipamento e colocando as sapatilhas descartáveis sobre os sapatos.

— É que esse dia está mesmo ótimo — respondeu, sarcástico, sem olhá-la. Estava concentrado em dar tapas enérgicos em uma pequena estufa a gás portátil. — Essa desgraçada não funciona!

— Você não vai mandar a gente pelos ares, não é?

Sergi dedicou-lhe um olhar feroz. Sandra não acrescentou mais nada, o colega estava nervoso demais. Em vez disso, baixou o olhar sobre o cadáver do homem que ocupava o espaço entre a porta e o vaso sanitário. Estava deitado de barriga para baixo, completamente nu. Quarenta anos, pensou. Peso em torno dos 90 quilos e 1,80m de estatura. A cabeça estava dobrada de um jeito inatural, a calota craniana atravessada por um rasgo enviesado. O sangue havia formado uma poça escura nos azulejos brancos e pretos.

Segurava nas mãos um revólver.

Ao lado do corpo havia um pedaço de cerâmica que correspondia à quina esquerda da pia, espatifada presumivelmente quando o corpo desabou em cima dela.

— Para que você precisa da estufa a gás? — perguntou Sandra.

— Tenho que recriar a cena: o sujeito estava tomando banho e a levou com ele para esquentar o banheiro. Daqui a pouco vou abrir a água também, por isso ajeite logo as suas coisas — respondeu grosseiramente.

Sandra entendeu o que Sergi estava pensando: o vapor colocaria em evidência as pegadas no chão. Assim eles poderiam reconstituir a dinâmica dos movimentos da vítima no banheiro.

— Preciso de uma chave de fenda — sentenciou o perito, furibundo. — Volto logo. E tente andar rente às paredes.

Sandra não respondeu, estava acostumada com aquele tipo de determinação: os especialistas em pegadas achavam que eram os únicos capazes de preservar uma cena de crime. E, além disso, havia o fato de que ela tinha 29 anos e que era uma mulher que trabalhava em um ambiente tipicamente masculino: comportamentos paternalistas semelhantes por parte dos colegas geralmente escondiam um preconceito sexista. Com Sergi era pior ainda, nunca tinham se dado bem e ela não gostava de trabalhar com ele.

Enquanto o colega estava fora, Sandra aproveitou para pegar nas bolsas a reflex e o tripé. Colocou os protetores de espuma nas extremidades para que não deixassem marcas. Então, montou a máquina fotográfica com a objetiva apontada para o alto. Depois de tê-la esfregado com uma gaze embebida em amoníaco, para que não embaçasse com o vapor, instalou nela uma lente panorâmica Single Shot, que permitiria tirar fotos do ambiente em 360°.

Do geral ao específico, era a regra.

A câmera focalizaria o cenário inteiro do evento com uma série de disparos automáticos, depois ela completaria a reconstituição do acontecido tirando manualmente fotos cada vez mais detalhadas, marcando as provas com cartões numerados e de medida padrão, para indicar sua progressão cronológica e restabelecer suas proporções ao observador.

Sandra tinha acabado de colocar a reflex no meio do banheiro quando notou um recipiente com duas pequenas tartarugas apoiado em uma prateleira. Seu coração ficou apertado. Pensou na pessoa que cuidava delas naquela família, alimentando-as com a ração da caixa que estava ali ao lado, trocando periodicamente os poucos centímetros de água em que estavam imersas e enfeitando o hábitat delas com pedrinhas e uma palmeira de plástico.

Não era um adulto, disse a si mesma.

Naquele momento, Sergi voltou com a chave de fenda e tornou a se debater com a estufa portátil. Em poucos segundos, conseguiu ligá-la.

— Eu sabia que venceria no final — exultou.

O banheiro era estreito e o cadáver ocupava quase todo o espaço. Mal cabiam os três. Seria duro trabalhar naquelas condições, considerou Sandra.

— Como faremos?

— Eu dou partida na sauna aqui dentro — disse Sergi, abrindo a torneira da água quente do chuveiro no máximo. E, com a intenção de se livrar temporariamente dela, acrescentou: — Enquanto isso, você pode começar pela cozinha. Lá temos uma "gêmea"…

As cenas de crime dividem-se em primárias e secundárias, para distinguir aquelas onde o fato criminoso teve origem daquelas que, em vez disso, estão apenas ligadas a ele, como o lugar de ocultamento de um cadáver ou o local onde é encontrada a arma do crime.

Quando Sandra ouviu que na casa havia uma "gêmea", percebeu logo que Sergi se referia a uma segunda cena primária. E isso podia significar somente uma coisa. Outras vítimas. E o pensamento correu novamente para as tartarugas e a árvore de Natal.

Ficou imóvel na soleira da cozinha. Para manter o controle, naquelas situações ela precisava seguir à risca o manual dos peritos em fotografia criminal. Pequenas normas que dariam ordem ao caos. Pelo menos era essa a ilusão necessária. E se convencia disso.

O leão Simba piscou para ela antes de começar a cantar com os outros habitantes da floresta. Quis desligar a televisão. Mas não podia.

Resolveu não se preocupar com aquilo e arrumou no cinto o gravador com o qual registraria todo o procedimento. Jogou para trás os longos cabelos castanhos e prendeu-os com um elástico que usava sempre no pulso. Colocou, então, o microfone de cabeça, para deixar as mãos livres e poder manipular a segunda reflex que tinha pegado na bolsa. Mirou-a. A máquina fotográfica lhe permitia manter uma distância de segurança entre ela e o que estava a sua frente.

A fotografia criminal acontecia, convencionalmente, da direita para a esquerda, de baixo para cima.

Deu uma olhada no relógio e então começou a gravação. Primeiro,

declarou seus dados pessoais. Depois, o lugar, a data e a hora de início do procedimento. Começou a clicar, descrevendo o ambiente ao mesmo tempo que o via.

— A mesa está no meio do cômodo. Está arrumada para o café da manhã. Uma das cadeiras está caída no chão e, ao lado dela, o primeiro corpo: mulher, idade entre 30 e 40 anos.

Vestia uma camisola clara que estava levantada até os quadris, deixando suas pernas e seu púbis impudicamente expostos. Os cabelos estavam presos sem cuidado com uma fivela em forma de flor. Tinha perdido um chinelo.

— Numerosos ferimentos por arma de fogo. Em uma das mãos segura uma folha de papel.

Estava fazendo a lista do supermercado. A caneta ainda estava na mesa.

— Pela postura, o cadáver está virado para a porta: deve ter visto o assassino chegar e tentou detê-lo. Levantou-se da mesa, mas deu apenas um passo.

As rajadas da reflex marcavam um tempo novo, diferente. Sandra estava concentrada naquele som, como um músico que se deixa conduzir pelo metrônomo. E, enquanto isso, assimilava cada detalhe da cena, que aos poucos ela imprimia na memória da máquina e na sua.

— Segundo corpo: sexo masculino, idade aproximada entre 10 e 12 anos. Está sentado de costas para a porta.

Ele não tinha percebido o que estava acontecendo. Mas Sandra achava que a ideia de uma morte inconsciente era um alívio somente para os vivos.

— Usa um pijama azul. Postura inclinada para a frente, o rosto imerso em uma tigela de *corn flakes*. O cadáver apresenta um profundo ferimento por arma de fogo na nuca.

Para Sandra, naquela cena a morte não se mostrava através dos dois corpos dilacerados pelos projéteis. Não estava presente no sangue esguichado por toda parte ou que secava lentamente aos pés deles. Não estava nos olhos vítreos que continuavam olhando sem ver ou no gesto inacabado com o qual tinham se despedido do mundo. Estava em outro lugar. Sandra tinha aprendido que o principal talento da morte era o de saber se esconder nos detalhes. E era lá que ia desenterrá-la com a máquina fotográfica. No café incrustado em torno das bocas do fogão, saído da velha cafeteira que continuara a fervilhar até que alguém a desligasse, depois de ter descoberto o horror. No murmúrio da geladeira, que continuava, impassível, preservando em seu ventre o frescor dos alimentos. Na televisão ligada, que transmitia alegres desenhos animados. Depois do massacre,

uma vida artificial havia continuado, indiferente e inútil. A morte se ocultava justamente nessa ilusão.

— Belo jeito de se começar o dia, não?

Sandra virou-se, parando o gravador.

O inspetor De Michelis estava na soleira com os braços cruzados, um cigarro apagado pendurado nos lábios.

— O homem que você viu no banheiro prestava serviço como segurança particular para uma sociedade de transporte de valores. O revólver estava registrado regularmente. Viviam com apenas um salário: o financiamento da casa para pagar, as prestações do carro, alguns problemas para chegar ao fim do mês. Mas quem não tem?

— Por que fez isso?

— Estamos ouvindo os vizinhos. Marido e mulher brigavam com frequência, mas nunca tão alto que obrigasse alguém a chamar a polícia.

— Havia tensão na família.

— Parece que sim. Ele praticava boxe tailandês, campeão regional, mas tinha parado depois de uma desqualificação por uso de anabolizantes.

— Ele batia nela?

— Isso o médico-legista vai nos dizer. Mas era muito ciumento.

Sandra olhou a mulher caída no chão, seminua da cintura para baixo. Não se pode ter ciúmes de um cadáver, pensou. Não mais.

— Vocês acham que ela tinha outro homem?

— Talvez, quem pode dizer? — De Michelis sacudiu os ombros e então mudou de assunto. — Em que ponto vocês estão com o banheiro?

— Posicionei a primeira reflex, já está clicando as panorâmicas. Estou esperando que ela acabe ou que Sergi me chame.

— Não aconteceu como parece…

Sandra examinou De Michelis.

— O que quer dizer?

— O homem não se matou. Contamos os cartuchos dos projéteis: estão todos na cozinha.

— Então o que aconteceu?

De Michelis deu um passo para dentro do cômodo, tirando o cigarro dos lábios.

— Estava tomando banho. Saiu nu do banheiro, pegou o revólver que estava na entrada, guardado no coldre ao lado do uniforme, veio até a cozinha e, mais ou menos onde está você agora, atirou no filho. Um tiro na nuca, à queima-

roupa. — Imitou o gesto com a mão. — Então, descarregou a arma na mulher. Tudo durou poucos segundos. Voltou ao banheiro, o chão ainda estava escorregadio. Escorregou e, caindo, foi bater com a cabeça na pia, tão forte a ponto de quebrá-la. Morte imediata. — O inspetor acrescentou, sarcástico: — Deus às vezes sabe ser grandioso nas pequenas vinganças.

Deus não tem nada a ver com isso, pensou Sandra, observando o menino. E nessa manhã estava olhando para outro lugar.

— Às sete e vinte tudo já tinha terminado.

Voltou ao banheiro com um forte desconforto. As últimas palavras de De Michelis tinham mexido com ela mais do que deveriam. Abrindo a porta, foi envolvida pelo vapor que saturava o cômodo. Sergi já havia fechado o registro misturador do chuveiro e estava ajoelhado diante da maleta dos reagentes.

— Os mirtilos, o problema são sempre os mirtilos…

Sandra não entendeu nada do que o perito estava falando. Parecia muito concentrado, por isso ela resolveu não falar nada, com medo de uma reação. Conferiu se a reflex tinha tirado as fotos panorâmicas e, então, removeu-a do tripé.

Antes de sair, dirigiu-se ao colega novamente:

— Vou trocar o cartão de memória e começamos com os detalhes. — Olhou ao redor. — Não há janelas, e a luz artificial me parece insuficiente, por isso vamos precisar de duas luminárias de baixa emissão, o que você acha?

Sergi levantou os olhos para ela:

— Acho que de vez em quando eu gostaria de ser espancado como uma putinha por um desses machões de moto. Seria uma boa, isso sim.

A vulgaridade de Sergi a desnorteou. Se era uma piada, ela não a entendeu. Mas, pelo jeito como a olhava, não parecia esperar que ela risse. Então, como se nada houvesse acontecido, o perito voltou a se ocupar dos reagentes e Sandra foi para o corredor.

Tentou esvaziar a mente dos devaneios do colega e começou a conferir as fotos no visor da reflex. As panorâmicas em 360° do banheiro ficaram boas. A máquina havia tirado seis fotos, em intervalos de três minutos. O vapor tinha colocado em evidência as pegadas dos pés descalços do homicida, mas eram bem confusas. Em um primeiro momento, ela pensou que naquele cômodo tivesse acontecido uma briga entre ele e a mulher, resultando, depois, no massacre. Mas, naquele caso, teriam que estar lá também as marcas dos

chinelos da mulher.

Estava descumprindo uma das regras do manual. Procurava uma justificativa. Por mais absurda que fosse aquela chacina, ela tinha que reportar os fatos de maneira objetiva. Não era importante conseguir entrever uma razão, seu dever era permanecer imparcial.

Nos últimos cinco meses, porém, isso estava ficando difícil para ela.

Do geral ao específico, Sandra começou a dar zoom nos detalhes, buscando um sentido.

No visor: a lâmina de barbear na prateleira debaixo do espelho. A espuma de banho do Ursinho Pooh. As meias-calças penduradas para secar. Gestos cotidianos, pequenos hábitos de uma família como tantas. Objetos inócuos que foram testemunhas de algo terrível.

Não são mudos, pensou. Os objetos nos falam do silêncio, basta saber escutá-los.

Enquanto as imagens passavam, rápidas, Sandra continuava a se perguntar o que desencadearia uma violência como aquela. O desconforto de antes se transformara em um mal-estar, sentia crescer uma estranha enxaqueca. Seus olhos se fecharam por um instante. Queria entender.

Como aquele pequeno apocalipse doméstico tinha nascido?

A família acorda um pouco antes das sete. A mulher se levanta e vai preparar o café da manhã para o filho. O homem é o primeiro a usar o banheiro, tem que levar o menino à escola e depois ir para o trabalho. Está frio, leva a estufa a gás com ele.

O que aconteceu enquanto tomava banho?

A água irrompendo, a raiva crescendo. Talvez tenha ficado acordado a noite toda, disse Sandra a si mesma. Algo o perturbava. Uma preocupação, uma obsessão. Ciúmes? A descoberta de um amante da mulher? Brigavam com frequência, De Michelis havia dito.

Mas naquela manhã nada de briga. Por quê?

O homem sai do chuveiro, pega o revólver e vai até a cozinha. Nenhuma discussão antes dos tiros. O que se partira em sua cabeça? Uma insuportável sensação de angústia, a ânsia, o pânico: os sintomas típicos que precedem o surto.

No visor: três roupões pendurados um ao lado do outro. Do maior ao menor. Juntos. Em um copo, uma familiazinha de três escovas de dente. Sandra procurava a pequena fenda no belo quadro idílico. A fratura finíssima onde começara o desmoronamento.

Às sete e vinte tudo já havia terminado, disse o inspetor. Àquela hora, os

vizinhos ouvem os tiros e chamam a polícia. Quinze minutos para decidir tudo.

No visor: o recipiente com as duas tartarugas. A caixa com a ração. A palmeira de plástico. As pedrinhas.

As tartarugas, repetiu para si mesma.

Sandra verificou todas as panorâmicas, dando zoom nesse detalhe todas as vezes. Uma foto a cada três minutos, seis cliques no total: Sergi tinha aberto a água quente no máximo, o ambiente estava impregnado de vapor… Ainda assim as tartarugas não tinham se mexido.

Os objetos falam. A morte está nos detalhes.

A visão de Sandra embaçou novamente, por um instante teve medo de desmaiar. Viu De Michelis aparecer.

— Não está se sentindo bem?

Naquele momento, Sandra compreendeu tudo.

— A estufa a gás.

— O quê? — De Michelis não entendia. Mas ela não tinha tempo para explicar. — Sergi: temos que tirá-lo rápido de lá.

Embaixo do prédio estavam estacionados um carro de bombeiros e uma ambulância que levou Sergi dali. O perito da polícia científica estava sem sentidos quando entraram no banheiro. Para sua sorte, tinham chegado a tempo. Na calçada em frente ao edifício, Sandra mostrou a De Michelis a imagem do recipiente com as tartarugas mortas, tentando reconstituir a sequência dos fatos.

— Quando chegamos, Sergi estava tentando ligar a estufa a gás.

— Aquele imbecil por pouco não passou desta pruma melhor. Nenhuma janela: os bombeiros disseram que o banheiro estava impregnado de monóxido de carbono.

— Sergi estava simplesmente reproduzindo o estado das coisas. Por isso, pense bem: o mesmo acontecia esta manhã, enquanto o homem tomava banho.

De Michelis enrugou a testa.

— Desculpe, mas não estou entendendo.

— O monóxido de carbono é um gás residual da combustão. É inodoro, incolor e insípido.

— Sei o que é… Mas faz funcionar os revólveres também? — ironizou o inspetor.

— Sabe quais são os sintomas de envenenamento por monóxido de carbono? Dor de cabeça, vertigens e, em alguns casos, alucinações e paranoia…

Depois de ter sido exposto ao gás fechado no banheiro, Sergi delirava. Me falou de mirtilos, disse frases grosseiras.

De Michelis fez uma careta estranha: não estava gostando daquela história.

— Escute, Sandra, sei aonde você quer chegar com este raciocínio, mas ele não se sustenta.

— O pai também ficou fechado naquele banheiro antes de começar a atirar.

— Não temos como provar.

— Mas é uma explicação! Pelo menos admita que pode ter acontecido assim: o homem respirou o monóxido, está confuso, alucinado e tomado pela paranoia. Não desmaia logo, como aconteceu com Sergi, em vez disso sai nu do banheiro, pega o revólver e atira na mulher e no filho. Então, volta para o banheiro, e só naquele momento a carência de oxigênio faz com ele perca os sentidos e cai, batendo a cabeça.

De Michelis cruzou os braços. Seu comportamento a exasperava. Mas ela sabia bem que o inspetor não podia validar uma tese tão ousada. Conhecia-o havia anos, estava convencida de que para ele também seria confortável admitir que a responsabilidade daquelas mortes absurdas recaía sobre um acontecimento alheio à vontade do homicida. Mas ele tinha razão: não havia provas evidentes.

— Vou enfatizar isso ao consultório do médico-legista, farão um exame toxicológico no cadáver do homem.

Melhor que nada, pensou Sandra. De Michelis era um sujeito escrupuloso, um bom policial, ela gostava de trabalhar com ele. Era um amante da arte e isso, para ela, era sinal de sensibilidade. Até onde ela sabia, não tinha filhos e planejava as férias para visitar museus com a mulher. Afirmava que cada obra continha vários significados e procurá-los era tarefa de quem as admirava. Por isso, não era o tipo de policial que se contentava com a primeira impressão.

— Às vezes gostaríamos que a realidade fosse diferente. E, se não podemos mudar as coisas, então tentamos explicá-las do nosso jeito. Mas nem sempre se consegue.

— Sim — disse Sandra, arrependendo-se logo. Aquela verdade tinha uma relação íntima com ela, mas não podia admitir isso. Fez menção de ir embora.

— Espere, queria lhe dizer… — De Michelis passou uma mão nos cabelos grisalhos, procurando as palavras mais adequadas. — Sinto muito pelo que aconteceu com você. Sei que se passaram seis meses…

— Cinco — ela o corrigiu.

— Sim, mas de todo modo deveria ter feito isso antes…

— Não se preocupe – respondeu, forçando um sorriso. — Está tudo bem agora, obrigada.

Sandra virou-se para voltar ao seu carro. Andava com passos ágeis, com aquela estranha sensação embaixo do esterno que, a essa altura, não a abandonava mais e da qual os outros nem sequer suspeitavam. Era ânsia, mas também raiva misturada com dor. Uma espécie de bolo grudento de chiclete. Batizara-o de "a coisa".

Não queria admitir, mas há cinco meses "a coisa" tinha substituído o coração dela.

11h40

A chuva tinha voltado a cair com uma constância colérica. Ao contrário das pessoas com as quais cruzavam, Marcus e Clemente percorriam as alamedas da grande policlínica universitária sem apressar o passo. O Gemelli era o hospital mais importante da cidade.

— A polícia vigia a entrada principal — anunciou Clemente. — E temos que evitar as câmeras de segurança.

Correu para a esquerda, saindo do percurso da aleia de entrada, e conduziu Marcus para um pequeno prédio branco. Debaixo de uma marquise, havia barris de detergente e carrinhos cheios de lençóis sujos. Uma escada de ferro levava a uma entrada de serviço. Estava aberta e foi fácil entrar no depósito da lavanderia. Depois de terem usado um elevador de serviço para subir ao andar térreo, viram-se em um corredor estreito bloqueado por uma porta de segurança. Antes de entrar, era necessário colocar jalecos esterilizados, máscaras e sapatilhas descartáveis, que pegaram de um carrinho. Então, Clemente entregou a Marcus um crachá magnético. Com aquilo no pescoço, ninguém faria perguntas. Usaram-no para destravar a fechadura eletrônica e, finalmente, estavam lá dentro.

Diante deles surgiu um longo corredor de paredes azuis. Cheirava a álcool e desinfetante de chão.

Ao contrário dos outros setores, o de terapia intensiva estava imerso no silêncio. Não havia nenhum vaivém de médicos e enfermeiros, os funcionários caminhavam pelos corredores sem pressa e sem emitir som algum. O único barulho perceptível era o murmúrio dos aparelhos dos quais dependia a

sobrevivência dos pacientes.

No entanto, naquele lugar de paz travava-se o conflito mais cruel entre a vida e a morte. Quando um dos combatentes caía, acontecia sem estrondos nem gritos. Não ressoavam alarmes. Para anunciar o fato bastava a luz vermelha acesa na sala de controle, indicando com bastante simplicidade o cessamento das funções vitais.

Em outros setores, o objetivo de salvar vidas impunha uma luta contínua contra o tempo. Ali, porém, ele passava de um jeito diferente. Dilatava-se tanto que parecia ausente. Na verdade, no jargão hospitalar, que por rapidez reduzia tudo a um acrônimo, aquele lugar era chamado de UOC, que vinha de Unidade Operacional Complexa. Mas entre os que trabalhavam lá era conhecido como *a fronteira*.

— Alguns escolhem ultrapassá-la. Outros, voltar atrás — disse Clemente, depois de ter explicado a Marcus o porquê daquele nome.

Estavam diante do vidro que separava o corredor de uma das salas de reanimação. Nela havia seis leitos.

Apenas um estava ocupado.

Um homem por volta dos 50 anos estava ligado a um respirador. Olhando-o, Marcus pensou em si mesmo, quando seu amigo o encontrara em um leito parecido enquanto combatia sua batalha, suspenso no limite da luz.

Ele tinha escolhido ficar.

Clemente indicou além do vidro:

— Na noite passada uma ambulância atendeu a uma emergência em uma mansão fora da cidade após um código vermelho de enfarte. O homem que ligara para o número da emergência tinha em casa alguns objetos, uma fita de cabelo, uma pulseira de coral, um cachecol rosa e um patim de rodinhas, que pertenciam às vítimas de um assassino em série até agora nunca identificado. Chama-se Jeremiah Smith.

Jeremiah, um nome tranquilo, foi o primeiro pensamento de Marcus. Não era adequado a um serial killer.

Clemente puxou do bolso interno do impermeável uma pastinha dobrada, onde estava gravado apenas um código: *c.g. 97-95-6*.

— Quatro vítimas no período de seis anos. Degoladas. Todas do sexo feminino, idade entre 17 e 28.

Enquanto Clemente listava todos aqueles dados estéreis e impessoais, Marcus concentrou-se no rosto do homem. Não podia se deixar enganar: aquele corpo era apenas um disfarce, um modo de passar despercebido.

— Os médicos falam em coma — disse Clemente, quase intuindo as reflexões dele. — Mas foi entubado imediatamente pela equipe da ambulância que o socorreu. A propósito…

— Sim?

— Por uma ironia do destino, junto com um enfermeiro estava a irmã da primeira vítima: tem 27 anos, é médica.

Marcus pareceu surpreso.

— E ela sabe a vida de quem salvou?

— Foi ela quem chamou a atenção sobre a presença, na casa, de um patim de rodinhas que pertencia a sua gêmea assassinada seis anos atrás. De todo modo, não foi uma intervenção de rotina também por outro motivo…

Clemente pegou uma foto da pastinha e mostrou-a a ele. Havia sido tirada do tórax do homem, onde se destacava a frase "Me mate".

— Saía por aí, no meio das pessoas, com essa tatuagem.

— É o símbolo de sua natureza dupla — considerou Marcus. — É como se nos dissesse que, no fundo, bastaria pouco para superar a aparência, porque geralmente nos detemos na primeira camada, a das roupas, para julgar uma pessoa. Quando a verdade está escrita na pele, está ao alcance de qualquer um, escondida e mesmo assim muito perto. Porém ninguém a vê. Para Jeremiah Smith era a mesma coisa: as pessoas tocavam nele na rua sem imaginar o perigo, ninguém conseguia vê-lo como aquilo que realmente era.

— E nessa frase estava encerrado um desafio: me mate, se você conseguir.

Marcus virou-se para Clemente:

— Mas qual é o desafio agora?

— Lara.

— Quem disse que ainda está viva?

— Manteve as outras vivas por pelo menos um mês, antes de deixar que fossem encontradas.

— Como sabemos que foi ele quem a pegou?

— O açúcar. As outras meninas também foram drogadas. Ele pegou todas do mesmo jeito: de dia, aproximou-se com uma desculpa, oferecendo algo para beber. Nas bebidas sempre havia GHB, mais conhecido como Ruffies, a droga do estupro. É um narcótico com efeitos sedativos que inibe a capacidade de entender e de querer. A polícia científica extraiu vestígios dessa droga em um copo de plástico abandonado no lugar onde Jeremiah cruzou com a primeira vítima e, depois, em uma garrafinha encontrada na ocasião do terceiro sequestro. Isso é uma assinatura, uma espécie de marca pessoal.

— Droga do estupro — repetiu Marcus. — Então a motivação é sexual?

Clemente balançou a cabeça.

— Nenhuma violência sexual, nenhuma marca de tortura nas vítimas. Ele as amarrava, as mantinha vivas e as degolava após um mês.

— Mas ele levou Lara embora de casa — concluiu Marcus. — Como se explica isso?

— Alguns assassinos seriais aperfeiçoam seu *modus operandi* aos poucos, à medida que a fantasia sádica que alimenta seus instintos evolui. De vez em quando, acrescentam um detalhe, algo que aumenta seu deleite. Com o tempo, matar se torna um trabalho, e tendem a querer melhorar.

A explicação de Clemente era plausível, mas não convenceu Marcus completamente. Decidiu momentaneamente deixar de lado aquele detalhe.

— Me fale sobre a mansão de Jeremiah Smith.

— Os policiais ainda a estão revistando, por isso não podemos ir lá por enquanto. Mas, ao que parece, ele não levava as vítimas para lá. Tinha outro lugar. Se o encontrarmos, encontraremos Lara.

— Mas a polícia não está procurando.

— Talvez naquela casa haja algo que o conecte a ela.

— Não teríamos que colocá-los na pista certa?

— Não.

— Por que não? — Marcus estava incrédulo.

Clemente procurou ser resoluto:

— Nós não trabalhamos assim.

— Lara teria mais chances de ser salva.

— Os policiais poderiam criar empecilhos para você, e você precisa ter liberdade de ação.

— Como assim liberdade de ação? — protestou Marcus. — Eu não sei por onde começar!

Clemente colocou-se na frente dele, olhando-o direto nos olhos.

— Sei que não acredita que seja possível, e que tudo isso parece novo para você. Mas não é a sua primeira vez. Você era ótimo no que fazia, e ainda pode ser. Eu o asseguro de que, se existe alguém que pode encontrar a menina, esse alguém é você. Quanto antes você entender isso, melhor será para todos. Porque eu tenho a impressão de que não resta muito tempo para Lara.

Marcus olhou para além do ombro de Clemente: o paciente preso ao respirador, em suspenso na última fronteira. Então, o reflexo do próprio rosto no vidro, sobreposto àquela imagem, em uma ilusão de ótica. Desviou o olhar,

irritado. Não era a visão do monstro que o perturbava, não suportava espelhos: ainda não conseguia se reconhecer.

— O que me acontecerá caso eu falhe?

— Então é isso, está preocupado com você mesmo.

— Eu não sei mais quem sou, Clemente.

— Logo, logo você vai descobrir, meu amigo. — Deu-lhe a pastinha do caso. — Nós confiamos em você. Mas, daqui para a frente, estará sozinho.

20h56

A terceira lição é que as casas têm um cheiro. Pertence a quem mora nelas, e é sempre diferente, único. Quando os inquilinos vão embora, o cheiro desaparece. Por isso, todas as vezes que Sandra Vega voltava ao seu apartamento no bairro Navigli, imediatamente procurava o cheiro de David.

Loção pós-barba e cigarros aromatizados de anis.

Sabia que um dia, mais cedo ou mais tarde, voltaria para casa, farejaria o ar e não o sentiria. Uma vez que o cheiro tivesse desaparecido, David realmente não existiria mais. Para sempre.

Aquele pensamento a deixava desesperada. E tentava ficar fora o máximo possível. Para não contaminar os ambientes com a sua presença, para que o cheiro dela não predominasse definitivamente.

Na verdade, ela antes odiava a loção pós-barba barata que David teimava em comprar no supermercado. Achava-a agressiva e invasiva. Nos três anos em que moraram juntos, tinha tentado substituí-la várias vezes. Em cada aniversário, Natal ou aniversário do relacionamento, ao lado do presente oficial havia um novo perfume. Ele o usava durante uma semana, depois o colocava, junto com os outros, em uma prateleira no banheiro. Para se justificar, usava sempre a mesma frase: “Sinto muito, Ginger, mas não tem a ver comigo.” O jeito como piscava ao dizer isso a tirava do sério.

Sandra nunca teria imaginado que, algum tempo depois, compraria vinte frascos daquele pós-barba com a intenção de espalhá-los pelo seu apartamento. Comprara essa grande quantidade por causa do medo insensato de que, um dia, o perfume saísse de linha. E também comprou aqueles cigarros de anis horrorosos. Deixava-os acesos nos cinzeiros largados nos cômodos. Mas a alquimia mágica era imperfeita. Era David, a presença dele no mundo, que juntava

indissoluvelmente aquelas fragrâncias. Eram sua pele, seu hálito, seu humor que tornavam aquela união especial.

Ao final de um longo dia de trabalho, após ter trancado a porta de casa, Sandra esperou alguns segundos, parada no escuro. Então, finalmente, o cheiro de seu marido veio acolhê-la.

Colocou as bolsas ao lado da poltrona da entrada: teria que limpar o equipamento, mas, a essa altura, ela adiava tudo. Cuidaria daquilo depois do jantar. Em vez disso, preparou um banho quente e permaneceu imersa na água até seus dedos ficarem enrugados. Vestiu uma camiseta azul e abriu uma garrafa de vinho. Era seu jeito de se aturdir. Não conseguia mais ligar a televisão e não tinha a concentração necessária para ler. Assim passava as noites no sofá, com um copo de Negramaro nas mãos e o olhar perdido em mil reflexões.

Tinha só 29 anos e não conseguia pensar em si mesma como uma viúva.

A segunda lição que Sandra Vega tinha aprendido é que as casas também morrem, assim como as pessoas.

Desde que David morreu, não sentia mais sua presença nos objetos. Talvez porque grande parte das coisas que estavam naqueles cômodos pertencesse a ela.

Seu marido era um repórter fotográfico freelance, rodava o mundo. Antes de conhecê-la, nunca precisara de uma casa, somente de quartos de hotéis e acomodações improvisadas. Uma vez lhe contou que, na Bósnia, tinha dormido em um cemitério, dentro de uma cova.

Tudo o que David possuía estava amontoado em duas bolsas de tecido verde. Ali estava seu guarda-roupa, um pouco de verão e um pouco de inverno, porque não sabia aonde podiam enviá-lo para uma reportagem. Havia o notebook surrado do qual nunca se separava e também objetos de todos os tipos, canivetes multiuso, baterias para seus celulares e até mesmo um kit para depurar a urina, caso fosse parar em algum lugar sem água para beber.

Tinha reduzido tudo ao essencial. Por exemplo, nunca teve um livro. Lia muitíssimo, mas cada vez que terminava um dava-o de presente. Só parou com isso depois que foi morar na casa dela. Sandra criou para ele um espaço na estante e ele começou a gostar da ideia daquela coleção. Era seu modo de criar raízes. Depois do enterro, os amigos dele foram à casa de Sandra e cada um levou para ela um livro que David tinha lhe dado. Naquelas páginas estavam as anotações dele, as pontas dobradas para marcar a página, pequenas partes queimadas e manchas de óleo de motor. E então ela, enquanto lia Calvino tranquilamente, imaginava-o, fumando debaixo do sol ardente de algum deserto, ao lado de um jipe enguiçado, esperando que alguém fosse socorrê-lo.

“Você vai continuar a vê-lo em toda parte”, as pessoas lhe diziam. “Será difícil se livrar de sua presença.” Mas não era assim. Nunca tivera a impressão de ouvir a voz dele chamando seu nome. Nunca lhe acontecera de botar a mesa, distraidamente, com um prato a mais.

Ela tinha saudade mesmo era do dia a dia. Pequenos, repetitivos momentos de uma rotina insignificante.

Geralmente, aos domingos, ela se levantava depois dele e o encontrava sentado na cozinha enquanto, no terceiro bule, folheava o jornal em uma nuvem de anis. O cotovelo apoiado na mesa e o cigarro na ponta dos dedos, com as cinzas em suspenso, tão absorto na leitura que as esquecia. Assim que ela aparecia na soleira, com a cara emburrada de sempre, ele levantava a cabeleira crespa e desgrenhada e sorria para ela. Tentava ignorá-lo enquanto preparava seu café da manhã, mas David continuava a fitá-la com aquele risinho bobo na cara, até que ela não conseguia mais se segurar. Era o efeito de seu dente incisivo quebrado, lembrança de uma queda de bicicleta aos 7 anos. Eram os pequenos óculos de grau estilo tartaruga, colados com durex, que o faziam parecer com uma velha senhora inglesa. Era David que, em poucos instantes, a atrairia para o seu colo, estalando um beijo úmido no seu pescoço.

Ao se lembrar daquilo, Sandra colocou o copo de vinho na mesa ao lado do sofá. Esticou um braço para pegar o celular e então discou o número da caixa-postal.

A voz eletrônica a informava, como sempre, da presença de uma só mensagem, já escutada. Era de cinco meses antes.

— Oi, te liguei um monte de vezes, mas sempre cai na secretária… Não tenho muito tempo, por isso vou fazer logo uma lista do que estou sentindo saudade… Estou com saudade dos seus pés frios me procurando debaixo das cobertas quando você vem pra cama. Estou com saudade de você me fazendo provar as coisas na geladeira para ter certeza de que não estragaram. Ou quando você me acorda gritando às três da manhã porque sentiu uma câimbra. E, você não vai acreditar, estou com saudade até de você usar a minha gilete para depilar as pernas e depois não me dizer nada… Resumindo, aqui em Oslo está um frio danado e não vejo a hora de voltar. Te amo, Ginger!

As últimas palavras de David eram a síntese de uma harmonia perfeita. Aquela que possuem as borboletas, os flocos de neve e apenas alguns dançarinos de sapateado.

Sandra desligou o celular.

— Eu também te amo, Fred.

Cada vez que escutava a mensagem, havia aquela sensação. Saudade, dor, ternura, mas também angústia. Naquelas últimas palavras se escondia uma pergunta que Sandra não sabia se tinha a intenção de responder.

Aqui em Oslo está um frio danado e não vejo a hora de voltar.

Estava acostumada com as viagens de David. Era o trabalho dele, a vida dele. Sempre soubera disso. Por mais que, às vezes, tivesse vontade de detê-lo, compreendia mais tarde que, em vez disso, tinha que deixá-lo ir.

Era o único jeito de fazê-lo voltar para ela.

Sua profissão de repórter fotográfico o levava sempre aos lugares mais hostis do planeta. Sabe-se lá quantas vezes tinha arriscado a pele. Mas David era assim mesmo, era a natureza dele. Tinha que ver tudo com seus olhos, sem filtros, tocar com a mão. Para descrever uma guerra precisava sentir o cheiro da fumaça dos incêndios, saber que o som das balas é diferente dependendo do objeto com o qual se chocam. Nunca aceitou as propostas de uma posição exclusiva dos grandes jornais, que até o disputavam. Não tolerava a ideia de que alguém o controlasse. E Sandra aprendera a afastar as piores preocupações, confinando o medo em um lugar profundo da mente. Tentando viver de um jeito normal, fingindo ser casada com um operário ou um empregado.

Existia uma espécie de pacto não formal entre ela e David. Previa uma série de estranhos flertes. Era o jeito deles de se comunicarem. Assim, podia acontecer de ele ficar em Milão por longos períodos e a vida em comum deles começar a se estabilizar. Então, uma noite, ela voltava para casa e o encontrava preparando sua famosa sopa de crustáceos, com pelo menos cinco tipos de verdura, acompanhada pelo pão de ló salgado. Era sua especialidade. Mas, no código deles, também era o modo de dizer a ela que no dia seguinte partiria. Assim, jantavam como sempre, falando de amenidades, ele a fazia rir e depois faziam amor. E, no dia seguinte, ela acordaria sozinha na cama. Ele podia ficar fora semanas, às vezes meses. Então, um dia abriria a porta e tudo recomeçaria como antes.

David nunca lhe dizia qual era seu destino. Exceto aquela última vez.

Sandra esvaziou o copo de vinho que havia sobrado. Bebeu tudo de um gole só. Sempre evitou pensar que algo de ruim pudesse acontecer com David. Corria riscos. Se tivesse que morrer, então que fosse em uma guerra ou na mão de um daqueles criminosos que costumava investigar. Pareceu-lhe estúpido, mas não conseguia aceitar que tivesse acontecido de um jeito tão banal.

Estava quase pegando no sono com esses pensamentos quando o celular tocou. Olhou o visor, mas não conhecia o número. Eram quase onze horas da

noite.

— Falo com a mulher de David Leoni?

O homem tinha um sotaque alemão estranho.

— É ela. Quem é?

— Shalber, trabalho para a Interpol. Somos colegas.

Sandra levantou-se, esfregando os olhos.

— Peço desculpas pela hora, mas só agora consegui seu número.

— E não podia esperar até amanhã?

Do outro lado houve uma alegre risada. Shalber, quem quer que fosse, tinha a voz de um menino.

— Me perdoe, é mais forte do que eu. Quando uma pergunta me atormenta eu tenho que fazê-la. Não conseguiria dormir à noite. Nunca acontece com a senhora?

Sandra não sabia decifrar o tom da voz daquele homem, não entendia se era hostil ou simplesmente irreverente. Resolveu ser rápida:

— Como posso ajudá-lo?

— Abrimos um processo sobre a morte de seu marido, e eu precisaria de alguns esclarecimentos.

Sandra anuviou-se.

— Foi um acidente.

Shalber provavelmente esperava aquela reação, porque parecia calmo:

— Li o relatório da polícia. Espere um momento…

Sandra reconheceu o barulho das páginas sendo folheadas enquanto Shalber as consultava.

— Aqui está escrito que seu marido se precipitou do quinto andar, mas sobreviveu à queda, morrendo muitas horas depois devido a algumas fraturas sofridas e a uma hemorragia interna… — Parou de ler. — Deve ser difícil para a senhora, imagino. Não é uma coisa fácil de aceitar.

— Não sabe quanto. — A resposta saiu com frieza e Sandra se odiou enquanto a dizia.

— De acordo com a polícia, o Sr. Leoni se encontrava naquele prédio em construção porque de lá ele teria uma ótima vista para tirar uma foto.

— Sim, isso mesmo.

— Mas a senhora viu o lugar?

— Não — respondeu, irritada.

— Bem, eu estive lá.

— E o que quer dizer com isso?

A pausa de Shalber durou demais.

— A Canon do seu marido foi destruída na queda. Pena que nunca veremos aquela foto — comentou com sarcasmo.

— Desde quando a Interpol cuida de mortes acidentais?

— De fato, para nós é uma exceção. Mas a minha curiosidade não tem a ver apenas com as circunstâncias nas quais seu marido morreu.

— E tem com o quê, então?

— Existem alguns pontos obscuros. Eu soube que a bagagem do Sr. Leoni foi enviada para a senhora.

— Duas bolsas. — Começava a se ressentir, mas desconfiou que fosse exatamente esse o objetivo de seu interlocutor.

— Eu tinha encaminhado um pedido para inspecioná-las, mas ao que parece não fiz isso a tempo.

— Por qual motivo? Que interesse podem ter para o senhor?

Do outro lado houve um breve silêncio.

— Eu não sou casado, mas cheguei perto duas vezes.

— E o que isso teria a ver comigo?

— Não sei se tem a ver com a senhora, mas acho que quando a gente confia a nossa vida a alguém, quero dizer, alguém realmente especial como um marido… Bem, a gente para de fazer certas perguntas. Por exemplo, não fica se perguntando o que ele está fazendo em todos os momentos em que não estão juntos. Alguns chamam isso de confiança. A verdade é que, às vezes, é apenas medo… Medo das respostas.

— Que tipo de perguntas eu deveria ter feito a David, na sua opinião? — Sandra sabia muito bem quais.

O tom de Shalber ficou grave.

— Todos nós temos segredos, agente Vega.

— Eu não conhecia os detalhes da vida de David, mas sabia que tipo de pessoa ele era, e isso me basta.

— Sim, mas por acaso já pensou que ele pudesse não lhe dizer toda a verdade?

Sandra estava furiosa.

— Escute, é inútil tentar me deixar com dúvidas.

— Na verdade não. Porque a senhora já tem essas dúvidas.

— O senhor não sabe nada a meu respeito — protestou.

— As bolsas que foram enviadas para a senhora há cinco meses estão guardadas em um depósito da delegacia. Por que ainda não foi pegá-las?

Sandra sorriu amargamente.

— Não tenho que explicar a ninguém quanto poderá me fazer mal tomar posse daqueles objetos. Porque, quando isso acontecer, terei que admitir que tudo acabou realmente, que David não vai voltar e que ninguém pode fazer nada a respeito!

— Balela, e a senhora sabe bem disso.

A falta de tato daquele homem deixou-a estupefata. Por alguns instantes não conseguiu dizer nada. Quando finalmente foi capaz de reagir, ela o fez com raiva:

— Vá à merda, Shalber.

Desligou. Estava furiosa. Agarrou o copo vazio, que era a primeira coisa ao alcance das mãos, e o atirou na parede. Aquele homem não tinha o direito. Tinha errado ao deixá-lo falar, deveria ter acabado com a conversa antes. Levantou-se e começou a andar nervosamente pela sala. Até aquele momento, não quisera admitir, mas Shalber tinha razão: ela estava com medo. O telefonema não a surpreendeu, era como se uma parte dela esperasse por isso.

É maluco, pensou. Foi um acidente. Um acidente.

Então, começou a se acalmar. Olhou ao redor. O canto da estante com os livros de David. As caixas de cigarro de anis empilhadas na escrivaninha. A loção pós-barba de má qualidade na prateleira do banheiro. O lugar na cozinha onde lia o jornal domingo de manhã.

A primeira lição que Sandra Vega tinha aprendido é que as casas nunca mentem — *aqui em Oslo está um frio danado e não vejo a hora de voltar*. Mas talvez sua casa dissesse uma mentira, porque David morreu em Roma.

23h36

O cadáver acordou.

Ao seu redor, a escuridão. Sentia frio, estava desorientado e com medo. Aquele misto de sensações, no entanto, era estranhamente familiar para ele.

Lembrava-se do tiro de revólver, do cheiro do disparo e, depois, de carne queimada. Os músculos que cediam simultaneamente, fazendo-o desabar no chão. Percebeu que podia esticar a mão, e o fez. Deveria estar em um lago de sangue, mas não havia nada. Deveria estar morto, mas não estava.

Em primeiro lugar, o nome.

— Me chamo Marcus — disse a si mesmo.

Naquele momento, a realidade o agrediu, lembrando-lhe os motivos pelos quais ainda estava vivo. E que estava em Roma, em casa, deitado em sua cama e que, um pouco antes, dormia. O batimento do coração estava acelerado e não queria saber de diminuir a velocidade. Estava coberto de suor e respirava com dificuldade.

Mais uma vez, porém, tinha sobrevivido àquele sonho.

Para evitar a sensação de pânico, geralmente deixava a luz acesa. Mas dessa vez tinha esquecido. O sono devia tê-lo pegado de surpresa, ainda estava vestido. Ligou o interruptor e viu a hora. Dormira apenas 25 minutos.

Foram suficientes.

Pegou a caneta que deixava ao lado do travesseiro e então escreveu na parede: "Vidros quebrados".

A parede branca ao lado de sua cama era seu diário. Em volta dele, um quarto despojado. Aquele sótão na via dei Serpenti era o lugar sem memória onde escolhera viver para poder lembrar. Dois cômodos. Nenhum móvel, a não ser a cama e um abajur. Suas roupas jogadas em uma mala no chão.

Sempre que reemergia do sonho trazia algo com ele. Uma imagem, uma palavra, um som. Daquela vez era o barulho de um vidro que se quebrava em pedaços.

Mas que vidro?

Fotogramas de uma cena, sempre a mesma. Escrevia tudo na parede. No último ano tinha juntado muitos detalhes, mas ainda não eram suficientes para reconstruir o que havia acontecido naquele quarto de hotel.

Tinha certeza de que estava lá e de que Devok, seu amigo mais querido, a pessoa que faria qualquer coisa por ele, também estava. Parecia assustado, confuso. Não sabia dizer o porquê, mas devia ter acontecido algo grave. Lembrava-se de uma sensação de perigo. Talvez Devok quisesse colocá-lo em alerta.

E não estavam sozinhos. Havia uma terceira pessoa com eles.

Ainda era uma sombra indefinida, uma percepção. Dele vinha a ameaça. Era um homem, disso tinha certeza. Mas não sabia quem era. Por que estava ali? Tinha um revólver e, em certo momento, sacou-o e abriu fogo.

Devok fora atingido. Desabara em cima dele, em câmera lenta. Os olhos que o fitavam durante a queda já estavam vazios. As mãos apertando o peito, na altura do coração. Respingos de sangue preto entre os dedos.

Houve um segundo disparo. E, quase ao mesmo tempo, viu um lampejo. A

bala o atingiu. Percebeu distintamente o estrondo no crânio. Sentiu o osso se despedaçar, aquele corpo estranho penetrar em seu cérebro como um dedo mole, a hemorragia quente e oleosa da ferida.

Aquele buraco negro em sua cabeça tinha sugado tudo. Seu passado, sua identidade, seu melhor amigo. Mas, principalmente, o rosto de seu inimigo.

Porque o que realmente torturava Marcus era a incapacidade de lembrar os traços de quem lhe fizera mal.

Paradoxalmente, se quisesse encontrá-lo, deveria evitar procurá-lo. Porque, para fazer justiça, era necessário que voltasse a ser o Marcus de antes. E, para conseguir isso, não podia se permitir pensar no que havia acontecido com Devok. Deveria recomeçar do início, encontrar a si mesmo.

E o único jeito era encontrar Lara.

Vidros quebrados. Deixou a informação de lado e pensou mais uma vez nas últimas palavras de Clemente. "Daqui para a frente estará sozinho." Às vezes duvidava até mesmo que houvesse mais alguém além deles dois. Quando seu único ponto de referência o encontrou naquela cama de hospital — meio morto e sem memória — e lhe revelou quem era, não acreditou nele. Foi necessário um pouco de tempo para se acostumar com a ideia.

— Os cachorros são daltônicos — repetiu para si mesmo para se convencer de que era de fato tudo verdade. Então, pegou o dossiê sobre o caso de Jeremiah Smith (*c.g. 97-95-6*), sentou-se na cama e começou a estudá-lo em busca de uma pista que pudesse conduzi-lo até a estudante desaparecida.

Começou justamente pelo assassino e por sua breve biografia. Jeremiah tinha 50 anos e era solteiro. Vinha de uma agitada família burguesa. Mãe italiana e pai inglês, ambos mortos. Seus pais eram donos de cinco lojas de tecidos na cidade, mas as atividades comerciais afundaram por volta dos anos 1980. Jeremiah era filho único, nenhum parente próximo. Como podia beneficiar-se de uma renda discreta, nunca tinha trabalhado. A biografia se interrompia, havia um buraco-negro em sua história pessoal. As últimas duas linhas do perfil citavam laconicamente que vivia em completo isolamento na mansão das colinas romanas.

Marcus achou que não havia muita coisa de peculiar na história pessoal dele. Apesar disso, subsistiam todas as condições para que Jeremiah se tornasse aquilo que era. A solidão, a imaturidade afetiva, a incapacidade de se relacionar com o próximo contrastavam com o desejo de ter alguém do lado.

O único modo de você conseguir a atenção de uma mulher era raptá-la e mantê-la amarrada, não é assim? Claro que é assim. O que você tentava

conseguir, qual era seu objetivo? Não as pegava para transar com elas. Não as violentava e não as torturava.

Delas você queria uma família.

Eram tentativas de convivência forçada. Você tentou fazer as coisas darem certo, amá-las como um bom maridinho, mas elas estavam assustadas demais para retribuir. Todas as vezes tentava ficar junto delas, mas depois de um mês percebia que não era possível. Você se dava conta de que era um afeto doentio, pervertido, e que só existia na sua cabeça. E, além disso — vamos falar a verdade —, você estava louco para colocar uma faca no pescoço delas. Então, no fim, as matava. Mas a sua busca era sempre uma busca… por amor.

Por mais que fosse coerente, essa afirmação parecia intolerável para qualquer um. Marcus, porém, não só a tinha apreendido, como conseguia até mesmo aceitá-la. Perguntou-se por que, mas não soube dar uma resposta. Isso também fazia parte de seu talento? Às vezes, tinha medo dele.

Passou a analisar o *modus operandi* de Jeremiah. Agiu sem ser incomodado por seis anos, matando quatro vítimas. Seguia-se sempre uma fase de calma e satisfação, em que, para o assassino, a lembrança da violência perpetrada era suficiente para acalmar o instinto de atacar novamente. Quando esse efeito benéfico desaparecia, iniciava-se a incubação de uma nova fantasia que levava a um novo rapto. Não era um ritual, tratava-se de um verdadeiro processo fisiológico.

As vítimas de Jeremiah eram mulheres, idade entre 17 e 28 anos. Procurava-as de dia. Aproximava-se delas com um pretexto, depois lhes oferecia algo, colocava uma droga sedativa na sua bebida — GHB ou Ruffies, a droga do estupro. Quando estavam atordoadas, era fácil convencê-las a segui-lo.

Mas por que as garotas aceitavam beber com ele?

Isso pareceu estranho para Marcus. Achou que um sujeito como Jeremiah — de meia-idade e certamente nada bonito — devia suscitar nas vítimas algumas suspeitas de suas reais intenções. Mas as meninas tinham deixado que se aproximasse.

Confiavam nele.

Talvez ele oferecesse dinheiro a elas ou uma oportunidade de algum tipo. Uma das técnicas de aliciamento — muito comum entre maníacos e afins — consistia em prometer oportunidades de trabalho ou de ganho fácil, ou até mesmo a inscrição em um concurso de beleza ou a chance de fazer parte do elenco de um filme ou de um programa televisivo. Mas tais estratagemas exigiam uma notável capacidade de socialização. Isso claramente colidia com o

caráter de Jeremiah, que, ao contrário, era um antissocial, um eremita.

De que jeito você as enganou?

E, além disso, por que ninguém percebeu sua presença enquanto se aproximava delas? Antes de Lara, foram quatro casos de rapto em locais públicos e não houve uma só testemunha. Seu "flerte", porém, exigia tempo. Mas talvez a pergunta já contivesse a resposta: Jeremiah Smith era tão insignificante aos olhos dos outros que se tornava invisível.

Você circulava sossegado entre elas. Mas se sentia forte, porque ninguém conseguia vê-lo.

Pensou novamente na frase tatuada em seu tórax. *Me mate*. "É como se nos dissesse que, no fundo, bastaria pouco para superar a aparência", tinha dito a Clemente, e depois continuara: "Quando a verdade está escrita na pele, está ao alcance de qualquer um, escondida e mesmo assim muito perto."

Você era como uma barata que corre pelo chão de uma festa: ninguém a nota, ninguém se interessa. Você só precisa tomar cuidado para não ser esmagado. E você se tornou ótimo nisso. Mas com Lara resolveu mudar. Pegou-a em casa, na cama.

Só de pensar novamente no nome da estudante, Marcus foi acometido por uma série de perguntas dolorosas. Onde ela estaria agora? Sabe-se lá se ainda estava viva naquele momento. E, admitindo que estivesse, o que sentiria? Em sua prisão havia água ou comida? Quanto tempo poderia resistir? Estava consciente, drogada? Estava machucada? Seu carcereiro a amarrara?

Marcus esvaziou a cabeça daquelas distrações emotivas. Tinha que raciocinar lucidamente, com distanciamento. Porque estava certo que existia um motivo para Jeremiah ter modificado radicalmente seu *modus operandi* com Lara. Referindo-se a Jeremiah, Clemente afirmara a tese de que alguns assassinos em série tendem a se aperfeiçoar acrescentando detalhes que aumentam seu deleite. Portanto, o rapto da estudante podia ser considerado uma espécie de "variação sobre o tema". Marcus, porém, não acreditava nisso: a mudança tinha sido radical e repentina demais.

Talvez Jeremiah tivesse se cansado de realizar aquela complexa cadeia de trapaças para atingir o objetivo, disse a si mesmo. Ou talvez soubesse que o joguinho de sedução não funcionaria por muito tempo: alguma delas poderia ter ouvido a história das vítimas precedentes e o desmascararia. Estava ficando famoso. O risco aumentava exponencialmente.

Não. Não é por isso que você modificou sua estratégia. O que Lara tem de diferente em relação às outras?

Para complicar as coisas havia o fato de que as quatro meninas que a precederam não tinham nada em comum entre si: idades diferentes e fisionomias distintas; Jeremiah não tinha um gosto preciso em relação a mulheres. Marcus pensou no adjetivo "casual". Escolhera-as confiando no destino, caso contrário todas se pareceriam. Quanto mais olhava as fotos das mulheres assassinadas, mais se convencia de que o homicida as tivesse pegado simplesmente porque estavam expostas, portanto de mais fácil aproximação. Por isso as sequestrara de dia e em lugares públicos. Não as conhecia, disse a si mesmo.

Lara, porém, era *especial*. Jeremiah não podia correr o risco de perdê-la. Por isso, levou-a embora de sua casa e, principalmente, agiu à noite.

Marcus soltou o dossiê por um momento e levantou-se da cama, aproximando-se da janela. Quando a noite caía, os telhados irregulares de Roma eram um mar tumultuoso de sombras. Era seu momento preferido do dia. Uma estranha tranquilidade apoderava-se dele, era como se estivesse em paz. Graças àquela calma, Marcus entendeu onde estava errando. Tinha visitado o apartamento de Lara com a luz do sol, porém deveria fazer isso no escuro, porque era assim que o sequestrador tinha agido.

Se quisesse compreender os percursos mentais dele, deveria fazê-lo exatamente sob as condições em que Jeremiah se movimentara.

Enquanto afirmava aquela descoberta para si mesmo, pegou o impermeável e precipitou-se para fora do sótão. Precisava voltar para a casa na via dei Coronari.

UM ANO ANTES

PARIS

O caçador sabia o valor do tempo. Seu primeiro dom era a paciência. Sabia calibrá-la e, enquanto isso, preparava-se para o momento, saboreando o gosto da vitória.

A rápida passagem de uma brisa levantou a toalha, fazendo tilintar os copos na mesinha ao lado. O caçador levou à boca seu Pastis, aproveitando a luz do último sol da tarde. Enquanto isso, olhava os carros passando em frente ao bistrô. Os pedestres atarefados não prestavam atenção nele.

Usava uma roupa azul-marinho, com uma camisa azul e a gravata frouxa, para parecer um funcionário que tinha parado para beber algo depois do escritório. Como sabia que as pessoas solitárias dão na vista, ele deixou na cadeira ao lado uma sacola de papel com as compras, de onde despontavam uma baguete, um maço de salsa e um tubo de balas coloridas: era como se tivesse uma família. Além disso, usava uma aliança de casamento.

Mas ele não tinha ninguém.

Ao longo dos anos, reduzira as necessidades ao mínimo, levava uma existência parca. Gostava de pensar em si como um asceta. Havia aplacado qualquer aspiração que não fosse útil ao seu único objetivo, evitando a distração do desejo. Precisava somente de uma coisa.

Uma presa.

Depois de tê-la seguido em vão, as últimas notícias que recebera levavam-no àquela cidade. Então, mudou-se, sem esperar confirmação. Precisava conhecer seu novo território. Tinha que ver o que ela via, andar pelas mesmas ruas, experimentar a estranha sensação de cruzar com ela de uma hora para a outra, mesmo sem reconhecê-la. Precisava saber que estavam ambos sob o mesmo céu. Isso lhe dava energia, fazia-o acreditar que, mais cedo ou mais tarde, conseguiria desentocá-la.

Para manter uma conduta discreta, mudava de hospedagem a cada três semanas, escolhendo sempre pequenos hotéis ou quartos alugados, para conquistar zonas cada vez mais amplas da cidade. Tinha deixado algumas iscas pelo caminho, mas nada exagerado, confiando que sua presa revelasse sozinha sua presença.

Depois, passou a esperar.

Há pouco tempo se hospedou no Hôtel des Saints-Pères, no sexto *arrondissement*. No quarto guardava pilhas de jornais acumulados naquele longo período, todos febrilmente sublinhados em busca de uma pista — mesmo sutil — que pudesse abrir um caminho naquele insuportável muro de escuridão e silêncio.

Estava lá havia quase nove meses, mas não tinha feito progressos. Sua confiança tinha vacilado. Mas então, inesperadamente, aquilo que aguardava se confirmou. Um sinal. Algo que somente ele era capaz de decifrar. Tinha resistido, tinha sido fiel às regras que se impusera. E agora tinha sido premiado.

Vinte e quatro horas antes, durante as escavações de um canteiro de obras na rue Malmaison, em Bagnolet, os operários encontraram um corpo.

Homem, idade aproximada de 30 anos, nenhuma roupa e nenhum objeto pessoal. A morte tinha acontecido sumariamente mais de um ano antes. Enquanto se esperavam os resultados da necropsia, ninguém fez muitas perguntas sobre aquele cadáver. Dado o tempo transcorrido, para a gendarmaria era um caso encerrado. As provas — se por acaso houvesse — a essa altura estariam apagadas ou prejudicadas.

O fato de a descoberta ter acontecido nas *banlieue* criava a hipótese de um homicídio planejado entre os bandos que controlavam o tráfico de drogas. Para não chamar a atenção das forças da ordem, preocuparam-se em dar sumiço no cadáver.

Pela experiência dos policiais, essa reconstrução era irrepreensível. E aquele macabro detalhe adicional, que deveria tê-los alarmado, ao contrário, não despertou suspeitas.

O homem encontrado estava sem rosto.

Não era um ato de mera crueldade, nem o ultraje final praticado a um inimigo. Todos os músculos e os ossos do rosto do cadáver foram meticulosamente destruídos. Quem se dava ao trabalho de fazer isso certamente devia ter um motivo.

E o caçador estava atento a detalhes semelhantes.

Desde o dia em que chegou à cidade, controlava as entradas nos necrotérios dos grandes hospitais. Foi assim que soube da descoberta. Uma hora depois, roubou um jaleco e entrou na câmara frigorífica do hospital de St. Antoine. Com uma almofada de carimbo tirou as impressões digitais do cadáver. Ao voltar ao hotel, escaneou-as e inseriu-as em um programa hacker que invadia as bases de dados do governo. O caçador sabia que, quando se coloca uma informação na internet, não é mais possível removê-la. É como a mente humana: um detalhe é suficiente para despertar uma cadeia de sinapses que traz novamente à memória algo que achávamos ter esquecido.

A rede não esquece.

O caçador esperou a resposta sentado no escuro, rezando e pensando em como tinha chegado até ali. Haviam se passado sete anos desde o primeiro

cadáver desfigurado em Memphis. Depois, houve Buenos Aires, Toronto e Panamá. Então, a Europa: em Turim, Viena e Budapeste. Enfim, Paris.

Pelo menos eram esses os casos que conseguira identificar. Poderia haver muitos outros, que nunca seriam descobertos. Aqueles homicídios aconteceram em lugares tão distantes entre si e em épocas tão diferentes que ninguém, exceto ele, os atribuía a uma única mão.

Sua presa era, por sua vez, um predador.

A princípio, o caçador tinha pensado que se tratava de um "peregrino", ou seja, um homicida em série que viajava para ocultar os próprios crimes. Deveria apenas identificar onde estava baseado. Certamente se tratava de um ocidental, morador de uma cidade grande. Os peregrinos eram indivíduos socialmente integrados, com família, filhos e uma discreta disponibilidade econômica para se permitirem deslocamentos frequentes. Eram espertos, prudentes, disfarçavam sua conduta com viagens de trabalho.

Porém, mais tarde notara um detalhe naquela cadeia de delitos que, de início, lhe tinha escapado e que iluminou tudo sob uma nova perspectiva.

A idade das vítimas era crescente.

Àquela altura, percebera que a mente criminosa com a qual lidava era muito mais complexa e aterrorizante.

Não matava para depois partir novamente. Matava para ficar.

Isso explica por que Paris podia ser a grande chance ou o enésimo fracasso. Depois de duas horas, chegou uma resposta dos arquivos do governo.

O cadáver sem rosto das *banlieue* era fichado.

Não era um traficante, mas um homem normal que cometera um pecado de juventude: aos 16 anos tinha roubado a miniatura de um Bugatti em uma loja para colecionadores. Na época, a polícia pegava as impressões digitais até dos menores de idade, mas depois a queixa foi retirada e tudo se concluiu. Sua ficha, porém, embora não aparecesse no registro judicial francês, acabou no arquivo de uma associação governamental que, naqueles anos, realizava pesquisas estatísticas sobre os crimes cometidos pelos adolescentes.

Dessa vez, sua presa tinha cometido um erro. O cadáver sem rosto agora tinha um nome.

Jean Duez.

Àquela altura, foi fácil descobrir o resto também: 33 anos, solteiro, tinha perdido os pais em um acidente na estrada, nenhum parente próximo, a não ser uma velha tia em Avignon, doente de Alzheimer. Tinha começado uma pequena atividade comercial na internet que fazia em casa: sua renda vinha da venda de

miniaturas de carros aos colecionadores. Relações humanas reduzidas ao mínimo, nenhuma namorada ou namorado em sua vida, nenhum amigo. Uma paixão pelas miniaturas de carros de corrida.

Jean Duez era perfeito. Ninguém sentiria sua falta. Mas, principalmente, ninguém o procuraria.

O caçador imaginou que aquele perfil fosse em tudo parecido com os das vítimas precedentes. Aspecto anônimo, nenhuma marca específica. Um emprego que não exigia dons ou habilidades especiais. Uma vida solitária, nenhum conhecido, pouquíssimos contatos humanos, a ponto de beirar a misantropia ou até mesmo a fobia social. Nenhum parente próximo, nenhuma família.

O caçador deleitou-se com a esperteza da presa. Tinha o pecado da soberba, mas ficava feliz quando o nível do desafio aumentava.

Olhou o relógio: eram quase sete da noite. No bistrô começavam a chegar os clientes que tinham feito reservas para o primeiro turno do jantar. Chamou a atenção de uma garçonete e fez um gesto de que queria pagar. Um rapaz distribuía nas mesas a última edição do jornal da noite. O caçador pegou um exemplar, mas sabia muito bem que a notícia da descoberta do corpo de Jean Duez seria publicada somente no dia seguinte, por isso ainda tinha uma vantagem sobre sua presa. Estava empolgado, finalmente a espera havia terminado. A melhor parte da caça estava prestes a começar. Só precisava de uma confirmação. Por isso estava ali, sentado naquele bistrô.

A brisa leve varreu a rua novamente, levando com ela uma nuvem de pólens coloridos da barraca do florista da esquina. Não lembrava que a primavera em Paris era tão bonita.

Sentiu um arrepio. Alguns segundos e viu surgir a presa das escadas do metrô, circundada por um halo de multidão. Usava uma jaqueta impermeável azul-marinho sobre calças de veludo cinza, tênis e um chapeuzinho com viseira. Seguiu-a com o olhar enquanto ela caminhava na calçada do outro lado da rua. Mantinha os olhos baixos e as mãos no bolso. Não imaginava que houvesse alguém a perseguindo, por isso não agia com grande cautela e não tomava precauções. Ótimo, disse o caçador a si mesmo, enquanto a presa se dirigia tranquilamente para um portão verde da rue Lamarck.

A garçonete aproximou-se com uma nota.

— Estava bom o Pastis?

— Sim, claro — respondeu com um sorriso.

E, enquanto o caçador colocava uma das mãos no bolso procurando a

carteira, Jean Duez, sem saber de nada, entrava em casa.

A idade das vítimas é sempre crescente, repetiu para si mesmo. O caçador deparara-se com a presa quase por acaso: relacionando aqueles corpos sem rosto espalhados pelo mundo, reparara que alguém, no decorrer dos anos, tinha usado a existência deles. À medida que o assassino envelhecia, consequentemente a idade das vítimas também mudava, como se fosse o número de uma roupa.

A presa era um serial killer camaleão.

Ainda não sabia o motivo daquele comportamento singular, mas em breve — muito em breve — teria a explicação.

O caçador pôs-se à espreita a poucos metros do portão verde, segurando nas mãos a sacola de papel com as compras, à espera de aproveitar a saída de um morador para entrar no prédio.

Finalmente foi premiado. Na porta apareceu um homem idoso que saía com um cocker marrom. Junto ao sobretudo pesado, usava um chapéu com abas largas e óculos de grau grossos. Além disso, estava distraído com o cachorro que o puxava na direção dos canteiros. O caçador impediu com a mão que o portão se fechasse e entrou sem que o velho reparasse nele.

A escada era escura e estreita. Ficou escutando. As vozes e os barulhos provenientes dos apartamentos misturavam-se em um único eco. Olhou as caixinhas de correio: Jean Duez morava no 3Q.

Colocou a sacola das compras no primeiro degrau, tirou a baguete e o maço de salsa e pegou do fundo a Beretta M92F, transformada em arma narcotizante pelo exército americano, comprada de um mercenário em Jerusalém. Para que o sedativo tivesse eficácia imediata, era preciso mirar na cabeça, no coração ou na virilha. Levava cinco segundos para expelir o cartucho e recarregar. Tempo demais. Isso significava que o primeiro tiro devia ser preciso. Era provável que sua presa também tivesse uma arma, mas com balas de verdade. O caçador não ligava para isso: a arma narcotizante seria suficiente para ele.

Ele o queria vivo.

Não teve tempo para estudar seus hábitos. Mas ao longo dos anos entendera que sua regra era a continuidade. A presa não deveria se distanciar muito do projeto de vida a que se atribuíra. Se você repete escrupulosamente suas atitudes em uma ordem preestabelecida, há mais chances de não repararem em você e, além disso, você pode controlar a situação: o caçador aprendera isso com ele

também. No fundo, ele tinha virado uma espécie de exemplo. Ensinara-lhe o valor da disciplina e da abnegação. Adaptava-se às circunstâncias, até às mais hostis. Como aqueles organismos que povoam os abismos dos oceanos, aonde a luz não consegue chegar e onde o frio e a pressão matariam um homem no mesmo instante. Lá onde não deveria existir vida, aquelas criaturas são um desafio. A presa era assim. Não conhecia outro jeito de ir em frente. O caçador admirava-o um pouco. No fundo, sua luta era uma luta pela sobrevivência.

Empunhando a arma narcotizante, subiu as escadas até o terceiro andar. Chegou à porta da casa de Jean Duez e a abriu com facilidade. No silêncio, apenas as badaladas de um relógio de pêndulo. O apartamento não era muito grande, no máximo 80 metros quadrados divididos em três cômodos, e mais o banheiro. Na sua frente havia um corredor curto.

Uma luz vazava por baixo da única porta fechada.

O caçador começou a entrar, tentando calibrar o peso do corpo sobre os passos para não fazer barulho. Chegou perto do primeiro cômodo. Com um gesto rápido, apareceu na soleira, apontando a pistola para dentro. Era uma cozinha, e estava vazia e tudo arrumado, limpo. As porcelanas no guarda-louça, a torradeira, o pano de prato apoiado no puxador do forno. Sentiu uma estranha emoção ao se perceber na toca da presa, em contato com seu mundo. Prosseguiu em direção ao banheiro. Ali também não havia ninguém. Cerâmica xadrez, branca e verde. Uma escova de dente solitária. Um pente tipo tartaruga. No cômodo seguinte havia uma grande cama de casal. O edredom de cetim bordô. Um copo d'água na mesinha de cabeceira. Pantufas de couro. E uma parede de prateleiras cheias de miniaturas de carros: a paixão de Jean Duez.

O caçador deixou aquele quarto e finalmente chegou diante da porta fechada. Começou a escutar. Nenhum som provinha do outro lado. Baixou o olhar para o chão. Podia notar o brilho dourado que se propagava a seus pés. Mas nenhuma sombra passou para interrompê-lo: seria a prova de que havia alguém. Porém, no chão, viu um sinal que nunca vira.

Um círculo de pequenas manchas escuras.

Sangue, pensou. Mas agora não podia se dedicar àquele detalhe. Não havia mais tempo para hesitar ou se distrair. Sua presa era impiedosa e complexa, não podia se esquecer disso. Por mais que fosse fascinado por ela, sabia que o abismo cavado em sua alma não deixava saída: nunca competiria com a criatura palpitante que habitava nela.

A única possibilidade era agir primeiro, pegá-la de surpresa. O momento tinha chegado. A caça terminaria. Somente depois tudo teria um sentido.

Deu um passo para trás. Então, chutou o umbral da porta, arrombando-a. Apontou a pistola narcotizante, esperando avistar logo o alvo. Mas não o viu. A porta voltou por causa do contragolpe e ele teve que pará-la esticando uma das mãos. Entrou, olhando ao redor rapidamente.

Ninguém.

Uma tábua de passar. Um móvel com um velho rádio e um abajur aceso. Um cabide com roupas penduradas.

O caçador se aproximou. Como era possível? Eram as mesmas que a presa vestia quando a vira entrar no prédio. Jaqueta azul-marinho, calça de veludo cinza, tênis e um chapeuzinho com viseira. O caçador baixou o olhar e notou um pote jogado em um canto.

Fédor, leu na borda. Voltou à sua cabeça a imagem do velho saindo para levar o cocker para passear.

— Maldição — disse para si mesmo. Mas então, percebendo a esperteza que havia naquela trapaça, explodiu em uma risada. Estava admirado com o sistema que o camaleão tinha idealizado para se proteger. Todos os dias voltava para casa e vestia aquele disfarce para levar o cachorro aos jardins. De lá, vigiava a própria casa.

Isso significava que Jean Duez — ou, mais exatamente, o ser imundo que pegara seu lugar — agora sabia dele.

QUATRO DIAS ATRÁS

Após o temporal, os vira-latas eram os donos das ruazinhas do centro histórico. Moviam-se em bandos silenciosos, rentes aos muros. Marcus topou com eles na via dei Coronari, vinham em sua direção. Um mestiço de pelo vermelho, cego de um olho, os guiava. Por um instante seus olhares cruzaram-se e eles reconheceram-se. Então, voltaram a se ignorar, seguindo cada um o próprio caminho.

Poucos minutos depois, atravessou novamente a soleira do apartamento de Lara no prédio da instituição universitária.

No escuro, exatamente como Jeremiah Smith.

Esticou a mão para ligar o interruptor, mas pensou duas vezes. Provavelmente o raptor tinha uma lanterna. Então, pegou a que tinha no bolso e começou a inspecionar os ambientes. O feixe de luz exumava da sombra os móveis e os objetos da casa.

Não sabia exatamente o que procurar, mas estava convencido de que havia uma relação entre a jovem estudante e Jeremiah. Lara era muito mais que uma simples vítima, era um objeto de desejo. Marcus devia chegar ao que os conectava, só assim poderia descobrir o lugar onde a menina era mantida prisioneira. Eram apenas hipóteses misturadas com esperanças, mas, no momento, não tinha coragem de descartar nada.

De longe, ouvia o latido dos vira-latas.

Com aquele melancólico som de fundo, começou sua exploração pelo andar de baixo, pelo pequeno banheiro onde estava o alçapão por onde o sequestrador entrara. Ao lado do chuveiro, havia uma prateleira em que estavam perfeitamente alinhados por altura alguns frascos de espuma de banho, xampu e creme. A mesma precisão podia ser notada na disposição dos detergentes ao lado da máquina de lavar. O espelho acima da pia escondia um pequeno armário: continha produtos cosméticos e remédios. O calendário pendurado na porta estava parado na página do último mês.

Os cachorros do lado de fora começaram a latir e a rosnar entre si, como se estivessem envolvidos em uma luta.

Marcus voltou à pequena sala de estar que abrigava a cozinha. Antes de subir ao andar de cima, Jeremiah Smith tivera a preocupação de esvaziar o açucareiro do centro da mesa e o pote do armário em que estava escrito SUGAR para dar sumiço nos rastros de narcótico. Havia desempenhado cada tarefa com extrema calma, sem pressa. Não corria riscos ali. Tinha todo o tempo do mundo

enquanto Lara dormia.

Você é bom nisso, não cometeu erros, mas tem que haver alguma coisa. Marcus sabia que a história dos serial killers que anseiam por revelar ao mundo seus feitos e que, por isso, travam um desafio com quem tenta detê-los era uma boa historinha para a mídia, para manter viva a atenção do público. O serial killer gosta do que faz. Justamente por isso quer continuar fazendo pelo maior tempo possível. A notoriedade não lhe interessa, seria um empecilho. Mas, às vezes, deixa um sinal da própria passagem. Não quer se comunicar, mas compartilhar.

O que você deixou para mim?, perguntou-se Marcus.

Apontou a lanterna para os armários de parede da cozinha. Em cima de um deles estavam dispostos alguns livros de receitas. Provavelmente, quando morava com os pais, Lara nunca precisara preparar sua comida. Quando se mudara para Roma, porém, precisou aprender a cuidar de si mesma e a cozinhar também. Mas entre aqueles volumes coloridos um livro preto chamava a atenção. Marcus aproximou-se, inclinando a cabeça para ler seu título. Era uma Bíblia.

Anomalias, pensou.

Pegou-a e abriu-a no ponto onde havia um marcador de cetim vermelho. Era a carta de são Paulo aos Tessalonicenses.

"O dia do Senhor virá como o ladrão de noite."

Uma macabra ironia, certamente não casual. Alguém tinha colocado aquele livro ali? Aquelas palavras referiam-se ao Dia do Juízo Final, mas, por outro lado, descreviam bem o que havia acontecido com Lara. Alguém a levara embora. O ladrão, dessa vez, tinha roubado uma pessoa. A jovem estudante não notara a presença de Jeremiah Smith circulando como uma sombra a seu redor. Marcus olhou em volta: o sofá, a TV, as revistas na mesa, a geladeira com os ímãs, o velho parquê gasto. Aquela pequena casa era o lugar onde Lara se sentia mais segura. Mas isso não fora o suficiente para protegê-la. Como poderia ter percebido? Como poderia saber? A natureza incentiva os homens a ser otimistas, disse a si mesmo. É fundamental, para a sobrevivência da espécie negligenciar os perigos potenciais, concentrando-se apenas nos mais prováveis.

Não se pode viver no medo.

Uma visão positiva é o que nos faz seguir em frente apesar das adversidades e da dor que preenchem a existência. Apresenta só um inconveniente: com frequência esconde-nos o mal.

Naquele momento, os vira-latas pararam de latir. Um frêmito frio agarrou sua nuca, porque subitamente ouviu um novo som. Um estalido quase imperceptível, provocado pelas tábuas do chão.

O dia do Senhor virá como o ladrão de noite, lembrou a si mesmo quando se deu conta de que tinha sido um erro não verificar o andar de cima primeiro.

— Desligue isso.

A voz vinha das escadas atrás dele e referia-se claramente à lanterna que tinha na mão. Obedeceu sem se virar. Quem quer que fosse, já estava ali dentro quando ele chegou. Marcus concentrou-se no silêncio que o rodeava. O homem encontrava-se a 2 metros dele, no máximo. Sabe-se lá quanto tempo fazia que o estava observando.

— Vire-se — ordenou a voz.

Marcus assim o fez, lentamente. A luz do pátio vazava fracamente pela grade da janela, projetando uma grelha na parede, parecida com uma gaiola. Nela estava presa, como uma besta feroz, uma silhueta escura e ameaçadora. Uma sombra recortada na sombra. O homem era mais alto que ele pelo menos uns 20 centímetros, de compleição robusta. Ficaram imóveis por um longo tempo, sem falar. Então, a voz veio novamente à tona da escuridão.

— É você?

Pelo timbre, parecia pouco mais que um rapaz. No tom, Marcus reconheceu raiva, mas também temor.

— É você, filho da puta.

Não tinha como saber se estava armado. Ficou calado, deixando que ele falasse.

— Vi você chegar aqui com aquele outro, ontem de manhã. — Marcus intuiu que se referia à sua primeira visita junto com Clemente. — Estou de olho neste lugar há dois dias. O que vocês querem de mim?

Marcus tentou decifrar aquelas palavras, mas ainda não entendia o que significavam. E não havia jeito de prever o que aconteceria.

— Vocês estão querendo me ferrar?

A sombra deu um passo na direção dele. Marcus viu de relance as mãos do homem e soube que não empunhavam armas. Então arriscou:

— Não sei do que você está falando.

— Você está me sacaneando.

— Talvez seja melhor falarmos disso com calma, fora daqui — afirmou, tentando o caminho do diálogo.

— Vamos falar agora.

Marcus decidiu agir abertamente.

— Você está aqui por causa da menina desaparecida?

— Eu não sei nada sobre a menina, não tenho nada a ver com isso. Você

quer me meter em encrenca, babaca?

Intuiu que talvez estivesse sendo sincero: se era um cúmplice de Jeremiah Smith, por que correr o risco de voltar?

Marcus não comentou. Antes que encontrasse uma resposta, o estranho atirou-se em cima dele, segurou-o pelo colarinho e empurrou-o contra a parede. Segurando-o firme, com a outra mão pegou um envelope e sacudiu-o debaixo do nariz dele.

— Foi você quem me escreveu essa droga de carta?

— Não fui eu.

— Então o que está fazendo aqui?

Marcus tinha primeiro que entender como aquela situação podia se relacionar com o desaparecimento de Lara.

— Vamos falar da carta, se você quiser.

Mas o rapaz não tinha nenhuma intenção de lhe ceder o controle da conversa.

— Foi Ranieri que mandou você? Pode dizer para aquele imbecil que não quero mais saber dele.

— Não conheço nenhum Ranieri, você tem que acreditar em mim.

Tentou se soltar, mas o rapaz o segurou firme. Ainda não tinha acabado com ele.

— Você é um policial?

— Não.

— E o símbolo, então? Ninguém sabia do símbolo.

— Que símbolo?

— O da carta, babaca.

A carta e o símbolo: Marcus armazenou aquelas informações. Não eram muito, mas talvez pudessem ser úteis para entender as intenções do rapaz. Ou então simplesmente delirava. Tinha que conseguir controlar aquela situação.

— Pare com essa história de carta. Eu não sei nada sobre isso.

O rapaz tentou ganhar tempo.

— Quem é você, porra?

Marcus não respondeu, com a esperança de que o outro se acalmasse. Em vez disso, sem se dar conta, foi arremessado no chão e viu-se esmagado pelo peso do agressor. Tentou se defender, mas o jovem comprimia seu tórax e batia nele com força. Levou os braços até a cabeça para protegê-la, mas os socos o aturdiram. Sentiu o gosto do sangue enchendo sua boca. Pareceu-lhe perder os sentidos, até que percebeu que a fúria havia terminado. De onde estava, entreviu

o rapaz abrindo a porta do apartamento. Por um segundo o viu de costas, na luz do pátio. Depois a porta se fechou. Ouviu seus passos enquanto se afastava rapidamente.

Esperou um pouco antes de tentar se levantar. Sua cabeça rodava e os ouvidos zumbiam. Não sentia dor. Ainda não. Chegaria tudo junto, sabia disso, mas só depois de um tempo. Era sempre assim que acontecia. Sentiria dor em todos os lugares, até onde não tinha sido atingido. Não se lembrava exatamente de qual experiência passada vinha aquela lembrança, mas sabia que era assim.

Levantou-se e sentou. Tentou organizar as ideias. Deixou-o escapar quando deveria ter encontrado um jeito de detê-lo. Tentou ser compreensivo consigo mesmo, dizendo-se que, no fundo, não teria conseguido fazê-lo raciocinar. De todo modo, tinha conseguido pelo menos um resultado.

Na briga, apossara-se da carta.

Tateou o chão em busca da lanterna que tinha escorregado um pouco antes. Encontrou-a, deu dois tapinhas nela para que acendesse e iluminasse o envelope.

Não havia remetente, mas era endereçada a um tal de Raffaele Altieri. A data no carimbo postal era de três dias antes. Dentro, havia uma folha onde estava impresso somente o endereço do apartamento de Lara, na via dei Coronari. Mas o que o impressionou foi o símbolo colocado como assinatura.

Três pontinhos vermelhos formando um triângulo.

6h

Não tinha conseguido dormir. Após o telefonema de Shalber, debatera-se na cama por horas. Finalmente o despertador anunciou as cinco horas e Sandra se levantou.

Arrumou-se rapidamente e chamou um táxi para ir até a delegacia, não queria que algum colega reconhecesse seu carro. Certamente não lhe pediriam explicações, mas fazia tempo que o jeito como olhavam-na a aborrecia. A viúva. Era assim que a chamavam? Em todo caso, era desse jeito que pensavam nela. A compaixão deles grudava nela irritantemente toda vez que passavam a seu lado. O drama era que alguns se sentiam no dever de lhe dizer algo. A essa altura, colecionava frases convencionais. A mais cotada era: “Coragem, seu marido David ia querer que você fosse forte.” Ela, porém, gostaria de gravar todas aquelas frases para depois demonstrar ao mundo que existe algo pior do

que a indiferença à dor alheia: a banalidade com que se tenta saná-la.

Mas provavelmente dependia somente dela e de sua irritabilidade. De todo modo, queria estar no depósito de achados da delegacia no momento em que o turno da noite acabava.

Demorou vinte minutos para chegar ao destino. Antes, passou em um café para um croissant e um cappuccino para viagem e depois se apresentou ao colega que estava saindo para voltar para casa.

— Oi, Vega — disse, vendo-a chegar de trás do balcão. — O que você está fazendo aqui a essa hora?

Sandra tentou exibir o sorriso mais sereno do mundo.

— Trouxe o café da manhã para você.

Ele tirou aquele peso de suas mãos com prazer.

— Você é uma amigona. Essa noite foi muito movimentada: prenderam uma gangue de colombianos que traficava na frente da estação de Lambrate.

Sandra não queria se perder em conversa fiada, por isso foi logo ao ponto.

— Queria retirar as bolsas que deixei aqui há cinco meses.

O colega olhou-a surpreso, mas colocou-se à disposição sem hesitar.

— Vou pegá-las já.

Avançou pelos longos corredores do depósito. Sandra ouvia-o cochichar para si mesmo enquanto procurava as bolsas. Ela estava impaciente, mas tentava se controlar. Ultimamente, tudo a irritava. Sua irmã dizia que estava atravessando uma das quatro fases que seguem um luto. Era uma explicação que tinha encontrado em um livro, mas não se lembrava bem da sequência, por isso não sabia dizer em que fase ela estaria e se superaria tudo logo. Sandra duvidava disso, mas a deixava falar. Isso valia para o resto da família também, ninguém realmente queria lidar com o que tinha acontecido com ela. Não por insensibilidade, mas porque não existiam conselhos apropriados a uma viúva de 29 anos. Então se limitavam a contar a ela o que liam nas revistas ou a citar a experiência de um conhecido distante. Isso era suficiente para que se sentissem bem, e para Sandra, no fundo, estava bom assim.

Cinco minutos depois, viu o colega voltar com as duas grandes bolsas de David.

Segurava-as pelas alças, não como ele, que as colocava a tiracolo. Uma à direita, a outra à esquerda. Davam-lhe um andar cambaleante.

— Você parece um jumento, Fred.

— Mas você gosta de mim mesmo assim, Ginger.

Ao ver aquelas bolsas, Sandra sentiu o efeito de um soco afundando no

peito. Temeu aquela sensação. Naquelas malas estava o seu David, guardavam todo o seu mundo. Se fosse por ela, ficariam no depósito até que alguém, descuidadamente, as mandasse para serem destruídas junto com os achados que não serviam mais. Mas Shalber, na noite anterior, tinha dado peso e substância a uma névoa de perguntas que estava perigosamente estagnada em seu coração desde que descobrira que David lhe mentira. Não podia permitir que alguém desconfiasse de seu homem. Mas, principalmente, havia entendido que não podia conceder isso a si mesma.

— Aqui estão — disse o colega, colocando as bolsas na superfície do balcão.

Não era preciso assinar um recibo, no fundo tinham apenas lhe feito o favor de guardá-las ali. Haviam chegado da delegacia de Roma após o acidente. Ela apenas não as retirou lá.

— Você quer checar se falta alguma coisa?

— Não, obrigada. Tudo bem assim.

Mas o colega continuava a fitá-la, com uma expressão subitamente triste.

Não faça isso, pensou ela imediatamente.

Mas ele fez.

— Tome coragem, Vega, Daniel ia querer que você fosse forte.

E que raios seria esse "Daniel" agora?, perguntou-se, esforçando-se para sorrir. Então agradeceu e levou as bolsas de David embora.

Meia hora depois estava novamente em casa. Colocou as bolsas no chão, diante da porta, e as deixou ali. Durante um tempo se manteve afastada delas, mas as observava de longe. Como o vira-lata que rodeia a comida que lhe oferecem, tentando entender se deve ou não confiar. Ela, porém, buscava a coragem para enfrentar aquela prova. Aproximava-se e depois voltava a se afastar. Preparou um pouco de chá e ficou observando as bolsas, acariciando a xícara, sentada no sofá. Pela primeira vez pensou no que acabara de fazer.

Tinha trazido David de volta para casa.

Talvez uma parte dela, durante todos aqueles meses, tivesse desejado, imaginado, acreditado que, mais cedo ou mais tarde, ele voltaria. Saber que não fariam mais amor a enlouquecia. Tinha vezes que esquecia que ele estava morto, pensava em algo e dizia a si mesma: Preciso contar isso pro David. Um instante depois a verdade a assaltava, devolvendo-lhe subitamente a amargura.

David não existia mais. Ponto.

A mente de Sandra voltou até o dia em que prestou contas com aquela realidade pela primeira vez. Acontecera justamente na porta de casa, em uma manhã tranquila como aquela. Tinha deixado os dois policiais na porta, convicta de que, enquanto permanecessem ali, enquanto não atravessassem aquela fronteira, a notícia da morte de David não se materializaria. E ela não teria que lidar com o que estava prestes a entrar em sua casa. Um furacão que devastaria tudo, embora deixasse tudo intacto. Não achava que iria conseguir.

Mas aqui estou eu, disse a si mesma. E, se Shalber está interessado nesta bagagem, então com certeza existe um motivo.

Colocou a xícara de chá no chão e foi até as bolsas, decidida. Primeiro, pegou a menos pesada. Era a que continha apenas roupas. Virando-a, esvaziou-a no chão. As camisas, as calças e os casacos em desordem. O cheiro da pele de David a investiu, mas tentou ignorá-lo.

Deus, como eu sinto a sua falta, Fred.

Impediu-se de chorar. Vasculhou as roupas com um frenesi desesperado. Apesar disso, imagens de David usando aquelas roupas surgiam para ela. Momentos da vida passada juntos. Sentiu saudade, mas também raiva e, enfim, cólera.

Não havia nada naquelas coisas. Verificou os bolsos internos e externos. Nada.

Estava exausta. Mas a parte mais difícil estava feita. Agora era a vez da bolsa de trabalho. Aqueles objetos não pertenciam às lembranças dela. Aliás, representavam o motivo pelo qual David não estava mais lá. Por isso seria mais fácil.

Antes de começar, lembrou que existia uma lista dos equipamentos. Estava na gaveta da mesinha de cabeceira de David. Ele a usava como um lembrete das coisas que devia levar cada vez que fazia as malas. Sandra foi pegá-la. Então, começou a operação de checagem.

A primeira coisa que fez foi retirar a segunda reflex de David. A outra foi destruída na queda. Era uma Canon, mas Sandra preferia as Nikon. Houve calorosas discussões em família sobre o assunto.

Ligou-a. A memória estava vazia.

Riscou a reflex da lista e foi em frente. Ligou os vários dispositivos eletrônicos na tomada, porque as baterias tinham acabado naqueles meses de inatividade. Então, começou a conferi-los. No telefone via satélite a última chamada era de muito tempo antes e, por isso, não lhe interessava. Ela já havia verificado o celular quando foi até Roma para o reconhecimento do corpo. David

tinha usado apenas para reservar os táxis e no último telefonema feito para a secretária dela — *Aqui em Oslo está um frio danado*. De resto, era como se estivesse isolado do mundo.

Ligou o notebook, esperando achar algo ali, pelo menos. Mas no computador portátil havia arquivos velhos e insignificantes. No correio eletrônico também, nada de interessante ou de novo. Em nenhum documento ou e-mail David se referiu ao motivo pelo qual estava em Roma.

Por que manter tal nível de discrição?, perguntou-se. A dúvida que a mantivera acordada a noite toda a surpreendeu novamente.

Poderia jurar pela honestidade de seu marido ou aquela história escondia algo de podre?

— Vá à merda, Shalber — repetiu para si mesma, pensando novamente em quem havia semeado aquela incerteza nela.

Voltou para a bolsa e descartou o que não tinha nenhum interesse para ela naquele momento, como o canivete suíço e as teleobjetivas, e se deparou com uma agenda com a capa de couro. Estava puída nos cantos e era muito velha. A cada ano, David substituía apenas o corpo central. Era um daqueles objetos dos quais era impossível separá-lo. Como os chinelos de dedo marrons com as solas gastas ou o casaco de feltro que usava sempre que escrevia no computador. Sandra tinha tentado sumir com eles mil vezes. Ele fingia não perceber por alguns dias, mas depois sempre conseguia descobrir onde ela os tinha escondido.

Sorriu ao se lembrar daquilo. David era desse jeito. Outro homem reclamaria acaloradamente, mas ele nunca contestava as pequenas prevaricações dela. Apenas voltava placidamente a fazer o que queria.

Sandra abriu a agenda. Em algumas páginas do período em que David esteve em Roma estavam anotados endereços diversos. Eles estavam marcados em um mapa da cidade. No total, eram uns vinte.

Enquanto se questionava sobre o significado daquelas anotações, reparou que na bolsa havia um objeto novo, que não estava na lista. Um rádio CB. Verificou a frequência instintivamente. Canal 81. Não lhe dizia nada.

O que David fazia com um transceptor?

Porém, procurando entre os objetos que sobravam, percebeu que faltava algo. Tratava-se do pequeno gravador de voz que David sempre carregava. Chamava-o de sua memória sobressalente. Mas não estava com ele no momento da queda que o matou. Podia ter desaparecido de mil maneiras. Mesmo assim, Sandra decidiu anotar isso.

Antes de prosseguir, recapitulou rapidamente o êxito temporário da busca.

Tinha encontrado alguns endereços em uma agenda que estavam reproduzidos em um mapa de Roma. Um transceptor sintonizado em uma frequência misteriosa. E, enfim, faltava o gravador que David usava para fazer observações.

Enquanto raciocinava sobre esses elementos, procurando uma lógica que os conectasse, foi tomada por uma sensação de desconforto. Depois do acidente, tinha perguntado para a Reuters ou para a Associated Press — as agências com as quais seu marido geralmente colaborava — se por acaso ele estava fazendo um trabalho para elas em Roma. Ambas lhe disseram que não. Estava sozinho naquela missão. Claro, não era a primeira vez que executava um serviço ou uma investigação com o intuito de oferecê-los em seguida para o melhor comprador. Mas Sandra estava com o trágico pressentimento de que, dessa vez, havia algo mais. Algo que não tinha certeza se queria descobrir.

Para afastar os maus pensamentos, dedicou-se novamente ao conteúdo da bolsa.

Do fundo resgatou a Leica I. Era uma máquina fotográfica de 1925, fruto da mente de Oskar Barnack, aperfeiçoada mais tarde pelo engenho de Ernst Leitz. Pela primeira vez se podia fotografar com a mão livre. Por causa de sua extrema manobrabilidade, tinha constituído uma revolução para a fotografia de guerra.

A mecânica era perfeita. Obturador horizontal de tecido, tempos de 1/20 a 1/500 segundo, objetiva fixa de 50mm. Uma verdadeira joia, digna de colecionador.

Sandra dera-a de presente a David no primeiro aniversário deles. Ainda se lembrava de sua surpresa quando abriu o embrulho. Com o que ganhavam não poderiam se permitir uma daquelas. Mas Sandra a tinha herdado do avô, que lhe transmitira a paixão pela fotografia.

Era uma espécie de relíquia de família, e David nunca se separava dela. Dizia que era seu amuleto.

Mas não serviu para salvar a sua vida, pensou Sandra.

Ficava guardada no estojo de couro original, no qual ela tinha mandado gravar as iniciais *DL*. Abriu-o e ficou observando-a, tentando reproduzir o olhar de David, que ficava com os olhos brilhando como os de uma criança sempre que a manuseava. Estava quase deixando-a de lado quando percebeu que o parafuso que acionava o mecanismo de disparo — como se dizia no jargão técnico — estava armado. Na máquina havia um filme.

David a usara para tirar fotos.

Na gíria, eram chamadas de “estafetas”. Eram casas seguras espalhadas pela cidade, que serviam como apoio logístico, refúgio momentâneo ou até mesmo apenas para se revigorar e descansar um pouco. Do lado de fora, na campainha geralmente, havia nomes de sociedades comerciais genéricas, inexistentes.

Marcus entrou em um apartamento-estafeta que conheceu quando esteve com Clemente uma vez. Ele lhe revelara que possuíam inúmeras propriedades em Roma. A chave para ter acesso a ele estava escondida em uma fenda ao lado da porta.

A dor, como previsto, chegou com o amanhecer. Marcus trazia em si as marcas do espancamento. Além de dois roxos na altura das costelas que lhe lembravam, a cada movimento para respirar, o que tinha acontecido naquela noite, tinha um lábio cortado e uma maçã do rosto inchada. Que se juntavam à cicatriz na têmpora. Achou que o conjunto causaria um estranho efeito em quem o observasse.

Em uma casa-estafeta podia encontrar comida, uma cama, água quente, uma caixinha de primeiros socorros, documentos falsos e um computador seguro para se conectar à internet. A que Marcus escolhera, porém, estava vazia. Não havia móveis e as persianas estavam abaixadas. Em um dos cômodos havia um telefone no chão. A linha estava ativa.

O objetivo do lugar era guardar aquele aparelho.

Clemente lhe explicara que não era oportuno, para eles, ter um celular. Marcus nunca deixava rastros atrás de si.

“Eu não existo”, disse, antes de ligar para um serviço de fornecimento de dados.

Poucos minutos depois e uma gentil operadora lhe deu o endereço e o número de telefone de Raffaele Altieri, o agressor que o havia surpreendido na casa de Lara. Marcus desligou e telefonou para o rapaz. Insistiu para se assegurar de que não houvesse ninguém em casa. Quando teve certeza, foi pessoalmente retribuir a visita daquela noite.

Pouco depois estacionava, debaixo da chuva violenta, na esquina da via Rubens, no nobre bairro Parioli, de olho em um prédio de quatro andares.

Conseguiu entrar pela garagem. O apartamento que lhe interessava ficava no terceiro andar. Marcus encostou a orelha na porta para ter absoluta certeza de que estava momentaneamente vazio. Não havia barulhos. Decidiu arriscar: precisava saber quem era seu agressor.

Forçou a fechadura e entrou.

A casa que o recebeu era grande. Os móveis denotavam bom gosto, além de uma notável disponibilidade financeira. Havia peças de antiquário e quadros de valor. Os pisos eram de mármore claro, as portas laqueadas de branco. O ambiente não tinha nada de interessante, a não ser o fato de não parecer a moradia de um brutamontes.

Marcus começou a inspeção. Tinha que ser rápido, alguém podia voltar de uma hora para outra.

Um quarto tinha sido convertido em academia. Havia um aparelho de *bodybuilding* com halteres, uma barra de alongamento, esteira e equipamentos de ginástica de vários tipos. Raffaele Altieri alimentava o culto do próprio físico. Marcus tinha experimentado em si mesmo os efeitos daquela paixão.

A cozinha transmitia a ideia de que vivia sozinho. Na geladeira, somente leite desnatado e bebidas energéticas. Nas prateleiras, caixas de vitaminas e potes de suplementos.

O terceiro cômodo foi bastante revelador sobre o tipo de vida que o rapaz levava. Havia uma cama de solteiro, desfeita. Os lençóis com as imagens de *Star Wars*. Sobre a cabeceira havia um pôster de Bruce Lee. Nas paredes estavam afixados outros de grupos de rock e motos de corrida. Em uma prateleira havia um aparelho de som e, em um canto, uma guitarra.

Parecia o quartinho de um adolescente.

Quantos anos Raffaele teria?, perguntou-se Marcus. A resposta chegou quando ele atravessou a soleira do quarto cômodo.

Havia uma cadeira e uma escrivaninha encostada na parede. Eram os únicos móveis. Diante deles, uma colagem de matérias de jornal. O papel estava amarelado, mas o material encontrava-se conservado.

Remontavam a dezenove anos antes.

Marcus aproximou-se para ler. Estavam dispostas em uma ordem meticulosa, por data, da esquerda para a direita e, então, desciam.

Houvera um duplo homicídio. As vítimas eram Valeria Altieri, a mãe de Raffaele, e seu amante.

Marcus deteve-se nas fotografias que acompanhavam as matérias que apareceram nos jornais, mas também nas revistas de fotos da época. Os jornais sensacionalistas tinham reduzido aquele crime horrível a uma espécie de fofoca mundana.

No fundo, todos os ingredientes estavam lá.

Valeria Altieri era bonita, elegante, mimada e levava uma vida luxuosa.

Seu marido era Guido Altieri, famoso advogado corporativo que viajava para o exterior com frequência. Rico, audacioso e muito poderoso. Marcus o viu em uma imagem no funeral da mulher, sério e composto apesar do escândalo que o arrebatava, enquanto olhava o caixão, de mãos dadas com seu filho Raffaele, que, na época, tinha 3 anos. O amante ocasional de Valeria era um famoso comandante, vencedor de inúmeras regatas. Uma espécie de gigolô, alguns anos mais novo que ela.

O crime tinha causado alvoroço por causa da fama dos protagonistas, mas também por causa das modalidades de execução. Os amantes foram surpreendidos enquanto estavam deitados juntos na cama. As investigações estabeleceram que os assassinos eram pelo menos dois. Mas não houve presos, nem suspeitos. A identidade deles permaneceu desconhecida.

Então, Marcus notou um detalhe que, numa primeira leitura, tinha-lhe escapado. O brutal homicídio tinha acontecido exatamente ali, na casa onde Raffaele continuava a morar até hoje, com 22 anos.

Enquanto a mãe era trucidada, ele dormia em sua caminha.

Os assassinos não perceberam sua presença ou decidiram poupá-lo. Mas na manhã seguinte o menino acordou. Entrou no quarto e viu os dois corpos torturados por mais de setenta facadas. Marcus imaginou que ele teria explodido em um choro desesperado diante de algo que sua jovem idade não era capaz de decifrar. Valeria tinha dado férias aos empregados para receber seu amante, e o homicídio fora descoberto apenas quando o advogado Altieri voltara para casa de uma viagem de negócios em Londres.

A criança ficara sozinha com os cadáveres por dois dias inteiros.

Por mais que se esforçasse, Marcus não conseguia imaginar um pesadelo pior. Algo emergiu do fundo de sua memória. Era uma sensação de solidão e abandono.

Não sabia quando a experimentara, mas estava presente nele. Seus pais não estavam mais vivos para lhes perguntar de onde provinha aquela lembrança. Tinha esquecido até o desgosto de tê-los perdido. Mas provavelmente esse era um dos poucos lados positivos da amnésia.

Voltou a se concentrar em seu trabalho, deslocando a atenção para a superfície da escrivaninha.

Havia pilhas de processos. Marcus queria se sentar para examinar a papelada com calma. Mas não havia tempo. A permanência dele naquela casa se tornava cada vez mais arriscada. Por isso não foi além de uma análise superficial, folheando-os rapidamente.

Havia fotos, cópias dos autos da polícia, listas de provas e de suspeitos. Aqueles documentos não deveriam estar ali. Ao lado de anotações de vários tipos e reflexões pessoais escritas de próprio punho por Raffaele Altieri, também estavam presentes os resultados de investigações particulares. Identificou, na escrivaninha, um cartão de visitas de uma agência investigativa.

— Ranieri — disse, lendo o nome que estava impresso nele.

Raffaele o mencionara naquela noite: "Foi Ranieri que mandou você? Pode dizer para aquele imbecil que não quero mais saber dele."

Marcus enfiou-o no bolso como lembrete, então levantou o olhar para a parede de matérias novamente e tentou entender tudo com uma única olhada. Sabe-se lá quanto dinheiro um detetive malicioso podia arrancar de um menino atormentado por uma única, urgente ideia.

Encontrar os assassinos de sua mãe.

Aqueles recortes, os relatórios, aquela papelada eram a prova de uma obsessão. Raffaele queria dar um rosto aos monstros que tinham profanado sua infância. As crianças têm inimigos feitos de ar, pó e sombra, o bicho-papão ou o lobo mau, pensou Marcus. Vivem nas fábulas e aparecem apenas quando eles fazem pirraça, evocados pelos pais. Mas depois somem para sempre e voltam para a sombra que os gerou.

Os monstros de Raffaele, porém, tinham ficado.

Havia um último detalhe que Marcus devia apurar, e começou a procurar algo que esclarecesse a questão do símbolo: os três pontinhos vermelhos colocados ao pé da carta que convocava o rapaz ao apartamento de Lara.

"E o símbolo, então? Ninguém sabia do símbolo", dissera Raffaele.

Marcus conseguiu encontrar nos processos o documento da Procuradoria que falava exatamente disso. Mas constavam algumas lacunas. Havia uma explicação: com frequência, os inquiridores ocultavam da imprensa e da opinião pública alguns detalhes de um caso. Servia para desmascarar falsas testemunhas ou eventuais mitômanos, mas também para fazer com que os culpados acreditassem que eles não tinham nada nas mãos. No caso do homicídio de Valeria Altieri, tinha sido encontrado algo importante na cena do crime. Um elemento que a polícia, por alguma razão, decidiu não revelar.

Marcus ainda não sabia o que aquela história tinha a ver com Jeremiah Smith e o desaparecimento de Lara. O crime era de dezenove anos antes e, mesmo se houvesse pistas não identificadas pelas forças da ordem, a essa altura podiam ser consideradas irrecuperáveis.

A cena do crime estava perdida para sempre.

Olhou a hora: já haviam se passado vinte minutos e não queria outro encontro cara a cara com Raffaele. Mas decidiu que valia a pena dar pelo menos uma olhada no quarto onde Valeria Altieri tinha sido assassinada. Sabe-se lá o que havia naquele quarto agora.

Quando atravessou a soleira, entendeu imediatamente que tinha se enganado.

A primeira coisa que viu foi o sangue.

A cama de casal com lençóis azuis estava encharcada. Havia tanto sangue que se podia intuir como as vítimas estavam posicionadas durante o massacre. O colchão e os travesseiros conservavam a lembrança da forma dos corpos. Um ao lado do outro, apertados em um abraço desesperado, enquanto a fúria homicida os atacava cruelmente.

Da cama, a substância hemática tinha transbordado como lava no carpete branco. Espalhando-se lentamente, havia embebido as fibras, colorindo-as de um vermelho tão brilhante e suntuoso que destoava da própria ideia da morte.

Os respingos, disseminados pelo fervor da mão que brandia a lâmina enquanto se debatia com a carne inerme, desenhavam nas paredes raiva, velocidade e esforço. O que impressionava era a disposição ordenada e coerente das gotas. Uma harmonia sacrílega, que brotava de um ódio insano.

Depois, uma parte daquele sangue tinha sido usada para fazer um escrito na parede acima da cama. Uma só palavra.

EVIL.

Em inglês, o mal.

Tudo já estava concluído, imóvel. Mas também era vívido demais, real demais. Como se, naquele quarto, o homicídio tivesse acabado de ser consumado. Marcus teve a impressão de ter realizado uma viagem no tempo para o passado, simplesmente abrindo aquela porta.

Não é possível, disse a si mesmo.

Como não era plausível que o quarto tivesse sido conservado exatamente como naquele trágico dia, dezenove anos antes.

Havia apenas uma explicação, que foi confirmada pelos baldes de tinta deixados em um canto junto com os pincéis e pelas fotos da polícia científica que Raffaele tinha conseguido sabe-se lá como e que retratavam a cena autêntica. Aquela com a qual se deparara quem tinha atravessado primeiro aquela soleira.

O advogado Guido Altieri, voltando para casa em uma tranquila manhã de

março.

Em seguida, tudo havia sido alterado. Pela intervenção da polícia, mas também por quem, logo depois, limpara tudo, tentando reconstituir o estado originário dos ambientes, para apagar a anamnésia do horror e devolvê-los à normalidade.

Sempre acontece na presença de uma morte violenta, disse Marcus a si mesmo. Os cadáveres são removidos, o sangue enxugado. E as pessoas voltam a frequentar aqueles lugares sem saber. A vida volta e retoma para si os espaços que lhe foram retirados.

Ninguém gostaria de preservar lembranças semelhantes. Nem eu, pensou.

Raffaele Altieri, porém, decidira reproduzir fielmente a cena do crime. Satisfazendo a própria obsessão, havia realizado um santuário do horror. Ao tentar trancar o mal lá dentro, havia se tornado prisioneiro dele.

Agora Marcus podia aproveitar aquela encenação fiel para tirar algumas conclusões e procurar, se houvesse, as anomalias de que precisava. Então, fez um sinal da cruz tardio e entrou.

Enquanto se aproximava daquilo que tinha o aspecto de um altar sacrificial, compreendeu por que, para executar a carnificina, deveriam ter agido pelo menos duas pessoas.

As vítimas não tiveram saída.

Tentou imaginar Valeria Altieri e seu amante, pegos no sono por um ímpeto de violência desumana. Quem sabe se a mulher tinha gritado ou se contivera para não acordar o filhinho que dormia no quarto ao lado. Para que ele não acorresse para ver o que estava acontecendo. Para salvá-lo.

Aos pés da cama, à direita, uma poça de sangue havia se condensado, enquanto à esquerda Marcus notou três pequenos sinais circulares.

Aproximou-se e inclinou-se para ver melhor. Formavam um triângulo equilátero perfeito. Cada lado media cerca de 50 centímetros.

O símbolo.

Estava considerando os possíveis significados daquele sinal quando, ao levantar o olhar por um instante, viu algo que em uma primeira olhada lhe escapara.

Impressas no carpete, havia reproduções minuciosas de pegadas de pezinhos descalços.

Imaginou Raffaele, com apenas 3 anos, que, na manhã seguinte ao massacre, surgia no quarto. Que se via diante daquele horror sem poder entender seu sentido. Que corria em direção à cama, ensopando os pés na poça de sangue.

Que, frente à impiedosa indiferença da morte, sacudia desesperadamente sua mãe, tentando acordá-la. Marcus podia imaginar até a forma de seu corpinho nos lençóis ensanguentados: depois de ter chorado por horas, devia ter se aconchegado ao lado do cadáver da mãe e, exausto, pegara no sono.

Tinha passado dois dias naquela casa, antes que seu pai o encontrasse e o levasse embora. Duas longuíssimas noites, enfrentando, sozinho, a tocaia da escuridão.

As crianças não precisam das lembranças, aprendem esquecendo.

Aquelas 48 horas, porém, tinham sido suficientes para marcar para sempre a existência de Raffaele Altieri.

Marcus não conseguia se mexer. Começou a respirar profundamente, temendo um ataque de pânico. Então era esse seu talento? Compreender a mensagem obscura que o mal conseguia semear nas coisas. Conseguir escutar a voz silenciosa dos mortos. Assistir, impotente, ao espetáculo da maldade dos homens.

— *Os cachorros são daltônicos.*

Por isso, somente ele tinha compreendido algo que o mundo ignorava em relação a Raffaele. Aquele menino de 3 anos ainda estava pedindo para ser salvo.

9h04

— Existem coisas que você tem que ver com seus próprios olhos, Ginger.

David repetia isso sempre que nascia uma discussão sobre os riscos de seu trabalho. Para Sandra, a máquina fotográfica era uma proteção necessária para não ter que enfrentar o impacto da violência que documentava todos os dias. Para ele, era apenas um instrumento.

Aquela distinção lhe viera à cabeça enquanto montava uma câmara escura improvisada no banheiro de serviço de casa, como tinha visto David fazer muitas vezes.

Tinha vedado a porta e a janela, substituindo a lâmpada sobre o espelho por uma que emitia luz inactínica vermelha. Tinha resgatado do sótão o ampliador e o tanque para a revelação e fixação dos negativos. O resto tinha improvisado. Os três recipientes para o tratamento eram os que usava para enxaguar a lingerie. Da cozinha trouxera pinças, tesoura e uma concha. O papel fotográfico e os

produtos químicos que ela guardava ainda estavam dentro da data de validade e, portanto, eram utilizáveis.

A Leica I usava uma película 135-35mm. Sandra enrolou o filme e tirou-o do compartimento.

A operação que estava para executar exigia escuridão absoluta. Após ter colocado luvas, abriu a bobina e tirou o filme. Puxando pela memória, cortou a parte inicial com a tesoura, arredondando os cantos, e então o colocou na espiral do tanque. Despejou o líquido para revelação preparado anteriormente e começou a calcular o tempo. Repetiu a operação com o líquido de fixação, depois enxaguou tudo debaixo da água corrente, colocou no tanque algumas gotas de xampu neutro porque não tinha o umidificador e, enfim, pendurou o filme para secar na banheira.

Deu partida no timer de seu relógio e se encostou na parede de azulejos. Suspirou. Aquela espera no escuro era enervante. Perguntava-se por que David tinha usado aquela velha máquina para tirar fotos. Uma parte dela desejava que não houvesse nada de significativo, que aquela ilusão fosse fruto de sua impossibilidade de se conformar com uma morte insensata.

Sandra não queria se sentir estúpida.

David usou a Leica só para experimentá-la, disse a si mesma. Por mais que a fotografia fosse a paixão e o trabalho dos dois, não tinham fotos juntos. Às vezes ela refletia sobre o assunto. O fato não parecia tão estranho quando o marido estava vivo. Não precisávamos disso, repetia a si mesma. Quando o presente é muito intenso, não é necessário um passado. Não imaginava que deveria ter feito um estoque de lembranças que um dia lhe ajudariam a sobreviver. Mas, quanto mais ia em frente, mais sua reserva se reduzia. O tempo que tinham passado juntos era muito pequeno em relação ao que, estatisticamente, lhe restava para viver. O que ela faria de todos aqueles dias? Será que seria capaz de sentir novamente algo parecido com o que sentira por ele?

O som do timer a despertou. Finalmente podia acender a luz vermelha. A primeira coisa que fez foi pegar o filme que tinha pendurado e examiná-lo contra a luz.

Haviam sido tiradas cinco fotos com a Leica.

O conteúdo de cada uma, no momento, era indistinguível. Aprontou-se para revelá-las. Preparou os três recipientes. O primeiro com o líquido revelador, o segundo com água e ácido acético para o interruptor e o terceiro com o fixador também diluído em água.

Com o ampliador, começou a projetar os negativos no papel fotográfico para que fosse impresso. Então, imergiu a primeira folha no recipiente com o revelador. Agitou-a sutilmente e, aos poucos, a imagem surgiu no líquido.

Era escura.

Pensou em um erro de disparo, mas mesmo assim a colocou no líquido dos dois outros recipientes e pendurou-a na banheira com um pregador de roupa. Continuou a operação com os outros negativos.

Na segunda foto estava David com o torso nu, refletido em um espelho. Com uma das mãos segurava a câmera fotográfica diante do rosto, com a outra estava acenando. Mas não sorria. Ao contrário, estava sério. Atrás dele havia um calendário do mês em que morreu. Sandra pensou que, provavelmente, aquela era a última imagem existente de David ainda vivo.

A despedida sombria de um fantasma.

A terceira foto era um canteiro de obras. Reconheciam-se as pilastras nuas de um edifício em construção. Faltavam as paredes, e tudo ao redor estava vazio. Sandra presumiu que tivesse sido tirada no prédio de onde David caiu. Mas, obviamente, tinha sido tirada antes.

Por que fora até lá com a Leica?

O acidente de David acontecera à noite. Aquela imagem, porém, havia sido feita de dia. Talvez tivesse feito uma vistoria.

A quarta foto era muito estranha. Era de uma pintura que parecia do século XVII. Mas Sandra tinha certeza de que imortalizava apenas um detalhe da tela inteira. Retratava um menino, o busto quase totalmente virado, no ato de fugir, mas com o rosto ainda virado para trás, incapaz de desviar o olhar de algo que o aterrorizava e, ao mesmo tempo, o atraía. Sua expressão era atônita e transtornada, a boca escancarada de estupor.

Sandra estava convicta de já ter visto aquela cena. Mas não lhe vinha à cabeça qual era o quadro. Lembrou-se da paixão do inspetor De Michelis pela arte e pela pintura: pediria sua opinião.

De uma coisa tinha certeza: aquele quadro encontrava-se em Roma. E era para lá que tinha que ir.

Seu turno começaria às duas da tarde, mas pediria um afastamento por alguns dias. No fundo, depois da morte de David, não tinha usufruído da licença por motivos familiares. Podia pegar um trem de alta velocidade. Chegaria em menos de três horas. Queria ver com seus próprios olhos, exatamente como David dizia. Sentia a necessidade de entender, porque, a essa altura, tinha certeza de que havia uma explicação.

Planejava a viagem em sua cabeça enquanto se dedicava à revelação da última foto do filme. As quatro primeiras continham apenas perguntas que se somavam a todas as interrogações sem solução que havia acumulado até ali.

Na quinta talvez houvesse pelo menos uma resposta.

Tratou-a com maior delicadeza enquanto a imagem emergia no papel. Uma mancha escura sobre um fundo claro. Começou a se delinear, um detalhe de cada vez. Como um destroço que reemerge progressivamente dos abismos após ter passado décadas na escuridão absoluta.

Era um rosto.

De perfil, pego de surpresa, não percebera que alguém o estava fotografando. Tinha relação com o que David estava fazendo em Roma, ou podia até mesmo estar envolvido com sua morte? Sandra compreendeu que precisava encontrar aquele indivíduo.

Cabelos pretos como a roupa que usava, olhos evasivos e melancólicos.

E uma cicatriz na têmpora.

9h56

Marcus deixava que seu olhar se perdesse no espetáculo de Roma vista do terraço do castelo. Atrás dele se elevava o Arcanjo Miguel, que, estendendo as asas e brandindo a espada, velava sobre as criaturas humanas e suas infinitas misérias. À esquerda da estátua de bronze, o sino da misericórdia, que com seus toques anunciava os condenados à morte na época obscura em que Castel Sant'Angelo era a prisão do papado.

Aquele lugar de suplício e desespero havia se transformado em um destino para os turistas. Eles tiravam fotos aproveitando o raio de sol que abrira caminho por entre as nuvens e fazia a cidade molhada de chuva brilhar.

Clemente alcançou Marcus e foi para seu lado sem desviar o olhar da paisagem.

— O que está acontecendo?

Usavam uma caixa postal de voz para marcar encontros. Quando um dos dois queria ver o outro, bastava deixar uma mensagem indicando local e hora. Ninguém nunca faltara aos encontros.

— O homicídio de Valeria Altieri.

Antes de responder, Clemente examinou seu rosto inchado.

— Quem foi que deixou você desse jeito?

— Esta noite conheci o filho dela, Raffaele.

Clemente evitou se aprofundar sobre o resto, limitando-se a sacudir a cabeça.

— História horrível. O crime ficou sem solução.

Disse isso como se conhecesse bem o caso, o que pareceu muito estranho para Marcus; afinal, na época dos acontecimentos, seu amigo devia ter pouco mais de 10 anos. Por isso, só havia uma explicação: eles também tinham cuidado do caso.

— Existe algo no arquivo?

Clemente não gostava que ele fosse mencionado em público.

— Você deveria tomar cuidado — censurou.

— É muito importante. O que você sabe?

— As pistas seguidas foram duas. Ambas envolviam Guido Altieri. No homicídio de uma adúltera, o primeiro suspeito é sempre o marido. E o advogado tinha conhecimentos e recursos para ser o mandante do massacre e sair ileso.

Se Guido Altieri era culpado, tinha deixado o filho com os cadáveres por dois dias conscientemente, só para reforçar seu álibi. Marcus não conseguia acreditar nisso.

— E a segunda pista?

— Altieri é um vigarista e, naquela época, estava em Londres para fechar uma importante fusão societária. Na verdade, a operação escondia desdobramentos pouco claros. Envolvia petróleo e contrabando de armas, estavam em jogo interesses de altíssimo nível. A palavra inglesa EVIL, escrita sobre a cama do massacre, podia ser interpretada como uma mensagem para o advogado.

— Uma ameaça.

— Bem, no fundo os assassinos pouparam o filho dele.

Algumas crianças passaram correndo ao lado de Marcus, que as seguiu com o olhar, invejando a leveza delas.

— Por que as duas pistas não levaram a nada?

— Em relação à primeira, Guido e Valeria estavam prestes a se divorciar. Ela era desinibida demais, o comandante era só o último de uma longa lista. O advogado não deve ter sofrido muito com a perda, porque se casou novamente poucos meses depois do ocorrido. Desde então tem outra família, outros filhos. E, além do mais, vamos ser sinceros, se um sujeito como Altieri quisesse liquidar a mulher, teria escolhido um modo menos cruel.

— E Raffaele?

— Não fala com ele há anos. Até onde eu sei, o rapaz é perturbado, entra e sai de clínicas psiquiátricas. Atribui ao pai a culpa pelo que aconteceu.

— E a tese do complô internacional?

— Sustentou-se por um tempo, mas depois caiu por falta de provas.

— Não havia impressões digitais, nenhuma pista no local do crime?

— Embora parecesse uma carnificina, os assassinos foram precisos e limpos.

Mesmo se não tivesse sido assim, Marcus levou em consideração que o homicídio tinha acontecido em um período em que as investigações eram realizadas com sistemas antigos. A análise do DNA entrava gradualmente nos métodos da polícia científica. Além disso, a cena do crime havia sido "poluída" pela presença do menino durante 48 horas e, depois, apagada para sempre. Pensou novamente na pergunta que Raffaele Altieri tinha feito, na esperança de encontrar uma resposta. Dezenove anos antes, a incapacidade de identificar logo os autores materiais acabara por prejudicar irremediavelmente o êxito da investigação. Por isso, tinha sido ainda mais difícil chegar a uma causa.

— Havia uma terceira pista, não é?

Marcus intuíra isso: era o motivo pelo qual, no passado, o caso tinha interessado a eles também. Não entendia por que o amigo não o mencionara. De fato, Clemente tentou desviar a conversa:

— Escute, o que isso tem a ver com Jeremiah Smith e o desaparecimento de Lara?

— Ainda não sei. Raffaele Altieri estava no apartamento da garota ontem à noite, alguém o convocou com uma carta.

— Alguém? Quem?

— Não faço ideia, mas na casa de Lara havia uma Bíblia na prateleira dos livros de culinária. A anomalia tinha me escapado durante a primeira vistoria. Às vezes é preciso escuridão para ver melhor as coisas: por isso, esta noite voltei àquele apartamento. Queria reproduzir as mesmas condições com as quais Jeremiah se movimentou.

— Uma Bíblia? — Clemente não estava entendendo.

— Havia um marcador de livros que indicava a carta de são Paulo aos Tessalonicenses: o dia do Senhor virá como o ladrão de noite… Se não fosse absurdo, diria que alguém plantou uma mensagem para nós ali a fim de que encontrássemos justamente Raffaele Altieri.

Clemente enrijeceu-se:

— Ninguém sabe de nós.

— Eu sei — disse Marcus. Ninguém, repetiu para si mesmo com amargura.

Clemente pressionou-o:

— Não temos muito tempo para salvar Lara, você sabe disso.

— Você me disse para seguir o instinto, que somente eu posso encontrá-la. É o que estou fazendo. — Marcus não tinha intenção de desistir. — Agora me fale sobre a outra pista. Na cena do crime, além do escrito EVIL, foram encontrados três sinais circulares desenhados com o sangue das vítimas, que formavam os vértices de um triângulo.

Clemente virou-se para o Arcanjo de bronze, quase como se invocasse sua proteção para o que estava prestes a dizer.

— É um símbolo esotérico.

Marcus pensou que não era de admirar que a polícia tivesse decidido omitir esse detalhe dos autos. Os policiais eram pessoas práticas, não gostavam que uma investigação desviasse para o mundo do oculto. Eram temas dificilmente tratados em uma sala de tribunal e que, aliás, forneceriam aos eventuais réus um subterfúgio para invocar doença mental. E, além disso, sempre havia o risco de se fazer um papelão.

Clemente, porém, considerava seriamente essa hipótese.

— De acordo com algumas pessoas, foi celebrado um rito naquele quarto.

Os delitos de fundo ritual faziam parte das *anomalias* das quais geralmente cuidavam. Neles se misturavam hedonismo e sexo. Enquanto esperava que Clemente conseguisse para ele o dossiê a respeito do caso Altieri no arquivo, Marcus tinha pressa de entender o significado do símbolo triangular. Por isso, dirigiu-se ao único lugar onde encontraria a resposta.

A Biblioteca Angelica estava situada no antigo convento dos agostinianos, na piazza Sant'Agostino. Desde o século XVII, os frades ocuparam-se em reunir, catalogar e preservar cerca de 200 mil preciosos volumes, divididos entre fundo antigo e fundo moderno. Foi a primeira biblioteca europeia aberta à consulta pública.

Marcus estava sentado a uma das mesas do salão de leitura — chamado de vaso Vanvitelliano, do nome do arquiteto que havia reformado o complexo no século XVIII —, rodeado por uma estante de maneira apinhada de livros. O acesso a ele dava-se por um vestíbulo adornado por quadros de árcades ilustres,

onde ficavam os catálogos. Um pouco mais para lá estava a sala blindada que continha as miniaturas mais preciosas.

No decorrer dos séculos, a Biblioteca Angelica foi protagonista de várias controvérsias de fundo religioso, porque também conservava inúmeros textos proibidos. Eram esses que interessavam a Marcus, que pedira para examinar alguns volumes sobre a simbologia.

Usava uma luva branca de algodão para folhear as páginas, porque o contato com os ácidos da pele poderia danificá-las. Na sala havia apenas um som, parecido com o bater de asas de uma borboleta. Na época da Santa Inquisição, Marcus teria pagado com a própria vida somente pelo fato de ler aquelas palavras. Em uma hora de pesquisa, conseguiu chegar à origem do símbolo triangular.

Nascido como oposição à cruz cristã, rapidamente se tornara o emblema de alguns cultos satânicos. Sua criação remetia à época da conversão do imperador Constantino. Os cristãos pararam de ser perseguidos e abandonaram as catacumbas. Os pagãos, por sua vez, se refugiaram lá.

Marcus impressionou-se ao descobrir que o satanismo moderno derivava justamente daquele paganismo. No decorrer dos séculos, a figura de Satanás havia substituído as outras divindades, porque era o principal antagonista do Deus dos cristãos. Os adeptos daqueles cultos eram julgados nos mesmos parâmetros de foras da lei. Encontravam-se em lugares isolados, geralmente ao ar livre. Com um pau traçavam os limites do templo deles na terra, assim era fácil apagá-los caso fossem surpreendidos. O assassinato de inocentes servia para firmar pactos de sangue entre os seguidores. Mas, além de possuir um escopo ritualístico, ele escondia um aspecto prático.

Se o mando matar alguém, você está ligado a mim por toda a vida, concluiu Marcus. Quem abandonava a seita corria o risco de ser denunciado por homicídio.

No catálogo da biblioteca encontrou alguns livros que explicavam qual havia sido a evolução histórica daquelas práticas até a era moderna. Como se tratava de publicações recentes, tirou a luva de consulta e imergiu na leitura de um texto de criminologia.

A matriz satânica estava presente em muitos crimes. Mas, na maior parte das vezes, era apenas um pretexto para dar vazão a perversões de natureza sexual. Alguns assassinos psicopatas estavam convictos de que algo superior tentava se comunicar com eles. Entregar-se a um ritual sanguinário era um modo de responder ao chamado. Os cadáveres se tornavam mensageiros.

O caso mais famoso dizia respeito a David Richard Berkowitz — mais conhecido como "Filho de Sam" —, um serial killer que aterrorizou Nova York no final dos anos 1970. Quando o capturaram, ele contou à polícia que quem o mandava matar era uma presença demoníaca que falava com ele através do cachorro de seu vizinho.

Marcus desconsiderou a possibilidade de o caso de Valeria Altieri ter sido um crime patológico. Mais de um indivíduo agiu, o que pressupunha plena capacidade mental.

Os homicídios de grupo, porém, eram uma constante nos casos de satanismo. Porque justamente na multidão os indivíduos podiam encontrar a coragem para realizar ações repreensíveis das quais, de outro modo, não seriam capazes. A união ajudava a superar os freios inibidores naturais, e a responsabilidade compartilhada não gerava sentimento de culpa.

Existia um satanismo "ácido", cujos adeptos faziam uso maciço de drogas, tornando-se, assim, mais manobráveis. Tais grupos eram facilmente identificáveis pelas roupas, em que se destacavam a cor preta e os símbolos de derivação satânica. A inspiração, mais que de textos sacrílegos, era tirada da música heavy metal.

Pode ser que EVIL sobre a parede do quarto de Valeria Altieri remeta a esse gênero, pensou Marcus. Mas raramente grupos assim chegavam a matar seres humanos, geralmente se restringiam a imitar missas negras e sacrificar pobres animais.

O verdadeiro satanismo nunca era tão escancarado, considerou Marcus. Baseava-se no mais absoluto segredo. Não havia provas de sua existência, apenas indícios ilusórios e contraditórios. De fato, os casos de delitos satânicos não atribuíveis a fanáticos ou doentes mentais eram pouquíssimos. O mais famoso tinha acontecido justamente na Itália e era o caso do chamado Monstro de Florença.

Marcus leu com atenção um breve resumo do caso. Depois de terem compreendido que os oito homicídios duplos, acontecidos entre 1974 e 1985, não eram obra de uma única mão, mas sim de um grupo de assassinos, os inquiridores haviam prendido os culpados, sem, porém, ir adiante — mesmo que se temesse a existência de mandantes, ligados a algum tipo de seita de derivação mágica, nunca identificada. A tese era a de que os crimes teriam sido encomendados com o objetivo de arranjar fetiches humanos para serem usados em sabe-se lá quais cerimônias.

Marcus identificou uma passagem daquele registro que poderia ser útil.

Referia-se ao motivo pelo qual o Monstro de Florença sempre matava jovens casais que tinham se afastado nos campos. A morte mais favorável era a que acontecia durante o orgasmo, também chamada de *mors justi*. Acreditava-se que, naquele momento preciso, eram liberadas energias especiais capazes de aumentar e reforçar os efeitos de um rito maléfico.

Nesses casos específicos, as mortes aconteciam de acordo com um calendário preciso, em dias que precediam as festividades cristãs, de preferência nas noites de lua nova.

Marcus verificou a data do assassinato de Valeria Altieri e seu amante. Acontecera na noite de 24 de março, na véspera da celebração da Anunciação do Senhor. O momento em que, segundo os Evangelhos, o Arcanjo Gabriel informa à Virgem Maria que ela conceberá o filho de Deus. E a lua era nova.

Todos os elementos de um delito satânico subsistiam. Agora, tratava-se de recomeçar uma investigação parada há quase vinte anos. Marcus estava convencido de que alguém que sabia de muitas coisas escolhera se calar durante todo esse tempo. Procurou no bolso e achou o cartão de visita de Ranieri que havia pegado na escrivaninha de Raffaele Altieri.

Começaria pelo detetive particular.

* * *

Ranieri tinha um escritório no último andar de um prédio no bairro Prati. Viu-o sair de um Subaru verde. Era muito mais velho do que na foto do site que fazia propaganda dos serviços de sua agência. Marcus achara inoportuno que alguém que desempenhava uma profissão baseada na discrição tornasse o próprio rosto conhecido a quem quer que fosse. Mas provavelmente Ranieri não ligava para isso.

Antes de segui-lo ao interior do prédio, notou que o carro estacionado estava cheio de respingos de lama. Apesar da chuva incessante das últimas horas, era improvável que tivesse ficado daquele jeito em Roma. Deduziu que o detetive estivera fora da cidade.

O porteiro do edifício estava concentrado lendo um jornal e Marcus passou diante dele sem ser incomodado. Ranieri tinha evitado o elevador e, pelo jeito como subia as escadas, parecia estar com muita pressa.

Entrou em seu escritório. Marcus, por sua vez, parou no primeiro andar, onde havia uma reentrância na qual poderia se esconder e esperar sossegado o

homem sair novamente para, depois, entrar no apartamento e descobrir por que estava tão apressado.

Naquela manhã, enquanto fazia suas pesquisas na biblioteca, Clemente, como prometido, tinha conseguido para ele o processo do caso *c.g. 796-74-8*. Continha um detalhado dossiê sobre todos os protagonistas envolvidos no evento. Deixara-o para ele dentro de uma caixa de correio de um grande condomínio popular. Usavam-na habitualmente para trocar documentos e, na realidade, não tinha o nome de nenhum inquilino.

Marcus havia conseguido estudar bem o perfil de Ranieri enquanto esperava sua chegada.

O detetive particular não gozava de boa fama. Mas não havia do que se espantar. Fora suspenso do registro oficial de profissionais por conduta indevida. Ao que parecia, aquela não era sua única ocupação: no passado, tinha participado de algumas fraudes, arrumando até uma condenação por circulação de cheques falsos. Seu melhor cliente era Raffaele Altieri, de quem, no decorrer dos anos, conseguira ganhar grandes quantias de dinheiro. A relação deles, no entanto, se interrompera bruscamente. O escritório na zona do Prati era apenas uma fachada para atrair clientes inocentes de quem se aproveitar. Não tinha nem uma secretária.

Foi exatamente enquanto Marcus avaliava esse aspecto que um grito de mulher ecoou no vão das escadas. Parecia provir justamente do último andar.

Seu treinamento era claro: em casos do gênero deveria ir embora sem hesitar. Quando estivesse em segurança, poderia avisar as forças da ordem. A coisa mais importante era o anonimato, e ele tinha que preservá-lo a qualquer custo.

Eu não existo, lembrou a si mesmo.

Esperou para saber se alguém no prédio havia escutado algo. Porém, ninguém apareceu nos corredores. Marcus não conseguia se conter: se uma mulher estivesse realmente em perigo, não se perdoaria por não ter interferido. Estava quase subindo até o último andar quando a porta do escritório se abriu e Ranieri começou a descer as escadas. Marcus se entocou na reentrância e o homem passou diante dele sem notá-lo. Levava uma bolsa de couro.

Quando teve certeza de que o detetive particular deixara o prédio, Marcus lançou-se em uma corrida escada acima, esperando que desse tempo.

Ao alcançar o corredor do andar, deu um chute na porta do escritório. Viu-se em uma sala de espera estreita. No fundo do corredor havia uma única sala.

Marcus precipitou-se naquela direção. Quando chegou à soleira, esperou. Escutou pancadas. Inclinou-se para o interior com prudência e viu que era apenas uma janela aberta que batia por causa do vento.

Nenhuma mulher.

Mas havia uma segunda porta, fechada. Aproximou-se com cautela. Apoiou a palma da mão na maçaneta e abriu-a de supetão, certo de que se encontraria diante de um espetáculo horrível. Mas era apenas um pequeno banheiro e estava vazio.

Onde estava a mulher que tinha ouvido gritar?

Os médicos haviam falado com ele sobre alucinações sonoras. Um efeito colateral de sua amnésia. Já havia acontecido. Uma vez tivera a impressão de ouvir um telefone tocando insistentemente no sótão na via dei Serpenti. Mas ele não tinha telefone. Em outra ocasião, ouvira Devok chamando-o pelo nome. Não sabia se aquela voz era realmente dele, não se lembrava dela. Mesmo assim, tinha juntado o som ao seu rosto, portanto existia uma esperança de que, um dia, as recordações pudessem voltar. Os médicos diziam que não, que a amnésia ligada a um dano no cérebro é sempre irreversível e que seu estado não era psicológico. Mas havia a possibilidade de recuperar uma memória recôndita e ancestral.

Respirou profundamente, tentando expulsar o grito da mulher. Tinha que entender o que havia acontecido naquela sala.

Aproximou-se da janela aberta e olhou para baixo: a vaga onde Ranieri tinha estacionado seu Subaru verde estava vazia. Se havia pegado o carro, o detetive particular não voltaria logo, por isso Marcus tinha um pouco de tempo.

No asfalto havia uma mancha de óleo. Ele acrescentou esse detalhe aos respingos de lama que tinha reparado na carroceria do veículo, deduzindo que o detetive, naquela manhã, visitara um lugar acidentado, sujando e danificando o Subaru.

Fechou a janela e aproveitou para analisar o escritório.

Ranieri tinha ficado lá pouco mais de dez minutos. O que viera fazer?

Existia um modo de saber, e Marcus lembrou-se justamente de uma das lições de Clemente. Criminologistas e *profilers* chamavam de "o enigma da sala vazia". Partia-se do pressuposto de que todos os acontecimentos, até o mais insignificante, deixavam rastros que, com o passar dos minutos, perdiam sua latência.

Por isso, embora parecesse, aquele ambiente não estava vazio. Continha muitas informações. Marcus, porém, tinha pouco tempo para identificá-las e se

servir delas para reconstruir o acontecido.

A primeira abordagem era visual. Então, olhou ao seu redor. Uma estante metade vazia, com revistas balísticas e textos de direito. A julgar pela poeira que os cobria, serviam somente para causar boa impressão. Um sofá puído, duas pequenas poltronas diante de uma escrivaninha com uma cadeira giratória.

Reparou também na anacrônica combinação de uma televisão de plasma e um velho videocassete. Achava que aquele tipo de objeto já estivesse fora de uso. Mas o que mais o impressionou foi que não havia fitas de vídeo na sala.

Registrou o detalhe e foi em frente. Nas paredes havia diplomas que comprovavam a participação em estágios de especialização em técnicas investigativas. Uma licença vencida. A moldura, porém, estava torta. Marcus tirou-a, descobrindo um pequeno cofre. A porta estava apenas encostada. Abriu-o. Estava vazio.

Pensou na bolsa de couro com a qual Ranieri tinha saído do escritório. Podia ter levado algo. Dinheiro? Estava pensando em fugir? Do que ou de quem?

Passou a se interrogar sobre o estado das coisas. Quando chegou, a janela estava aberta. Por que o detetive particular a deixara assim?

Para arejar a sala, disse a si mesmo. E logo procedeu a um exame olfativo. Sentia-se um leve mas peculiar cheiro de queimado. Clorofila, pensou. E dirigiu-se ao cesto de lixo de papéis.

Havia uma folha só, enroscada pelo fogo.

Ranieri tinha não apenas pegado um objeto do escritório, antes de ir embora também havia se livrado de algo. Marcus retirou o que sobrava do pedaço de papel do fundo do cesto. Colocou-o na escrivaninha com cuidado. Dirigiu-se novamente ao banheiro, verificou o rótulo de um sabão líquido e levou-o. Molhou a ponta do dedo nele e, desdobrando a folha o melhor que pôde, deslizou-o sobre a parte mais escura, onde parecia estar escrito algo. Então, pegou um fósforo de uma caixa na mesa — da qual, de modo semelhante, Ranieri também tinha se servido pouco antes — e preparou-se para botar fogo na folha novamente. Antes de começar, porém, parou para se concentrar. Tinha apenas aquela tentativa à disposição, depois ela seria destruída para sempre.

Fora as enxaquecas, as alucinações auditivas e a sensação de perda, a amnésia tinha produzido pelo menos uma vantagem: fizera com que ele adquirisse uma capacidade mnemônica notável. Marcus tinha certeza de que a habilidade de aprender rapidamente dependia do espaço vazio em sua cabeça. E se dera conta de possuir também uma memória fotográfica perfeita.

Tomara que funcione, disse a si mesmo.

Acendeu o fósforo, pegou a folha e passou a chama debaixo dela, da esquerda para a direita, de acordo com o sentido de leitura.

A tinta começou a reagir com a glicerina contida no sabão. Queimando mais lentamente que o resto, criou uma espécie de contraste. Os caracteres de uma escrita feita à mão recompuseram-se fugazmente. Seus olhos corriam sobre a folha para captar as letras e os números que apareciam. O efeito exauriu-se em poucos instantes, terminando com uma lufada de fumaça cinza. Marcus tinha a resposta. O texto era um endereço: Via delle Comete, 19. Antes que tudo sumisse, porém, distinguira também os três pontinhos que formavam o símbolo do triângulo.

Com exceção do local indicado, era idêntico ao bilhete que Raffaele Altieri recebera.

14h

— Acho que não foi uma boa ideia.

Ao telefone, De Michelis foi bem direto. Sandra quase se arrependeu de tê-lo envolvido. O trânsito de Roma estava lento por causa da chuva e o táxi que tinha pegado na estação de trem prosseguia a solavancos.

O inspetor tinha a intenção de ajudá-la, mas não entendia a necessidade de ir até lá pessoalmente.

— Você tem certeza de que está fazendo a coisa certa?

Sandra tinha feito a mala, levando o necessário para ficar fora de casa alguns dias, além das fotos do filme da Leica, a agenda onde o marido tinha anotado aqueles endereços estranhos e o transceptor que encontrara na bolsa dele.

— David fazia um trabalho perigoso. Em comum acordo, estabelecemos que ele nunca me diria o destino de suas viagens. — Seu marido defendia que queria poupá-la daquilo que chamava de ânsia da mulher do soldado no front. — Por que me dizer aquela mentira no recado da secretária, então? Qual era a necessidade de afirmar que estava em Oslo? Eu fiquei pensando: que imbecil eu fui. Ele não queria me esconder alguma coisa, mas chamar a minha atenção.

— Tudo bem, talvez ele tivesse feito uma descoberta e queria proteger você, e agora você está se colocando em perigo sozinha.

— Não acho. David sabia que estava correndo risco e, caso acontecesse

alguma coisa com ele, queria que eu investigasse. Por isso me deixou pistas a serem seguidas.

— Você se refere ao que havia na velha máquina fotográfica?

— A propósito, você já descobriu a qual quadro pertence o detalhe do menino fugindo?

— Falando assim, não me diz nada. Preciso ver a imagem.

— Eu te mandei por e-mail.

— Você sabe que eu, com esse negócio de computador… Mas vou pedir para um dos rapazes baixar para mim. Darei notícias o quanto antes.

Sandra sabia que podia contar com ele. Tinha demorado cinco meses para lhe dizer que sentia muito que David tivesse morrido, mas no geral era um bom homem.

— Inspetor…

— Sim?

— Há quanto anos você é casado?

De Michelis riu.

— Vinte e cinco. Por quê?

Sandra repensara nas palavras de Shalber.

— Sei que é uma coisa pessoal… Mas você já duvidou da sua mulher?

O inspetor limpou a garganta.

— Uma tarde, Barbara me disse que estava indo visitar uma amiga. Eu sabia que estava me dizendo uma mentira. Sabe o sexto sentido que nós, policiais, temos?

— Sim, acho que o conheço. — Sandra não tinha certeza se queria saber aquela história. — Mas você não é obrigado a me falar da sua vida.

De Michelis seguiu com o relato, ignorando-a:

— Bem, resolvi segui-la, como eu teria feito com um criminoso comum. Ela não percebeu nada. Mas, a certa altura, parei e pensei no que estava fazendo. Então, decidi voltar atrás. Se quiser, pode chamar isso de medo. Não sei o que era. Na verdade, não me interessava se ela tinha mentido para mim. Se eu descobrisse que ela realmente estava indo à casa da amiga, pareceria que eu a estava traindo. Assim como eu tinha direito a uma mulher fiel, Barbara também merecia um marido que confiasse nela.

Sandra entendeu que o colega mais velho tinha dividido com ela algo que provavelmente nunca confidenciara a ninguém. Então, tomou coragem para lhe dizer o resto.

— De Michelis, queria lhe pedir outro favor…

— O que mais? — Ele fingiu estar aborrecido.

— Ontem à noite um tal de Shalber da Interpol me ligou. Ele acha que David está envolvido em algo suspeito e me pareceu um chato.

— Já entendi: vou levantar informações sobre ele. Só isso?

— Só, obrigada — disse Sandra, aliviada.

Mas De Michelis não tinha terminado.

— Me tire uma curiosidade: para onde você está indo agora?

Para onde tudo terminou, queria dizer Sandra.

— Para o prédio em construção de onde David caiu.

A ideia de morarem juntos tinha sido dela. Mas David aceitara de bom grado. Pelo menos era o que parecia para ela. Fazia poucos meses que se conheciam e ela ainda não tinha certeza se sabia interpretar as reações do homem que amava. Às vezes, ele conseguia ser realmente complicado. Ao contrário dela, David nunca era claro nas emoções. Quando discordavam, era sempre ela quem levantava a voz e se alterava. Ele mantinha um comportamento vagamente conciliador e, principalmente, distraído. Ou melhor, podia-se dizer que era só ela quem brigava. Sandra não podia deixar de pensar que o que David tinha não era desinteresse, mas uma estratégia precisa, em que, primeiro, fazia com que ela desabafasse e, depois, levava-a a abrir mão das próprias razões por causa da exasperação.

A demonstração mais apropriada para a sua teoria era o que acontecera um mês depois de ele se mudar para o seu apartamento.

Fazia uma semana que David estava com um humor estranho, silencioso, e Sandra tinha a impressão de que a evitava, até mesmo quando estavam sozinhos em casa. Embora naquele período não estivesse trabalhando, sempre tinha algo para fazer. Trancava-se no escritório ou consertava uma tomada elétrica, ou desentupia uma pia. Sandra sentia que havia alguma coisa errada, mas tinha medo de perguntar. Dizia a si mesma que precisava dar tempo a ele, que David não só não estava acostumado a ter um lugar para chamar de casa, como lhe faltava uma experiência de vida a dois. Com receio de perdê-lo, porém, também crescia a raiva por aquele seu comportamento evasivo. Estava prestes a explodir.

Aconteceu uma noite. Enquanto dormiam, sentiu a mão dele sacudindo-a para acordá-la. Depois de se dar conta de que eram só três horas da manhã, ainda atordoada pelo sono, perguntou o que diabos ele queria. David acendeu a luz e levantou-se na cama. Seu olhar vagava pelo quarto enquanto procurava as

palavras para lhe dizer o que há algum tempo estava remoendo na cabeça, isto é, que não podiam continuar assim, que se sentia desconfortável e que aquela situação, resumindo, estava ruim para ele.

Sandra se esforçava para compreender o sentido daquela conversinha, mas a única explicação que lhe vinha à cabeça era: Esse filho da mãe está terminando comigo. Com o orgulho ferido e incrédula diante do fato de ele não poder esperar a manhã seguinte para largá-la, levantou-se e, furiosa, começou a agredi-lo e a insultá-lo com frases impronunciáveis. Na ira, atirava no chão os objetos que estavam a seu alcance, entre eles o controle remoto, que, caindo, ligou a televisão. Àquela hora, só passavam filmes antigos, em preto e branco. Naquele momento transmitiam *O Picolino*, com Fred Astaire e Ginger Rogers, empenhados em um dueto musical.

A doce melodia, somada à histeria de Sandra, criava uma cena surreal.

Para piorar a situação, David não respondia, suportando passivamente e de cabeça baixa os impropérios. Quando, a certa altura, sua fúria estava irrefreável, Sandra viu-o colocar a mão debaixo do travesseiro e pegar uma caixinha de veludo azul, que, então, pôs no seu lado da cama com um sorriso sonso. Emudecida de repente, observou aquele estojinho, sabendo bem o que continha. Sentia-se uma idiota e não conseguiu impedir sua boca de ficar escancarada de espanto.

— Estava justamente tentando dizer — começou David — que não podemos continuar assim e que, na minha modestíssima opinião, deveríamos nos casar. Porque eu te amo, Ginger.

Disse isso — e era a primeira vez a primeira vez que lhe revelava o que sentia e a primeira vez que a chamava assim — por cima das notas de Fred cantando "Cheek to Cheek".

"Heaven, I'm in Heaven,
And my heart beats so that I can hardly speak;
And I seem to find the happiness I seek
When we're out together dancing cheek to cheek."

Sandra, sem nem perceber, começou a chorar. Jogou-se nos braços dele, porque precisava ser abraçada. Soluçando em seu peito, começou a tirar a roupa, movida pela urgência de fazer amor com ele. E assim continuaram até amanhecer. Não havia palavras para descrever o que sentiu naquela noite. Pura felicidade.

Em momentos como aquele compreendera que, com David, nunca existiriam situações tranquilas. Que os dois precisavam viver com ímpeto. Mas já abria caminho nela o temor de que, justamente por isso, tudo pudesse queimar rapidamente.

E assim aconteceu.

Três anos, cinco meses e um punhado de dias depois daquela noite única, Sandra encontrava-se no canteiro de obras abandonado de um prédio em construção, em frente ao ponto exato onde o corpo de David — o *seu* David! — tinha se espatifado no final da queda. Não havia sangue, a essa altura já lavado pelas intempéries. Gostaria de ter levado uma flor, mas não queria se deixar vencer demais pelas emoções. Tinha ido lá principalmente para entender.

Depois da queda, David agonizara a noite toda. Até que um homem de bicicleta, que passava por acaso, o notou, dando o alarme. Tarde demais, porém. Morreu no hospital.

Quando os colegas de Roma lhe descreveram a dinâmica do acidente, Sandra não se fez muitas perguntas. Por exemplo, não se perguntou se durante todo aquele tempo ele tinha ficado consciente. Preferiria pensar que tinha morrido imediatamente, e não por causa das numerosas fraturas e hemorragias internas. Mas, principalmente, manteve longe da sua mente a mais terrível das perguntas.

Se alguém tivesse reparado antes no homem que estava lá, agonizante, David poderia ter se salvado?

A lenta agonia reforçava a tese do acidente, assim como a presunção absurda de que um assassino certamente teria terminado o trabalho.

Sandra entreviu um lance de escadas à direita. Deixou sua bagagem e começou a subir, tomando cuidado porque não havia corrimão. No quinto andar faltavam todas as paredes divisórias. Havia apenas as pilastras separando as lajes. Aproximou-se do parapeito de onde David tinha escorregado. Ele tinha ido até lá à noite. Lembrou-se do diálogo ao telefone com Shalber na noite anterior.

"De acordo com a polícia, ele se encontrava naquele prédio em construção porque de lá ele teria uma ótima vista para tirar uma foto… Mas a senhora viu o lugar?"

"Não", respondera, irritada.

"Bem, eu estive lá."

"E o que quer dizer com isso?"

Mas ele acrescentara, irônico.

"A Canon do seu marido foi destruída na queda. Pena que nunca veremos

aquela foto."

Quando Sandra viu o que David tinha diante dele naquela noite, entendeu o porquê do sarcasmo do funcionário da Interpol. Havia uma enorme clareira asfaltada, rodeada por prédios. Que motivo ele tinha para tirar uma foto?, perguntou-se. E, ainda por cima, no escuro.

Havia levado uma das cinco imagens que estavam no filme da Leica. Não tinha se enganado: retratava exatamente aquele canteiro de obras, mas de dia. Depois de tê-la revelado, logo pensara que ele tinha ido ali para fazer um reconhecimento.

Sandra olhou em volta: devia haver um objetivo. Aquele lugar estava abandonado, não tinha nenhuma importância, pelo menos aparentemente.

Então, por que David fora até lá?

Tinha que raciocinar de outro jeito, mudar o foco, como dizia seu treinador na escola de polícia científica.

A verdade está nos detalhes, reafirmou para si mesma.

E era neles que devia procurar as respostas. Assim, preparou-se da mesma maneira como fazia nas cenas do crime que explorava com a máquina fotográfica. Tinha que ler a cena. De baixo para cima. Do geral para o específico. Como comparação, tinha a foto tirada por David com a Leica.

Preciso verificar os elementos presentes na imagem, disse a si mesma. Como naquelas brincadeiras de adivinhação em que é preciso encontrar as diferenças entre dois desenhos aparentemente idênticos.

Considerando os limites traçados na fotografia, começou pelo chão, avançando metro por metro. Levou o olhar ao que estava na sua frente e depois o levantou até o teto. Procurava um sinal, algo que estivesse gravado no cimento. Não havia nada.

Fez uma análise da massa de pilastras. Uma de cada vez. Algumas haviam sofrido pequenos danos no decorrer daqueles cinco meses, também devido ao fato de que estavam sem reboco e, portanto, mais expostas ao desgaste do tempo.

Quando chegou ao lado da pilastra mais à direita, em direção ao parapeito, percebeu que era diferente da foto. Era um detalhe pequeno, mas podia ser significativo. Na época em que David fez o reconhecimento do local, a pilastra apresentava um vão horizontal na base. Agora estava coberto.

Sandra inclinou-se para olhá-lo melhor. De fato, havia algo que o obstruía. Era uma tira de gesso acartonado. Parecia feita propositalmente para alojar algo. Sandra retirou-a e o que viu deixou-a perplexa.

Na fenda estava o gravador de voz de David. Aquele que lembrava não ter

encontrado na bolsa dele, apesar de estar presente na lista que seu marido usava para fazer as malas.

Sandra pegou-o, soprou em cima dele para tirar a poeira. Media uns 10 centímetros, era fino e tinha memória digital. Aquele modelo substituíra os velhos toca-fitas.

Observando-o na palma da mão, Sandra se deu conta de estar com medo. Só Deus sabia o que podia haver ali dentro. Era possível que David o tivesse escondido naquele lugar, indicando o esconderijo com a foto por segurança. Depois voltara para pegá-lo e caíra lá embaixo. Ou que tivesse gravado algo exatamente naquele lugar. Talvez na mesma noite em que morrera. A propósito, Sandra lembrou que o dispositivo podia ser acionado a distância. Bastava um barulho, e a gravação começava.

Tinha que decidir, não podia mais esperar. Mas sua hesitação vinha da consciência de que aquilo que ouviria poderia mudar para sempre a certeza de que David fora vítima de um acidente. O preço de uma coisa assim era, talvez, não se resignar mais. Procurar sempre a verdade. O risco era nunca encontrá-la.

Sem demorar mais, acionou o dispositivo e esperou.

Duas tosses. Certamente um recurso para dar partida na gravação a distância. Depois, a voz de David, soturna, distante, ofuscada pelo chiado. E fragmentada.

"… estar sozinhos… estava esperando desde então…"

O tom era tranquilo. Mas Sandra sentiu certo desconforto ao escutar novamente a voz dele depois de tanto tempo. Acostumara-se com a ideia de que ele não falaria mais com ela. Agora temia que a comoção a dominasse, quando deveria ficar lúcida. Esforçou-se, dizendo a si mesma que se tratava de uma investigação e que precisava manter uma abordagem profissional.

"… não existe… devia ter imaginado… decepção…"

As frases estavam picotadas demais para poder compreender o assunto da conversa.

"… estou a par… tudo… todo esse tempo… não é possível…"

Para Sandra, aquelas informações salpicadas não faziam sentido. Mas depois veio uma frase completa.

"… procurei-o por muito tempo, finalmente o encontrei…"

Do que David estava falando e com quem? Não se entendia.

Achou que poderia reproduzir a gravação e fazer um técnico de som escutá-la e limpá-la do chiado. Era a única possibilidade a essa altura. Estava quase desligando o aparelho quando ouviu outra voz.

"… sim, sou eu…"

Sandra sentiu um frio repentino. Agora tinha a confirmação: David não estava sozinho. Por isso quis gravar aquele diálogo. O que se seguiu foram apenas frases nervosas. A situação, por algum motivo, havia mudado. Agora, o tom de seu marido era assustado.

"… espere… não é possível… acreditar realmente… eu não… o que posso… não… não… não!"

O barulho de uma luta. Corpos se revirando no chão.

"… Espere… Espere!… Espere!…"

E, depois, um grito extremo, desesperado, que se afastava prolongando-se, até sumir no silêncio.

O gravador caiu de sua mão e Sandra apoiou as duas palmas no cimento. Uma ânsia sacudiu-a violentamente e ela vomitou. Uma, duas vezes.

David tinha sido assassinado. Alguém o empurrara lá para baixo.

Sandra queria gritar. Queria não estar ali. Queria não ter conhecido David, não saber nada sobre ele. Não tê-lo amado. Uma coisa terrível de se pensar, mas era a verdade.

Barulho de passos se aproximando.

Sandra virou-se para o gravador. Aquele negócio não tinha terminado com ela e ainda exigia sua atenção. Parecia que o assassino conhecia a localização do microfone.

Os passos pararam.

Passaram-se alguns segundos, depois aquela voz novamente. Mas dessa vez não eram palavras. Cantava.

"Heaven, I'm in Heaven,
And my heart beats so that I can hardly speak;
And I seem to find the happiness I seek
When we're out together dancing cheek to cheek."

15h

A via delle Comete ficava na periferia. Marcus demorou um pouco para chegar até lá com o transporte público. O ônibus deixou-o em um ponto pouco distante. Continuou a pé por 200 metros. Ao seu redor, campos não cultivados e galpões

industriais. Os prédios populares eram afastados uns dos outros, formando um arquipélago de cimento. No meio, destacava-se uma igreja de arquitetura modernista, tão distante da graça das que enfeitavam há séculos o centro da cidade. Grandes avenidas canalizavam o tráfego, dividido pela eficiência dos semáforos.

No número 19 havia um galpão industrial com ar de abandonado. Antes de entrar para verificar o que havia no endereço anotado no papel com o símbolo do triângulo que encontrara no escritório de Ranieri, Marcus parou para examinar a situação. Não queria correr riscos inúteis. Do outro lado da rua havia uma bomba de gasolina com um lava-jato e um bar. Havia um vaivém contínuo de clientes. Ninguém parecia interessado na fábrica. Marcus aproximou-se aos poucos do posto de gasolina, fingindo esperar alguém que estava demorando. Ficou observando a cena por cerca de meia hora. Enfim, convenceu-se de que o lugar não era vigiado.

Diante do galpão, havia uma clareira de terra. A chuva a transformara em um pântano. Ainda se podiam ver as marcas deixadas pelos pneus. Provavelmente as do Subaru verde de Ranieri, logo pensou Marcus, lembrando-se de ter reparado que estava sujo de lama.

O detetive tinha estado ali. Depois havia voltado correndo ao seu escritório para destruir o bilhete. Enfim, saíra levando algo do cofre.

Marcus tentou juntar aqueles elementos para extrair deles um quadro completo. Mas a única coisa que voltava à sua cabeça era o cuidado de Ranieri.

Só um homem que teme algo toma tantas providências, pensou. O que viu para estar tão assustado?

Marcus evitou usar a entrada principal do galpão, procurando uma entrada lateral. Abriu caminho entre os espinheiros que circundavam o edifício baixo de planta retangular. Com aquele telhado convexo de chapa de metal, parecia um hangar. Achou uma porta corta-fogo. Talvez Ranieri tivesse passado por ali também, porque estava encostada. Com um pouco de dificuldade e puxando a porta com ambas as mãos, conseguiu abri-la o suficiente.

No interior, uma luz poeirenta enchia um enorme espaço quase vazio, a não ser por alguns maquinários amontoados e as roldanas que pendiam do teto. A chuva que vazava pelo telhado estagnava-se em poças escuras.

Marcus movimentou-se para olhar em volta, e seus passos ecoavam. No fundo do local, uma escada de ferro levava a um patamar mais elevado, com um pequeno escritório. Aproximou-se e um detalhe logo saltou aos seus olhos. O corrimão estava sem poeira. Alguém se dera ao trabalho de limpá-lo, talvez para

apagar as próprias impressões digitais.

O que quer que aquele lugar escondesse, devia estar lá em cima.

Começou a subir, prestando atenção em onde colocava os pés. Na metade da escada, o cheiro o alcançou. Era inconfundível. Se alguém o sentisse uma vez, poderia reconhecê-lo em qualquer lugar. Marcus não lembrava onde e quando acontecera seu primeiro encontro com aquele miasma. Mas uma parte oculta nele não havia esquecido. Eram os joguetes da amnésia. Poderia ter se lembrado do cheiro das rosas ou do peito de sua mãe. Em vez disso, reconhecia o cheiro de cadáver.

Cobriu o nariz e a boca com a manga do impermeável e subiu os últimos degraus. Entreviu os corpos da soleira do escritório. Estavam próximos. Um de barriga para cima, o outro de quatro. Os dois apresentavam um furo de bala que atravessava o crânio. Uma execução feita no capricho, concluiu Marcus.

O fogo cuidara de agravar o já avançado estado de decomposição. Alguém tinha tentado queimá-los com álcool ou gasolina, mas as chamas haviam atacado apenas a parte superior dos corpos, deixando a inferior íntegra. Quem quer que tenha sido, no fim conseguira apenas torná-los irreconhecíveis. Marcus compreendeu que devia se tratar de criminosos por um detalhe: se não eram fichados, por que se dar ao trabalho de tirar suas mãos?

Contendo uma ânsia de vômito, aproximou-se para olhar melhor.

Tinham sido removidas na altura dos pulsos, os tecidos pareciam arrancados, mas no osso havia algumas escoriações regulares. Como as que costumavam ser deixadas por um instrumento serrilhado, como um serrote.

Levantou a calça de um dos dois, descobrindo seu tornozelo. A pele, naquele ponto, não apresentava queimaduras. Pela cor arroxeada, pôde estabelecer que a morte datava, aproximadamente, de pouco menos de uma semana. Os cadáveres estavam inchados, mas também pareciam debilitados. A fisionomia típica de quem ultrapassou os 50 anos.

Não sabia quem eram, provavelmente nunca saberia. Mas agora tinha uma ideia da identidade deles. Provavelmente, quem estava diante dele eram os assassinos de Valeria Altieri e de seu amante.

A questão era entender quem os matara e por que depois de tanto tempo.

Assim como Raffaele fora convidado a se dirigir ao apartamento de Lara por uma carta anônima, Ranieri fora chamado àquela fábrica com o bilhete que Marcus achara em seu escritório.

O detetive encontrara os dois homens, que talvez tivessem sido levados até lá com um recurso semelhante, e os matara.

Não se sustentava.

Ranieri estivera ali poucas horas antes e, se os dois estavam mortos havia uma semana, tinha voltado para fazer o quê? Talvez tocar fogo neles ou tirar suas mãos, ou simplesmente conferir a situação. Mas por que enfrentaria um risco tão grande? E, além do mais, por que estava assustado? Por que fugia e de quem?

Não, outra pessoa os matou, pensou Marcus. E, se não se desfez dos cadáveres, então queria justamente que fossem encontrados.

Aqueles dois não deviam ter muita importância. Talvez fossem apenas executores. Na mente de Marcus voltou a ideia de que o caso Altieri tivesse um mandante específico. Ou talvez mais de um mandante. Embora não a descartasse, não gostava da última opção. Até por causa do ritual executado no quarto, a hipótese de uma seita voltava com vigor. Um grupo oculto capaz de eliminar qualquer ligação que pudesse levar a ele, mesmo a custo de matar dois de seus próprios acólitos.

Marcus intuía que naquele momento estavam operando duas entidades, opostas e conflitantes. Uma empenhada em desvendar o mistério pelo envio de mensagens anônimas. A outra, por sua vez, voltada para a defesa da própria invisibilidade e dos próprios objetivos.

O ponto de união só podia ser Ranieri.

O detetive particular sabia de algo, Marcus tinha certeza disso. Assim como estava convicto de que, no fim, encontraria uma ligação com Jeremiah Smith e o desaparecimento de Lara.

Estranhas e obscuras forças estavam em jogo. E, naquele momento, Marcus sentia-se um joguete à mercê dos acontecimentos. Precisava definir seu próprio papel, e para isso era necessário enfrentar Ranieri.

Achou que já havia aguentado por tempo suficiente o fedor dos cadáveres. Antes de ir, teve o instinto de fazer o sinal da cruz, mas se deteve. Provavelmente aqueles dois não mereciam.

Ranieri havia sido convocado ao galpão com uma mensagem anônima. Dirigiu-se ao local naquela manhã e viu os cadáveres. Depois, voltou ao escritório para destruir o bilhete. Então, saiu correndo, levando algo que guardava no cofre.

Marcus continuava ruminando sobre essa sequência de acontecimentos. Mas sentia que ainda faltava uma passagem fundamental.

No meio-tempo, tinha recomeçado a chover. Saiu do galpão e dirigiu-se à clareira em frente. Enquanto a percorria, tomando cuidado para não se sujar

com a lama daquele pântano, entreviu um detalhe que não havia notado antes.

No chão havia uma mancha escura e, um pouco mais para lá, havia outra. Eram parecidas com a que tinha visto embaixo do prédio do escritório de Ranieri naquela manhã, no asfalto do lugar onde o Subaru verde estava estacionado.

Se a chuva não conseguia lavá-las, então devia ser uma substância oleosa. Marcus abaixou-se para conferir, verificando que se tratava de lubrificante.

Evidentemente o carro também tinha parado diante da fábrica abandonada. Mas ele já deduzira isso pelo fato de a carroceria estar enlameada. Em um primeiro momento, Marcus considerara que as duas coisas estivessem relacionadas, deduzindo que Ranieri tivesse danificado e sujado o carro no mesmo momento. Mas olhou em volta e não viu buracos ou pedras salientes que pudessem causar estragos. Portanto, o dano tinha acontecido antes e em outro lugar.

E onde estivera Ranieri antes de ir ali?

Marcus levou uma mão à cicatriz na têmpora. Sua cabeça pulsava, estava quase tendo outra enxaqueca. Precisava de um remédio para dor e algo para comer. Percebeu que havia chegado a um beco sem saída e precisava encontrar um jeito de ir em frente. Quando viu seu ônibus aproximando-se do ponto, apressou o passo para alcançá-lo. Conseguiu subir e se sentou em um dos últimos lugares, ao lado de uma senhora idosa com as sacolas das compras, que observou sua maçã do rosto inchada e o lábio rachado, frutos da agressão de Raffaele Altieri. Marcus, por sua vez, ignorou-a, cruzou os braços sobre o peito e esticou as pernas debaixo do assento da frente. Fechou os olhos, tentando deixar de lado o martelo que batia em sua cabeça. Deslizou para um sono leve. As vozes e os barulhos ao redor lhe permitiam flutuar naquela espécie de vigília, mas, principalmente, o impediam de sonhar. Quantas vezes tinha entrado em um ônibus como aquele ou em um vagão do metrô e adormecera? Indo para a frente e para trás entre os pontos finais, sem uma meta, para descansar escapando do sonho recorrente em que morria junto com Devok. O meio de transporte, com seu andar lento, o ninava. Parecia que uma força invisível tomava conta dele. E sentia-se salvo.

Reabriu os olhos porque fazia alguns minutos que não sentia mais o agradável balanço, e os passageiros que o rodeavam tinham ficado agitados de repente.

De fato, estavam parados e alguns reclamavam por causa do tempo que perdiam atrás de outros veículos. Marcus olhou pela janela, tentando entender onde estavam. Reconheceu os prédios todos iguais que costeavam a marginal.

Levantou-se do lugar e, abrindo caminho, foi até a parte da frente do ônibus. O motorista não havia desligado o motor, mas estava de braços cruzados.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Um acidente — respondeu ele, sem dar detalhes. — Acho que vamos demorar um pouco para passar.

Marcus olhou os carros diante deles. Transitavam, um de cada vez, por um espaço formado ao lado da pista, costeando o teatro do acidente, que parecia envolver mais de um veículo.

O ônibus avançava aos solavancos. Quando finalmente chegou a vez deles, um policial rodoviário indicou com o sinalizador para acelerarem. O motorista embocou no afunilamento. Marcus estava em pé ao lado dele quando passaram pelo aglomerado de chapas retorcidas e queimadas. Os bombeiros estavam acabando de apagar o incêndio.

Reconheceu o Subaru verde de Rainieri por um pedaço do capô poupado pelas chamas. No interior, o corpo do motorista havia sido coberto com um lençol.

Marcus entendeu a razão das manchas de lubrificante que o carro do detetive tinha disseminado em todas as paradas. Tinha se enganado: não estavam relacionadas a um lugar visitado antes por Ranieri, onde danificara o Subaru. Devia se tratar do óleo de freio que alguém havia alterado.

O acidente não podia ser uma simples fatalidade.

17h07

A música era para ela. Um recado claro. Deixe para lá. Não investigue. É melhor para você. Ou o exato oposto.

Venha me procurar.

A água do chuveiro irrompia sobre sua nuca. Sandra estava imóvel, com os olhos fechados, as mãos apoiadas nos azulejos. Na cabeça, ouvia a melodia de "Cheek to Cheek" novamente, misturada com as últimas palavras de David no gravador.

— Espere! Espere! Espere!

Decidira que não choraria mais até o fim daquela história. Estava com medo, mas não recuaria. Agora sabia.

Alguém estava envolvido na morte de seu marido.

O coração machucado de uma esposa podia trocar essa descoberta pela ilusão de que houvesse um remédio para o irreversível. A ideia de poder fazer algo, de reparar, pelo menos em parte, uma perda absurda e injusta, estranhamente tinha o poder de consolá-la.

Hospedara-se em um hotel modesto de uma estrela nos arredores da estação de trem Termini, frequentado principalmente por comitivas de peregrinos vindos para visitar os locais da cristandade.

David alojara-se lá quando estivera em Roma. Sandra havia pedido o mesmo quarto, que, para sua sorte, estava vago. Para fazer sua própria investigação, precisava reproduzir, ao seu redor, as condições em que ele tinha agido.

Mas por que, depois da descoberta da gravação, não tinha ido logo à polícia para denunciar o acontecido? Não é que desconfiasse dos colegas, tinha certeza disso. O marido de uma deles havia sido assassinado, dariam prioridade ao caso. Era a praxe não escrita, uma espécie de código de honra. Poderia mencionar o caso a De Michelis pelo menos. Continuava a repetir para si mesma que preferia juntar provas suficientes para facilitar o trabalho deles. Mas o verdadeiro motivo era outro. Embora evitasse admiti-lo.

Saiu do banho e enrolou-se na toalha. Pingando, voltou para o quarto, colocou a mala de rodinhas em cima da cama e começou a esvaziá-la até achar o que tinha colocado bem no fundo.

Seu revólver regulamentar. Conferiu o cartucho e a trava de segurança, e então o colocou em cima da mesinha da cabeceira. A partir daquele momento, ela o levaria sempre consigo.

Vestiu apenas a calcinha e começou a arrumar o resto. Tirou a pequena televisão da prateleira onde estava e ali apoiou o transceptor, a agenda de David com aqueles estranhos endereços e o gravador de voz. Com uma fita adesiva, grudou na parede as cinco fotos que tinha revelado da Leica. A primeira era a do canteiro de obras e já a utilizara. Depois, havia a foto completamente escura, mas decidiu guardá-la mesmo assim. Então, a foto com o homem com a cicatriz na têmpora. Depois o detalhe do quadro e, enfim, a imagem de seu marido acenando enquanto, ao mesmo tempo, tirava uma foto de si mesmo com o torso nu diante do espelho.

Sandra virou-se em direção ao banheiro. Aquela última foto havia sido tirada exatamente ali.

À primeira vista, podia parecer um daqueles gestos espirituosos típicos dele, como quando lhe mandara as imagens de um almoço à base de sucuri assada em

Bornéu, ou as fotos em que estava recoberto de sanguessugas em um pântano na Austrália.

Mas, à diferença daquelas fotos, nessa David não sorria.

Por isso, talvez aquilo que, em um primeiro momento, lhe parecera o triste aceno de um fantasma ocultava outra mensagem para ela. Talvez Sandra tivesse que procurar naquele quarto, porque David havia escondido algo ali e queria que ela o encontrasse.

Começou uma inspeção. Tirou os móveis do lugar, procurou debaixo da cama e no armário. Apalpou o colchão e os travesseiros com cuidado. Desmontou a tampa do telefone e da televisão para olhar no interior. Conferiu os tijolos do chão e os rodapés. Por fim revistou cuidadosamente o banheiro.

Fora as provas de uma limpeza escassa, não encontrou nada.

Haviam se passado cinco meses, talvez algo tivesse sido mudado ou removido. Amaldiçoou a si mesma, mais uma vez, por ter esperado tanto antes de conferir o que havia nas bolsas de David.

Sentada no chão, ainda sem roupa, começou a sentir frio. Puxou a colcha desbotada para cima dela e ficou assim, tentando fazer com que a frustração não prevalecesse sobre o raciocínio. Naquele momento, seu celular começou a vibrar.

— Então, seguiu o meu conselho, agente Vega?

Demorou um pouco para reconhecer o dono do sotaque alemão que acompanhava aquele tom de voz irritante.

— Shalber, eu estava mesmo esperando sua ligação.

— A bagagem de seu marido ainda está no depósito de achados ou posso dar uma olhada nela?

— Se há uma investigação em andamento, faça o pedido a um juiz.

— Você sabe melhor do que eu que a Interpol pode apenas prestar assistência às forças da ordem oficiais de um país. Eu não gostaria de incomodar seus colegas, os pouparia do trabalho com prazer.

— Não tenho nada a esconder. — Aquele homem tinha o poder de lhe dar nos nervos.

— Onde você está agora, Sandra? Posso chamá-la de Sandra, certo?

— Não, e não é da sua conta.

— Estou em Milão. Poderíamos tomar um café ou o que preferir.

Sandra precisava evitar que ele soubesse que ela estava em Roma a todo custo.

— Por que não? O que acha de amanhã à tarde? Pelo menos vamos

esclarecer essa história.

Shalber deixou-se levar por uma grande risada.

— Acho que nós dois vamos nos dar muito bem.

— Não se iluda. Não gosto do seu jeito de agir.

— Imagino que tenha pedido a um de seus superiores que se informasse a meu respeito.

Sandra calou-se.

— Fez bem. Ele lhe dirá que sou um sujeito que não desiste facilmente.

Aquela frase lhe soou como uma ameaça. Não podia se deixar intimidar.

— Me diga, Shalber, como foi parar na Interpol?

— Eu trabalhava na polícia em Viena. Divisão de homicídios, antiterrorismo, antidroga: um pouco de tudo. Me fiz notar e a Interpol me chamou.

— E, para eles, cuida de quê?

Shalber fez uma pausa de efeito, o tom brincalhão sumiu.

— Sou responsável pelos mentirosos.

Sandra sacudiu a cabeça, divertida.

— Sabe de uma coisa? Eu deveria desligar o telefone na sua cara, mas ainda estou curiosa para ouvir o que tem pra me dizer.

— Quero lhe contar uma história.

— Se acha mesmo indispensável…

— Em Viena, eu tinha um colega. Estávamos investigando uma gangue de contrabandistas eslavos, mas ele tinha o mau hábito de não compartilhar as informações, porque era ávido por fazer carreira. Tirou uma semana de férias e me disse que levaria a mulher em um cruzeiro. Em vez disso infiltrou-se entre aqueles criminosos, mas eles o descobriram. Torturaram-no por três dias e três noites, até porque ninguém iria procurá-lo, e depois o mataram. Se tivesse confiado em mim, talvez hoje estivesse vivo.

— Bela história. Aposto que você a conta sempre que quer impressionar uma garota — afirmou, sarcástica.

— Pense nisso, todos nós precisamos de alguém. Ligo para você amanhã para aquele café.

Desligou. Sandra ficou se perguntando o que ele quis dizer com a última frase. A única pessoa de quem precisava não existia mais. E David? De quem ele precisara? Ela tinha certeza de que era a destinatária das pistas que ele tinha espalhado antes de ir embora para sempre?

Quando ainda estava vivo, ele a mantivera fora da investigação, não lhe

fizera entender que estava correndo riscos. Mas estava sozinho em Roma? No celular de David não constavam ligações recebidas ou feitas a números desconhecidos. Aparentemente, não mantinha contato com ninguém. Mas e se, em vez disso, tivesse recebido uma ajuda de algum tipo?

Essa dúvida ficou mais concreta quando seus olhos pousaram sobre o transceptor. Perguntava-se o que David fazia com aquilo. E se servia para se comunicar com alguém.

Levantou-se, aproximando-se da prateleira. Pegou o rádio e observou-o com olhos diferentes. Estava sintonizado no canal 81. Talvez devesse mantê-lo ligado, quem sabe alguém tentaria contatá-lo.

Acionou o interruptor e aumentou o volume. Certamente não esperava ouvir nada. Colocou-o na prateleira novamente e virou-se para a mala para pegar a roupa.

Naquele momento começou uma transmissão.

Era a voz fria e monocórdia de uma mulher relatando que estava acontecendo uma rixa entre traficantes na via Nomentana. As patrulhas da área eram convidadas a intervir.

Sandra virou-se para observar o rádio. Estava sintonizado na frequência usada pela central de operações da polícia de Roma para se comunicar com as viaturas.

Então, compreendeu também o sentido dos endereços na agenda de David.

19h47

Marcus voltou ao sótão na via dei Serpenti. Sem acender a luz ou tirar o impermeável, deitou na cama, encolhendo-se com as mãos entre os joelhos. O cansaço da noite insone começava a se fazer sentir e chegavam os primeiros sintomas de mais uma enxaqueca.

A morte do detetive particular representava um impasse em sua investigação. Todo aquele esforço por nada.

O que Ranieri tinha tirado do cofre de seu escritório naquela manhã?

Provavelmente, o que quer que fosse, fora destruído na fogueira do Subaru. Por isso, Marcus tirou do bolso a pastinha com o dossiê sobre o caso *c.g. 796-74-8*. Não precisava mais dela. Jogou-a longe, e as folhas se espalharam pelo chão. A lua iluminou os rostos daqueles que estavam implicados em um velho

homicídio de quase vinte anos. Tempo demais para se chegar a uma verdade, pensou. E esta lhe bastaria, no lugar da justiça. Agora, porém, tinha que recomeçar do zero. Sua prioridade era Lara.

Valeria Altieri observava-o de um recorte de jornal. Sorria na foto de uma festa de réveillon, elegantíssima. Seus cabelos loiros, as formas de seu corpo perfeitamente delineadas pelo vestido. Os olhos dotados de um magnetismo único.

Pagara com a vida por tanta beleza.

Se tivesse sido uma mulher menos atraente, talvez ninguém houvesse se interessado por sua morte.

Marcus pegou-se involuntariamente raciocinando sobre os motivos pelos quais os assassinos a escolheram. Exatamente como Lara, que, por algum motivo obscuro, tinha sido designada por Jeremiah Smith.

Até aquele momento, pensara em Valeria como a mãe de Raffaele. Após ter visto as marcas ensanguentadas dos pezinhos no carpete branco do quarto, não conseguira se concentrar somente nela.

Sempre existe uma razão pela qual atraímos a atenção dos outros, disse a si mesmo. Não acontecia com ele, ele era invisível. Mas Valeria era uma mulher em evidência.

A palavra EVIL desenhada na parede atrás da cama. As numerosas facadas desferidas nas vítimas. O assassinato acontecido entre as paredes domésticas. Tudo para se fazer notar. O homicídio havia sido clamoroso não apenas porque estava relacionado a uma expoente da alta sociedade e seu igualmente famoso amante. Mas também pelo modo como acontecera.

Parecia encenado de propósito para as revistas sensacionalistas, embora nenhum paparazzo tenha imortalizado a cena do crime.

Um espetáculo do horror.

Marcus sentou-se na cama. Algo estava germinando na mente dele. *Anomalias*. Acendeu a luz e pegou o perfil de Valeria Altieri do chão. Aquele sobrenome pomposo pertencia ao marido. Quando solteira, chamava-se Colmetti: um nome um pouco inadequado para escalar o *jet set*. Vinha de uma pequena família burguesa, o pai era um assalariado. Frequentou a escola de magistério, mas seu verdadeiro talento era a beleza. Uma propensão natural para fazer os homens perderem a cabeça. Aos 20 anos tentou o sucesso como atriz de cinema, mas conseguiu apenas alguns papéis de figurante. Marcus podia imaginar quantos homens tinham tentado levá-la para a cama com a promessa de um papel de destaque. Talvez, no início, Valeria tivesse até ido. Quantos

elogios de duplo sentido, quantos apertões indesejados, quantos coitos sem prazer precisou suportar para realizar seu sonho?

E então, um dia, Guido Altieri apareceu em sua vida. Um rapaz bonito, poucos anos mais velho que ela. De família conhecida e respeitável. Advogado com o futuro garantido. Valeria sabia que não era capaz de amar alguém exclusivamente. Guido, no fundo, tinha consciência de que aquela mulher nunca pertenceria a ninguém — egoísta demais, achava-se bonita demais para um homem só —, mas ainda assim lhe pediu em casamento.

Foi aí que começou tudo, pensou Marcus, enquanto se levantava à procura de papel e caneta para fazer anotações. O casamento foi somente o início, o primeiro ato de uma cadeia de acontecimentos aparentemente felizes e invejáveis, mas que inevitavelmente levariam ao massacre do quarto.

Achou um bloco. Na primeira folha, reproduziu o símbolo do triângulo. Na segunda, escreveu EVIL.

Valeria Altieri representava tudo aquilo que os homens queriam, mas que nenhum podia ter. O desejo, principalmente quando é incontrolável, nos faz cometer gestos dos quais não acreditávamos ser capazes. Corrompe, consome e, às vezes, pode virar uma motivação para matar. Principalmente quando se transforma em algo perigoso.

Uma obsessão, reforçou Marcus, pensando naquela que afligia Raffaele Altieri.

Se o rapaz era atormentado pela ideia de uma mãe que mal conhecera, então talvez outra pessoa também tivesse experimentado aquela sensação. E qual é a única solução nesses casos? Marcus teve medo de responder. Disse em voz baixa. Uma palavra só.

— Destruição.

Aniquilar o objeto que causa obsessão, torná-lo incapaz de nos ferir novamente. E assegurar-se de que isso valha para sempre. Para atingir o objetivo, em certos casos a morte não é suficiente.

Marcus arrancou do bloco as folhas com o símbolo e a palavra escrita. Segurou-as nas mãos, movendo o olhar de uma para a outra, na tentativa de captar a chave que abriria aquele mistério.

Sentiu, às suas costas, a pontada de um olhar insistente. Virou-se e viu quem o observava. Era seu reflexo no vidro da janela. O homem que detestava olhar-se no espelho, entretanto, dessa vez não se mexeu.

Leu o escrito que se refletia — EVIL, o mal —, mas ao contrário.

— Um espetáculo do horror — repetiu para si mesmo. E entendeu que o

grito de mulher que lhe parecera vir do escritório de Ranieri não era uma alucinação acústica. Era real.

A grande mansão de tijolos vermelhos ficava imersa no verde e na tranquilidade do prestigioso bairro Olgiata. Em volta, um exuberante jardim inglês e uma piscina. A casa de dois andares estava iluminada.

Marcus percorreu a alameda da entrada. Poucos eleitos tinham o privilégio de atravessar os portões daquelas moradias. Mas, para ele, não fora difícil entrar. Nenhum sistema de alarme havia disparado, nenhum vigia particular havia acorrido. E isso significava somente uma coisa.

Alguém dentro da mansão esperava uma visita.

A porta de vidro estava aberta. Atravessou a soleira e viu-se em uma elegante sala de estar. Nenhuma voz, nenhum barulho. À sua direita havia uma escada. Começou a subir. Daquele ponto em diante, as luzes estavam apagadas, mas de um quarto no fundo do corredor viam-se os bruxuleios de uma chama. Marcus seguiu-os, certo de que, ao fim daquele percurso, encontraria o que procurava.

O homem estava no escritório. Afundado em uma poltrona de couro, de costas para a porta, com um copo de conhaque na mão. Ao seu lado, uma lareira acesa. Diante dele — novamente, como no escritório de Ranieri —, a combinação destoante de uma televisão de plasma e um videocassete.

Tinha percebido que não estava mais sozinho.

— Mandei todos embora. Não há mais ninguém em casa. — O advogado Guido Altieri parecia querer enfrentar seu destino pragmaticamente. — Quanto você quer?

— Não quero dinheiro.

O advogado fez menção de se virar.

— Quem é você?

Marcus o deteve.

— Se não se incomodar, prefiro que não veja meu rosto.

Altieri contentou-o.

— Não quer me dizer quem é, mas não veio por dinheiro. Então o que o traz à minha casa?

— Quero entender.

— Se chegou até aqui, já sabe tudo.

— Ainda não. Pretende me ajudar?

— Por quê?

— Porque, além da sua vida, ainda pode salvar a de uma inocente.

— Estou ouvindo.

— Você também recebeu uma mensagem anônima, não é? Ranieri está morto, os dois sicários foram fulminados a tiros de revólver e depois queimados. E, agora, você deve estar se perguntando se fui eu que mandei todos aqueles recados.

— O que recebi anunciava uma visita para esta noite.

— Não fui eu, e não estou aqui para lhe fazer mal.

Na mão de Altieri, o copo de cristal refletia o fogo da lareira. Marcus fez uma pausa antes de ir ao ponto.

— No homicídio de uma adúltera, o primeiro suspeito é sempre o marido — citou as palavras de Clemente, embora aquela motivação tivesse lhe parecido de início elementar demais. — O crime na véspera de uma festividade religiosa, a noite de lua nova… Tudo coincidência. — Os homens, às vezes, deixam-se levar pela superstição, pensou. E, para preencher o vazio da dúvida, estão dispostos a acreditar em qualquer coisa. — Nenhum ritual, nenhuma seita. O escrito atrás da cama, EVIL, não era uma ameaça, mas uma promessa… Lido ao contrário é LIVE, ao vivo. Uma brincadeira, talvez, mas talvez não… Um recado que devia chegar até Londres, onde você estava: o trabalho tinha sido executado como solicitado, podia voltar para casa… Aquelas marcas no carpete, o triângulo esotérico, não eram um símbolo. Alguma coisa foi colocada sobre a poça de sangue ao lado da cama e depois levada para o outro lado. Simples assim. Um ser de três patas e um olho só. Uma câmera de vídeo sobre um tripé que mudava o enquadramento.

Marcus relembrou o grito de mulher que tinha ouvido do escritório de Ranieri. Não era uma alucinação acústica. Era Valeria Altieri. Provinha da fita de vídeo que o detetive particular guardava no cofre e a que tinha assistido antes de levá-la com ele na bolsa de couro.

— Ranieri organizou o homicídio, você apenas o encomendou. Mas, depois da mensagem anônima e dos cadáveres, àquela altura o detetive tinha certeza de que alguém sabia a verdade. Sentia-se acuado, temia que o quisessem encurralar. Estava paranoico. Voltou correndo ao seu escritório, queimou o bilhete. Se alguém tinha encontrado os sicários depois de quase vinte anos, podia ter encontrado também um jeito de substituir a fita no cofre, e ele conferiu isso antes de levá-la embora… Me diga, doutor: a fita que estava com o detetive era uma cópia ou a original?

— Por que me pergunta isso?

— Porque foi destruída na fogueira do carro dele. E, sem ela, nunca haverá justiça.

— Uma triste fatalidade — comentou Altieri, sarcástico.

Marcus observou novamente o videocassete debaixo da televisão de plasma.

— Foi um pedido seu, não foi? Você não podia se contentar com a morte de sua mulher. Não, você tinha que vê-la. Mesmo correndo o risco de ser ridicularizado: o marido traído pela esposa enquanto viajava para o exterior, sob o teto da casa da família, no leito conjugal. Teria sido o deboche e a diversão de todos, mas pelo menos você teria sua vingança.

— Você não consegue entender.

— Pelo contrário, posso surpreendê-lo. Para você, Valeria era uma obsessão. O divórcio não seria suficiente. Não conseguiria esquecê-la.

— Era uma daquelas mulheres que podiam fazer você perder a razão. Alguns homens são atraídos por criaturas assim. Mesmo sabendo que, no fim, serão levados à autodestruição. Parecem doces, amorosas, só porque lhe concedem as sobras de sua atenção. A certa altura você entende que ainda pode se salvar, ter ao seu lado outra mulher que o ame de verdade, filhos, uma família. Mas, nesse ponto, tem que escolher: ou você, ou ela.

— Por que quis assistir?

— Porque seria como se eu a tivesse matado. Era isso que eu queria experimentar.

Para que ela não voltasse como o eco de uma lembrança agradável, como uma saudade funesta, pensou Marcus.

— E, assim, de vez em quando, quando estava sozinho em casa como agora, você se sentava nesta bela poltrona, se servia de um copo de conhaque e assistia àquela fita novamente.

— É difícil dar um fim às obsessões.

— E, cada vez que a via, o que sentia? Prazer?

Guido Altieri baixou os olhos.

— Todas as vezes me arrependia… de não ter feito eu mesmo.

Marcus sacudiu a cabeça, sentia raiva e não gostava disso.

— Ranieri pagou os executores, provavelmente apenas dois criminosos ocasionais. O escrito com sangue era coisa de amador, mas o símbolo no carpete foi um golpe de sorte. Um erro que poderia revelar a presença da filmadora e que, em vez disso, se transformou em uma vantagem inesperada, complicando

tudo. — Marcus riu de si mesmo por ter pensado no satanismo como explicação para aquela história, quando a realidade era muito mais banal.

— Mas você entendeu tudo.

— Os cachorros são daltônicos, sabia disso?

— Sim, mas o que tem a ver?

— Um cachorro não pode ver o arco-íris. E nunca ninguém poderá explicar a ele o que são as cores. Mas você sabe, tanto quanto eu, que o vermelho, o amarelo e o azul existem. Quem nos diz que isso também não vale para as pessoas? Talvez haja coisas que existam, ainda que não as possamos ver. Como o mal. Sabemos que existe apenas quando se manifesta, quando é tarde demais.

— Você conhece o mal?

— Eu conheço os homens. E vejo os sinais.

— Quais?

— Pezinhos descalços andando no sangue…

— Raffaele não devia estar lá naquela noite. — Altieri fez um gesto de irritação. — Deveria ter ido à casa da mãe de Valeria, que estava doente. Eu não sabia.

— Mas ele estava naquela casa. E ficou lá por dois dias. Sozinho.

O advogado calou-se e Marcus entendeu que a verdade lhe fazia mal. Estava contente por uma parte daquele homem ainda poder exprimir um sentimento humanamente reconhecível.

— Durante todos esses anos, Ranieri teve a missão de despistar seu filho, que continuava a indagar sobre a morte da mãe. Mas, a certa altura, Raffaele começou a receber estranhas mensagens anônimas que prometiam levá-lo até a verdade. — Uma o trouxe até mim, Marcus pensou, embora não soubesse a razão pela qual tinha sido envolvido naquela história. — Em um primeiro momento, seu filho demitiu o detetive. Há uma semana ele conseguiu encontrar os assassinos, atraiu-os até uma fábrica abandonada e os matou. Deve ter feito a mesma coisa com Ranieri, adulterando seu carro. É por isso que ele está vindo aqui. Eu apenas o precedi.

— Se não foi você, então quem tramou tudo isso?

— Não sei, mas há menos de 24 horas um serial killer chamado Jeremiah Smith foi encontrado agonizando com um escrito no tórax: *Me mate*. Na equipe da ambulância que o socorreu estava a irmã de uma das suas vítimas. Poderia ter feito justiça por si própria. Acho que a mesma oportunidade foi oferecida a Raffaele.

— Por que lhe interessa tanto salvar a minha vida?

— Não só a sua. Esse serial killer raptou uma estudante chamada Lara. Mantém-na prisioneira em algum lugar, mas ele está em coma e não poderá mais falar.

— É ela a inocente a quem se referia pouco antes?

— Se eu encontrar quem organizou isso tudo, ainda posso salvá-la.

O advogado Altieri levou o copo de conhaque à boca.

— Não saberia como ajudá-lo.

— Daqui a pouco Raffaele estará aqui, provavelmente em busca de vingança. Chame a polícia e se entregue. Eu vou esperar seu filho e tentarei convencê-lo a falar comigo. É provável que saiba algo que possa ser útil para mim.

— Eu teria que confessar tudo para a polícia? — Pelo tom zombeteiro, era evidente que o advogado não tinha a menor intenção de fazer isso. — Quem é você? Como é que vou confiar se você não me diz?

Marcus foi tentado a responder. Se aquele fosse o único jeito, faltaria com sua regra. Estava quase falando quando partiu o disparo. Virou-se. Atrás dele, Raffaele estendia a arma. Estava apontada para a poltrona onde o pai estava sentado. A bala havia perfurado o couro e o estofado. Altieri desabou para a frente, deixando cair o copo com o conhaque.

Marcus queria perguntar ao rapaz por que tinha atirado, mas entendeu que, em vez de justiça, preferira vingança.

— Obrigado por tê-lo feito falar — disse Raffaele.

E Marcus entendeu qual havia sido seu papel em todo o episódio. Era esse o motivo pelo qual alguém os fizera se encontrarem na casa de Lara.

Ele tinha que lhe fornecer a peça que faltava: a confissão de seu pai.

Marcus estava quase lhe perguntando algo, esperando entender a ligação entre aquela história de vinte anos atrás, Jeremiah Smith e o desaparecimento de Lara. Mas, antes que pudesse falar, percebeu o som que chegava a distância. Raffaele sorriu-lhe. Eram as sirenes da polícia. Tinha sido ele quem a chamara, mas não se mexeu. Dessa vez a justiça seria feita, até o fim. Queria ser diferente do pai nisso também.

Marcus sabia que lhe restavam poucos minutos. Tinha muitas perguntas, mas devia ir embora. Não podiam encontrá-lo ali.

Ninguém deveria saber que ele existia.

Depois de colocar na bolsa aquilo de que precisava, Sandra conseguiu pegar um táxi nos arredores da via Giolitti. Deu o endereço ao motorista e, então, no banco traseiro, repassou novamente o plano que tinha elaborado. Estava correndo um risco enorme. Se descobrissem seu verdadeiro objetivo, certamente a suspenderiam do serviço.

O carro passou pela piazza della Repubblica e entrou na via Nazionale. Conhecia pouco Roma. Para uma pessoa como ela, nascida e criada no norte, aquela cidade representava uma incógnita. Beleza demais, talvez. Um pouco como Veneza, que sempre lhe parecia povoada apenas por turistas. Era difícil pensar que alguém realmente vivesse em lugares desse tipo. Que trabalhasse, fosse ao supermercado, levasse os filhos à escola, em vez de passar o tempo todo se embasbacando com a magnificência dos arredores.

O táxi virou na via San Vitale. Sandra desceu diante da delegacia.

Vai dar tudo certo, pensou.

Exibiu o distintivo na cabine da recepção e pediu para falar com um funcionário do arquivo que fosse do mesmo grau que o dela. Pediram que se acomodasse na sala de espera enquanto procuravam o oficial por telefone. Após alguns minutos, um colega de cabelos ruivos, sem paletó e com a boca cheia, veio recebê-la.

— O que posso fazer pela senhora, agente Vega? — perguntou, mastigando. Pelos farelos na camisa, devia ser um sanduíche.

Sandra sacou o sorriso mais conciliador que tinha.

— Sei que está tarde, meu superior me mandou para Roma há pouco. Eu deveria ter dado um pré-aviso, mas não houve tempo.

O colega ruivo concordou, vagamente interessado.

— Tudo bem, mas do que se trata?

— Uma pesquisa.

— Um caso específico, ou…

— Um estudo estatístico sobre a incidência dos crimes violentos no tecido social e a capacidade de intervenção das forças de polícia, com grande atenção às diferenças de abordagem entre Milão e Roma — disse, de um fôlego só.

O homem enrugou a testa. Por um lado, não parecia invejá-la: era o tipo de tarefa que, geralmente, escondia uma medida punitiva ou uma verdadeira humilhação por parte de um superior. Por outro, não entendia que objetivo pudesse ter.

— Mas a quem interessa?

— Não saberia dizer, mas acho que o delegado tem que participar de uma convenção daqui a alguns dias. Provavelmente servirá para o relatório.

O policial presumira que seria uma coisa demorada. E ele não estava com vontade de estragar um tranquilo turno noturno com aquela chatice. Estava escrito na testa dele.

— Posso ver sua ordem de serviço, agente Vega? — Impostou o tom de modo burocrático e autoritário para preanunciar uma recusa.

Mas ela previra aquilo também. Aproximou-se com informalidade e falou com ele em voz baixa.

— Escuta, aqui entre nós dois, não estou nem um pouco a fim de passar a noite no arquivo só para satisfazer o imbecil do meu chefe, o inspetor De Michelis. — Sentiu-se tremendamente culpada por tê-lo pintado daquele jeito, mas, na falta de uma ordem de serviço, precisava mencionar um superior. — Vamos fazer assim: deixo uma lista de coisas para procurar e você, com calma, providencia assim que puder.

Sandra colocou um material impresso nas mãos dele. Na realidade, era uma lista das atrações turísticas da cidade, preparada pelo porteiro de seu hotel. Sabia que seria suficiente que o colega desse uma olhada no tamanho dela para parar com qualquer tipo de obstrucionismo.

De fato, o policial devolveu-lhe a lista.

— Espera aí. — Ele também começara a tratá-la com informalidade. — Eu não saberia por onde começar. Pelo que entendi, trata-se de uma pesquisa delicada. Acho que você é mais adequada.

— Mas eu não conheço o método de catalogação de vocês — pressionou-o.

— Não tem problema, eu posso explicar como se faz: é muito fácil.

Sandra exibiu todo o seu aborrecimento, com muitos olhos levantados para o céu e balançando a cabeça.

— Tudo bem, mas eu queria voltar para Milão amanhã de manhã ou, no máximo, à tarde. Por isso, se não for incomodar, eu começaria logo.

— Mas claro — concordou ele, subitamente colaborativo. E abriu caminho para ela.

Um salão de ricos afrescos, com tetos altos adamascados, onde havia seis escrivaninhas com computadores. O arquivo estava todo ali. O fichário de papel havia sido totalmente transferido para uma base de dados gravada em um

servidor dois andares abaixo, nos subterrâneos.

O prédio da delegacia era do século XIX. Era como trabalhar dentro de uma obra de arte. Uma das vantagens de Roma, considerou Sandra, enquanto se concedia uma olhada para cima.

Estava sentada em uma das estações de trabalho, as outras encontravam-se vazias. A única luz provinha da luminária ao lado e, em volta dela, criara-se uma agradável penumbra. Naquele silêncio, qualquer barulho reverberava nas paredes, enquanto lá fora começava a se ouvir o resmungo de um novo temporal.

Concentrou-se no terminal à sua frente. O colega ruivo demorara poucos minutos para lhe explicar como acessar o sistema. Depois de ter lhe fornecido as senhas de segurança provisórias, desapareceu.

Sandra pegou da bolsa a velha agenda de David com a capa de couro. Seu marido tinha passado três semanas em Roma e, nas páginas que se referiam àquele período, podiam-se contar cerca de vinte endereços anotados e, depois, reproduzidos no pequeno mapa da cidade. Para isso, ele precisava de um rádio sintonizado nas frequências da polícia. Cada vez que a central de operações transmitia um crime às viaturas, presumivelmente David se dirigia até o local.

Por quê? O que estava procurando?

Sandra foi até a página da agenda onde estava anotado o primeiro endereço e introduziu-o, junto com a data, na ferramenta de busca do arquivo. Bastaram poucos segundos para que a resposta aparecesse na tela.

"Via Erode Antico. Homicídio de uma mulher pelo companheiro."

Abriu o arquivo e leu o rápido resumo do auto. Tratava-se de uma briga doméstica degenerada. O homem, um italiano, havia esfaqueado a companheira peruana e fugido. Constava que ainda estava foragido. Sem compreender por que David tinha se interessado por aquela história, Sandra decidiu inserir um novo endereço, junto com a data, na ferramenta de busca.

"Via dell'Assunzione. Assalto e homicídio preterintencional."

Uma senhora idosa tinha sofrido uma agressão em casa. Os ladrões a amarraram e a amordaçaram, a mulher morrera por sufocamento. Por mais que se esforçasse, Sandra não conseguia captar a ligação com o acontecimento da via Erode Antico. Lugares e protagonistas eram diferentes, assim como as circunstâncias em que foram concretizadas aquelas mortes violentas. Prosseguiu: outro endereço, outra data.

"Corso Trieste. Homicídio após uma briga."

Acontecera de madrugada, em um ponto de ônibus. Dois estranhos

começaram a brigar por motivos fúteis. Então, um dos dois pegou uma faca.

E isso agora o que tem a ver?, perguntou-se, cada vez mais frustrada.

Não conseguiu encontrar qualquer nexo entre os três episódios e muito menos com os outros que analisou enquanto procedia com a pesquisa. Eram todos episódios com sangue, com uma ou mais vítimas. Um estranho mapa de crimes. Alguns tinham sido resolvidos, outros ainda não.

Todos, porém, tinham sido documentados por um procedimento de perícia em fotografia criminal.

Seu trabalho era compreender a cena do crime baseando-se em imagens. Por isso, não era boa em estudar os processos por meio da leitura dos documentos escritos. Preferia uma abordagem visual e, como existia material fotográfico nos vários casos, decidiu se concentrar nos disparos feitos pelos colegas peritos em fotografia criminal.

O exame não era simples: vinte homicídios significavam centenas de fotos. Começou a examiná-las no monitor. Sem poder determinar o objeto da pesquisa, precisaria de dias, e David não havia deixado outras indicações.

Droga, Fred, por que esse mistério todo? Você não podia me escrever uma carta com as instruções? Custaria muito, meu amor?

Estava nervosa, faminta, não dormia havia mais de 24 horas, e, desde que chegara à delegacia, estava segurando o xixi. No último dia, um funcionário da Interpol havia minado a confiança que tinha em seu marido, ela havia descoberto que David não tinha morrido em um acidente, mas sido assassinado, o assassino a ameaçara, transformando a música à qual estava ligada a lembrança mais linda da sua vida em um macabro canto fúnebre.

Decididamente, aquilo era demais para um dia só.

Lá fora voltou a chover. Sandra abandonou-se, apoiando a cabeça na mesa. Fechou os olhos e, por um instante, parou de pensar. Sentia o peso de uma enorme responsabilidade sobre si. Fazer justiça nunca era simples, por isso tinha escolhido sua profissão. Mas uma coisa era fazer parte da engrenagem, contribuir com o próprio trabalho. Outra completamente diferente era quando o resultado dependia apenas dela.

Não vou conseguir, disse a si mesma.

Naquele momento, seu celular começou a vibrar. O barulho ecoou na sala vazia, fazendo-a se sobressaltar.

— Aqui é De Michelis. Sei de tudo.

Por um instante, temeu que seu superior tivesse sido informado de que usara indevidamente seu nome e que estava ali sem uma motivação oficial.

— Eu posso explicar — disse ela logo.

— O quê?… Não, espere, me deixe falar. Encontrei a pintura!

A euforia na voz do inspetor teve o poder de acalmá-la.

— O menino que foge horrorizado é um dos personagens de um quadro de Caravaggio: *O martírio de são Mateus*.

Sandra desejara que aquele detalhe lhe revelasse algo. Esperava mais, mas não teve coragem de abafar o entusiasmo de De Michelis.

— Foi realizado entre 1600 e 1601. Tinha sido encomendado como afresco, mas depois o artista optou por um óleo sobre tela. Faz parte de um ciclo pictórico sobre são Mateus, assim como a *Inspiração* e a *Vocação*. As três pinturas encontram-se em Roma, na Capela Contarelli, no interior da igreja de San Luigi dei Francesi.

Mas tudo isso não a ajudava e não era suficiente. Precisava saber mais. Abriu o browser e procurou o quadro nas imagens do Google.

Apareceu na tela.

Retratava a cena em que são Mateus era assassinado. Seu carrasco olhava-o com ódio, brandindo uma espada. O santo estava de costas, no chão. Tentava parar seu assassino com um braço, mas mantinha o outro abandonado junto a si, quase aceitando o martírio que o esperava. Ao redor deles havia outros personagens, entre os quais o menino horrorizado.

— Uma curiosidade sobre o quadro — disse ainda De Michelis. — Entre os que assistem à cena, Caravaggio pintou a si mesmo.

Sandra reconheceu o autorretrato do artista, no alto à esquerda. Subitamente teve uma intuição.

No quadro havia uma cena de crime.

— De Michelis, preciso desligar.

— Mas como assim, não vai nem me dizer como vão as coisas?

— Tudo bem, tudo tranquilo. — O inspetor resmungou algo. — Te ligo amanhã. E obrigada, você é um amigão.

Desligou sem esperar que ele respondesse. Era importante demais. Agora sabia o que procurar.

O procedimento de perícia em fotografia criminal previa que, além da cena do crime, deviam-se imortalizar outras situações. O estado dos lugares e, principalmente nos casos em que o responsável ainda não havia sido confiado à justiça, a multidão de curiosos que geralmente se aglomerava além do cordão da

polícia. De fato, podia acontecer que, misturado entre os cidadãos comuns, estivesse o artífice do delito que tinha ido verificar o desenrolar das investigações.

A máxima segundo a qual o assassino sempre volta ao local do crime às vezes funcionava. Muitos eram capturados graças a esse recurso.

Sandra fez uma filtragem das fotos dos vinte crimes anotados por David na agenda e concentrou-se justamente naqueles cliques, procurando um rosto entre os curiosos. Alguém que, como Caravaggio na pintura, ocultava sua identidade na multidão.

Deteve-se no homicídio de uma prostituta: a foto retratava o momento em que o corpo era resgatado do laguinho do EUR. Os funcionários o puxavam para a margem. Os trajes sumários e coloridos da mulher não combinavam com o cinza da morte, que já havia coberto a pele jovem como uma pátina. Na expressão do rosto da vítima, Sandra pareceu avistar constrangimento e vergonha por aquela exposição à luz impiedosa do dia e por causa da análise à qual era submetida pelos olhares de um punhado de espectadores. Sandra podia imaginar seus comentários incisivos. "Ela procurou por isso. Se tivesse escolhido outra vida, não teria acabado assim."

Então o viu. O homem estava um pouco apartado em relação aos outros. Estava na calçada, e seu olhar não continha nenhum julgamento. Era neutro, dirigido ao centro da cena, enquanto os funcionários do necrotério se apressavam em levar embora o cadáver.

Sandra reconheceu logo aquele rosto. O mesmo homem da quinta foto da Leica. De roupas escuras, com a cicatriz na têmpora.

É você, filho da puta? Foi você quem empurrou meu David no vazio?

Continuou a procurar por ele, esperando encontrá-lo também em outro lugar. De fato, apareceu em outras três ocasiões. Sempre entre as pessoas, sempre isolado.

David esperava identificá-lo nos lugares onde se consumara um acontecimento com sangue. Daí, o rádio sintonizado nas frequências de polícia, os endereços na agenda e o mapa da cidade.

Por que David o investigava? Quem era aquele homem? De que modo estava envolvido naquelas mortes cruentas? E na de David?

Agora Sandra sabia o que fazer: precisaria encontrá-lo. Mas onde? Talvez ela também tivesse que usar o mesmo método: esperar as chamadas via rádio da central às viaturas e se precipitar para o local.

Inesperadamente, começou a ponderar um aspecto que ainda não tinha considerado. A pergunta, no momento, não tinha nada a ver, mas de todo modo

era uma dúvida que exigia uma resposta.

David não fotografara a pintura inteira de Caravaggio, mas somente um detalhe. Não fazia sentido: se ele a estava orientando, por que complicar sua vida?

Sandra reativou a página do computador onde aparecia o quadro. David poderia ter pegado a imagem da internet ou até mesmo tê-la fotografado do monitor. Porém, imortalizando o detalhe do menino, quis lhe dizer que havia estado lá pessoalmente.

"Existem coisas que você precisa ver com seus próprios olhos, Ginger."

Lembrou o que De Michelis lhe tinha dito. A pintura encontrava-se em Roma, na igreja de San Luigi dei Francesi.

23h39

A primeira vez que esteve com Clemente em uma cena de crime aconteceu justamente em Roma, no bairro EUR. A primeira vítima que olhara nos olhos era uma prostituta retirada do laguinho. Desde então, houve outros cadáveres, e todos tinham em comum aquele olhar. Ocultava uma pergunta.

Por que comigo?

Em todos havia a mesma surpresa, o mesmo espanto. Incredulidade acompanhada pelo desejo irrealizável de voltar atrás, rebobinar a fita, ter uma segunda chance.

Marcus tinha certeza, o assombro não tinha a ver com a morte, mas com a intuição fulminante de sua irreversibilidade. Aquelas vítimas nunca pensavam: Meu Deus, estou morrendo. E sim: Meu Deus, estou morrendo e não posso fazer nada em relação a isso.

Talvez a ideia tivesse passado por sua cabeça também quando alguém atirou nele no quarto de hotel em Praga. Sentira medo ou uma confortável sensação de fatalidade? A amnésia havia começado a apagar tudo de frente para trás, a partir dessa última lembrança. A primeira imagem que se fixara em sua nova memória era o crucifixo de madeira na parede branca diante de sua cama no hospital. Ficara observando-o durante dias, perguntando-se o que acontecia ao seu redor enquanto isso. A bala não havia corroído zonas do cérebro onde estavam os centros da linguagem ou do movimento. Por isso, era capaz de falar e andar. Mas não sabia o que dizer nem aonde ir. Então, aparecera o sorriso de

Clemente. Aquele rosto jovem e glabro, os cabelos escuríssimos divididos de lado, aqueles olhos bons.

— Encontrei você, Marcus. — Foram suas primeiras palavras. Uma esperança, e seu nome.

Clemente não o reconhecera pelo rosto, porque nunca o vira antes. Somente Devok conhecia a identidade dele, era a regra. Clemente simplesmente seguira seus rastros até Praga. Fora seu amigo e mentor quem o salvara, mesmo morto. Essa havia sido a notícia mais amarga de que Marcus tivera de tomar conhecimento. Não se lembrava nada de Devok, assim como de todo o resto. Mas agora sabia que tinha sido assassinado. Naquela ocasião, Marcus entendera que a dor é a única emoção humana que não precisa se ligar a uma lembrança. Um filho sempre sofrerá a perda de um dos pais, mesmo que isso tenha acontecido antes que ele nascesse ou quando ainda era pequeno demais para compreender o que era a morte. Raffaele Altieri era o exemplo disso.

Precisamos da memória apenas para ser felizes, pensara Marcus.

Clemente tivera muita paciência com ele. Havia esperado que estivesse em condições, então o levou para Roma. Nos meses que se seguiram, cuidou de instruí-lo sobre as poucas coisas que sabia sobre seu passado. Sobre seu país de origem, a Argentina. Sobre seus pais, que já haviam morrido. Sobre o motivo pelo qual estava na Itália e, enfim, sobre sua tarefa. Clemente não chamava de trabalho.

Treinou-o exatamente como Devok fizera muitos anos antes. Não foi difícil, foi o suficiente para fazê-lo entender que certas coisas já estavam presentes nele, devia apenas fazê-las voltar à tona.

— É o seu talento — dizia.

Às vezes, Marcus não queria ser como era. Às vezes, queria ser normal. Mas bastava olhar-se em um espelho para entender que nunca seria, por isso os evitava. A cicatriz era um memento fatal. Quem tentara matá-lo lhe deixara aquele suvenir na têmpora, porque a morte era a única coisa que nunca poderia esquecer. Cada vez que Marcus via uma vítima, sabia que estivera na mesma condição. Sentia-se parecido com elas, estava condenado a sentir a mesma solidão.

A prostituta retirada do laguinho era como o espelho do qual tentava fugir.

Aquilo lhe fizera logo lembrar uma pintura de Caravaggio. *A morte da Virgem*. No quadro, Nossa Senhora estava retratada sem vida, deitada sobre o que parecia uma mesa de necrotério. Não havia símbolos religiosos em volta dela e não estava envolvida por uma aura mística. Distante das representações

em que geralmente aparecia como uma criatura suspensa entre o divino e o humano, Maria era um corpo abandonado, pálido, com o ventre inchado. Dizia-se que o artista tinha se inspirado no cadáver de uma prostituta retirada de um rio, por isso a pintura havia sido recusada pelo cliente.

Caravaggio pegava uma cena do horror quotidiano e sobrepunha nela um significado sagrado. Dando aos personagens um papel diferente, transformava-os em santos ou virgens moribundas.

Quando Clemente levou Marcus à igreja de San Luigi dei Francesi pela primeira vez, disse-lhe para observar *O martírio de são Mateus*. Então, convidou-o a despir aquelas figuras de qualquer sacralidade, como se se tratasse de pessoas comuns envolvidas em uma cena de crime.

— O que você está vendo agora? — perguntou-lhe.

— Um homicídio — foi a resposta.

Foi sua primeira lição. O treinamento, para aqueles como ele, sempre começava diante daquela pintura.

— Os cachorros são daltônicos — disse seu novo mestre. — Nós, porém, vemos cores demais. Retire-as, deixe apenas o branco e o preto. O bem e o mal.

Porém, logo, logo, Marcus se deu conta de que conseguia ver outras nuances também. Tonalidades que nem os cachorros nem os homens podiam perceber. Esse era seu verdadeiro talento.

Lembrando-se disso agora, foi pego por uma súbita nostalgia. Na realidade, não sabia de quê. Mas, às vezes, lhe acometiam sensações que não tinha nenhum motivo para ter.

Estava tarde, mas não queria voltar para casa. Não queria pegar no sono e enfrentar novamente o sonho que o levava para trás, para Praga, para o momento em que havia morrido.

Porque eu morro todas as noites, disse a si mesmo.

Em vez disso, queria ficar ali, naquela igreja que desde então se tornara seu refúgio secreto. Voltava lá com frequência.

Naquela noite não estava sozinho. Esperava a chuva passar junto com um grupo de pessoas. Um concerto de cordas havia terminado pouco antes, mas os sacerdotes e os vigias não tiveram coragem de colocar para fora o pouco público que restou. Assim, os músicos tinham começado a entoar novas melodias para eles, prolongando a doçura daquela noite de um jeito inesperado. Enquanto o temporal tentava mantê-los fora de casa, as notas se opunham ao fragor dos trovões, difundindo a alegria entre os presentes.

Marcus estava apartado, como sempre. Para ele, em San Luigi dei Francesi

havia o espetáculo adicional da obra-prima de Caravaggio. *O martírio de são Mateus*. Por uma vez concedeu-se olhá-lo com os olhos de um homem normal. Na penumbra daquela capela lateral, notou que a luz que iluminava a cena estava dentro do quadro. Invejou o talento de Caravaggio: enxergar a luz onde os outros viam as trevas. Exatamente o oposto do que acontecia com ele.

Mas, justamente enquanto curtia o efeito daquela sensação, por acaso virou o olhar levemente para sua esquerda.

No fundo da nave, uma jovem mulher, encharcada de chuva, o observava.

Naquele instante, algo acelerou dentro dele. Pela primeira vez, alguém estava violando sua invisibilidade.

Desviou o olhar e dirigiu-se para a sacristia a passos rápidos. Ela moveu-se para ir atrás dele. Precisava despistá-la. Lembrou que daquele lado havia uma segunda saída. Acelerou naquela direção, contudo, podia ouvir seus sapatos de borracha gemendo no piso de mármore enquanto tentava alcançá-lo. Um trovão retumbou sobre sua cabeça, fazendo-o perder aquela referência sonora. O que aquela mulher podia querer dele? Entrou no vestíbulo que levava aos fundos da igreja e viu a porta. Aproximou-se dela, abriu-a, estava pronto para imergir naquele sudário de chuva quando ela falou.

— Pare — disse, sem gritar. Pelo contrário, seu tom era frio.

Marcus parou.

— Agora vire-se.

Ele o fez. A única luz era aquela amarelenta dos postes na rua que parava na linha da soleira. Mas a reverberação foi suficiente para ver que ela empunhava um revólver.

— Você me conhece? Sabe quem eu sou?

Marcus refletiu antes de responder.

— Não.

— E meu marido, você conhecia? — Em suas palavras não havia cólera. — Foi você quem o matou? — Havia desespero em seu tom. — Se você sabe de alguma coisa, tem que me falar. Ou juro que o mato. — Estava sendo sincera.

Marcus não disse nada. Estava com os braços estendidos ao longo dos quadris, imóvel. Retribuía o olhar, mas não tinha medo dela. Ao contrário, sentia compaixão.

Os olhos da mulher ficaram brilhantes.

— Quem é você?

Naquele momento, o clarão de um relâmpago muito perto anunciou a chegada de um trovão mais forte que os outros, ensurdecedor. A luz dos postes

tremeu por um instante, depois se apagou. A rua e a sacristia precipitaram-se na escuridão.

Mas Marcus não fugiu logo.

— Sou um padre.

Quando a luz dos postes se reacendeu, Sandra viu que não estava mais lá.

UM ANO ANTES

CIDADE DO MÉXICO

O táxi prosseguia devagar no trânsito engarrafado da hora do rush. A música latina que tocava no rádio se misturava com a música vinda dos outros carros em fila, todos com as janelas abertas por causa do calor. O resultado era uma cacofonia insuportável, mas o caçador notou que, mesmo assim, cada um conseguia distinguir sua própria canção. Tinha pedido ao motorista para ligar o ar-condicionado, mas ele lhe respondera que estava quebrado.

Fazia 30º na Cidade do México e o nível de umidade estava destinado a aumentar naquela noite. Tudo se agravaria por causa da cobertura de *smog* que envolvia a metrópole. Por isso, não estava com vontade de ficar muito tempo ali. Terminaria o trabalho e partiria em seguida. Apesar do desconforto, estava empolgado com a ideia de estar ali.

Precisava ver com seus olhos.

Em Paris, a presa escapara-lhe por pouquíssimo e, então, como era de prever, tinha dado sumiço nos próprios rastros. Mas naquela cidade havia uma esperança para o caçador. Se quisesse dar início à caça novamente, precisaria entender melhor com quem estava lidando.

O táxi largou-o diante da entrada principal do Hospital de Santa Lucia. O caçador levantou a cabeça sobre o prédio de cinco andares, branco e decadente. Embora agradável em sua arquitetura colonial, as grades nas janelas não deixavam nenhuma dúvida sobre o uso daquele lugar.

No fundo, é justamente esse o destino nos hospitais psiquiátricos, pensou. Quem entrava nunca mais sairia.

A doutora Florinda Valdés veio recebê-lo no balcão da recepção. Tinham trocado alguns e-mails em que ele usara, pela primeira vez, a falsa identidade de um docente de psicologia forense de Cambridge.

— Olá, doutor Foster — sorriu e estendeu-lhe a mão.

— Bom dia, Florinda… Mas não nos tratávamos sem cerimônia? — O caçador havia entendido logo que aquela mulher gorducha, de uns 40 anos, se deixaria lisonjear pelo jeito elegante e afável do doutor Foster. Entre outros motivos, porque ainda estava procurando marido. Ele tinha feito investigações acuradas antes de contatá-la.

— Então, fez boa viagem?

— Sempre quis visitar o México.

— Ah, mas não seja por isso: pensei em um roteiro perfeito para o nosso fim de semana.

— Bom — exclamou ele, fingindo estar empolgado. — Então é melhor me dedicar ao trabalho, assim teremos mais tempo para o resto.

— Ah, sim, com certeza — pipilou, ingênua. — Vou mostrar o caminho, por aqui.

O caçador entrara em contato com Florinda Valdés após ter visto no YouTube sua participação em uma convenção de psiquiatria em Miami. Tinha se deparado com ela durante uma pesquisa sobre os distúrbios de personalidade. Era um daqueles golpes de sorte que o faziam acreditar que, no fim, atingiria o objetivo e recompensavam sua abnegação.

O relatório de Valdés na convenção chamava-se "O caso da menina no espelho".

— Naturalmente não permitimos que qualquer um a veja — fez questão de salientar enquanto percorriam os corredores do hospital, deixando-o entender que, talvez, esperasse uma recompensa igualmente especial dele.

— Sabe, minha curiosidade de estudioso venceu: deixei as malas no hotel e corri até aqui. Se você não se incomodar, poderíamos voltar lá mais tarde antes de jantar?

— Ah, claro — corou, pressentindo sabe-se lá qual desenrolar da noite. Mas ele não tinha nenhum quarto de hotel. Seu voo partia às oito.

A alegria da mulher destoava dos gemidos que provinham dos quartos do hospital. Enquanto passavam por eles, o caçador pôde olhar o interior dos cômodos. Quem morava ali não eram mais seres humanos. Rostos brancos, como as roupas com as quais estavam vestidos, o crânio raspado por causa dos piolhos, sob o poder do efeito dos sedativos: vagavam descalços, indo bater uns nos outros, como destroços à deriva, cada um com a própria carga de angústias e venenos farmacêuticos. Outros estavam amarrados com correias de couro a camas imundas. Debatiam-se, gritando com a voz dos demônios. Ou estavam imóveis, esperando uma morte que, impiedosa, demorava. Havia velhos que pareciam crianças, ou eram crianças que tinham envelhecido rápido demais.

Enquanto o caçador atravessava o inferno deles, o mal obscuro que os mantinha trancados em si próprios o examinava por seus olhos arregalados.

Chegaram àquele que Valdés definiu o "setor especial". Era uma ala isolada das outras, em que havia no máximo dois pacientes por quarto.

— Aqui ficam os indivíduos violentos, mas também os casos clínicos mais interessantes… Angelina é um deles — acrescentou a psiquiatra, com orgulho.

Quando chegaram diante de uma porta de ferro parecida com a de uma cela, Valdés fez um sinal para que um enfermeiro a abrisse. Lá dentro estava escuro, a parca luz vazava de uma pequena janela no alto, e o caçador demorou um pouco para identificar aquele corpo delgado como um graveto, encolhido em

um canto entre a parede e a cama. A menina tinha no máximo 20 anos. Nos traços endurecidos pelo sofrimento ainda se podia notar certa graça.

— Esta é Angelina — anunciou a doutora, indicando-a grosseiramente, como se estivesse apresentando um ser bizarro.

O caçador deu alguns passos, ansioso para ficar cara a cara com a razão que o tinha levado até ali. Mas a paciente parecia não reparar neles.

— A polícia a descobriu numa incursão no bordel de uma aldeia perto de Tijuana. Procuravam um narcotraficante, mas o que encontraram foi ela. Seus pais eram alcoólatras e o pai a vendeu à máfia da prostituição quando tinha apenas 5 anos.

No início, devia ser um artigo precioso, reservado aos clientes dispostos a pagar caro pelo próprio vício, pensou o caçador.

— Crescendo, perdeu valor e os homens podiam tê-la a poucos pesos. Os donos do bordel a reservavam para os camponeses bêbados e os caminhoneiros. Podia ter até dezenas de relações em um dia.

— Uma escrava.

— Nunca saiu daquele lugar, sempre reclusa. Uma mulher tomava conta dela, maltratando-a. Nunca falou, duvido que entenda realmente o que acontece ao seu redor. Como se estivesse em estado catatônico.

Perfeita para dar vazão aos piores instintos daqueles depravados, estava para comentar o caçador, mas se deteve. Seu interesse devia aparentar ser puramente profissional.

— Me fale de quando vocês se deram conta de seu… talento.

— Quando a trouxeram aqui, dividia o quarto com uma paciente idosa. Pensamos em colocá-las juntas porque as duas estavam desconectadas do mundo. De fato, não se comunicavam entre elas.

O caçador desviou o olhar da garota para cruzar com o de Valdés:

— O que aconteceu depois?

— No início, Angelina desenvolveu sintomas motores estranhos. Suas articulações estavam rígidas e sofridas, movia-se com dificuldade. Achamos que era um tipo de artrite. Mas depois começou a perder os dentes.

— Os dentes?

— E não só isso: nós a submetemos a alguns exames e encontramos um grave cansaço dos órgãos internos.

— E quando vocês finalmente entenderam o que estava acontecendo?

Uma sombra passou sobre o rosto de Florinda Valdés:

— Quando seus cabelos ficaram brancos.

O caçador voltou a se virar para a paciente. Pelo que podia ver, a cabeleira quase completamente raspada tinha uma cor corvina inconfundível.

— Para fazer os sintomas pararem, bastou tirá-la do quarto com a mulher idosa.

O caçador observava a garota, tentando intuir se ainda havia algo de humano escondido no profundo de seus olhos inexpressivos.

— Síndrome do camaleão ou do espelho — concluiu.

Durante muito tempo, Angelina tinha sido obrigada a ser o que os homens que a violentavam queriam que ela fosse. O objeto de prazer deles, nada mais. Assim, adequara-se. Acabou por perder a si mesma naquelas relações. Levaram-na embora, um pedacinho de cada vez. Anos e mais anos de abuso haviam extirpado qualquer vestígio de identidade daquela criatura. Por isso, ela pegava-a emprestado das pessoas que a rodeavam.

— Aqui, não estamos na presença de um caso de múltipla personalidade, ou diante de um doente mental que acredita ser Napoleão ou a rainha da Inglaterra, como acontece nas histórias em quadrinhos. — Valdés riu. — Os indivíduos afetados pela síndrome do camaleão tendem a imitar perfeitamente quem quer que esteja na frente deles. Diante de um médico eles se tornarão médicos, diante de um cozinheiro afirmarão saber cozinhar. Interrogados sobre sua profissão, responderão de modo genérico, mas apropriado.

O caçador lembrava-se de um paciente que se fundia com o cardiologista com quem estava conversando e, à pergunta ardilosa dele sobre o diagnóstico de uma anomalia cardíaca específica, rebatera que não podia se pronunciar sem exames clínicos apurados.

— Mas o comportamento de Angelina não é um simples caso de emulação — a doutora fez questão de precisar. — Estando em contato com a mulher idosa, começou nela um processo de envelhecimento tangível. Sua mente estava produzindo uma mudança real do físico.

Um *camaleão*, disse a si mesmo o caçador, repetindo a definição exata.

— Houve outras manifestações?

— Algumas, mas insignificantes e com poucos minutos de duração. Os indivíduos afetados pela síndrome são assim porque sofreram um dano cerebral ou, como no caso de Angelina, algum tipo de choque que produz os mesmos efeitos.

O caçador estava perturbado, mas também inegavelmente fascinado pelas capacidades da garota. Aquela era a prova suprema que procurava para demonstrar a si mesmo que, por todo aquele tempo, não se enganara. As teorias

que formulara sobre sua presa agora tinham uma confirmação.

O caçador sabia que todos os assassinos seriais agem a partir do estímulo de uma crise de identidade: no momento em que matam, espelham-se na vítima e se reconhecem, não precisam mais fingir. Durante o tempo do homicídio, o monstro que mora no profundo deles volta à tona em seus rostos. O homem que caçava — sua presa — era muito mais que isso. Sua verdadeira identidade estava ausente. Por isso, tinha que pegá-la emprestado de alguma outra pessoa continuamente. Era um exemplar único, um caso raríssimo na psiquiatria.

Um serial killer camaleão.

Não se limitava a imitar uma série de comportamentos, mas ele mesmo se transmutava. Por isso, ninguém, a não ser ele, o identificara. A principal finalidade de sua natureza não era tomar o lugar de alguém, mas *virar* aquela pessoa.

Era impossível prever seus movimentos. O camaleão tinha uma capacidade de aprendizagem extraordinária, principalmente em relação às línguas e aos sotaques. Ao longo dos anos, havia aperfeiçoado o método. Em primeiro lugar, escolhia o sujeito adequado. Um homem que tivesse feições parecidas com as suas: traços pouco marcados, mesma altura, sinais específicos facilmente reproduzíveis. Exatamente como Jean Duez em Paris. Mas, acima de tudo, era necessário que não tivesse um passado, que não tivesse vínculos, mas uma rotina monótona e comum, de preferência com um trabalho em casa.

O camaleão encarnava-se em sua vida.

O *modus operandi* era sempre o mesmo. Matava-o e apagava seu rosto, quase como se quisesse remover sua identidade para sempre, aplicando a elementar lei do mais forte.

Ele selecionava sozinho a sua espécie.

Angelina, porém, não representava apenas uma confirmação. Era um segundo exemplar. Olhando-a, o caçador compreendeu que não se enganara durante todo aquele tempo. Mas ainda precisava de uma demonstração, porque o desafio mais difícil era outro.

Tentar imaginar semelhante talento combinado com um instinto homicida.

O celular de Florinda Valdés começou a vibrar. Ela pediu licença e saiu para atender a ligação. Essa era a oportunidade que o caçador esperava.

Havia feito algumas pesquisas antes de ir até lá. Angelina tinha um irmãozinho menor. Conviveram por pouco tempo, porque ela havia sido vendida aos 5 anos. Mas talvez tivesse sido o suficiente para que um vestígio daquele afeto permanecesse nela.

Para o caçador, era a chave para entrar na prisão de sua mente.

Sozinho com a menina, foi para a frente dela, agachando-se para que ela pudesse olhar bem seu rosto. Então, começou a falar em voz baixa.

— Angelina, quero que você me escute bem. Peguei seu irmãozinho. O pequeno Pedro, lembra? Ele é tão bonitinho, mas agora vou matá-lo.

A garota não teve qualquer reação.

— Ouviu o que eu disse? Vou matá-lo, Angelina. Vou arrancar o coração dele do peito e deixá-lo bater na minha mão até parar de pulsar. — O caçador estendeu a palma da mão aberta na direção dela. — Você está escutando como bate? Pedro está quase morrendo. E ninguém vai salvá-lo. E lhe farei muito mal, juro. Ele vai morrer, mas antes terá que sofrer do pior jeito.

Inesperadamente, a menina deu um pulo para a frente e, com uma mordida, agarrou a mão que o caçador estendia em sua direção. Pego de surpresa, ele perdeu o equilíbrio. Angelina plantou-se em cima dele, comprimindo seu peito. Não era pesada, deu um puxão nela e conseguiu se livrar da mordida. Viu-a se recolher em seu canto, arrastando-se. Em sua boca encharcada de sangue entreviu as gengivas afiadas que haviam apertado sua carne. Mesmo sem dentes, a menina tinha conseguido provocar uma ferida profunda nele.

A doutora Valdés voltou e viu-se diante da cena. Angelina parecia tranquila, enquanto seu visitante tentava estancar uma hemorragia na mão com a camisa.

— O que aconteceu? — gritou, alarmada.

— Ela me agrediu — apressou-se em dizer o caçador. — Mas não é grave, só vou precisar de alguns pontos de sutura.

— Ela nunca tinha feito isso antes.

— Não sei o que dizer. Simplesmente me aproximei para falar com ela.

Florinda Valdés se contentou com aquela explicação, sem se aprofundar, talvez temendo perder sua chance amorosa com o doutor Foster. Para o caçador, não havia mais razão para ficar lá: provocando a garota, tinha conseguido a resposta que procurava.

— Talvez seja melhor mostrá-la a um médico — disse, exagerando a careta de dor.

A doutora sentia-se perdida, não queria que ele fosse embora assim, porém não sabia como detê-lo. Ofereceu-se para acompanhá-lo ao pronto-socorro, mas ele recusou a proposta gentilmente. Tomada por um desespero repentino, disse-lhe:

— Ainda preciso lhe falar sobre o outro caso…

A frase suscitou o efeito desejado, porque o caçador parou na porta.

— Que outro caso?

A doutora Valdés respondeu, mas foi propositalmente vaga:

— Aconteceu há muitos anos, na Ucrânia. Um menino chamado Dima.

TRÊS DIAS ATRÁS

O cadáver começou a gritar.

Só quando os pulmões se esvaziaram e foi obrigado a retomar fôlego percebeu ter voltado do sonho. Devok havia sido assassinado, de novo. Quantas vezes teria que assistir ao seu fim? A lembrança mais antiga que possuía era uma sequência de morte que se repetia toda vez que fechava os olhos para dormir.

Marcus enfiou a mão debaixo do travesseiro, procurando a caneta hidrográfica. Quando a encontrou, escreveu na parede ao lado da cama: "Três tiros".

Outro amargo refluxo de seu passado. Mas aquele elemento mudava muitas coisas. Assim como na noite anterior, quando acrescentara o detalhe dos vidros quebrados, a percepção foi acústica. Mas estava convencido de que, dessa vez, era realmente importante.

Ouvira três detonações distintas. Até então, sempre tinha contado dois tiros. Um para si, o outro para Devok. Mas na última versão do sonho houve um terceiro disparo de revólver.

Podia ser uma brincadeira do inconsciente, que modificava à vontade a cena do hotel de Praga. Às vezes inseria sons ou objetos inverossímeis, ou que não tinham nada a ver, como um *jukebox* ou uma música funk. Marcus não era capaz de controlar suas bizarrices.

Mas dessa vez era como se soubesse desde sempre.

O detalhe do terceiro tiro somou-se aos fragmentos da cena. Tinha certeza de que isso também seria útil para reconstituir os fatos e, principalmente, para rever o rosto do homem que matara seu mestre e o obrigara a se esquecer de si mesmo.

Três tiros.

Apenas algumas horas antes, Marcus vira-se enfrentando a ameaça de um revólver novamente. Mas foi diferente. Não teve medo. A mulher em San Luigi dei Francesi apertaria o gatilho, ele tinha certeza. Mas não havia ódio em seu olhar; quando muito, desespero. Somente o apagão momentâneo o salvara da determinação dela. Àquela altura, poderia ter fugido. Mas ficou para lhe revelar quem era.

Sou um padre.

Por que tinha feito aquilo? Por que tinha sentido a necessidade de dizer isso a ela? Quisera lhe dar algo, uma espécie de compensação por todo o sofrimento que estava sentindo. A identidade era seu maior segredo, deveria defendê-lo à

custa da vida. O mundo não entenderia. Era essa a litania que Clemente lhe repetira desde o primeiro dia. E ele tinha faltado com esse compromisso. Com uma desconhecida, ainda por cima. Aquela mulher, quem quer que fosse, tinha um motivo para matá-lo, estava convencida de que ele era o assassino do homem que amara. Mas Marcus não conseguia considerá-la uma inimiga.

Quem era? De que jeito ela e seu marido podiam ter feito parte de sua vida anterior? E se ela tivesse respostas sobre seu passado?

Talvez eu devesse procurá-la, disse para si mesmo. Talvez devesse falar com ela.

Mas não era prudente. E, depois, não sabia nada mais sobre ela.

Não diria nada a Clemente. Tinha certeza de que ele não aprovaria sua decisão impulsiva. Os dois estavam a serviço de um juramento sagrado, mas de um jeito diferente. Seu jovem amigo era um sacerdote fiel e devotado, enquanto em sua alma se agitavam espíritos que não era capaz de compreender.

Olhou a hora. Deixara-lhe um recado na caixa postal de costume. Tinham que se encontrar antes do amanhecer. Poucas horas antes, a polícia havia interrompido a revista da mansão de Jeremiah Smith.

Agora, era a vez de eles visitarem a casa.

A estrada insinuava-se entre as colinas a oeste de Roma. A poucos quilômetros ficava o litoral de Fiumicino, com a impetuosa foz do Tibre. O velho Fiat Panda arrastava-se na subida, os faróis fracos iluminavam apenas uma parte da pista. Em volta, o campo começava a despertar, profetizando a aurora.

Clemente dirigia debruçado sobre o volante para controlar melhor a direção, e frequentemente era obrigado a diminuir as marchas, fazendo barulho. Desde o momento em que entrou a bordo, nos arredores de Ponte Milvio, Marcus vinha resumindo o que acontecera na noite anterior na casa de Guido Altieri. Seu amigo, de todo modo, estava muito mais preocupado com os relatos que apareceram na televisão. Nenhum deles mencionava a presença de um terceiro homem na cena do homicídio do famoso advogado cometido pelo filho. Isso o confortava: por enquanto, o segredo deles estava em segurança.

Obviamente Marcus não fez nenhuma menção ao que havia acontecido depois, o episódio da mulher armada em San Luigi dei Francesi. Em vez disso, passou logo a informá-lo sobre como os acontecimentos das últimas horas se refletiam no desaparecimento de Lara.

— Jeremiah Smith não teve um enfarte. Foi envenenado.

— Os exames toxicológicos não evidenciaram a presença de substâncias suspeitas no sangue dele — rebateu Clemente.

— Mas estou convencido de que foi. Não existe outra explicação.

— Então alguém deve ter levado a sério a tatuagem que tinha no tórax.

Me mate, pensou Marcus. Alguém estava agindo na sombra e havia oferecido a Monica, a irmã da primeira vítima de Jeremiah Smith, e a Raffaele Altieri a oportunidade de retribuir o luto violento que haviam sofrido.

— Quando a justiça não é mais possível, só resta uma escolha: perdão ou vingança.

— Olho por olho — acrescentou Clemente.

— Sim, mas há algo mais. — Marcus fez uma pausa, tentando dar corpo a uma ideia que amadurecia nele desde a noite anterior. — Alguém estava esperando a nossa intervenção. Você se lembra da Bíblia com o marcador de cetim vermelho que encontrei na casa de Lara?

— A página com a carta de são Paulo aos Tessalonicenses: o dia do Senhor virá como o ladrão de noite.

— Repito: alguém sabe de nós, Clemente — afirmou com maior convicção. — Pense só: para Raffaele mandou uma carta anônima, para nós escolheu um livro sagrado. Uma mensagem adequada a homens de fé. Havia um objetivo para me envolverem. Caso contrário, não se explica por que aquele rapaz foi convocado à casa de Lara. No fim, fui eu quem o levou à verdade sobre seu pai. É culpa minha o assassinato do advogado Altieri.

Clemente virou-se um instante para observar Marcus.

— Quem pode ter organizado tudo isso?

— Não sei. Mas está colocando as vítimas em contato com os carrascos e, ao mesmo tempo, quer nos envolver.

Clemente sabia que não se tratava de uma simples hipótese, por isso estava inquieto. Àquela altura, a visita à casa de Jeremiah Smith tinha ganhado uma importância fundamental. Estavam convictos de que encontrariam um sinal que os conduziria ao nível seguinte do labirinto. Tudo isso com a esperança de ainda poderem salvar Lara. Sem esse objetivo, teriam menos motivações. E o artífice daquele enigma sabia disso, por isso havia colocado em jogo a vida da jovem estudante.

Uma patrulha estava parada em frente ao portão de entrada. Porém, a propriedade era vasta demais para que fosse vigiada completamente. Clemente estacionou o Panda em uma ruela a um quilômetro de distância. Depois, saltaram para continuar a pé, confiando no esconderijo da noite.

— Temos que ser rápidos. Daqui a algumas horas os funcionários da Científica voltarão para continuar os trabalhos de levantamento — advertiu-o Clemente, acelerando o passo no terreno acidentado.

Entraram na mansão por uma janela dos fundos, removendo os lacres. Levavam consigo outros falsos, que substituiriam os lacres violados ao saírem. Ninguém suspeitaria de uma intrusão. Colocaram sapatilhas descartáveis e calçaram luvas de borracha. Então, acenderam as lanternas que haviam levado, mantendo o feixe de luz parcialmente coberto com a palma da mão, para que pudessem se orientar sem ser notados do lado de fora.

A casa era uma variação do estilo *liberty*, com algumas concessões modernas. Entraram em um escritório com uma escrivaninha de mogno e uma grande estante. A decoração testemunhava um passado rico. Jeremiah crescera em uma família burguesa, os pais conseguiram construir uma discreta fortuna com o comércio de tecidos. Porém, a dedicação deles aos negócios lhes impedira de ter mais de um filho. Talvez para eles fosse suficiente confiar nele para que levasse adiante a empresa e o bom nome dos Smith. Mas bem cedo devem ter se dado conta de que o único herdeiro não era capaz de continuar seus esforços e enchê-los de orgulho.

Marcus iluminou com a lanterna uma série de porta-retratos dispostos ordenadamente em uma mesa de carvalho. A história da família estava condensada naquelas imagens desbotadas. Um piquenique na grama, Jeremiah com poucos anos sentado no colo de sua mãe, e seu pai envolvendo os dois em um abraço protetor. Na quadra de tênis da mansão, com os uniformes imaculados, empunhando raquetes de madeira. Durante um Natal antigo, vestidos de vermelho, posando diante de uma árvore enfeitada.

Na rígida espera de que o disparo automático cumprisse seu dever, sempre compostos em um tríptico perfeito, como fantasmas de outra época.

Em certo ponto, porém, aquelas fotos perdiam um protagonista: Jeremiah adolescente e sua mãe exibiam tristes sorrisos convencionais, o chefe da família os deixou depois de uma breve doença e eles continuam aquela tradição, não para perpetuar uma lembrança, mas como se fosse um antídoto para afastar deles a sombra da morte.

Uma imagem em particular atraiu a curiosidade de Marcus, por causa da escolha um pouco macabra de posar com o defunto. De fato, mãe e filho estavam em pé, em cada lado de uma grande lareira de arenito, sobre a qual se elevava uma pintura a óleo que retratava o pai em uma postura austera.

— Não encontraram nada que relacionasse Jeremiah Smith a Lara —

interveio Clemente atrás dele.

No cômodo, os sinais da perquirição policial eram evidentes. Os objetos haviam sido deslocados, e os móveis, vasculhados.

— Por isso, ainda não sabem que foi ele quem a pegou. Não a procurarão.

— Pare com isso. — O tom de Clemente ficou duro de repente.

Marcus ficou espantado, não era típico dele.

— É inacreditável que você ainda não tenha entendido. Você não é um detetive improvisado, não lhe seria permitido. Você foi preparado da melhor maneira para enfrentar tudo isso. Quer que lhe diga a verdade? É possível que a menina, no fim, morra. Aliás, eu diria que é mais que provável. Mas não vai depender do que faremos ou não. Por isso, pare de se sentir culpado.

Marcus concentrou-se novamente na foto de Jeremiah posando sob o retrato do pai, sério e pesaroso, aos 20 anos.

— Então, por onde você quer começar? — perguntou Clemente.

— Pela sala onde o encontraram agonizante.

Na sala de estar havia rastros da passagem dos peritos da Científica. Tripés com as lâmpadas halogênicas para iluminar a cena, resíduos dos reagentes para líquidos orgânicos e pegadas espalhadas quase por toda parte, além de cartazes alfanuméricos que marcavam a posição dos objetos que foram encontrados, fotografados e depois levados.

Na sala tinham encontrado uma fita de cabelo azul, uma pulseira de coral, um cachecol cor-de-rosa de tricô e um patim vermelho, que pertenciam às quatro vítimas de Jeremiah Smith. Aqueles fetiches eram a prova inconfundível de seu envolvimento, guardá-los fora um risco. Mas Marcus podia imaginar como se sentia o assassino cada vez que acariciava aqueles troféus. Eram o símbolo do que conseguia fazer melhor — matar. Tê-los nas mãos e sentir novamente aquela energia obscura: um choque vital, como se a morte violenta tivesse o poder de revigorar quem a concede. O arrepio de um prazer secreto.

Estavam guardados na sala de estar, pois Jeremiah queria mantê-los ao seu lado. Assim, era como se aquelas meninas também estivessem sempre ali. Almas penadas, prisioneiras daquela casa, junto a ele.

Entre os objetos, porém, faltava algo que pertencesse a Lara.

Marcus entrou na sala, enquanto Clemente ficou na soleira. Os móveis estavam cobertos por panos brancos. Exceto a poltrona ao centro, diante de uma velha televisão. Uma mesinha estava virada e, no chão, havia uma tigela aos

pedaços, uma mancha clara e já seca e biscoitos esfarelados.

Jeremiah deixou isso tudo cair no momento em que se sentiu mal, pensou Marcus. À noite, jantava na frente da TV, leite e biscoitos. Aquela imagem refletia sua solidão. O monstro não se escondia. Seu melhor refúgio era a indiferença dos outros. Se o mundo tivesse cuidado um pouco dele, talvez tivesse sido detido antes.

— Jeremiah Smith era um antissocial, mas se transformava para seduzir suas vítimas. — *Com exceção de Lara, ele pegou as outras de dia*, lembrou a si mesmo. Qual era sua técnica para se aproximar delas e arrancar sua confiança? Era convincente, as meninas não o temiam. Por que não usava os mesmos recursos para fazer amigos? O único objetivo que o movia era o homicídio. O mérito tinha a ver com o mal, considerou Marcus. Porque o mal conseguia fazê-lo parecer uma pessoa boa, alguém em quem confiar. Mas havia algo que Jeremiah Smith não tinha previsto: sempre existe um preço. O maior medo de todos os seres humanos, até daquele que escolheu viver como um eremita, não é a morte. Mas morrer sozinho. Há uma grande diferença. E é uma coisa que percebemos apenas quando está acontecendo.

A ideia de que ninguém chorará por nós, ninguém sentirá a nossa falta ou se lembrará de nós. E estava acontecendo comigo, pensou Marcus.

Estava observando na sala o ponto em que foram feitos os procedimentos de reanimação pela equipe da ambulância: lá estavam espalhados luvas esterilizadas, pedaços de gaze, seringas e cânulas. Tudo ficara cristalizado, como naquele momento convulsivo.

Marcus tentou contextualizar aquilo que havia acontecido antes que Jeremiah Smith começasse a sentir os sintomas do envenenamento.

— Quem quer que tenha sido, conhecia seus hábitos. Comportou-se exatamente como ele fez com Lara. Introduziu-se em sua vida e em sua casa para observá-lo. Não escolheu o açúcar para ocultar a droga, mas talvez tenha colocado algo no leite. Tratou-se de um tipo de correspondência entre crime e punição.

Clemente observava seu aluno enquanto entrava completamente na psique de quem havia tramado aquilo tudo.

— Por isso, Jeremiah se sente mal e telefona para o número da emergência.

— O Gemelli é o hospital mais perto, era normal que o telefonema fosse direcionado para lá. Quem fez isso com Jeremiah Smith sabia bem que Monica, a irmã de sua primeira vítima, era ontem à noite a médica de plantão que

atenderia as ambulâncias. No caso de um código vermelho, subiria na primeira disponível. — Marcus parecia atingido pela habilidade de quem havia orquestrado aquela oportunidade de vingança. — Não age por acaso, é meticuloso. — Desmontara a cena do crime. Peça por peça, revelara a trama escondida, os fios de náilon, o fundo falso, o truque do mago. — Tudo bem, você foi inteligente — disse, dirigindo-se ao adversário como se estivesse presente. — E agora vamos ver o que reservava para nós…

— Você acha que existem indícios que levem ao lugar onde Lara é prisioneira?

— Não, ele é esperto demais. Mesmo se tivessem existido, ele os teria removido. A menina é um prêmio, não se esqueça. Temos que merecê-lo.

Marcus começou a se mover pela sala, certo de que havia algo que ainda lhe escapava.

— O que você acha que deveríamos procurar? — perguntou Clemente.

— Algo que não tenha nada a ver com todo o resto. Para eludir os levantamentos da polícia, devia deixar um sinal que somente nós pudéssemos captar.

Precisaria identificar o ponto exato de onde iniciar a observação da cena. Tinha certeza de que, dali, a anomalia seria evidente. O mais lógico era o ponto em que Jeremiah ficara, exânime.

— As janelas — disse a Clemente, que foi fechar duas grandes janelas que davam para os fundos da casa. Naquele ponto, Marcus liberou o feixe da lanterna, deixando-o se estender por todo o cômodo. As sombras dos objetos se levantavam alternadamente, como soldadinhos obedientes, à medida que eram enquadrados. Os sofás, a cristaleira, a mesa de jantar, a poltrona, a lareira onde se sobressaía um quadro de tulipas. Marcus foi tomado por uma sensação de *déjà-vu*. Voltou e iluminou a pintura com as flores novamente.

— Não deveria estar aqui.

Clemente não conseguiu entender. Mas ele se lembrava muito bem daquela lareira de arenito, porque estava na foto que tinha observado no escritório: Jeremiah e sua mãe embaixo do retrato a óleo do chefe de família morto.

— Foi mudado de lugar.

Mas na sala não estava. Marcus aproximou-se da pintura com as tulipas, afastou a moldura e verificou que, de fato, a marca do quadro deixada na parede ao longo dos anos era diferente. Estava para colocá-lo como o encontrara quando reparou que, no verso, na margem inferior esquerda da tela estava escrito o número 1.

— Achei. — Clemente estava chamando sua atenção do corredor.

Marcus foi até ele e viu o quadro do pai de Jeremiah na parede ao lado da porta.

— As pinturas foram invertidas.

Nesse caso também, tirou-a da parede para conferir seu dorso. O número, dessa vez, era o 2. Ambos olharam ao redor, com a mesma ideia na cabeça. Separaram-se e começaram a tirar todos os quadros da parede para identificar o terceiro.

— Aqui — anunciou Clemente. Era uma paisagem bucólica e encontrava-se no fim do corredor, na base da escada que levava ao andar de cima. Começaram a subir e, na metade dos degraus, acharam o quarto e tiveram a confirmação de que estavam seguindo a pista certa.

— Está nos indicando um percurso… — disse Marcus. Mas nenhum dos dois imaginava a que os levaria.

No corredor do segundo andar identificaram o quinto quadro. Depois o sexto, em um pequeno vestíbulo, e o sétimo no corredor que levava aos quartos. O oitavo era muito pequeno. A pintura a têmpera retratava um tigre indiano que parecia saído de um conto de Salgari. Encontrava-se ao lado de uma portinha, onde parecia ter sido o quarto da infância de Jeremiah Smith. Em cima de uma prateleira estava enfileirado um batalhão de soldadinhos de chumbo, depois havia uma caixa com um Meccano, um estilingue e um cavalinho de balanço.

Com frequência, esquecemos que os monstros também foram crianças, considerou Marcus. Há coisas que carregamos conosco desde a infância. Quem sabe, porém, onde teve origem a necessidade de matar.

Clemente abriu a portinha e revelou-se uma escada íngreme, que provavelmente levava ao sótão.

— Talvez os policiais ainda não tenham olhado direito lá em cima.

Os dois tinham certeza de que a nona pintura seria a última da série. Subiram com prudência os degraus irregulares, o teto era tão baixo que os obrigou a ficar com uma postura curvada. No final daquele corredor de pedra estreito havia um grande cômodo apinhado de móveis velhos, livros e baús. Alguns pássaros haviam feito ninho entre as tábuas do desvão. Assustados com sua presença, começaram a rodar em volta deles e a se debater, procurando um jeito de fugir. Conseguiram por uma mansarda aberta.

— Não podemos ficar muito tempo, daqui a pouco vai amanhecer — pressionou-o Clemente, depois de ter verificado a hora.

Por isso, começaram prontamente a procurar o quadro. Havia diversas

telas amontoadas em um canto. Clemente aproximou-se para conferi-las.

— Nada — anunciou pouco depois, sacudindo a poeira da roupa.

Marcus viu um friso dourado que despontava atrás de uma arca. Rodeou-o e viu-se diante de uma moldura ricamente decorada, pendurada na parede. Não foi preciso virá-la para verificar que era justamente o nono quadro. O conteúdo era bem insólito, para lhes confirmar que se tratava do ponto de chegada daquela caça ao tesouro.

O desenho de uma criança.

Feito com lápis de cor em uma folha de caderno, tinha sido colocado em seguida naquela moldura pomposa demais para que se impusesse à atenção do observador.

Retratava um dia de verão ou de primavera, com o sol velando sorridente a natureza exuberante. Árvores, andorinhas, flores e um riacho. Os protagonistas eram duas crianças, uma menininha usando um vestidinho de bolas vermelhas e um menininho que segurava algo na mão. Apesar da alegria das cores e da absoluta inocência do tema, Marcus teve uma estranha sensação.

Havia algo de perverso naquele desenho.

Deu um passo à frente para observar melhor. Só então notou que, no vestido da menina, não havia bolinhas, mas feridas sangrentas. E que o menininho empunhava uma *tesoura*.

Leu a data escrita ao lado: vinte anos antes. Jeremiah Smith já era adulto demais para ser o autor. Pertencia à fantasia doentia de outra pessoa. *O martírio de são Mateus*, de Caravaggio, veio-lhe à cabeça: o que estava na frente dele era a representação de uma cena de crime. Mas, quando foi feita, aquele horror ainda devia acontecer.

Os monstros também foram crianças, repetiu para si mesmo. A criança no desenho, nesse meio-tempo, crescera. E Marcus entendeu que precisava encontrá-la.

6h04

No primeiro dia na polícia científica ensinavam que, em uma cena de crime, não existem coincidências. Depois, continuavam a repetir isso em qualquer oportunidade, caso alguém tivesse a infelicidade de esquecer. Explicavam que não só induziam ao erro, mas podiam se revelar nocivas ou contraproducentes. E

citavam vários casos-limite em que elas haviam comprometido irremediavelmente as investigações.

Por causa dessa *forma mentis*, Sandra não dava muito crédito às coincidências. Mas, na vida real, conseguia admitir que aquelas conexões acidentais entre fatos às vezes são úteis, pelo menos para chamar nossa atenção sobre coisas que, de outro jeito, não veríamos.

Tinha chegado à conclusão de que algumas delas não nos atingem. De fato, geralmente as liquidamos como "simples coincidências". Outras, porém, parecem destinadas a imprimir a força de uma mudança em nossa vida. E então adotamos um nome diferente para elas. Começamos a chamá-las de "sinais". Com frequência nos fazem acreditar que somos destinatários de uma mensagem exclusiva, como se o cosmo ou uma entidade superior tivesse nos escolhido. Em outras palavras, fazem-nos sentir especiais.

Sandra lembrava que Carl Gustav Jung havia definido como sincronicidades justamente as coincidências desse último tipo, atribuindo a elas três características fundamentais. Deviam ser absolutamente não causais, ou seja, não ligadas por um nexo causa-efeito. Coincidir com uma profunda experiência emotiva. E, por fim, possuir um forte valor simbólico.

Jung afirmava que certos indivíduos passam a existência procurando um significado profundo para cada acontecimento extraordinário que acontece com eles.

Ela não era assim. Mas teve que mudar de opinião. Para essa virada, tinha contribuído o relato de David sobre a extraordinária cadeia de acontecimentos que determinara o encontro deles.

Faltavam dois dias para o Ferragosto, o feriado de 15 de agosto, e ele estava em Berlim. Precisava encontrar alguns amigos em Mikonos, o plano era fazerem juntos um cruzeiro em um barco a vela pelas ilhas gregas. Naquela manhã, porém, o despertador não tocou, ele acordou tarde, mas mesmo assim conseguiu chegar ao aeroporto, justamente enquanto estavam fechando o check-in. Lembrava-se de ter pensado: Que sorte! Sem saber ainda o que o esperava no lugar disso.

Para chegar ao destino, teria que fazer uma conexão em Roma. Porém, antes de embarcar no segundo voo, a companhia aérea lhe disse que, devido a um extravio, sua bagagem tinha sido perdida em Berlim.

Sem nenhuma intenção de abandonar a ideia da viagem, depois de ter comprado correndo uma mala e roupas novas nas lojas do aeroporto, apresentou-se pontualmente no check-in para pegar a conexão que ia para

Atenas. Entretanto, descobriu, que, por causa do trânsito intenso de pessoas de férias, houve *overbooking*.

Às onze da noite deveria estar na popa de um veleiro, bebericando ouzo gelado ao lado de uma modelo indiana esplêndida que conhecera duas semanas antes em Milão. Em vez disso, encontrava-se em uma sala de aeroporto lotada de turistas, preenchendo formulários de seguro para o ressarcimento da bagagem.

Poderia ter esperado o dia seguinte e viajado no primeiro voo disponível, mas sentia que não conseguiria resistir. Assim, alugou um carro com a intenção de ir até o porto de Brindisi e embarcar em uma balsa para a Grécia.

Após ter percorrido cerca de quinhentos quilômetros, dirigindo a noite toda, viu o sol levantar-se no litoral da Apúlia. As placas da estrada indicavam que, a essa altura, faltava pouco para a meta, mas justamente aí seu carro começou a manifestar estranhos problemas. Uma progressiva perda de potência culminou na parada definitiva do motor.

Abandonado pelo destino adverso na beira de uma estrada, David desceu do carro e, em vez de xingar a má sorte, levou o olhar à paisagem ao redor. À direita dele, uma cidade branca encastelada sobre um planalto. Do outro lado, a poucas centenas de metros, o mar.

Caminhou até a praia, deserta àquela hora da manhã. Na rebentação, pegou um de seus cigarros de anis e, com ele nos lábios, celebrou o sol nascente.

Foi então que, olhando para baixo, notou pequenas pegadas, harmoniosas e perfeitamente simétricas na areia molhada. Instintivamente, seu coração atribuiu-as a uma mulher que fazia jogging. O litoral, naquela direção, perdia-se atrás de algumas enseadas. Por isso, quem as deixara já havia desaparecido da vista dele. Porém, uma coisa era certa: não havia passado muito tempo, ou a ressaca teria apagado todas elas.

Em seguida, narrando a história, sempre lhe parecia difícil descrever o que deu um clique em sua mente naquele momento. De repente, foi tomado pela necessidade de seguir aquelas pegadas. Assim, começou a correr.

Quando chegava a esse ponto do relato, Sandra sempre lhe perguntava como tinha feito para intuir que se travava de uma mulher.

— Na verdade não sabia, só podia contar com isso. Imagine se eu me visse na frente de um menino ou de um homem de baixa estatura?

A explicação nunca a convencia completamente. Era seu instinto de policial que a impelia a fazer perguntas do tipo:

— E como você conseguia saber que se tratava de alguém que fazia jogging?

Mas David estava preparado para aquilo também:

— As pegadas na areia eram mais profundas na ponta, por isso corria.

— Tudo bem, dá para acreditar.

E David retomava a narrativa de onde ela o interrompera. Dizia ter percorrido uns cem metros e, depois de ter escalado uma duna, enxergou a figura de uma mulher. Vestia short, camiseta aderente e tênis. Tinha cabelos loiros presos em um rabo de cavalo. Não podia ver o rosto dela, mas mesmo assim teve o instinto de chamá-la. Um pensamento bem estúpido, considerando que não sabia seu nome.

Àquele ponto, acelerou o passo.

O que poderia dizer quando a alcançasse? Quanto mais se aproximava, mais se dava conta de que tinha que inventar alguma coisa para não dar uma de um coitado louco. Mas não conseguia pensar em nada.

Com muita dificuldade, conseguiu chegar ao seu lado. Era muito bonita. Quando o ouvia dizer isso, Sandra geralmente ria. Então, pediu licença, instando que ela parasse. A desconhecida o atendeu, aborrecida, examinando da cabeça aos pés aquele doido que tentava retomar fôlego. Ele não devia ter causado uma grande impressão nela. Usava as mesmas roupas havia 24 horas, estava transtornado por uma noite insone, suava por causa da corrida e certamente não emanava um bom cheiro.

— Oi, eu sou David — disse-lhe, estendendo-lhe a mão. Ela a olhou sem apertá-la, com nojo, como se ele tivesse acabado de lhe oferecer um peixe podre. Então, ele acrescentou: — Sabe o que dizia Carl Gustav Jung em relação às coincidências? — E começou a lhe contar, sem um motivo aparente, todas as adversidades que teve que enfrentar desde que partira de Berlim no dia anterior. Ela ficou escutando sem dizer uma palavra, talvez tentando entender aonde aquele falatório ia dar.

Deixou que terminasse, então rebateu que aquilo não podia ser definido propriamente como coincidência. Porque, apesar da cadeia de acontecimentos independentes da vontade dele que o haviam levado até aquela praia, foi ele que decidiu seguir as pegadas. Por isso, a teoria da "sincronicidade" não poderia ser aplicada ao encontro deles.

— E quem diz isso?

— Jung.

E, para David, aquela pareceu uma ótima objeção, tanto é que se calou. Não sabendo o que mais acrescentar, despediu-se dela e voltou, tristemente. Durante o caminho de retorno, refletiu sobre quanto teria sido bom se aquela

moça tivesse se revelado uma mulher realmente especial, talvez a mulher da sua vida. Teria sido memorável se apaixonar assim e ter tido essa história para contar nos anos seguintes. Como transformar uma série de pequenas desventuras em uma grande epopeia de amor.

Tudo por causa de uma mala extraviada.

A moça não correu atrás dele para lhe dizer que tinha mudado de ideia. E ele, no fim das contas, nem sabia o nome dela. Em compensação, após ter esperado um mês até que a companhia aérea encontrasse sua mala, foi à delegacia em Milão para denunciar o furto. Lá, diante de uma máquina de café, encontrou Sandra pela primeira vez, trocaram umas palavras, gostaram um do outro e, algumas semanas depois, foram morar juntos.

Agora, depois de ter acordado na cama de seu quarto de hotel em Roma com um peso na alma, apesar da recente descoberta de que David havia sido assassinado e com a ideia de ter que achar seu assassino, Sandra, de todo modo, não podia deixar de sorrir àquela lembrança.

Cada vez que David contava aquela história para um amigo novo, esse pensava, durante todo o tempo, que a moça da praia fosse ela. Contudo, o aspecto extraordinário de toda a história era que a vida se serve dos percursos mais banais para nos oferecer as maiores oportunidades. Porque o coração de um homem ou de uma mulher não precisa captar "sinais".

Às vezes, entre bilhões de pessoas, basta se encontrarem.

Diante daquela máquina de café, se ela não estivesse com uma nota de cinco euros e David com um dinheiro menor para trocá-la para ela, talvez não tivessem motivo para se falarem. E, depois de mal terem se encostado, esperando as respectivas bebidas, teriam se afastado como dois estranhos, desconhecedores do amor que poderiam trocar e, algo realmente inacreditável, sem nunca sofrer por isso.

Quantas vezes, todos os dias, acontece a mesma coisa e não sabemos? Quantas pessoas se encontram casualmente e, depois, deixam-se ir como se não fosse nada, sem saber que são perfeitas uma para a outra?

Por isso, embora David tivesse morrido, ela se sentia privilegiada.

E o que foi aquilo que aconteceu ontem à noite?, perguntou-se. Do encontro com o homem com a cicatriz na têmpora tinha ficado um espanto que, agora, não conseguia administrar. Achava que estava diante de um assassino, mas descobriu que se tratava de um sacerdote. Não tinha dúvidas de que estava sendo sincero. Poderia ter se aproveitado do apagão para fugir logo, mas ficou para lhe dizer quem era. Diante daquela revelação inesperada, ela perdera a coragem de

apertar o gatilho. Foi como ouvir a voz de sua mãe repreendendo-a: “Sandra, querida, você não pode atirar em um padre. Isso não se faz.” Era ridículo.

Coincidências.

Mas não havia jeito de determinar uma relação entre David e aquele sujeito. Sandra levantou-se da cama e foi observar a foto dele entre aquelas que tinha revelado da Leica. O que um padre tinha a ver com a investigação? Em vez de lhe revelar alguma coisa, aquela imagem complicava tudo.

Seu estômago resmungou, além disso estava com uma sensação de esgotamento. Não comia havia horas e talvez estivesse com febre. Naquela noite, tinha voltado para o hotel ensopada de chuva.

Mas na sacristia de San Luigi dei Francesi dera-se conta de que o que buscava não era apenas justiça. Havia uma exigência obscura a ser satisfeita. O sofrimento produz estranhos efeitos. Enfraquece e nos torna mais frágeis. Ao mesmo tempo, porém, reforça uma vontade que acreditávamos poder controlar. O desejo de infligir aos outros a mesma dor. Como se a vingança fosse o único remédio para aplacá-la.

Sandra compreendeu que teria que prestar contas com um lado negro que achava que não possuía. Não quero virar isso, disse a si mesma. Mas temia que algo tivesse inevitavelmente mudado.

Colocou de lado a foto que retratava o padre com a cicatriz na têmpora, concentrando-se nas duas últimas que faltavam ser decifradas.

Uma escura. E a outra com David na frente do espelho, acenando tristemente com a mão levantada.

Segurava as duas, erguidas a sua frente, como se quisesse captar uma ligação entre elas. Mas não lhe sugeriram nada. Baixando-as novamente, deteve-se. Seu olhar ficou grudado no chão.

Havia um bilhete debaixo da porta.

Passou alguns segundos observando-o, imóvel. Então, decidiu pegá-lo, com um gesto rápido, como se estivesse com medo. Alguém devia tê-lo colocado ali durante a noite, nas poucas horas em que tinha cedido ao sono. Olhou-o. Era um santinho com a efígie de um frade dominicano.

São Raimundo de Peñafort.

O nome estava impresso no verso, junto com uma prece em latim, para ser lida em voz alta a fim de se obter a intercessão. Algumas frases eram ilegíveis, porque estavam sobrescritas por algo em caneta vermelha que fez Sandra se arrepiar. Uma palavra. Uma assinatura.

Fred.

Ele precisava de um lugar lotado. O McDonald's nos arredores da Piazza di Spagna, àquela hora da manhã, era o ideal. A clientela era composta principalmente por turistas estrangeiros, incapazes de se adaptarem à doce inconsistência de um café da manhã à italiana.

Marcus escolheu aquele lugar porque precisava sentir, a sua volta, a presença de outras pessoas. Saber que o mundo era capaz de seguir em frente, apesar dos horrores dos quais era testemunha todos os dias. Ter certeza de que não estava sozinho naquela luta, porque as famílias que o rodeavam — dando à luz filhos, criando-os com amor e educando-os de modo que repetissem as mesmas coisas no futuro — desempenhavam um papel na salvação da raça humana.

Por isso, afastou para um canto da mesa um copo de café aguado, em que não tinha nem tocado, e colocou no meio a pasta que Clemente lhe entregara meia hora antes, escondendo-a em um confessionário. Outro lugar seguro que usavam para trocar informações.

O desenho infantil do menino com a tesoura, encontrado no sótão de Jeremiah Smith, havia imediatamente trazido à memória de Clemente um fato de três anos antes. Contara-lhe sumariamente enquanto ainda estavam na mansão. Mas, depois que foram embora, tinha corrido para encontrá-lo no arquivo. O código na capa era *c.g. 554-33-1*, mas para todos era "o caso Fígaro", como a mídia havia batizado — com eficácia incontestável, mas pouca consideração com as vítimas — o autor daquele crime.

Marcus abriu a pasta e começou a ler o relatório.

A cena que se apresentou uma sexta à noite aos olhos dos policiais em uma casa do bairro Nuovo Salario era horripilante. Um rapaz de 27 anos, semidesmaiado em uma poça de seu vômito, aos pés da escada que levava ao andar superior. Pouco distante dele, a cadeira de rodas que usava para se locomover, quebrada. Federico Noni era paraplégico e, a princípio, os agentes deviam ter pensado que tivesse caído desastradamente. Mas depois subiram ao segundo andar e lá fizeram a macabra descoberta.

Em um dos quartos estava o cadáver dilacerado de sua irmã, Giorgia Noni.

A moça de 25 anos estava nua e apresentava profundas feridas de arma cortante em todo o corpo. A fatal, porém, havia rasgado seu ventre.

Analisando as lesões, o médico-legista estabelecera que a arma do crime havia sido uma tesoura. Clemente antecipara-lhe que o objeto era tristemente

conhecido pelas forças da ordem, porque três mulheres haviam sido agredidas precedentemente, do mesmo modo, por um maníaco — daí o apelido Fígaro. Elas tinham se safado. Mas, ao que parecia, o agressor quisera fazer um salto de qualidade, tornando-se um assassino.

Maníaco era uma definição imperfeita, notou Marcus. Porque aquele sujeito era muito mais. No seu imaginário distorcido e doente, o que fazia com a tesoura era necessário para lhe causar prazer. Queria sentir o cheiro do medo em suas vítimas, misturado com o do sangue que jorrava das feridas.

Marcus levantou o olhar daquelas folhas por um instante, precisava de um sopro de normalidade. Encontrou-o em uma menina que, a algumas mesas de distância, abria um McLanche Feliz com cuidado. A língua sobre o lábio e os olhos brilhantes de excitação.

Onde é que mudamos?, perguntou-se. Quando é que a história de cada um se modifica de um jeito irreversível? Mas às vezes não acontece. Às vezes tudo segue como deve seguir.

A visão da menina foi suficiente para lhe devolver um pouco de confiança na humanidade. Podia voltar a imergir no abismo do dossiê que tinha a sua frente.

Passou a ler o relatório da polícia sobre a dinâmica dos acontecimentos.

O assassino entrou pela porta da frente, imprudentemente deixada aberta por Giorgia Noni, que voltara para casa depois de ter feito compras. Fígaro tinha o costume de escolher suas vítimas nos hipermercados para depois segui-las até em casa. As outras, porém, sempre estavam sozinhas no momento da agressão. Mas na casa, junto com Giorgia, estava o irmão, Federico. Tinha sido um atleta com grandes perspectivas, porém um acidente de moto banal tinha colocado fim à sua carreira e à possibilidade de andar. De acordo com o que o rapaz relatou, Fígaro surpreendera-o pelas costas. Derrubando a cadeira de rodas, jogou-o para bater no chão, fazendo com que perdesse os sentidos. Depois, o agressor arrastou Giorgia para cima, onde a submeteu ao tratamento que reservava a todas as suas mulheres.

Federico voltou a si e descobriu que a cadeira de rodas estava irremediavelmente quebrada. Pelos gritos da irmã, entendeu que algo de terrificante estava acontecendo no andar de cima. Depois de tentar pedir socorro, procurou escalar as escadas, pegando impulso com os braços. Mas o físico não era mais treinado como antes, além do mais, ainda estava aturdido pelo forte golpe recebido e não conseguiu.

De onde se encontrava foi obrigado a escutar, sem poder intervir em

socorro da pessoa que mais amava no mundo. A irmã que tomava conta dele e que, provavelmente, continuaria a cuidar dele com todo o carinho pelo resto da própria vida. Ficou praguejando, com raiva e impotente, aos pés daquela maldita escada.

Foi uma vizinha, que escutara os gritos vindos da casa, quem deu o alarme. Ao ouvir a sirene da patrulha, o assassino fugiu, usando uma saída secundária que dava no jardim. As pegadas de seus sapatos, deixadas durante a fuga, estavam impressas na terra de um canteiro.

Quando terminou de ler, Marcus reparou que a menina do McLanche Feliz estava cuidadosamente dividindo um *muffin* de chocolate com o irmãozinho, sob o olhar benévolo dos pais. As dúvidas ofuscaram sua visão do idílico quadro familiar.

Dessa vez era Federico Noni a vítima designada a realizar a vingança? Alguém já o estaria ajudando a encontrar o assassino de sua irmã que tinha ficado impune? Sua missão seria deter aquele rapaz?

Enquanto se fazia aquelas perguntas, Marcus deparou-se com uma nota no fim do dossiê. Um detalhe que, provavelmente, nem seu amigo Clemente conhecia, porque havia omitido no relato que lhe fizera enquanto ainda estavam na mansão de Jeremiah Smith.

Nenhuma vingança parecia possível, porque Fígaro tinha um nome. E o caso se concluíra com sua prisão.

7h26

Ela ficou observando o santinho com a assinatura *Fred* por pelo menos vinte minutos. Antes, houve a macabra execução da música que simbolizava o amor com seu marido, registrada no gravador escondido no canteiro de obras abandonado, com a voz do homem que o matara. Agora, outro pedaço da intimidade deles era profanado. O nomezinho carinhoso com o qual chamava David não pertencia mais só a ela.

Foi o assassino dele, disse a si mesma, apertando o bilhete deixado debaixo da porta. Ele sabe que estou aqui. O que quer de mim?

No quarto de hotel, Sandra tentava encontrar uma explicação que a tranquilizasse. No santinho de São Raimundo de Peñafort, junto com a prece, estava indicado o local de culto dedicado ao frade dominicano.

Uma capela na basílica de Santa Maria sopra Minerva.

Sandra decidiu ligar para De Michelis para lhe pedir informações. Estava prestes a usar o celular, mas notou que a bateria tinha acabado. Colocou-o para carregar e optou pelo telefone do quarto. Mas parou um instante antes de discar o número, observando o fone em sua mão.

Após ter descoberto que David tinha vindo a Roma para fazer uma investigação delicada, perguntara-se se, por acaso, não havia entrado em contato com alguém durante a permanência na cidade. Uma pessoa que poderia ter lhe dado apoio de algum tipo. Porém, em seu notebook e na memória do celular não havia e-mails ou chamadas durante todo aquele período.

Aquele isolamento lhe parecera estranho.

Naquele momento, Sandra se deu conta de que não tinha conferido o telefone do hotel.

Estamos tão habituados a esse excesso de tecnologia que não sabemos mais raciocinar em termos elementares, disse a si mesma.

Desligou e discou 9 para se comunicar com a recepção. Pediu para falar com o gerente, a quem pediu a lista das ligações feitas por David durante a estada naquele hotel. Novamente, serviu-se indevidamente da autoridade de oficial público, vangloriando-se de fazer uma investigação sobre a morte do marido. Apesar de não ter acreditado completamente, o homem atendeu-a. Pouco depois, um solícito mensageiro entregou-lhe uma lista com apenas um número.

0039 328 39 56 7 XXX

Ela tinha adivinhado: David havia contatado um usuário de celular mais de uma vez. Sandra queria verificar quem atendia naquele número, mas os últimos três dígitos tinham sido codificados com um X.

Era normal que a central do hotel, por motivos de privacidade, não registrasse integralmente os números das chamadas que entravam e que saíam. No fundo, aquele sistema servia apenas para ter a prova dos telefonemas a serem debitados aos clientes.

Entretanto, se David tinha decidido telefonar para aquele número de seu quarto de hotel, então isso queria dizer que não temia quem estava do outro lado. Por que ela deveria temer?

Observou novamente o santinho com a assinatura *Fred*.

E se não tivesse sido o assassino do marido quem o mandou? Se fosse obra

de um ajudante misterioso? A hipótese era sugestiva. Quem quer que fosse, devia se sentir em perigo depois do que acontecera com David. Por isso, era normal que fosse prudente. Talvez o que encontrara debaixo da porta fosse um convite para ir até a basílica de Santa Maria sopra Minerva, porque lá havia algo que poderia ajudá-la. Assinara Fred apenas para tranquilizá-la sobre o fato de que conhecia David. No fundo, se alguém lhe quisesse fazer mal, conviria permanecer à sombra para então atingi-la traiçoeiramente. Certamente não lhe deixaria uma mensagem.

Sandra sabia que não existiam certezas, mas somente dúvidas que se somavam a outras perguntas. Entendeu que se encontrava diante de uma encruzilhada. Podia pegar o primeiro trem e voltar para Milão, buscando um jeito de esquecer aquela história. Ou escolher ir em frente e fazê-lo a qualquer custo.

Decidiu ir em frente. Mas, antes, tinha que conferir o que a esperava na capela de São Raimundo de Peñafort.

A basílica de Santa Maria sopra Minerva ficava a poucos passos do Pantheon e havia sido edificada em 1280, nos arredores do antigo templo dedicado a Minerva Chalcidica.

Sandra chegou de táxi à praça em frente à basílica. No centro havia um pequeno obelisco egípcio, colocado por Bernini sobre um elefantinho. Uma lenda narrava que o arquiteto dos papas queria que o animal de pedra fosse colocado com o dorso virado para o convento vizinho, dos frades dominicanos, para debochar da obtusidade deles.

Sandra usava calça jeans e um casaco felpudo cinza com um capuz para o caso de chover. O temporal daquela noite parecia apenas uma lembrança. O ar mais quente tinha secado as ruas. O taxista que a acompanhou sentiu-se no dever de pedir desculpas por aquela interminável sequência de dias de mau tempo, assegurando-lhe que em Roma sempre faz sol. Mas nuvens pretas já haviam voltado a se expandir como gangrena no céu dourado.

Sandra atravessou o portal da fachada românica e renascentista, e descobriu que o interior ocultava um inesperado estilo gótico medieval com algumas correções barrocas discutíveis. Por alguns segundos, ficou observando as abóbadas com afrescos azuis-escuros e decoradas com figuras de apóstolos, profetas e doutores da Igreja.

A basílica tinha acabado de abrir os batentes aos fiéis. De acordo com o

calendário afixado na entrada, a primeira missa da manhã seria celebrada somente às dez. Com exceção de uma freira que arrumava algumas flores no altar principal, Sandra era a única visitante. A presença da religiosa, porém, a fazia se sentir mais serena.

Pegou o santinho que retratava São Raimundo de Peñafort e começou a procurar a pintura em perfeita solidão. Costeou as capelas ao longo das naves. A igreja abrigava cerca de vinte delas no total. Todas suntuosas. Ornadas de jaspe vermelho, veiado e tão pulsante que parecia vivo. E mármore multicor, que às vezes caía leve como um tecido, formando macias curvas de pedra, ou se encarnava em esculturas sagradas com pele de marfim, lisa e luminosa.

A capela que interessava era a última, no fundo à direita. A mais miserável.

Sem frisos, comprimida em um canto escuro, media, no máximo, quinze metros quadrados. Não havia mármores preciosos revestindo a parede nua da construção, escurecida pela fuligem. Somente uma série de monumentos funerários.

Sandra pegou o celular com a intenção de fotografá-la, como em um procedimento de perícia fotográfica. Do geral ao detalhe. Começou a clicar, procedendo de baixo para cima. Dedicou atenção especial às obras presentes na capela.

São Raimundo de Peñafort, com seu hábito de dominicano, era retratado ao lado de são Paulo no retábulo que estava acima do altar central. À esquerda, havia uma pintura a óleo com santa Lúcia e santa Águeda. Mas Sandra ficou particularmente impressionada com o afresco que ficava à direita da capela.

Cristo-juiz entre dois anjos.

Embaixo, estavam aglomeradas várias velas votivas. Pequenas chamas dançando em uníssono à solicitação da mais leve brisa, dando uma coloração avermelhada ao ambiente apertado.

Sandra fotografava aquelas obras com a esperança de que lhe dessem a resposta que havia sido prometida a ela, exatamente como acontecera com a pintura de *O martírio de são Mateus,* em San Luigi dei Francesi. Tinha certeza de que, através do filtro de uma objetiva fotográfica, tudo lhe apareceria mais claro. Assim como acontecia quando intervinha com a equipe científica na cena de um crime. Mas não conseguia solucionar o enigma. Era a segunda vez que acontecia naquela manhã, depois da descoberta do misterioso número de celular gravado pela central do hotel, do qual, porém, não possuía os últimos dígitos, infelizmente. Era desanimador saber que estava tão perto de uma verdade e não poder dar o

último, decisivo passo.

Seria possível que, entre as fotos de David, não houvesse nada que remetesse àquele lugar?

Pensou nas duas imagens que restaram. Excluiu a escura mais uma vez e concentrou-se na outra. David, com as costas nuas, diante do espelho do quarto do hotel. Com uma das mãos se fotografava, com a outra acenava para a objetiva. Podia parecer uma pose alegre, mas, por causa de sua expressão fechada, não havia nada de engraçado na imagem.

Enquanto pensava nisso, parou de fotografar e focou no objeto que segurava nas mãos. Celular e foto, até agora não havia feito aquela aproximação. Foto e celular.

— Não — disse, como se tivesse sido tomada pela mais estúpida das intuições. — Não pode ser.

A solução estava ao alcance das mãos e não tinha entendido antes. Procurou na bolsa o papel com o número de celular que lhe entregaram no hotel.

0039 328 39 56 7 XXX

David não estava acenando para o espelho. Em vez disso, com a mão levantada estava lhe comunicando um número. Justamente o que faltava no contato telefônico. Sandra formou a sequência no celular, substituindo os X que escondiam os últimos dígitos pela série 555.

Esperou.

Lá fora, o céu estava novamente encoberto. Uma luz fuliginosa entrava furtivamente na basílica através dos vitrais. Arrastando-se pelas naves, havia preenchido cada canto, cada saliência.

Ouvia o sinal da ligação sendo completada.

Um instante depois, ouviu ressoar um celular no eco da igreja.

Não podia se tratar de um sincronismo fortuito. Estava ali. E a estava observando.

Depois de três toques, o som parou e caiu a linha. Sandra virou-se na direção do altar principal para verificar se a freira que havia visto pouco antes ainda estava lá. Mas não estava. Então, olhou ao redor, esperando que uma presença se manifestasse. Não aconteceu. Compreendeu que estava em perigo um momento antes que um sibilo cortasse o ar acima da cabeça dela, indo se chocar na parede. Reconheceu o tiro com silenciador e agachou-se, levando a mão ao revólver regulamentar. Todos os seus sentidos estavam em alerta, mas

não podia impedir seu coração de bater, aterrorizado. Escapou de uma segunda bala por poucos metros. Não era capaz de estabelecer a posição do franco-atirador, mas teve certeza de que ali, onde estava, não podia atingi-la. Porém, seguro de sua invisibilidade, logo mudaria de lugar para conseguir uma melhor pontaria.

Precisava sair dali.

Segurou bem a arma na sua frente e rodou sobre os calcanhares, como tinham lhe ensinado na academia, cobrindo a área em torno com o olhar. Identificou outra saída a poucos metros de onde estava. Para alcançá-la, poderia se aproveitar do abrigo que as colunas da nave lhe ofereciam.

Errara ao confiar no santinho. Como pôde cometer tal leviandade com o assassino de David ainda em circulação?

Deu-se dez segundos de tempo para chegar à saída. Começou a contar e, ao mesmo tempo, disparou para a frente. Um — nenhum tiro. Dois — já estava com dois metros de vantagem. Três — a luz fraca de um vitral a iluminou por um instante. Quatro – estava novamente protegida pela penumbra. Cinco — faltavam poucos passos, poderia conseguir em menos tempo. Seis e sete – sentiu-se agarrada pelos ombros, alguém, de uma das capelas, puxou-a para si. Oito, nove e dez — era uma força imprevista e não conseguia opor resistência. Onze, doze e treze — debateu-se, lutando e tentando se liberar daquele abraço. Quatorze — conseguiu, mas por pouco. Seu revólver caiu e ela, na tentativa desesperada de retomar a corrida, escorregou. Quinze — percebeu que bateria a cabeça no chão de mármore e, com uma espécie de sexto sentido, sentiu a dor um instante antes de tocar o solo. Estendeu os braços para a frente para frear a queda, mas foi inútil. A única coisa que pôde fazer foi virar a cabeça para atenuar o golpe com o perfil do rosto. A maçã do rosto bateu no chão frio, que, em um instante, ficou ardente. Uma fisgada percorreu-a como um choque elétrico. Dezesseis — seus olhos estavam abertos, mas já havia perdido os sentidos. Era uma situação estranha, em que estava ausente, embora presente em si mesma. Dezessete — sentiu duas mãos que a agarravam pelos ombros.

Então, parou de contar e veio a escuridão.

9h

O cárcere de Regina Coeli antigamente era um convento. Sua edificação

remontava à segunda metade do século XVII. A partir de 1881, fora transformado em uma estrutura de detenção. Da antiga destinação, porém, ainda conservava o nome, em homenagem à figura de Nossa Senhora.

A estrutura podia abrigar cerca de novecentos detentos, divididos em várias seções, de acordo com seus crimes. Na número oito estavam concentrados os chamados *borderline*. Tratava-se de indivíduos que viveram normalmente durante anos, trabalhando, construindo relações, às vezes uma família, e então, de repente, haviam cometido um crime feroz, não relacionável a uma motivação clara e explícita, colocando a saúde psíquica deles em dúvida. Não apresentavam os sinais inequívocos de uma doença mental, sua anormalidade revelava-se apenas pela conduta criminosa e não provinha de manifestações psíquicas mórbidas: nesses casos, de doentio havia apenas o delito. À espera de que um tribunal se pronunciasse sobre a capacidade deles de intencionar e querer, gozavam de um tratamento diferente do restante da população carcerária.

Há mais de um ano, a seção oito era a casa de Nicola Costa, vulgo Fígaro.

Após ter passado pelos controles de praxe, Marcus atravessou o portão de entrada, cruzando um longo corredor, intercalado por grades que dividiam o acesso ao coração da Penitenciaria, como em uma progressiva descida ao inferno.

Para a ocasião, colocara o hábito talar. Não estava acostumado com o colarinho branco apertando sua garganta, nem com a batina que esvoaçava enquanto andava. Para ele, que nunca o usara, aquele uniforme de padre era um disfarce.

Poucas horas antes, após saber que o agressor serial encontrava-se em segurança atrás das grades, havia planejado com Clemente aquele estratagema para encontrá-lo. Nicola Costa estava esperando que um juiz decidisse se deveria continuar a cumprir pena na prisão ou em um hospital psiquiátrico. No meio-tempo, havia iniciado o caminho da conversão e do arrependimento. Todas as manhãs, era acompanhado pelos guardas até a igrejinha interna. Confessava-se e seguia a missa, sozinho. Naquele dia, porém, o capelão tinha sido convocado urgentemente pela cúria por um motivo não muito preciso. Levaria um tempo até entender que se tratava de um engano. Clemente tinha sido hábil ao organizar tudo e ao fornecer a Marcus uma autorização para substituí-lo temporariamente e, assim, ter acesso a Regina Coeli tranquilamente.

Claro que era um risco para o sigilo deles, mas o desenho encontrado no sótão de Jeremiah Smith talvez revelasse uma outra realidade. Existia uma chance de que o caso Fígaro não estivesse absolutamente fechado. Marcus estava

ali para descobrir.

Após ter deixado aquele longo corredor estreito de pedra para trás, desembocou em uma sala octogonal que se estendia para o alto e para a qual davam os três andares que hospedavam as celas. Os balcões estavam fechados por redes metálicas altas até o teto para impedir que algum detento tentasse se suicidar, jogando-se lá embaixo.

Um carcereiro acompanhou-o até a pequena igreja e deixou-o sozinho a fim de se preparar para a função religiosa. Um dos deveres sacerdotais era celebrar a eucaristia: os padres eram obrigados a rezar missa cotidianamente. Marcus fazia parte daqueles que, por causa do ministério especial desempenhado, eram aliviados de tal dever por uma dispensa apropriada. Depois dos acontecimentos de Praga, celebrou algumas missas sob a orientação de Clemente, para que retomasse familiaridade com o ritual. Por isso, estava apto.

Não teve como estudar de modo aprofundado a figura do homem que estava prestes a encontrar, principalmente em relação a seu status psicológico. Mas a definição "*borderline*" representava de maneira apropriada a ideia de que existia uma finíssima barreira separando os homens do mal. Às vezes, aquela fronteira era elástica, permitia breves incursões no lado obscuro, assegurando sempre a possibilidade de serem chamados de volta. Ao forçá-la, outras vezes aquela barreira se quebrava, deixando aberta uma perigosa passagem, pela qual alguns indivíduos conseguiam transitar facilmente. Podiam parecer totalmente normais, mas bastava um passo para o outro lado e eram capazes de se transformar em algo insuspeitado e mortífero.

Para os psiquiatras, Nicola Costa pertencia a essa indecifrável categoria.

Marcus preparava o altar, de costas para a assembleia deserta. Ouviu-o chegar pelo tilintar das algemas que apertavam seus pulsos. Nicola Costa entrou na igrejinha, escoltado pelos carcereiros, avançando com um andar desajeitado. Vestia calça jeans e camisa branca, abotoada até o colarinho. Era glabro e careca, exceto por algumas mechas que brotavam aqui e ali na cabeça, dando-lhe uma aparência bizarra. Mas o que impressionava a todos que o observavam era uma evidente fissura labiopalatal, que obrigava sua boca a um sorriso permanente e bastante sinistro.

O detento arrastou-se até um dos bancos. Os agentes ajudaram-no a se sentar, segurando-o pelos braços, e então foram se posicionar do lado de fora. Ficariam vigiando da porta para não invadir a privacidade daqueles momentos.

Marcus esperou mais alguns instantes, depois se virou, lendo a surpresa no olhar do homem.

— Onde está o capelão? — perguntou o detento, perdido.

— Não estava bem.

Costa concordou e não disse mais nada. Apertava um rosário nas mãos e repetia em voz baixa uma litania incompreensível. De vez em quando era obrigado a tirar, do bolso da camisa, um lencinho para limpar a saliva que escorria da abertura no lábio.

— Antes da função, quer se confessar?

— Com o outro padre eu estava desenvolvendo uma espécie de percurso espiritual. Eu lhe falava das minhas angústias, das minhas dúvidas e ele me respondia com o Evangelho. Talvez seja o caso de esperar a volta dele.

Era dócil como um cordeirinho, notou Marcus. Ou atuava bem em seu papel.

— Desculpe-me, eu achei que você gostaria — disse, dando-lhe as costas novamente.

— De quê? — perguntou Costa, desorientado.

— De confessar as suas culpas.

A frase evidentemente o contrariou.

— O que está acontecendo? Não estou entendendo.

— Nada, fique tranquilo.

Pareceu se acalmar e voltou a rezar. Marcus vestiu a estola para dar início à celebração.

— Suponho que alguém como você nunca chore pelas próprias vítimas. Com essa má-formação, efetivamente, pareceria um tanto grotesco.

Aquelas palavras atingiram Costa como um soco, mas se esforçou para engoli-lo.

— Achava que os padres fossem gentis.

Marcus aproximou-se até colocar seu rosto a poucos centímetros do rosto do homem.

— Eu já sei como aconteceu — sussurrou-lhe.

O rosto de Costa virou uma máscara de cera. O falso sorriso destoava da dureza de seu olhar.

— Confessei meus crimes e estou pronto para pagar. Não esperava reconhecimento, sei que fiz mal. Mas um pouco de respeito, pelo menos.

— Isso — concordou Marcus, sarcástico. — Você prestou completa e detalhada confissão das agressões e do homicídio de Giorgia Noni — disse isso como se não desse muito crédito àquela prova que, geralmente, é suficiente para resolver qualquer caso. — Mas nenhuma das vítimas agredidas antes do delito

soube fornecer um só detalhe sobre você.

— Eu usava um capuz. — Costa mordeu a isca, sentindo-se no dever de reforçar a tese de sua culpa. — E, além do mais, o irmão de Giorgia Noni me identificou.

— Ele só reconheceu a sua voz — rebateu Marcus, prontamente.

— Disse que o agressor tinha um déficit de linguagem.

— Aquele rapaz estava em estado de choque.

— Não é verdade, era por causa do meu… — Costa não completou a frase.

Marcus pressionou-o:

— Seu o quê? Você está falando do lábio leporino?

— Sim — disse o homem com muita dificuldade. Não devia gostar de que alguém se referisse à sua deficiência daquele jeito retrógrado e ofensivo.

— É sempre a mesma história, não é, Nicola? Nada mudou desde que você era criança. Como seus colegas de escola o chamavam? Eles tinham um apelido para você, certo?

Costa mexeu-se no banco e emitiu um som que parecia uma risada.

— Cara de lebre — respondeu, divertido. — Não era lá essas coisas, poderiam ter se esforçado mais.

— Você tem razão, melhor "Fígaro" — provocou-o Marcus.

Estava irritado, limpou a boca com o lencinho novamente.

— O que você quer de mim?

— Não vou absolvê-lo pelos seus falsos pecados, Costa.

— Quero ir embora. — Virou-se para chamar os carcereiros.

Mas Marcus aproximou-se novamente, apoiando uma das mãos no ombro dele e fitando-o nos olhos.

— Se sempre trataram você como um monstro, então é fácil se acostumar com a ideia. E com o tempo você entende que, no fundo, é a única coisa que o torna verdadeiramente especial: você não é mais um zero à esquerda. Seu rosto está nos jornais. Quando você senta na sala do tribunal, as pessoas o olham. Uma coisa é ninguém gostar de você, outra é sentirem medo de você. Estava acostumado com a indiferença e o desprezo de todos, mas agora são obrigados a vê-lo. Não se viram para o outro lado, porque precisam olhar o que mais temem. Não temem você, mas ser iguais a você. E, quanto mais o observam, mais se sentem diferentes. Você se tornou o álibi deles porque se acham melhores. Para isso, aliás, é que servem os monstros.

Marcus pegou do bolso da batina o desenho encontrado no sótão. Desdobrou-o com cuidado no encosto do banco, depois o deixou diante de Nicola

Costa. O menino e a menina sorridentes, no meio da natureza verde. Ela usando o vestidinho manchado de sangue e o menininho com a tesoura na mão.

— Quem fez isso? — perguntou o detento.

— O verdadeiro Fígaro.

— Sou eu o único Fígaro.

— Não, você é um mitomaníaco. Só confessou para dar um sentido a sua existência sem graça. Você foi bom, aprendeu bem cada detalhe. A ideia da conversão religiosa é boa também, faz com que pareça mais verossímil. E acho que, para os policiais, caía bem encerrar um caso que corria o risco de explodir na mão deles: três mulheres agredidas, uma assassinada e nenhum culpado.

— E então como você explica que desde a minha prisão não houve outras vítimas? — perguntou Costa, convencido de ter acertado em um ponto crucial a seu favor.

Marcus havia previsto aquela objeção.

— Apenas um ano se passou, mas é só questão de tempo para voltar a atacar. Por ora, é cômodo para ele que você esteja aqui dentro. Aposto que até pensou em parar, mas não conseguirá resistir por muito tempo.

Nicola Costa levantou o nariz enquanto mexia os olhos de um lado para o outro da igrejinha, sem sossegar.

— Não sei quem é você, padre. Nem por que veio aqui hoje. Mas ninguém vai acreditar em você.

— Admita: você não tem a coragem necessária para ser um monstro. Está tomando os méritos de outra pessoa.

Costa parecia a ponto de perder a calma.

— Quem está dizendo isso? Por que o menino naquele desenho não poderia ser eu?

Marcus aproximou-o dele:

— Olhe o sorriso dele e você vai entender.

Nicola Costa baixou o olhar sobre a folha de caderno e viu que no rosto do menino não havia nenhuma má-formação.

— Isso não prova nada — disse, com um fio de voz.

— Eu sei — respondeu Marcus. — Mas para mim é suficiente.

10h04

Foi uma dor intensa na maçã direita do rosto que a despertou. Abriu os olhos devagar, com o medo quase a impedindo de olhar. Estava deitada em uma cama. Debaixo dela havia um edredom vermelho macio. Em volta, normalíssimos móveis da Ikea e uma janela com as venezianas fechadas. Ainda devia ser dia, porque, apesar de tudo, vazava um pouco de luz.

Não estava amarrada, como seria de esperar. Ainda vestia a calça jeans e o casaco, mas alguém tinha tirado seus tênis.

Identificou uma porta no fundo do quarto. Estava apenas encostada. Havia gentileza naquele gesto, percebeu claramente. Tinham feito isso para não incomodá-la.

A primeira coisa que fez foi apalpar o quadril à procura do revólver. O coldre, porém, estava vazio.

Tentou se sentar, mas logo descobriu que estava com vertigem. Deixou-se cair novamente e ficou fitando o teto até os móveis e os objetos pararem de rodar.

Tenho que ir embora daqui.

Empurrou as pernas até a beira da cama, deixou cair a primeira, depois a outra, e tateou o chão. Quando teve certeza de que tinha encostado os dois pés, tentou pegar impulso com os braços para recuperar a posição vertical. Precisava manter os olhos abertos para não perder o equilíbrio. Tentou, conseguiu ficar sentada. Estendeu as mãos para se segurar na parede e, então, usou uma mesinha de cabeceira para dar o impulso necessário. Estava em pé. Mas não durou. Sentiu os joelhos cedendo sob o empurrão de uma espécie de onda invisível que se abatia sobre ela, fazendo-a cambalear. Tentou impedi-la, inutilmente. Fechou os olhos e estava quase caindo quando alguém a agarrou por trás e deitou-a na cama novamente.

— Ainda não — disse o homem.

Sandra segurou-se naqueles braços fortes. Quem quer que fosse, cheirava bem. Viu-se novamente de bruços, com a cabeça afundada em um travesseiro.

— Me deixe ir — murmurou.

— Você não está pronta. Há quanto tempo não come alguma coisa?

Sandra virou-se. Os olhos eram apenas duas frestas, mas, mesmo assim, ela conseguiu examinar aquela figura masculina na penumbra. Os cabelos loiros acinzentados, compridos no pescoço. Os traços delicados, embora masculinos. Estava certa de que ele tinha as íris verdes, porque emanavam uma luz própria, como os gatos. Estava quase lhe perguntando se por acaso era um anjo, mas infelizmente ela teve a impressão de reconhecer a insuportável voz de menino e

o sotaque alemão.

— Shalber — disse, decepcionada, diante de seu sorriso plácido.

— Me desculpe, não consegui segurá-la e você escorregou.

— Caramba, então era você na igreja!

— Tentei lhe dizer, mas você dava coices.

— Dava coices? — A raiva a fez esquecer o mal-estar.

— O atirador teria acertado em você se eu não tivesse interferido: você estava quase desfilando exatamente na frente dele. Seria um alvo perfeito.

— E quem era?

— Não faço ideia. Felizmente eu a estava seguindo.

Agora estava realmente furiosa.

— Você estava o quê? E desde quando?

— Cheguei à cidade ontem à noite. Hoje de manhã fui até o hotel onde David se hospedava, certo de achá-la. Vi você sair e pegar um táxi.

— Então o encontro de hoje em Milão para aquele café…

— Era um blefe: sabia que você tinha vindo a Roma.

— Então os telefonemas insistentes, o pedido para conferir as malas de David… Você me fez de boba esse tempo todo.

Shalber sentou-se na frente dela na cama e suspirou.

— Tive que fazer isso.

Sandra deu-se conta de ter sido usada pelo funcionário da Interpol.

— O que há por trás disso?

— Antes de explicar, preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Não. Agora é você que vai me dizer o que está acontecendo.

— Juro que vou fazer isso, mas preciso entender se ainda estamos em perigo.

Sandra olhou em volta, identificando o que lhe parecia um sutiã — certamente não o seu — apoiado no braço de uma poltrona.

— Um segundo, onde estou? O que é esse lugar?

Shalber interceptou seu olhar e escondeu a indumentária íntima.

— Desculpe a bagunça. É uma casa da Interpol, nós a usamos como alojamento. Aqui é um entra e sai de gente o tempo todo. Mas não se preocupe, estamos em segurança.

— Como chegamos aqui?

— Tive que dar alguns tiros e duvido ter acertado o atirador, mas conseguimos sair da basílica incólumes. Foi difícil carregá-la para fora nos ombros. Felizmente chovia a cântaros e pude colocá-la no carro sem que

ninguém percebesse. Teria sido complicado dar explicações a um guarda municipal ou a um policial de passagem.

— Ah, era essa a sua única preocupação? — Depois, refletiu: — Um momento, por que estaríamos em perigo?

— Porque quem tentou matá-la com certeza vai tentar de novo.

— Alguém me deixou um santinho com uma mensagem debaixo da porta do quarto do hotel. O que havia de importante na capela de São Raimundo de Peñafort?

— Nada, era só uma armadilha.

— E como você sabe disso?

— David teria feito menção a isso nas pistas que lhe deixou.

Aquela afirmação teve o poder de frear qualquer objeção de Sandra. Estava surpresa.

— Você está a par da investigação de David?

— Sei de muitas coisas, mas tudo em seu devido tempo.

Shalber levantou-se e dirigiu-se ao cômodo ao lado. Sandra o ouviu mexer em algumas louças. Pouco depois, voltou com uma bandeja onde havia ovos mexidos, geleia e torrada, além de um bule fumegante.

— Você precisa colocar alguma coisa no estômago, ou não vai se recuperar.

Realmente, não comia havia mais de 24 horas. A visão da comida despertou-lhe o apetite. Shalber ajudou-a a se sentar com as costas apoiadas em dois travesseiros, então colocou a bandeja em seu colo. Enquanto ela comia, ele sentou ao seu lado, esticou as pernas na cama e cruzou os braços. Até algumas horas antes, a relação deles era formal, agora pareciam íntimos. A intromissão daquele homem a irritava, mas não disse nada.

— Você se arriscou muito esta manhã. Só se salvou porque o toque do meu celular enervou o atirador.

— Então era você… — disse, com a boca cheia.

— Como você conseguiu esse número? Sempre lhe telefonei usando outro contato.

— Descobri esse telefone porque David ligava para você do hotel.

— Seu marido era um sujeito teimoso e eu não gostava nem um pouco dele — sentenciou.

Sandra ressentiu-se ao ouvir falar dele daquela maneira.

— Você não tem como saber que sujeito ele era.

— Era um pé no saco — insistiu ele. — Se tivesse me escutado, ainda

estaria vivo.

Enervada, Sandra moveu a bandeja e fez menção de se levantar. A cólera fizera com que esquecesse as vertigens.

— Onde você está indo?

— Não consigo suportar que um estranho diga certas coisas.

Ainda cambaleante, rodou em volta da cama para pegar os tênis.

— Tudo bem, você está livre para ir embora — disse, indicando-lhe a porta. — Mas me dê as pistas que David lhe deixou.

Sandra olhou-o, estupefata.

— Eu não vou dar absolutamente nada a você!

— David foi assassinado porque tinha descoberto uma pessoa.

— Acho que o encontrei.

Shalber levantou-se e aproximou-se dela, obrigando-a a olhá-lo.

— Como assim o encontrou?

Sandra estava amarrando os tênis, mas parou.

— Ontem à noite.

— E onde?

— Que pergunta! O lugar onde é mais fácil se deparar com um padre é uma igreja.

— Aquele homem não é um simples padre. — Com essa afirmação, Shalber conseguiu toda a atenção dela novamente. — É um *penitencieiro*.

Shalber aproximou-se das venezianas da janela. Escancarou-as e viu as nuvens pretas que tentavam invadir Roma novamente.

— Qual é o arquivo criminal mais vasto do mundo? — perguntou-lhe.

Sandra estava perplexa.

— Não saberia… O da Interpol, suponho.

— Errado — rebateu Shalber, virando-se com um sorriso satisfeito.

— FBI?

— Também não. Encontra-se na Itália. Mais precisamente, no Vaticano.

Sandra ainda não estava entendendo. Mas tinha a impressão de que dependia dela.

— Que necessidade a Igreja católica tem de um arquivo criminal?

Shalber convidou-a a se sentar novamente, enquanto procurava as palavras para lhe explicar.

— O catolicismo é a única fé religiosa que prevê o sacramento da

confissão: os homens contam os próprios pecados a um ministro de Deus para receber em troca o perdão. Às vezes, porém, a culpa é tão grave que um simples sacerdote não pode conceder a absolvição. Acontece para os chamados "pecados mortais", ou seja, que se referem a um assunto grave, e são realizados com consciência e consenso deliberado.

— Como o homicídio, por exemplo.

— Exatamente. Nesses casos, o sacerdote transcreve o texto da confissão e o transmite a uma autoridade superior: um colegiado de altos prelados que, em Roma, é chamado para julgar esses assuntos.

Sandra estava surpresa.

— Um órgão julgador para os pecados dos homens.

— O Tribunal das Almas.

No nome ressoa a gravidade da tarefa, pensou Sandra. Sabe-se lá quais segredos haviam transitado por aquela instituição. Finalmente compreendeu o interesse de David e aquilo que o estimulara a investigar.

Shalber prosseguiu:

— Foi instituído no século XII com o nome de *Paenitentiaria Apostolica* com um objetivo menor: naquela época, assistiu-se a um extraordinário afluxo de peregrinos que acorriam à Cidade Eterna para visitar suas basílicas, mas também para obter a absolvição de suas culpas.

— O que levaria ao famoso período histórico das indulgências.

— Exato. Havia algumas censuras reservadas exclusivamente ao Sumo Pontífice, assim como dispensas e graças que somente a mais alta autoridade da Igreja podia conceder. Mas, para o papa, era uma tarefa imensa. Assim, ele começou a delegá-la a alguns cardeais que, depois, deram vida à congregação da Penitenciaria.

— Não entendo como isso se relaciona com os dias de hoje…

— No início, uma vez que o tribunal emitia o veredicto, os textos das confissões eram queimados. Mas, depois de poucos anos, os penitencieiros decidiram criar um arquivo secreto… E a obra deles não parou mais.

Sandra começava a compreender o alcance daquela tarefa.

Shalber continuou:

— Há quase mil anos, lá estão guardados os piores pecados cometidos pela humanidade. Às vezes, trata-se de crimes dos quais nunca ninguém tomou conhecimento. A isso é necessário acrescentar, depois, que a confissão é um ato não provocado, mas espontâneo do penitente e, por isso, sempre sincero. Consequentemente, a *Paenitentiaria Apostolica* não é uma simples base de dados

onde é catalogada uma casuística, como pode ser a de qualquer polícia do mundo.

— O que é, então?

Os olhos verdes de Shalber brilhavam.

— É o mais vasto e atualizado arquivo do mal.

Sandra era muito cética.

— É alguma coisa relacionada ao diabo? Quem são esses padres, exorcistas?

— Não, você está enganada — apressou-se em corrigi-la. — Os penitencieiros não estão interessados na existência do demônio. Têm uma abordagem científica: são verdadeiros *profilers*. A experiência deles é amadurecida ao longo dos anos graças ao arquivo. Com o tempo, além das confissões dos penitentes, começaram a levantar uma casuística detalhada de todos os acontecimentos criminosos. Estudam-nos, analisam-nos e tentam decifrá-los exatamente como faria um criminologista moderno.

— Quer dizer que também resolvem casos?

— Às vezes acontece.

— E a polícia não sabe nada de tudo isso…

— São bons em proteger o segredo deles, no fundo fazem isso há séculos.

Sandra aproximou-se da bandeja com a comida e se serviu de uma abundante xícara de café.

— Como operam?

— Assim que chegam à solução de um mistério, encontram o modo de comunicá-la de forma anônima às autoridades. Outras vezes, intervêm.

Shalber foi pegar uma valise que estava em um canto do quarto e abriu-a para procurar algo. Sandra lembrou-se dos endereços na agenda de David, tirados da escuta da frequência da polícia: por isso seu marido procurava aquele padre nas cenas de crime.

— Aqui está — anunciou o funcionário da Interpol, segurando um dossiê nas mãos. — O caso do pequeno Matteo Ginestra, em Turim. O menino tinha sumido, a mãe achava que o pai o tinha raptado: eram separados e o marido não concordava com o que o juiz estabelecera em relação à guarda. O homem, no início, tinha paradeiro desconhecido, mas depois negou ter escondido o filho para tirá-lo da mãe.

— Quem tinha sido, então?

— Enquanto os policiais insistiam naquela pista, o menino reapareceu, incólume. Descobriu-se que quem o raptara fora um grupo de rapazes maiores,

todos de boa família. Mantinham-no isolado em uma casa abandonada, tinham a intenção de matá-lo. Só por diversão, só por curiosidade. O menino contou que tinha sido salvo por alguém que entrou na casa para levá-lo embora.

— Podia se tratar de qualquer um. Por que justamente um padre?

— A pouca distância do local do descobrimento foram encontradas algumas folhas que continham um relato detalhado do que tinha acontecido. Um dos adolescentes envolvidos teve crises de consciência e se abriu com o sacerdote de sua paróquia. Naquelas folhas havia uma confissão, e alguém as perdera. — Shalber deu-lhe o documento. — Leia o que está escrito na margem.

Sandra leu:

— Há um código: *c.g. 764-9-44*. O que é?

— O método de fichamento dos penitencieiros. Acho que os números são convencionais, mas as letras seguidas de pontos significam *culpa gravis*.

— Não entendo: como começou a investigação de David sobre eles?

— A Reuters o enviara a Turim para uma reportagem sobre o acontecido. Foi ele quem encontrou aqueles documentos enquanto tirava fotos. Foi ali que tudo começou.

— E o que a Interpol tem a ver com isso?

— Embora possa parecer uma coisa boa, o que os penitencieiros fazem é ilegal. A atividade deles não tem limites, nem regras.

Sandra serviu-se de uma segunda xícara de café e ficou bebendo devagar, observando Shalber. Talvez ele esperasse que ela dissesse mais alguma coisa.

— Foi David quem deu a deixa para vocês, não foi?

— Nós tínhamos nos conhecido há anos, em Viena: ele fazia uma reportagem, eu lhe passava as dicas. Quando começou a investigar sobre os penitencieiros, deu-se conta de que a atividade deles se estendia para além das fronteiras italianas, por isso podia interessar à Interpol. Ele me telefonou algumas vezes de Roma, explicando-me o que havia descoberto até então. Depois morreu. Mas, se deu um jeito para que você pudesse chegar ao meu número de telefone, quer dizer que queria que você me encontrasse. Eu posso levar o trabalho dele até o fim. Então, onde estão as pistas?

Sandra tinha certeza de que Shalber a revistara enquanto estava desmaiada, assim como havia tirado seu revólver e que, portanto, já sabia que não estavam com ela. Mas não queria entregá-las a ele tão facilmente.

— Temos que prosseguir juntos.

— Fora de cogitação, pode esquecer. Você vai pegar o primeiro trem e voltar para Milão. Alguém a quer morta e você não está em segurança nesta

cidade.

— Sou uma agente de polícia: sei tomar conta de mim mesma e sei como se prossegue com uma investigação, se é isso que o preocupa.

Shalber começou a andar nervosamente pelo quarto.

— Eu trabalho melhor sozinho.

— Bem, desta vez você terá que rever seus métodos.

— Cabeça-dura. — Plantou-se na frente dela, levantando o indicador. — Só com uma condição.

Sandra levantou os olhos ao céu.

— Está bem, já sei: o chefe é você e fazemos sempre o que você disser.

Shalber estava desnorteado.

— Como você conseguiu…

— Conheço os efeitos da testosterona no ego dos homens. Então, por onde começamos?

Shalber aproximou-se de uma gaveta, de lá pegou o revólver que lhe tirara e devolveu-lhe.

— Estão interessados nas cenas de crime, certo? Quando cheguei à cidade ontem à noite, fui até uma mansão onde uma perquirição de polícia estava em andamento. Coloquei alguns microfones escondidos, esperando que os penitencieiros dessem as caras assim que a Científica tivesse evacuado o campo. Antes do amanhecer, gravei uma conversa. Eram dois, não sei quem são. Na conversa, referiam-se ao caso de um agressor chamado Fígaro.

— Tudo bem, vou lhe mostrar as pistas de David. E depois tentamos descobrir alguma coisa sobre esse Fígaro.

— Me parece um ótimo plano.

Sandra fitou Shalber, não estava mais na defensiva.

— Alguém matou meu marido e tentaram fazer o mesmo comigo esta manhã. Não entendo se se trata da mesma mão e o que isso tudo tem a ver com os penintencieiros. Talvez David tenha ido muito longe com sua investigação.

— Se os encontrarmos, eles nos dirão.

12h32

A única companhia de Pietro Zini eram os gatos. Tinha seis. Ficavam à sombra de uma laranjeira ou vagavam por entre os vasos e nos canteiros, na pequena

horta de sua casa, no coração de Trastevere. O bairro era como uma vila do interior que, de repente, se viu rodeado por uma cidade inteira.

Da porta-balcão escancarada do escritório chegavam as notas de uma velha vitrola. A "Serenata para Cordas" de Antonin Dvořák tinha o poder de fazer as cortinas dançarem. Mas Zini não tinha como saber disso. Estava em uma espreguiçadeira, curtindo a música e um raio de sol que parecia ter atravessado as nuvens só para ele. Era um sessentão robusto. Tinha o estômago proeminente de certos homens fortes do início do século XX. As mãos grandes com as quais geralmente explorava o mundo estavam pousadas no colo. A bengala branca estava estendida a seus pés. Os óculos escuros refletiam uma realidade já supérflua.

Desde o dia em que havia deixado de enxergar, renunciara a qualquer relação humana. Passava os dias entre a horta e a casa, imerso na beatitude de seus discos. Tinha mais medo do silêncio do que do escuro.

Um dos gatos trepou na espreguiçadeira e foi se enroscar em cima dele. Zini deslizava os dedos em seu pelo farto e o animal exprimia-lhe gratidão, vibrando a cada carícia.

— Bonita essa música, não é, Sócrates? Eu sei, você é como eu: prefere as melodias pungentes. Seu irmão, porém, gosta daquele pretensioso do Mozart.

Era cinza e marrom e tinha uma mancha branca no focinho. Algo chamou sua atenção, porque endireitou a cabeça, esquivando-se dos carinhos do dono, e olhou fixamente uma mosca varejeira. Depois de alguns instantes, perdeu o interesse pelo inseto e se acomodou novamente. Zini voltou a acariciá-lo.

— Vamos, pode me perguntar.

Zini parecia tranquilo. Esticou uma mão para pegar um copo de limonada de uma mesinha ao lado. Deu um gole.

— Sei que está aqui. Percebi desde quando você chegou. Eu estava me perguntando quando você diria alguma coisa. Então, vai se decidir?

Um dos gatos foi se esfregar no tornozelo do intruso. De fato, Marcus encontrava-se ali havia pelo menos vinte minutos. Entrara por uma porta secundária e durante todo o tempo observara Zini, buscando o jeito certo de abordá-lo. Era bom em entender as pessoas, mas não sabia se comunicar com elas. O fato de o policial aposentado ter perdido a visão levara-o a acreditar que seria mais fácil falar com ele. Além disso, havia a vantagem de que não poderia reconhecer seu rosto, a invisibilidade estava garantida. Entretanto, conseguia vê-lo melhor do que qualquer outro.

— Não se deixe enganar: não fiquei cego. Foi o mundo que se apagou ao

meu redor.

Aquele homem inspirava solidez e confiança.

— Vim por causa de Nicola Costa.

Zini concordou, anuviou-se e, então, sorriu.

— Você é um deles, não é? Não, é inútil procurar uma resposta: sei que não pode me dizer isso.

Marcus não conseguia acreditar que o velho policial soubesse.

— Certas histórias correm entre os tiras. Alguns acham que são lendas. Mas eu acredito nelas. Há muitos anos, um caso me foi designado. Uma mãe de família tinha sido raptada e morta, mas havia uma crueldade inaudita e inexplicável no modo como o assassino tinha se obstinado sobre ela. Uma noite me telefonaram. Do outro lado, um homem me explicou por que era errado perseguir um sequestrador e depois me disse como procurar o verdadeiro culpado. Não era o costumeiro telefonema anônimo, foi convincente. Quem matara a mulher tinha sido um admirador rejeitado. Nós o prendemos.

— Fígaro ainda está solto — pressionou-o Marcus.

Mas o homem divagava.

— Sabia que em 94 por cento dos casos a vítima conhece seu assassino? É mais provável sermos assassinados por um parente próximo ou por um amigo de toda a vida do que por um total desconhecido.

— Por que não me responde, Zini? Não gostaria de encerrar o passado?

A canção de Dvořák terminou, a agulha da vitrola ficou pulando no último sulco do vinil. Zini inclinou-se para a frente, obrigando Sócrates a deslizar para o chão e alcançar seus companheiros. O policial cruzou as mãos.

— Os médicos me disseram com muita antecedência que eu ficaria cego. Por isso, tive muito tempo para me acostumar com a ideia. Eu dizia a mim mesmo: quando a doença começar a interferir no meu trabalho, largo na mesma hora. Enquanto isso, eu me preparava: estudava braile, às vezes vagava pela casa com os olhos fechados treinando reconhecer os objetos com o tato ou saía por aí de bengala. Não queria depender dos outros. Então, um dia as coisas começaram a aparecer desfocadas. Sumiam uns detalhes, enquanto outros ficavam incrivelmente evidentes. A luz se enfraquecia nos cantos e ressaltava algumas figuras, tornando-as iridescentes. Era insuportável. Naqueles momentos, rezei para que a escuridão chegasse rápido. Então, há um ano, fui atendido. — Zini tirou os óculos escuros, descobrindo as pupilas imóveis, despreocupadas com o clarão do sol. — Eu achava que estaria sozinho aqui embaixo. Mas sabe de uma coisa? Não estou nem um pouco sozinho. No escuro, estão todos aqueles que não

consegui salvar ao longo da minha carreira, os rostos das vítimas que me fitavam, deitadas no seu sangue e na sua merda, em casa ou na rua, em um campo não cultivado ou sobre uma mesa de necrotério. Eu as encontrei aqui, estavam me esperando. E agora vivem comigo, como fantasmas.

— Aposto que Giorgia Noni também está aí. O que ela faz, fala com você? Ou o observa e se cala, fazendo com que você se envergonhe de si mesmo?

Zini atirou o copo de limonada no chão.

— Você não pode entender.

— Sei que você falsificou a investigação.

O velho sacudiu a cabeça.

— Foi o último caso de que cuidei. Precisava acabar logo, não me restava muito tempo. O Federico, o irmão dela, merecia um culpado.

— Foi por isso que você mandou um inocente para a prisão?

O policial apontou o olhar na direção de Marcus, como se pudesse vê-lo.

— É aí que você se engana: Costa não é inocente. Tinha precedentes por perseguição e molestamento. Na casa dele encontramos pornografia extrema, coisas ilegais baixadas da internet. O tema era sempre o mesmo: violência contra mulheres.

— As fantasias não são suficientes para condenar um homem.

— Estava se preparando para atacar. Sabe como a prisão aconteceu? Ele estava na lista dos suspeitos do caso Fígaro, estávamos de olho nele. Uma noite o vimos seguir uma mulher na saída de um supermercado, levava uma bolsa de ginástica. Precisávamos de provas, mas tínhamos que decidir rápido. Podíamos deixá-lo agir, com o risco de que fizesse o mal, ou detê-lo imediatamente. Escolhi a segunda opção. E estava certo.

— Havia uma tesoura na bolsa?

— Não. Só uma muda de roupa — admitiu Zini. — Mas era exatamente idêntica à que estava usando. E sabe para quê?

— Para não dar na vista caso se sujasse de sangue. — A lógica daquele plano era perfeita.

— E depois confessou, fornecendo confirmações: para mim, isso é suficiente.

— Nenhuma das vítimas de agressão forneceu elementos úteis para identificá-lo. Limitaram-se a confirmar a outras pessoas que era ele. Com frequência, as mulheres que sofrem violência estão tão transtornadas que a polícia lhes mostra um culpado e elas dizem logo que foi ele. Mas não estão mentindo, querem acreditar nisso, ou melhor, estão convictas de que seja assim.

Não poderiam viver sabendo que o monstro que lhes fez mal ainda está em circulação: o medo de que tudo se repita é mais forte que qualquer sentimento de justiça. Então, um culpado vale o outro.

— Federico Noni reconheceu Costa pela voz.

— É mesmo? — Marcus alterou-se. — Aquele rapaz estava sereno enquanto apontava o dedo contra ele? Pense na sequência de traumas que sofreu nos últimos anos.

Pietro Zini não soube responder. A têmpera do velho policial ainda era perceptível, mas algo havia inevitavelmente se quebrado em sua alma. O homem que antigamente era capaz de amedrontar um delinquente com o olhar agora parecia inacreditavelmente frágil. E não era só por causa da deficiência. Aliás, ela o tornara mais sábio. Marcus estava convencido de que sabia de algo e, como lhe acontecia com frequência a essa altura, só precisava deixá-lo falar.

— Desde o dia em que me disseram que ficaria cego, nunca mais perdi um pôr do sol. Às vezes, ia ao terraço do Gianicolo e ficava até o último instante de luz. Existem coisas que subestimamos e não observamos mais, embora toda vez nos impressionem. As estrelas, por exemplo. Lembro que, quando eu era criança, gostava de ficar deitado na grama imaginando todos aqueles mundos distantes. Antes da cegueira voltei a fazer isso, mas não era a mesma coisa. Meus olhos tinham visto coisas erradas e horrendas demais. Entre as últimas que vi estava o cadáver de Giorgia Noni. — O velho policial esticou a mão para convocar os gatos a seu redor. — É complicado acreditar que alguém nos colocou no mundo somente para nos ver sofrer. Diz-se que, se Deus é bom, então não pode ser onipotente, e vice-versa. Um Deus bom não faria seus filhos penarem, então quer dizer que não é capaz de impedir isso. Mas, se previu tudo, então não é bom como nos quer fazer acreditar.

— Queria poder lhe dizer que é um plano que não somos capazes de entender. Que um único homem não pode compreender um sentido tão grande das coisas. Mas a verdade é que eu não sei a resposta.

— Me parece honesto de sua parte. Aprecio muito. — Zini ficou de pé. — Venha, quero lhe mostrar uma coisa.

Pegou a bengala e entrou no escritório. Marcus seguiu-o. O cômodo era muito organizado e limpo, sinal de que Zini era realmente autossuficiente. O policial aproximou-se da vitrola e recolocou o vinil de Dvořák. Enquanto realizava a operação, Marcus notou uma corda de dois metros, jogada em um canto do cômodo. Sabe-se lá quantas vezes o policial tinha ficado tentado a usá-la.

— Meu erro foi devolver o porte de armas — disse Zini, sem acrescentar mais nada, como se tivesse intuído os pensamentos de seu visitante. Então, sentou-se a uma escrivaninha, na qual estava um computador. Diante do teclado, não havia um monitor comum, mas sim um visor em braile e caixas de som. — Você não vai gostar do que vai ouvir.

Marcus começou a imaginar do que podia se tratar.

— Mas antes quero lhe dizer que aquele rapaz, Federico Noni, já sofreu o bastante. — Zini parecia amargurado. — Há anos, perdeu o uso das pernas, e isso aconteceu justamente com ele, um atleta. Se lhe acontece de ficar cego na minha idade, você pode até aceitar. Depois, mataram brutalmente sua irmã, praticamente debaixo de seus olhos. Você consegue conceber apenas a ideia de uma coisa assim? Imagine como deve ter se sentido impotente. Sabe-se lá que sentimentos de culpa ele nutre por causa disso, mesmo não tendo feito nada de mau.

— O que isso tem a ver com o que você está prestes a me revelar?

— Tem a ver porque Federico tem direito à sua justiça. Qualquer que seja ela.

Pietro Zini calou-se, esperando que Marcus lhe demonstrasse ter entendido.

— Você pode conviver com uma deficiência. Não pode fazer isso com uma dúvida.

Era suficiente. O policial ficou às voltas com o teclado. A tecnologia era uma ajuda válida para os cegos. Zini podia desempenhar atividades normalíssimas, como navegar na internet ou bater papo, ou mandar e receber e-mails. Ninguém na rede perceberia a diferença. No ciberespaço as diversidades se anulam.

— Recebi um e-mail há alguns dias — anunciou o policial. — Vou deixar você escutá-lo agora…

No computador de Zini havia um programa que lia os e-mails para ele. O homem acionou as caixas e relaxou no encosto da cadeira, esperando. Em primeiro lugar, a voz eletrônica de um sintetizador vocal declarou um endereço de e-mail anônimo do Yahoo. A mensagem não tinha assunto. Então, a voz passou a escandir o texto.

— E-le-nã-o-é-co-mo-vo-cê… pro-cu-re-n-o-par-que-de-vil-la-glo-ri.

Com uma tecla, Zini deu fim à operação. Marcus estava desnorteado: o artífice da mensagem enigmática só podia ser o guia desconhecido que o conduzira até ali. Por que se dirigira a um policial cego?

— "Ele não é como você", o que significa?

— Francamente, a segunda parte me preocupa mais: “Procure no parque de Villa Glori”.

Zini levantou-se de seu lugar, aproximou-se dele e, pegando-o por um braço, quase lhe suplicou.

— Eu não posso ir lá. Agora você sabe o que tem que fazer. Vá ver o que há naquele parque.

14h12

Nos meses passados após a morte de David, a solidão havia sido um casulo precioso. Não era um estado, era um lugar. O lugar onde podia continuar falando com ele, sem se sentir uma pobre coitada. Sandra fechara-se naquela espécie de bolha invisível de tristeza, contra a qual se rebatiam as coisas que vinham sobre ela. Nada nem ninguém podia tocá-la se ficasse ali. Paradoxalmente, a dor tinha o poder de protegê-la.

Isso até os tiros de revólver passarem rente a ela naquela manhã na capela de São Raimundo de Peñafort.

Tivera medo de morrer. Desde aquele momento, a bolha sumira. Queria viver. E era o motivo pelo qual se sentia culpada em relação a David. Durante cinco meses sua existência ficara em suspenso. O tempo passava, mas ela permanecia imóvel. Mas agora se perguntava até que ponto uma esposa deveria ser solidária com o próprio marido. Era errado querer viver quando ele estava morto? Tratava-se de um pensamento estúpido, sabia disso. Mas, pela primeira vez, afastara-se de David.

— Muito interessante.

A voz de Shalber teve o poder de quebrar o encanto do silêncio onde havia se refugiado com aqueles pensamentos. Estavam no quarto de hotel de Sandra, e o funcionário da Interpol estava sentado na cama segurando nas mãos as fotos tiradas com a Leica. Olhara-as várias vezes.

— São só quatro? Não havia outras?

Sandra temeu que ele tivesse intuído sua pequena trapaça: decidira não lhe mostrar a foto que retratava o padre com a cicatriz na têmpora. Afinal de contas, Shalber era um policial, e ela sabia como os policiais raciocinavam. Nunca se concediam o benefício da dúvida.

“Embora possa parecer uma coisa boa, o que os penitencieiros fazem é

ilegal. A atividade deles não tem limites, nem regras", afirmara quando lhe explicara quem eram. Por isso, para Shalber aquele homem era responsável por uma conduta ilícita. Nada o faria mudar de ideia.

Na academia ensinaram a ela que todos eram culpados até que se prove o contrário, e não vice-versa. Além disso, nunca se podia acreditar em ninguém. Por exemplo, durante um interrogatório, um bom tira deve contestar cada palavra. Uma vez lhe aconteceu de ter que pressionar um excursionista que tinha encontrado o cadáver de uma mulher em uma fossa. Era evidente que o homem não tinha nada a ver com aquilo, só dera o alarme. Mas ela o bombardeara de perguntas insignificantes. Fazia com que ele repetisse as respostas, fingindo, a cada vez, não ter entendido, com a intenção de fazê-lo cair em contradição. O pobrezinho submetera-se àquele interrogatório repetitivo, achando, ingenuamente, que poderia ser útil para esclarecer aquela morte, sem saber que à menor incerteza acabaria preso.

Sei no que você está pensando, Shalber. E não o deixarei fazer isso. Pelo menos até eu ter entendido se posso confiar em você completamente.

— Só quatro fotos — confirmou Sandra.

O funcionário fitou-a por um longo momento, avaliando a resposta ou esperando que ela traísse a si mesma. Ela conseguiu suportar o olhar dele com desenvoltura. Em seguida, ele voltou a se concentrar nas fotos. Achava que tinha passado na prova, mas se enganava.

— Antes você disse que ontem à noite encontrou um deles. Me pergunto como você conseguiu reconhecê-lo se nunca o tinha visto.

Sandra deu-se conta de ter cometido um erro. Repreendeu-se por ter lhe dado aquela informação enquanto estavam no alojamento da Interpol, mas tinha saído espontaneamente.

— Fui a San Luigi dei Francesi para verificar a foto de David que continha o detalhe da pintura de Caravaggio.

— Isso você já me disse.

— Vi aquele homem ali na minha frente, não sabia quem era. Foi ele que me reconheceu e logo se afastou — mentiu. — Eu me limitei a segui-lo e a apontar o revólver para ele, até que me disse que era um padre.

— Está dizendo que ele sabia quem você é?

— Não sei como conseguiu, mas deu a impressão de que me conhecia. Por isso, sim, acho que sabia.

Shalber concordou.

— Entendo.

Não tinha engolido essa, Sandra poderia apostar. Mas, por ora, preferiu deixar assim. De todo modo, isso era bom: assim, seria obrigado a não excluí-la da investigação. Tentou mudar de assunto:

— O que você acha que a foto escura significa?

Ele distraíra-se por um instante, mas logo se recuperou.

— Não sei. Por enquanto não me diz nada.

Sandra levantou-se da cama.

— Tudo bem, e agora, como prosseguimos?

Shalber devolveu-lhe as fotos.

— Fígaro — disse, apenas. — Foi capturado. Mas, se o caso interessa aos penitencieiros, com certeza há um motivo.

— O que você pensa em fazer?

— O agressor virou um assassino: sua última vítima morreu.

— Quer começar por ela?

— Pelo irmão: estava presente enquanto a matavam.

— Os médicos estavam convictos de que eu logo voltaria a andar.

Federico Noni estava com as mãos pousadas sobre as coxas, o olhar baixo. Não fazia a barba havia um tempo e os cabelos também estavam compridos. Debaixo da camiseta verde, ainda se entreviam os músculos do atleta que tinha sido. Mas as pernas eram magras e imóveis na calça do macacão, suspendidas no apoio de pés da cadeira de rodas. Usava tênis Nike com a sola limpa.

Enquanto o observava, Sandra catalogava aqueles detalhes. Mas naquele tênis esportivo estava toda a história de seu drama. Parecia novo, mas sabe-se lá há quanto tempo o tinha.

Ela e Shalber apresentaram-se à porta da casa no bairro Nuovo Salario poucos minutos antes. Tocaram a campainha, insistindo muito antes que alguém abrisse. Federico Noni vivia como um recluso e não queria ver ninguém. Para persuadi-lo, Shalber pedira que Sandra lhe entregasse o distintivo da polícia italiana e mostrara-o pela câmera do interfone. Fizera-se passar por um inspetor. Embora a contragosto, ela também havia mentido. Detestava os métodos daquele homem, sua arrogância e o modo de usar os outros para os próprios objetivos.

A casa do jovem estava desarrumada. Tinha cheiro de fechada e as persianas não eram levantadas quem sabe há quanto tempo. Os móveis estavam posicionados de modo a criarem caminhos para a cadeira de rodas. No chão, podiam ser vistos os rastros deixados pela passagem dela.

Sandra e Shalber estavam sentados em um sofá. Federico estava diante dele. Atrás, a escada que levava ao andar superior. Giorgia Noni havia sido assassinada lá em cima. Mas o irmão, obviamente, não ia mais lá. Uma cama dobrável havia sido arrumada para ele na sala de estar.

— A cirurgia tinha dado certo. Me asseguraram que a fisioterapia teria sido suficiente para me recuperar. Seria duro, mas eu conseguiria. Eu era acostumado com o esforço físico, não me assustava. Mas…

Federico tentava responder a uma antipática pergunta de Shalber sobre as causas de sua paraplegia. O funcionário da Interpol partira intencionalmente do assunto mais desconfortável. Sandra conhecia aquela técnica, era a mesma que alguns colegas aplicavam quando ouviam as vítimas de um crime. A compaixão geralmente fazia com que se fechassem em si mesmas, enquanto, para conseguir respostas úteis, era necessário mostrar-se indiferente.

— No momento do acidente estava andando rápido com a moto?

— De jeito nenhum. Foi uma queda ridícula. Lembro que, no início, apesar das fraturas, conseguia mexer as pernas. Depois de algumas horas não as sentia mais.

Sobre um móvel havia uma foto de Federico Noni vestido de motociclista ao lado de uma Ducati vermelha flamejante. Segurava um capacete fechado e sorria para a câmera. Um rapaz bonito, jovem e feliz, com a cara limpa. Um tipo daqueles que fazem as mulheres enlouquecerem, pensou Sandra.

— Então, o senhor era um atleta. Especialidade?

— Salto em distância.

— E era bom nisso?

Federico limitou-se a indicar a vitrine com os troféus que havia ganhado.

— Julguem vocês mesmos.

Obviamente, eles a tinham notado ao chegar. Mas Shalber usava o assunto para ganhar tempo. Queria cutucar o rapaz. Tinha um plano, mas Sandra ainda não conseguia entender o que ele esperava obter.

— Giorgia devia ter orgulho do senhor.

A simples menção do nome da irmã fez Federico enrijecer-se.

— Ela era tudo o que me restava.

— E seus pais?

O rapaz era insensível ao falar disso, liquidou o assunto rapidamente.

— Minha mãe foi embora de casa quando ainda éramos pequenos. Foi meu pai quem nos criou. Mas ele não podia aguentar, amava-a demais. Morreu quando eu tinha 15 anos.

— Como era sua irmã?

— A pessoa mais alegre que eu conheci: nada podia feri-la e seu humor era contagioso. Depois do acidente, tomou conta de mim. Eu sabia que me tornaria um peso com o tempo e que não era justo que ela o carregasse, mas ela insistiu. Estava abrindo mão de tudo por mim.

— Era veterinária…

— Sim, e também tinha um namorado. Ele a deixou quando descobriu que tipo de responsabilidade ela assumira. Pode parecer banal para vocês, já devem ter ouvido isso um monte de vezes, mas Giorgia não merecia morrer.

Sandra perguntou-se que plano divino poderia estar por trás da cadeia de acontecimentos trágicos que haviam destruído a vida de dois bons meninos. Abandonados pela mãe, órfãos de pai, ele amarrado a uma cadeira de rodas, ela brutalizada e assassinada. Sem saber por que, veio-lhe à cabeça uma comparação com a moça da praia de David. Aquele encontro no final de uma série de adversidades — mala perdida, voo com *overbooking*, carro alugado enguiçando a poucos quilômetros do destino — poderia ter se concluído de um jeito diferente. Se a desconhecida que fazia jogging também tivesse achado David minimamente interessante ou de seu gosto, eles dois nunca teriam se encontrado. E, talvez, agora seria outra chorando por ele. Também era possível admitir que, às vezes, o destino se obstinasse particularmente, e com frequência isso tinha um sentido. Mas, no caso de Federico e Giorgia Noni, esse sentido escapava.

O rapaz tentou desviar o assunto das lembranças que o machucavam demais.

— Não está claro para mim o motivo da visita de vocês.

— O assassino de sua irmã talvez consiga uma considerável redução de pena.

— Eu achava que tinha confessado. — A notícia parecia transtorná-lo.

— Sim, mas parece que, agora, Nicola Costa tem a intenção de invocar uma doença metal — mentiu Shalber. — Por isso, precisamos provar que sempre agiu com plena e lúcida consciência. Durante as três agressões e, principalmente, no homicídio.

O rapaz balançou a cabeça e cerrou os punhos. Sandra sentiu pena dele e indignação pelo jeito como o estavam enganando. Ainda não tinha dito uma palavra, mas sua simples presença naquele lugar reforçava cada mentira de Shalber, por isso se sentia cúmplice.

Federico levantou os olhos reluzentes de raiva para eles.

— Como posso ajudar vocês?

— Contando-nos como aconteceu.

— De novo? O tempo pode ter modificado minhas lembranças.

— Sabemos disso. Mas não temos escolha, Sr. Noni. Aquele desgraçado do Costa tentará mudar os fatos, não podemos permitir que faça isso. Foi o senhor que o encrencou.

— Estava com um capuz, só reconheci sua voz.

— Isso faz do senhor a única testemunha que temos. Se dá conta? — Shalber puxou um bloquinho e um lápis, fingindo querer registrar cada palavra.

Federico acariciou o rosto, passando a mão na barba hirta. Respirou duas vezes, profundamente. O peito subia e descia, parecia precisar de hiperventilação. Começou a reconstituir o acontecido.

— Eram sete da noite, Giorgia voltava para casa sempre a essa hora. Tinha ido ao supermercado. Comprara os ingredientes para fazer uma torta. Eu gosto de doces — justificou-se, como se desse detalhe tivesse dependido o que acontecera depois. — Eu estava ouvindo música com o fone de ouvido. Não dei bola para ela. Ela dizia que eu estava na minha fase de bicho do mato, que ainda esperaria um pouco e, depois, acabaria com a minha letargia por bem ou por mal... O fato é que eu me recusava a fazer fisioterapia e tinha perdido a esperança de voltar a andar — explicou-se.

— O que aconteceu depois?

— Só me lembro do choque com o chão, que me fez perder os sentidos. Aquele desgraçado me pegou por trás, derrubando a cadeira de rodas.

— Não tinha percebido que alguém entrara na casa?

— Não — disse, apenas. Havia chegado a um ponto crítico. Dali por diante, o relato ficava mais difícil.

— Por favor, vá em frente.

— Quando retomei a consciência, estava atordoado. Não conseguia manter os olhos abertos e minhas costas doíam. Não entendi logo, mas, depois, ouvi os gritos que vinham do andar de cima... — Uma lágrima conseguiu superar a couraça de raiva, escorrendo em seu rosto, até desaparecer na barba. — Eu estava no chão, a cadeira de rodas a dois metros, mas estava quebrada. Tentei alcançar o telefone, mas estava sobre um móvel, alto demais para mim. — Olhou suas pernas imóveis. — Nestas condições, até as coisas mais simples se tornam impossíveis.

Mas Shalber não se deixou enternecer:

— E o celular?

— Não sabia onde estava e, além do mais, eu estava em pânico. — Federico virou-se para olhar na direção da escada. — Giorgia gritava, gritava, gritava… Pedia socorro e piedade, como se aquele desgraçado realmente pudesse lhe dar uma coisa ou a outra.

— E o que o senhor fez?

— Me arrastei na direção dos degraus, tentei subir me apoiando nos braços. Me faltavam forças.

— Será? — Shalber deixou escapar um sorriso presunçoso. — O senhor era um atleta, treinado, ainda por cima. Acho difícil acreditar que fosse tão cansativo escalar até lá em cima.

Sandra virou-se para fulminá-lo com o olhar, mas ele a ignorou.

— Não tem como saber como eu estava depois de ter batido com a cabeça no chão — rebateu Federico Noni, endurecendo.

— Realmente, me desculpe — disse Shalber sem convicção, deixando seu ceticismo transparecer propositalmente. Baixou o olhar sobre o bloquinho e escreveu algo, mas, na verdade, esperava que o rapaz mordesse a isca que havia jogado.

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Nada, vá em frente — disse, com um gesto irritante da mão.

— O assassino escapou por uma saída secundária quando ouviu a polícia chegar.

— O senhor reconheceu Nicola Costa pela voz, certo?

— Certo.

— Declarou que o assassino tinha um déficit de linguagem, e isso era perfeitamente compatível com a má-formação de seu palato.

— E daí?

— No início, porém, tinha confundido o efeito da fissura labiopalatal com um sotaque eslavo.

— O engano foi de vocês, policiais, o que eu tenho a ver com isso?

A essa altura, Federico Noni estava na defensiva.

— Está bem assim, até logo. — Desnorteando a todos, Shalber estendeu a mão para o rapaz e fez menção de ir embora.

— Espere um momento.

— Sr. Noni, não tenho tempo a perder. Não faz sentido ficar aqui se não nos diz a verdade.

— E qual seria?

Sandra viu que o rapaz estava transtornado. Não sabia que jogo o

funcionário da Interpol estava jogando, mas corria o risco de sobrar para ela:

— Talvez seja melhor irmos mesmo embora.

Shalber ignorou-a novamente, plantou-se na frente de Federico e começou a apontar-lhe o dedo.

— A verdade é que o senhor ouviu apenas a voz de Giorgia, não a do assassino. Por isso, nenhum sotaque eslavo ou defeito de pronúncia.

— Não é verdade.

— A verdade é que, quando acordou, poderia ter tentado salvá-la, escalando até lá em cima: é um atleta, teria conseguido.

— Não é verdade.

— A verdade é que, em vez disso, ficou aqui embaixo, enquanto aquele monstro acabava de fazer o que queria.

— Não é verdade! — berrou Federico Noni, chorando.

Sandra levantou-se, pegou Shalber por um braço, tentando levá-lo embora.

— Agora chega, deixe-o em paz.

Mas ele não desistia.

— Por que não nos diz como as coisas realmente aconteceram? Por que não interveio em socorro de Giorgia?

— Eu, eu…

— O quê? Vamos, dê uma de homem desta vez.

— Eu… — Federico Noni gaguejava entre as lágrimas. — Eu não… Eu queria…

Shalber o atacava cruelmente, sem nenhuma piedade.

— Bote o pau pra fora, não como fez naquela noite.

— Por favor, Shalber — Sandra tentou fazê-lo refletir.

— Eu… tive medo.

Na sala caiu um silêncio quebrado apenas pelos soluços do rapaz. Shalber finalmente parou de atormentá-lo. Deu-lhe as costas, dirigindo-se para a porta. Antes de segui-lo, Sandra ainda ficou um momento observando Federico Noni, sacudido pelo choro, com os olhos baixos sobre as pernas inúteis. Queria consolá-lo, mas não conseguiu falar.

— Sinto muito pelo que lhe aconteceu, Sr. Noni — disse o funcionário, embocando a saída. — Bom dia.

Enquanto Shalber se apressava em direção ao carro, Sandra correu atrás dele e o obrigou a parar.

— Mas o que deu em você? Não precisava tratá-lo daquele jeito.

— Se não concorda com os meus métodos, pode me deixar trabalhar em paz.

Era desdenhoso com ela também, não podia aceitar isso.

— Você não pode me tratar assim!

— Já lhe disse: minha especialidade são os mentirosos. Não posso fazer nada, eu os detesto.

— E você foi honesto lá dentro? — perguntou, indicando a casa atrás deles. — Quantas mentiras disse desde que chegamos? Ou perdeu a conta?

— Nunca ouviu falar que o fim justifica os meios? — Shalber enfiou uma das mãos no bolso, pegou um pacote de chicletes e colocou um na boca.

— E qual era o fim, humilhar um menino paraplégico?

Abriu os braços:

— Escute, sinto muito que o destino tenha sido cruel com Federico Noni, provavelmente ele não merecia isso. Mas coisas ruins acontecem com todo mundo, isso não deveria nos exonerar das nossas responsabilidades. Você, mais do que ninguém, deveria saber disso.

— Pelo que aconteceu com David, você diz?

— Isso: você não usa a morte dele como um álibi.

Mastigava o chiclete de boca aberta, dava-lhe nos nervos.

— E o que você sabe a respeito disso?

— Você poderia ficar chorando o tempo todo, ninguém lhe diria nada se o fizesse, mas, em vez disso, está lutando. Matam seu marido, atiram em você, mas você não recua nem um centímetro. — Deu-lhe as costas para chegar ao carro, até porque estava recomeçando a chover.

Sem se preocupar em se molhar, Sandra esperou antes de rebater.

— Você é realmente repugnante.

Shalber deteve-se, voltou para onde estava.

— Com seu testemunho fajuto, aquele babaquinha do Federico Noni mandou um inocente para a prisão. Só para não precisar admitir que é um cagão. Isso não lhe dá repugnância?

— Entendi: é você quem estabelece quem é culpado e quem não é. E desde quando funciona assim, Shalber?

Ele bufou, mexendo os braços.

— Escute, não estou a fim de discutir no meio da rua. Me desculpe se fui duro, mas eu sou assim. Você acha que a morte de David não me faz ficar mal? Acha que eu não me sinto em parte responsável por não tê-la impedido?

Sandra calou-se. Não havia considerado aquele aspecto. Talvez ela também tivesse julgado Shalber rápido demais.

— Não éramos amigos, mas ele confiava em mim, e isso para mim é suficiente para me sentir culpado — concluiu ele.

Sandra acalmou-se. Seu tom ficou comedido.

— Como fazemos com o menino? Temos que informar alguém?

— Não agora. Ainda temos muito a fazer: neste momento, podemos presumir com alguma segurança que os penitencieiros estão procurando o verdadeiro Fígaro. Precisamos ser mais rápidos que eles.

15h53

Uma chuvinha fina e persistente tornava o trânsito de Roma caótico. Chegando à entrada do grande jardim, Marcus parou por alguns segundos, pensando no e-mail que Zini tinha recebido.

Ele não é como você. Procure no parque de Villa Glori.

Quem era o verdadeiro Fígaro? E a quem caberia o papel de vingador desta vez? Talvez ali estivesse a resposta.

O parque era um dos pulmões verdes da capital. Não era o mais vasto, mas se estendia por 25 hectares: grande demais para ser totalmente explorado antes do pôr do sol. Além do mais, Marcus não sabia o que deveria procurar.

A mensagem era dirigida a um cego, pensou. Portanto, devia se tratar de uma pista evidente, talvez sonora. Mas logo depois se corrigiu: não, a mensagem era endereçada aos penitencieiros. O fato de que fora mandada a Zini era completamente acidental.

A pista foi desenhada para nós.

Atravessou o grande portão preto que levava ao parque e iniciou a subida: Villa Glori recobria uma colina. Logo cruzou com um homem imprudente fazendo jogging, vestindo bermudas e um casaco k-way, seguido por um boxer que acompanhava perfeitamente o passo. Marcus levantou a gola do impermeável, começava a ficar frio. Olhava ao redor, na esperança de que algo chamasse sua atenção.

Anomalias.

À diferença dos outros parques de Roma, em Villa Glori a vegetação era muito mais densa. Árvores de troncos altos sobressaíam-se em direção ao céu,

criando estranhos jogos de luz e sombra. O bosque de baixo era formado por pequenos arbustos ou por moitas, e o terreno era recoberto por galhos e folhas mortas.

Uma mulher loira estava sentada em um banco. Em uma das mãos segurava o guarda-chuva, na outra um livro aberto. Em volta dela, um labrador se mexia. Talvez o animal quisesse brincar, mas a dona continuava a ignorá-lo, absorvida pela leitura. Marcus tentou evitar seu olhar, mas, quando passou ao lado dela, a mulher levantou os olhos por cima do livro, procurando entender se aquele estranho constituía um perigo potencial. Passou por ela sem diminuir a velocidade, e o cão começou a segui-lo, balançando o rabo. Queria fazer amizade. Marcus parou e deixou que se aproximasse. Fez carinho na cabeça dele.

— Vamos, garotão, volte para ela.

O labrador pareceu entender e disparou para trás.

Precisava de uma ajuda para orientar a busca. E só podia estar escondida na própria natureza daquele lugar.

Um bosque com uma vegetação mais densa que os outros parques de Roma. Não exatamente ideal para um piquenique, mas ótimo para fazer jogging ou andar de bicicleta… E perfeito para trazer os cachorros para correrem.

Os cachorros eram a resposta. Se há algo aqui, certamente eles farejaram, Marcus pensou.

Subiu pelo caminho que levava ao topo da colina, examinando atentamente o terreno que roçava o asfalto. Após ter percorrido uma centena de metros, viu que, no solo limoso, estava desenhada uma espécie de trilha.

Demarcando-a, dezenas de marcas de patas.

Não podia ser o resultado da passagem de um único animal, mas obra de muitos cachorros que tinham ido bisbilhotar no coração do bosque.

Marcus deixou a alameda principal e começou a se embrenhar por entre os arbustos. Havia apenas o som infinitesimal da chuva e o de seus passos sobre as folhas encharcadas. Prosseguiu por uma centena de metros, tentando não perder de vista as marcas das patas que, apesar dos temporais daqueles dias, logo haviam se formado novamente. Era um caminho contínuo, pensou. Mas, ao seu redor, não conseguia identificar nenhum sinal.

A trilha acabou de repente, dali em diante as pegadas dispersavam-se por toda parte, demarcando uma zona muito ampla, como se os animais tivessem perdido o sinal olfativo. Ou como se o cheiro fosse tão insistente a ponto de não conseguirem identificar a fonte.

O céu estava encoberto. Os barulhos e as luzes da cidade haviam desaparecido além da cortina escura das frondes. Parecia estar em um lugar muito distante da civilização, escuro e primordial. Marcus pegou a lanterna do bolso e a acendeu. Moveu o facho, maldizendo seu azar. Seria obrigado a retornar sobre seus passos, para, depois, voltar na manhã seguinte, correndo o risco de que o parque estivesse mais cheio e, portanto, que fosse impossível ir até o fim com sua missão. Estava prestes a desistir definitivamente quando, por um instante, iluminou um ponto a dois metros de distância. A princípio, confundira-o com um galho caído. Mas era reto demais, perfeito demais. Enquadrou-o melhor com a lanterna e soube o que tinha que fazer.

Em uma das árvores, estava encostada uma pá.

Colocou a lanterna no chão para que iluminasse a porção de terra marcada pela presença daquela ferramenta. Depois, vestiu as luvas de borracha que levava sempre com ele e começou a cavar.

Os barulhos do bosque eram amplificados pela escuridão. Cada som tornava-se ameaçador, passava ao lado dele como um espectro e sumia com o vento que agitava os galhos. A lâmina afundava na terra mole. Marcus ajudava a si mesmo, empurrando-a com o pé, depois jogava para longe aquela mistura de lama e folhagem sem ligar para onde estava indo parar. Tinha pressa em ver o que estava enterrado lá embaixo, mas uma parte dele já sabia a resposta. Era mais cansativo que o previsto. Começou a suar, a roupa colando no corpo, e estava ofegante. Mas não parou. Queria ser desmentido.

Senhor, faça com que não seja como imagino.

Mas pouco depois começou a sentir o cheiro. Era pungente e adocicado. Tinha a capacidade de encher as narinas e os pulmões a cada inspiração. Possuía uma consistência quase líquida, parecia poder bebê-lo. Entrava em contato com os sucos gástricos, provocando ânsias de vômito. Marcus teve que fazer uma pausa para levar a manga do impermeável na altura da boca, na tentativa de filtrar um pouco de ar limpo. Voltou logo ao trabalho. A seus pés havia um pequeno buraco, com cerca de cinquenta centímetros de largura e quase um metro de profundidade. Mas a pá continuava a afundar no solo limoso. Mais meio metro. Haviam se passado mais de vinte minutos.

Até ver aflorar um líquido preto, pegajoso como o petróleo. Um resíduo da decomposição. Marcus ajoelhou-se diante da fossa e começou a cavar com as mãos nuas. Uma parte daquele óleo escuro manchou sua roupa, mas não se importava. Começou a sentir debaixo dos dedos algo mais sólido que a terra. Era liso e em parte fibroso. Estava tocando um osso. Tentou limpar ao redor e

descobriu um pedaço de carne lívida.

Não havia dúvidas, era humana.

Pegou a pá novamente e tentou liberar o corpo o máximo que pôde. Emergiu uma perna, depois a bacia. Era uma mulher, e estava nua. Os processos de putrefação estavam em fase avançada, mas apesar disso o cadáver estava bem conservado. Marcus não poderia dizer quantos anos tinha, mas tinha certeza de que era jovem. Apresentava cortes profundos em todo o tórax, outros na altura do púbis, provavelmente provocados por uma arma branca.

Tesoura.

Marcus finalmente se acalmou. Deixou-se cair para trás, agachado, observando aquela obscena exibição de morte e violência, inspirando profundas porções de ar.

Fez o sinal da cruz e juntou as mãos. Começou a rezar por aquela desconhecida. Podia imaginar seus sonhos de menina, a alegria de viver. Na idade dela, a morte devia ser algo indefinido e distante. Algo que tinha a ver apenas com os outros. Marcus suplicou a Deus que acolhesse aquela alma, sem saber se alguém o escutava ou se estava falando sozinho. A verdade terrível de Marcus era que, junto com as lembranças, a amnésia levara embora a fé. Não sabia como deveria se sentir um homem da Igreja, que sentimentos deveria ter por ser o que era. Mas a prece por aquela pobre alma tinha o poder de confortá-lo. Porque a existência de Deus, naquele momento, era sua única consolação diante do mal.

Marcus não poderia determinar ao certo quando a morte ocorrera. Mas, pela natureza do lugar de sepultamento e pelo estado de conservação do corpo, não podia ter acontecido há muito tempo. Concluiu que o cadáver que estava diante dele era a prova de que Nicola Costa não era Fígaro, porque o homem com o lábio leporino certamente já estava na cadeia quando a moça fora assassinada.

O responsável é outro, disse a si mesmo.

Existem indivíduos que provam o gosto do sangue humano casualmente e encontram um antigo instinto predatório, herança da luta pela sobrevivência, o eco de uma necessidade ancestral de matar, perdido na evolução. Assim, o agressor em série havia descoberto, com o homicídio de Giorgia Noni, um novo prazer. Algo que estava presente nele, sem que soubesse disso.

Marcus tinha certeza. Mataria novamente.

O telefone, do outro lado, estava chamando. Segurava o fone apoiado no ombro, esperando que atendesse rapidamente. Estava em uma das casas-estafeta, pouco distante de Villa Glori.

Finalmente, Marcus reconheceu a voz do velho Zini.

— Alô…

— É como eu imaginava — começou logo.

O policial resmungou algo, depois perguntou.

— Há quanto tempo?

— Um mês, talvez mais. Não saberia dizer com certeza, não sou um médico-legista.

Zini ponderou aquela informação.

— Se dessa vez ele se deu ao trabalho de esconder o corpo, fará novamente. Acho que eu deveria denunciar o acontecido.

— Vamos tentar entender primeiro. — Marcus queria lhe revelar o que sabia e suas preocupações. O que haviam descoberto não serviria para fazer justiça. Quem tinha mandado o e-mail anônimo a Zini e posicionado a pá em Villa Glori, para indicar o ponto exato onde cavar, concederia a Federico Noni a possibilidade de se vingar. Ou a chance seria oferecida a uma das três mulheres agredidas antes do homicídio de Giorgia. Marcus sentia que lhe restava pouco tempo. Deviam dizer isso à polícia, para que entrassem em contato com as outras vítimas e impedir que acontecesse o pior? Estava convencido de que, a essa altura, alguém estava no rastro do verdadeiro Fígaro. — Zini, preciso saber uma coisa. A primeira parte da mensagem que você recebeu: "Ele não é como você". O que significa?

— Não faço ideia.

— Não brinque comigo.

O policial cego esperou alguns segundos, estava refletindo.

— Tudo bem, venha hoje à noite, tarde.

— Não, agora.

— Agora não posso. — Então Zini se dirigiu a alguém que estava com ele em casa. — Agente, sirva-se de chá, já estou indo.

— Quem está aí com você?

Zini baixou o tom da voz.

— Uma policial. Quer me fazer perguntas sobre Nicola Costa, mas não me disse toda a verdade.

A situação estava se complicando. Quem era aquela mulher? Por que aquele interesse repentino por um caso que parecia encerrado? O que estava

realmente procurando?

— Livre-se dela.

— Acho que sabe de muitas coisas.

— Então, segure-a aí e tente tirar dela o verdadeiro motivo pelo qual veio lhe ver.

— Não sei se vai concordar comigo, mas acho que você deveria fazer alguma coisa. Posso lhe dar um conselho?

— Está bem, estou ouvindo.

17h07

Serviu-se de uma xícara de chá abundante e segurou-a nas mãos, aproveitando sua tepidez. Da cozinha, podia ver as costas de Pietro Zini, que falava ao telefone na entrada, mas não conseguia ouvir o que dizia.

Tinha convencido Shalber a esperá-la no alojamento da Interpol; era mais prudente que encontrasse o velho policial sozinha. Afinal de contas, era um colega e não cairia em uma armadilha como Federico Noni. Faria um monte de perguntas, intuindo que não havia nenhuma investigação oficial em andamento. E, além disso, os tiras não amavam os funcionários da Interpol. Apresentando-se à sua porta, dissera-lhe simplesmente que, em Milão, estava cuidando de um caso análogo ao de Fígaro. O velho policial tinha acreditado nela.

Enquanto esperava o fim do telefonema, Sandra dava uma olhada no processo que Zini lhe dera. Tratava-se de uma duplicata do oficial sobre Nicola Costa. Não lhe perguntara por que estava com aquilo, mas ele, mesmo assim, quisera precisar que, quando estava em serviço, tinha o hábito de guardar cópia da documentação.

— Nunca se sabe onde e quando se pode chegar a uma ideia para resolver um caso — dissera para se justificar. — Por isso, sempre devemos ter tudo ao alcance das mãos.

Folheando as páginas, Sandra deu-se conta de que Zini era um sujeito meticuloso. Havia muitas anotações, mas os últimos autos revelavam certa pressa. Era como se quisesse acelerar as etapas, sabendo que a cegueira ia ao seu encalço. Em algumas situações, especialmente relacionadas à gestão da confissão de Costa, havia sido bastante aproximativo. As constatações eram escassas e, sem a assunção da culpa, a estrutura probatória desabaria como um

castelo de cartas.

Deixou os autos de lado e passou diretamente aos resultados do relatório. Havia as imagens feitas pelos peritos em fotografia criminal sobre as várias cenas de crime. Antes de tudo, as agressões que precederam o homicídio. As três vítimas tinham sido surpreendidas sozinhas em suas casas. Acontecera sempre à tardinha. O maníaco as perfurara em mais de um ponto do corpo com a tesoura. As feridas nunca eram profundas o suficiente para provocar a morte e se concentravam nos seios, nas pernas e na zona pubiana.

De acordo com o relatório dos psiquiatras, o agressor mascarava uma violência sexual. O objetivo do maníaco, porém, não era alcançar o orgasmo, como alguns sádicos que conseguiam se satisfazer somente através da coerção. Fígaro tinha outra finalidade: impedir que aquelas mulheres ainda fossem desejáveis para os outros homens.

Se eu não posso tê-las, mais ninguém as terá.

Era a mensagem que as lesões transmitiam. Tal comportamento era perfeitamente compatível com a personalidade de Costa. Por causa da fissura labiopalatal, o sexo oposto o rejeitava. Por isso não penetrava as vítimas. Na relação física obtida com a força, sentiria de todo modo a repulsa delas e, para ele, a experiência da rejeição se repetiria. A tesoura, por sua vez, constituía um ótimo meio-termo. Permitia sentir prazer, mas, ao mesmo tempo, manter uma distância segura das mulheres que o assustaram a vida toda. O orgasmo masculino era substituído pela gratificação de vê-las sofrer.

Mas se, como afirmava Shalber, Nicola Costa não era Fígaro, então era necessário rever completamente o perfil psicológico do culpado.

Sandra passou para as fotos do homicídio de Giorgia Noni. O cadáver apresentava as marcas inequívocas que o maníaco tinha deixado nas outras. Mas dessa vez tinha ferido para matar.

O assassino entrara na casa como nas vezes anteriores. Só que uma terceira pessoa estava presente, Federico. De acordo com sua reconstituição, o homicida fugiu por uma saída secundária assim que ouviu a sirene da patrulha.

Os passos de Fígaro fugindo estavam impressos na terra do jardim.

O perito havia clicado alguns primeiros planos das pegadas deixadas pelos sapatos. Sem saber por que, veio à cabeça de Sandra o encontro de David com a desconhecida fazendo jogging na praia.

Coincidências, pensou.

Guiado por um instinto, seu marido havia seguido os passos na areia para descobrir quem era. De repente, essa conduta pareceu-lhe ter um sentido,

embora ainda não conseguisse entender qual era. Enquanto se concentrava nessa ideia, Zini terminou o telefonema e voltou à cozinha.

— Se quiser, pode levá-lo. — Referia-se ao processo. — Não preciso mais dele.

— Obrigada. É melhor eu ir agora.

O policial sentou-se na frente dela, apoiando os braços na mesa.

— Espere mais um pouco. Não recebo muitas visitas, eu gosto de bater um papo.

Antes do telefonema, parecia que Zini queria se livrar dela o mais rápido possível. Agora estava até lhe pedindo para ficar. Não tinha o jeito de um simples gesto de cortesia, por isso decidiu atendê-lo para descobrir o que tinha na cabeça.

E para o inferno Shalber, ele que esperasse mais um pouco.

— Está bem, eu fico. — Zini fazia-a lembrar do inspetor De Michelis, sentia que podia confiar naquele homem de mãos grandes, que o faziam parecer uma árvore.

— O chá estava bom?

— Sim, estava bom.

O policial cego serviu-se de uma xícara, embora a água na chaleira não estivesse mais tão quente.

— Eu sempre fazia isso com minha mulher. Aos domingos, quando voltávamos da missa, ela preparava o chá e sentávamos aqui para conversar. Era o nosso compromisso. — Sorriu. — Acho que, em vinte anos de casamento, nunca deixamos de fazer.

— Do que falavam?

— De tudo, não tínhamos um assunto específico. Era isso o bonito da coisa: saber que podíamos compartilhar tudo. Às vezes discutíamos, ríamos ou nos abandonávamos às lembranças. Por não termos tido a sorte de colocar filhos no mundo, sabíamos ter um temível inimigo para enfrentar a cada dia. O silêncio sabe ser hostil. Se você não aprende a mantê-lo longe, insinua-se nas rachaduras da relação, preenche as fendas e as alarga. Com o tempo, cria uma distância e você não se dá conta.

— Perdi meu marido há algum tempo. — A frase saiu espontaneamente, sem que refletisse sobre ela. — Ficamos casados só três anos.

— Sinto muito, sei quanto pode ser duro. Eu, apesar de tudo, me sinto sortudo. Susy se foi como queria, de repente.

— Ainda lembro quando vieram me dizer que David tinha morrido. — Sandra não queria pensar nisso. — E o senhor, como soube?

— Tentei acordá-la em uma manhã. — Zini não foi além, era suficiente. — Poderá parecer egoísta, mas uma doença é uma vantagem para quem tem que ficar depois. Prepara você para o pior. Mas assim…

Sandra entendia o que queria dizer. O vazio súbito, a irreversibilidade, aquela necessidade insaciada de falar sobre isso, de discutir, pelo menos, antes que tudo se torne definitivo. A tentação louca de fingir que não aconteceu.

— Zini, o senhor acredita em Deus?

— O que está me perguntando realmente?

— O que eu disse — repetiu Sandra. — Ia à missa, então é católico. Não sente raiva Dele pelo que aconteceu?

— Acreditar em Deus não significa obrigatoriamente amá-lo.

— Não consigo acompanhar.

— Nossa relação com ele é instaurada somente sobre a esperança de que haja alguma coisa depois da morte. Mas, se não houvesse uma vida eterna, você amaria o Deus que a criou mesmo assim? Se não houvesse a retribuição que lhe prometeram, seria capaz de se ajoelhar e louvar o Senhor?

— E o senhor?

— Eu acredito que exista um Criador, mas não alguma coisa depois desta vida. Por isso, me sinto autorizado a odiá-lo. — Zini irrompeu em uma risada, tão fragorosa quanto amarga. — Esta cidade é cheia de igrejas. Representam a tentativa dos homens de negar o inevitável e, com isso, seu insucesso. Porém, cada uma guarda um segredo, uma lenda. A minha preferida é relacionada à igreja do Sacro Cuore del Suffragio. Poucos sabem disso, mas abriga o museu das almas do purgatório. — A voz de Zini ficou sombria. Inclinou-se na direção dela, como se lhe devesse confiar algo importante. — Em 1897, poucos anos depois da edificação, houve um incêndio. Quando as chamas foram domadas, alguns fiéis notaram que na parede do altar tinha surgido um rosto humano, desenhado pela fuligem. Logo se espalhou a notícia de que aquela imagem pertencia a uma alma do purgatório. O fato inexplicável atingiu a fantasia do padre Vittore Jouet e o motivou a procurar outras marcas deixadas pelos defuntos que vagam sofrendo nesta vida, tentando ascender ao paraíso desesperadamente. O que ele levantou se encontra naquele museu. A senhora é uma perita em fotografia criminal, deveria visitá-lo, lhe diz respeito. Sabe qual foi a descoberta dele?

— Me diga, por favor.

— Se uma alma tentasse entrar em contato conosco, não faria isso por sons, mas pela luz.

Sandra pensou nas fotos que David lhe deixara na Leica e teve um tremor.

Como não ouviu nenhum comentário por parte dela, Zini desculpou-se.

— Não queria assustá-la, me perdoe.

— Não tem problema. Eu deveria ir até lá, tem razão.

O policial ficou sério de repente.

— Então é melhor se apressar. O museu só abre uma hora por dia, no término das Vésperas.

Pelo tom de Zini, Sandra entendeu que não se tratava de um simples conselho.

* * *

A água era lançada pelos bueiros, como se o ventre da cidade não conseguisse mais contê-la. Três dias de chuvas intensas haviam colocado à dura prova o sistema de refluxo hídrico. Mas tinha terminado.

E, agora, chegara o vento.

Levantara-se sem nenhum indício, começara a varrer as ruas do centro. Impetuoso e sonante, tinha invadido Roma, seus becos e suas praças.

Sandra abria caminho em uma multidão invisível, como se um exército de fantasmas estivesse indo ao seu encontro. O vento queria obrigá-la a mudar de direção, mas ela foi em frente, impassível. Sentiu a vibração do celular na bolsa que segurava firme no quadril. Freneticamente, tentou pegá-lo. Enquanto isso, pensava em uma desculpa para dizer a Shalber, certa de que era ele. Convencê-lo a ficar no alojamento havia sido um feito, conseguia imaginar as objeções que levantaria diante da ideia de que ela não voltaria imediatamente para lhe contar sobre o encontro com Zini. Mas ela tinha uma desculpa pronta.

Finalmente agarrou o aparelho na confusão dos objetos que carregava e olhou o visor. Enganara-se, era De Michelis.

— Vega, que barulhão é esse?

— Espere um momento. — Sandra saiu do vendaval, entrando em um portão para continuar a ligação. — Está me ouvindo agora?

— Está melhor, obrigado. Tudo bem?

— Aconteceram uns desdobramentos interessantes. — Omitiu que alguém, naquela manhã, tinha atirado nela. — Não posso lhe dizer muita coisa agora, mas estou juntando as peças. David havia descoberto algo grande aqui em Roma.

— Não me deixe aflito aqui. Quando você volta para Milão?

— Preciso de dois dias, talvez até mais.

— Eu cuido de prolongar sua licença.

— Obrigada, inspetor, você é um amigão. E você, tem novidades para mim?

— Thomas Shalber.

— Então, conseguiu informações?

— Claro. Falei com um velho conhecido que trabalhava na Interpol, mas que agora está aposentado. Sabe, eles ficam um pouco desconfiados quando lhe perguntamos sobre os colegas. Não podia ser direto, então tive que convidá-lo para almoçar, para não dar a entender as minhas intenções. Resumindo, foi um negócio demorado.

De Michelis tinha o mau hábito de perder-se nos detalhes. Sandra apressou-o.

— O que descobriu?

— Meu amigo não o conhece pessoalmente, mas quando investigava para a Interpol ouviu dizer que Shalber é durão. Não tem muitos amigos, é um sujeito que trabalha sozinho e isso não agrada os altos escalões. Mas é um tira que obtém resultados. Teimoso, caráter difícil, mas todo mundo reconhece certa integridade nele. Não olha ninguém no rosto, há dois anos conduziu uma investigação interna sobre alguns episódios de corrupção. Inútil lhe dizer que saiu dela com uma péssima fama, mas pegou um grupo de colegas que era subornado pelos traficantes de drogas. É um paladino da honestidade!

A definição irônica e propositalmente exagerada de De Michelis a fez refletir. O que um policial desse tipo tinha a ver com os penitencieiros? De fato, pelo seu currículo, Shalber parecia mais interessado nos casos em que a injustiça era evidente. Por que se obstinar com padres que desempenhavam uma tarefa positiva e, no fundo, não prejudicavam ninguém?

— Inspetor, que ideia você fez de Shalber?

— Pelo que ouvi, dá a impressão de ser um pé no saco cabeça-dura. Mas diria que é confiável.

As palavras de De Michelis tranquilizaram Sandra.

— Obrigada, vou levar isso em consideração.

— Se ainda precisar de mim, pode me ligar.

Apertou o botão do celular que encerrava a ligação e, animada, meteu-se novamente contra a correnteza no rio invisível do vento.

Enquanto se despedia dela em sua casa, Pietro Zini enviara-lhe uma mensagem enigmática. A visita ao museu das almas do purgatório não era,

portanto, adiável. Sandra não sabia o que deveria esperar, mas tinha certeza de ter entendido bem as palavras do policial cego.

Havia algo ali, e era necessário que ela visse. Logo.

* * *

Em poucos minutos, chegou diante da igreja do Sacro Cuore del Suffragio. O estilo neogótico lembrou-a imediatamente o do Domo de Milão, embora a obra remontasse ao final do século XIX. No interior celebrava-se o Rito da Luz, com a prece batismal que fechava a récita das Vésperas. Não havia muita gente. O vento batia nos portais, esgueirava-se em algumas fendas e saía passeando, assoviando por entre as naves.

Sandra encontrou a indicação para o museu das almas do purgatório e seguiu-a.

Logo descobriu que se tratava de um apanhado de estranhas relíquias — pelo menos uma dezena —, amontoadas em uma só vitrine, posicionada no corredor que levava à sacristia. Nada além. Objetos que apresentavam gravações a fogo. Entre eles, um antigo livro de preces aberto em uma página onde estava impressa a sombra de cinco dedos que, dizia-se, pertenciam a um defunto. Ou as marcas deixadas em 1864 na fronha de um travesseiro pela alma atormentada de uma coirmã morta. Ou os presentes na batina e na camisa de uma madre abadessa que havia recebido a visita do espírito de um sacerdote em 1731.

Quando sentiu o peso da mão que pousava em suas costas, Sandra não teve medo. Pelo contrário, compreendeu a razão pela qual Pietro Zini a mandara ali. Virou-se, o viu.

— Por que está me procurando? — perguntou o homem com a cicatriz na têmpora.

— Sou uma policial — respondeu ela, prontamente.

— Não é só por isso. Não existe nenhuma investigação oficial, você age por motivos pessoais. Entendi isso depois do nosso encontro em San Luigi dei Francesi. Ontem à noite você não queria me prender, queria atirar em mim.

Sandra não replicou, era evidente demais que ele tinha razão.

— Você é mesmo um padre — afirmou.

— Sim, sou — rebateu ele.

— Meu marido chamava-se David Leoni, o nome lhe diz alguma coisa?

Pareceu pensar.

— Não.

— Era um repórter fotográfico. Morreu há alguns meses, caindo de um prédio. Alguém o matou.

— O que isso tem a ver comigo?

— Estava investigando os penitencieiros, tirou uma foto sua em uma cena de crime.

Ao ouvir nomear a Penitenciaria, o padre teve um sobressalto.

— Foi morto só por isso?

— Não sei. — Sandra fez uma pausa. — Era você ao telefone com Zini há pouco. Por que quis me encontrar de novo?

— Para lhe pedir para esquecer isso.

— Não posso. Antes tenho que descobrir por que David morreu e encontrar o assassino. Você pode me ajudar?

O homem desviou os tristes olhos azuis dela e fitou a vitrine, na relíquia de uma mesinha de madeira onde estava marcada uma cruz.

— Tudo bem. Mas você tem que destruir a foto que me retrata. E tudo o que seu marido descobriu sobre a Penitenciaria.

— Farei isso assim que conseguir as respostas.

— Alguém mais sabe sobre nós?

— Ninguém — mentiu. Não tinha coragem de lhe falar a respeito de Shalber e da Interpol. Temia que, ao saber que seu segredo estava ameaçado, o penitencieiro sumisse para sempre.

— Como você soube que eu estava investigando Fígaro?

— A polícia está a par disso, interceptou vocês enquanto falavam sobre ele. — Esperou que o homem se contentasse com aquela versão evasiva. — Fique tranquilo, não entenderam com quem estavam lidando.

— Mas você sim.

— Sabia como procurá-los. David me indicou.

O homem concordou.

— Acho que não há mais nada a se dizer.

— Como faço para encontrá-lo?

— Eu acharei você.

Virou-se e estava quase indo embora. Mas Sandra o deteve.

— Como vou saber que não está me enganando? Como posso confiar em você se não sei quem é e o que faz?

— O que você tem é pura curiosidade. E os curiosos pecam de soberba.

— Só estou tentando entender — justificou-se Sandra.

O padre aproximou o rosto da vitrine que guardava as improváveis relíquias.

— Estes objetos representam uma superstição. A tentativa dos homens de espiar em uma dimensão que não lhes pertence. Todos querem saber o que lhes acontecerá quando o tempo deles tiver terminado. Não se dão conta de que, em vez disso, cada resposta que obtêm traz, com ela, uma nova dúvida. Por isso, mesmo se eu explicasse a você o que faço não seria suficiente.

— Então pelo menos me diga por que o faz…

O penitencieiro ficou em silêncio por alguns segundos.

— Existe um lugar onde o mundo da luz encontra o mundo das trevas. É lá que tudo acontece: na terra das sombras, onde tudo é rarefeito, confuso, incerto. Nós somos os guardiães colocados em defesa dessa fronteira. Mas, às vezes, algo consegue passar. — Virou-se para olhar Sandra. — Eu tenho que jogá-lo no escuro novamente.

— Talvez possa lhe dar uma mão com Fígaro — disse ela, instintivamente. E viu que o padre estava à espera. Então, pegou da bolsa o processo sobre o caso que Zini lhe dera e estendeu-o a ele. — Não sei se será útil, mas acho que descobri algo em relação ao homicídio de Giorgia Noni.

— Me diga, por favor.

A gentileza do penitencieiro impressionou Sandra.

— Federico Noni é a única testemunha do acontecido. De acordo com a reconstituição dele, o assassino continuou atacando sua irmã até ouvir a sirene da patrulha. Só então fugiu. — Sandra abriu o processo e mostrou-lhe uma foto. — Estas são as pegadas dos passos de Fígaro enquanto se afastava da casa, impressas no jardim depois de ter pegado uma saída secundária.

O padre inclinou-se para olhar melhor a imagem das marcas de sapato em um canteiro.

— O que há de estranho?

— Federico Noni e sua irmã Giorgia foram vítimas de uma série de acontecimentos trágicos. A mãe que os abandona, o pai que os deixa órfãos, o acidente dele, os médicos que afirmam que voltará a andar e isso não acontece e, enfim, o homicídio dela. Coisas demais.

— O que isso tem a ver com as pegadas?

— David gostava de contar uma historinha. Ele era fascinado pelas coincidências, ou "sincronicidades", como as chamava Jung. Acreditava tanto nisso que, uma vez, depois de uma série de acontecimentos inacreditavelmente

azarados que o levaram até uma praia, começou a seguir as pegadas deixadas na areia por uma moça que fazia jogging. Estava convicto de que o sentido de tudo de negativo que tinha acontecido com ele estava justamente no fim daquele percurso e que aquela mulher só podia se revelar a mulher de sua vida.

— Muito romântico.

Não estava sendo sarcástico, falava sério. Sandra intuiu isso a partir de como a olhava, por isso continuou com o relato.

— David se enganou apenas sobre esse último detalhe. O resto era verdade.

— O que você quer dizer?

— Que, se recentemente eu não tivesse lembrado essa história, talvez não pudesse lhe dar a solução que tanto lhe interessa… Como todos os policiais, sou cética em relação às coincidências. Por isso, quando David contava a historinha, eu tentava desmontá-la de todos os jeitos, com as típicas perguntas de policial: "Como você conseguia ter certeza de que as pegadas eram justamente de uma moça?" ou "Como sabia que estava fazendo jogging?" E ele me respondia que aqueles pés eram pequenos demais para ser de um homem, ou pelo menos achava… E que as pegadas eram mais profundas na ponta do que nos calcanhares, por isso estava correndo.

Essa última afirmação teve o poder de despertar algo na mente do padre, exatamente como Sandra esperava. Olhou a foto do jardim novamente.

As pegadas pareciam mais profundas nos calcanhares.

— Não estava fugindo… Andava.

Ele também tinha chegado lá. Agora, Sandra tinha certeza de não ter se enganado.

— As possibilidades são duas. Ou Federico Noni mentiu dizendo que o assassino fugiu enquanto a polícia estava chegando…

— … ou alguém, depois do homicídio, teve todo o tempo para preparar a cena do crime para os policiais.

— Aquelas pegadas foram deixadas de propósito e significam somente uma coisa…

— … Fígaro nunca saiu daquela casa.

20h38

Devia ser rápido. Não tinha tempo para se dirigir ao local com os meios de

transporte públicos, então pegou um táxi. Pediu para ser deixado a certa distância da casa do Nuovo Salario e seguiu a pé.

Enquanto se aproximava, repensava nas palavras da policial, na intuição que lhe permitira chegar à solução do enigma. Embora esperasse ter se enganado, a essa altura estava convencido de que as coisas tivessem acontecido exatamente como imaginava.

O vento fazia papéis e sacos plásticos rodopiarem, exibindo-se em volta de Marcus e acompanhando-o até o destino.

Diante da moradia de Federico Noni não havia ninguém. As luzes no interior estavam apagadas. Esperou alguns minutos e então, apertando-se no impermeável, entrou na casa.

Tudo estava tranquilo. Tranquilo demais.

Decidiu não usar a lanterna e insinuou-se pelos ambientes.

Nenhum barulho, nenhum som.

Marcus chegou à sala de estar. As persianas estavam abaixadas. Acendeu uma luminária ao lado do sofá e a primeira coisa que lhe saltou aos olhos foi a cadeira de rodas, largada no meio do cômodo.

Agora podia ver claramente como as coisas tinham acontecido. Seu talento era entrar nos objetos, fundir-se com a alma muda deles e olhar o passado com seus olhos invisíveis. Aquela cena lhe devolveu o sentido de uma frase do e-mail anônimo recebido por Zini.

Ele não é como você.

Referia-se a Federico. Queria dizer que não eram acometidos da mesma maneira por uma deficiência. O menino fingia.

Mas onde estava Fígaro agora?

Se Federico vivia como um recluso, não podia ter deixado a casa pela porta principal. Os vizinhos poderiam vê-lo. Como conseguia sair sossegado para agredir suas vítimas?

Marcus continuou a vistoria, aproximando-se dos degraus que levavam ao andar de cima. Deteve-se diante da porta encostada de um vão sob a escada. Abriu-a. O interior era um antro escuro. Atravessou a soleira e topou com algo que pendia do teto baixo. Uma lâmpada. Esticou uma mão e puxou a cordinha que a acendia.

Encontrava-se em um quartinho de despejos apertado que fedia a naftalina. Lá estavam guardadas roupas velhas, divididas em duas fileiras. À esquerda estavam penduradas as de homem, no outro lado as de mulher. Um lúgubre desfile de cascas vazias. Provavelmente pertenciam aos pais mortos do rapaz,

pensou Marcus. Havia também uma sapateira e caixas amontoadas nas prateleiras colocadas mais acima.

No chão, notou um vestido azul e outro de flores vermelhas que haviam escorregado dos respectivos cabides. Talvez alguém os tivesse derrubado. Marcus colocou um braço entre os cabides pendurados e afastou-os, revelando uma porta.

Deduziu que o quartinho, em princípio, era uma simples passagem.

Abriu-a. Pegou a lanterna do bolso e a acendeu, iluminando um pequeno corredor com o reboco descascado e manchado de umidade. Encaminhou-se na única direção, até chegar a um local onde estavam amontoados caixas grandes e móveis que não serviam mais. O feixe de luz caiu sobre um objeto em uma mesa.

Um caderno.

Pegou-o e começou a folheá-lo. Os desenhos nas primeiras páginas eram obra de um menino. Nas cenas representadas, sempre voltavam os mesmos elementos.

Figuras femininas, feridas, sangue. E tesouras.

Faltava uma folha, que claramente havia sido arrancada. Marcus sabia que uma das obras infantis macabras encontrava-se pendurada na parede do sótão de Jeremiah Smith. O círculo se fechava.

As páginas sucessivas do caderno, porém, testemunhavam que aquela prática não havia terminado com a jovem idade. Continuava em retratos de traço maduro e preciso, que evoluíram e se aperfeiçoaram no decorrer do tempo. As mulheres eram muito mais definidas, as lesões mais realistas e cruéis. Sinal de que a fantasia distorcida e doentia havia crescido junto com o monstro.

Federico Noni sempre cultivara aquele sonho de morte. Mas nunca o realizara. Provavelmente, era o medo que o freava. De acabar na cadeia, de ser apontado por todos como um monstro. Havia criado a máscara do bom atleta, do bom menino e do bom irmão. Valia para ele mesmo também.

Então, o acidente de moto.

Aquele acontecimento tinha liberado tudo. Pouco antes, a policial lhe contara ter ouvido Federico Noni dizer claramente que os médicos confiavam em suas possibilidades de recuperação. Mas, depois, ele se recusara a continuar a fisioterapia.

Aquela condição era um esconderijo perfeito. Finalmente, podia fazer sua verdadeira índole emergir.

Ao chegar à última página do caderno, Marcus descobriu que continha o

recorte de um velho jornal. Desdobrou-o. Remontava a mais de um ano antes e relatava a notícia da terceira agressão de Fígaro. No artigo, alguém havia escrito com uma caneta hidrográfica preta: “Sei de tudo.”

Giorgia, Marcus logo pensou. Por isso ele a matou. E foi então que Federico descobriu que gostava mais do novo jogo.

As agressões começaram logo depois do acidente. As três primeiras tinham sido úteis para se preparar. Constituíam um exercício, um treinamento. Mas sem que Federico tivesse consciência disso. Outro tipo de prazer o aguardava, muito mais satisfatório. O homicídio.

O assassinato de sua irmã tinha sido imprevisto, mas necessário. Giorgia entendera tudo e tornara-se um obstáculo, além de um perigo. Federico não podia permitir que ela enlameasse sua imagem, nem que colocasse em discussão seu precioso disfarce. Por isso a matara. Porém, também lhe servira para entender.

Tirar a vida era muito mais gratificante do que simplesmente agredir.

Por isso, não soube se conter. O cadáver no parque de Villa Glori era a demonstração disso. Mas tinha sido mais prudente, aprendera com a experiência e o enterrara.

Federico Noni enganara a todos. Começando pelo velho policial que estava ficando cego. Fora suficiente sustentar a confissão de um mitômano para se safar, e uma investigação cheia de falhas, baseada na presunção de que o culpado é sempre e de qualquer maneira um monstro, cuidou do resto.

Marcus pousou o caderno porque avistara algo atrás de um guarda- louça. Havia um portão de ferro. Aproximou-se e abriu-o.

Um vento raivoso irrompeu no quartinho. Ele olhou para fora e viu que se tratava de outra entrada que dava para uma ruazinha lateral deserta. Ninguém repararia em quem saía e quem entrava. Provavelmente ao longo dos anos tornara-se inútil, mas Federico Noni tinha aprendido a se servir dela.

Onde está agora? Aonde foi? A pergunta ressoou na cabeça de Marcus novamente.

Fechou a porta e voltou rapidamente, refazendo os próprios passos. Ao chegar novamente à sala de estar, começou a vasculhar pelos cantos. Não ligava se deixava impressões digitais, só temia não dar tempo.

Dirigiu-se à cadeira de rodas. Em um lado, havia um porta-objetos. Colocou a mão e encontrou um celular.

É esperto, disse a si mesmo. Deixou-o aqui porque sabe que, mesmo desligado, serve para a polícia descobrir sua posição.

Isso significava que Federico Noni tinha saído de casa para entrar em ação.

Marcus verificou as últimas ligações. Havia uma na caixa de entrada, era de uma hora e meia antes. Reconheceu o número porque havia ligado para ele bem naquela tarde.

Zini, disse a si mesmo.

Apertou o botão de rediscagem, esperando que o policial cego atendesse. Mas nada: tocava em vão. Marcus desligou e, com um pressentimento arrepiante, precipitou-se para fora da casa.

21h34

Enquanto se olhava ao espelho no banheiro do alojamento da Interpol, Sandra pensava no que tinha acontecido naquela tarde, depois do encontro com o penitencieiro.

Havia vagado durante quase uma hora pelas ruas de Roma, deixando-se levar pelo vento e pelos pensamentos. Sem se preocupar com o risco que corria depois da emboscada do franco-atirador daquela manhã. Enquanto estivesse no meio das pessoas, sentia-se segura. Quando achou que já era suficiente, voltou até Shalber. Esperou um pouco no corredor antes de bater, tentando adiar o máximo possível a reação do policial, as broncas e as reclamações por ter sumido por tanto tempo. Mas, assim que ele abriu a porta, ela percebeu o alívio no rosto dele. Isso a impressionou, não esperava que ele pudesse se preocupar com ela realmente.

— Graças aos céus, não aconteceu nada com você — foram suas únicas palavras.

Ficou perplexa. Esperava um milhão de perguntas, mas Shalber contentara-se com um pobre relato sobre a visita a Pietro Zini. Sandra entregou-lhe o processo sobre o caso Fígaro que recebera do velho policial e Shalber folheou-o em busca de algo que pudesse levá-los aos penitencieiros.

Mas não lhe perguntou o motivo daquele atraso prolongado.

Convidou-a a lavar as mãos, porque dali a pouco o jantar estaria pronto. Depois disso, voltou à cozinha para abrir uma garrafa de vinho.

Sandra abriu a água na pia e ficou olhando o próprio reflexo por mais alguns segundos. Tinha olheiras profundas, e os lábios estavam rachados, por causa da mania de mordê-los quando estava tensa. Passou os dedos na cabeleira

desgrenhada, depois procurou um pente em um armarinho. Achou uma escova onde estavam presos alguns fios de cabelo de mulher, compridíssimos e castanhos. Lembrou-se do sutiã que tinha visto no braço da poltrona no quarto do alojamento naquela manhã. Shalber justificara-se dizendo que o apartamento era um local de passagem, mas seu constrangimento não passara despercebido por ela. Tinha certeza de que conhecia bem a proveniência daquela roupa íntima. Claro que não podia se aborrecer com o fato de que na cama onde acordara tivesse estado outra mulher, talvez até poucas horas antes. O que a irritava era que Shalber tentara se justificar, como se aquilo pudesse de algum jeito interessá-la.

Naquele momento, sentiu-se uma burra.

Estava com inveja, não havia outra explicação. Não conseguia suportar a ideia de que o mundo fizesse sexo. Pronunciar essa palavra, mesmo no íntimo de sua cabeça, foi libertador. "Sexo", repetiu. Talvez porque essa possibilidade estivesse fechada para ela. Não havia um impedimento específico, mas uma parte dela sabia que era assim. Mais uma vez, pareceu-lhe escutar a voz de sua mãe: "Querida, quem iria querer ir para cama com uma viúva?" De fato, parecia uma espécie de perversão.

Achou-se burra de novo porque perdia tempo com pensamentos desse tipo. Em vez disso, voltou a ser prática. Estava no banheiro há tempo demais e Shalber poderia desconfiar, por isso tinha que se apressar.

Havia feito uma promessa ao padre e tinha a intenção de mantê-la. Se a ajudasse a identificar o assassino de David, destruiria os rastros que levavam aos penitencieiros.

De todo modo, por ora era melhor guardar as pistas em um lugar seguro.

Virou-se para a bolsa que tinha levado ao banheiro e que estava apoiada no vaso sanitário. Pegou o celular e conferiu se havia espaço suficiente na memória fotográfica. Estavam lá as fotos que tinha feito na capela de São Raimundo de Peñafort. Estava quase as apagando, mas pensou duas vezes.

Naquele lugar, alguém havia tentado matá-la. Aquelas imagens podiam ser úteis para descobrir quem tinha sido.

Então, tirou da bolsa as fotos da Leica, inclusive o clique do padre com a cicatriz na têmpora, que Shalber não conhecia. Colocou-as enfileiradas sobre uma prateleira e as fotografou uma por uma com o celular: era melhor ter uma cópia delas, por precaução. Pegou uma sacola plástica transparente, dotada de fechamento hermético, e colocou as cinco fotos lá dentro. Moveu a tampa de cerâmica que cobria o vão da descarga e imergiu a sacola na água.

Estava sentada há dez minutos na pequena cozinha do apartamento, observando a mesa posta e Shalber às voltas com o fogão, com as mangas da camisa enroladas até os cotovelos, um avental em volta da cintura e um pano jogado em um ombro. Assobiava. Virou-se e surpreendeu-a, pensativa.

— Risoto ao vinagre balsâmico, salmonete no papel alumínio, salada de *radicchio* e maçãs verdes — anunciou. — Espero que você goste.

— Sim, claro — disse ela, confusa. Naquela manhã, preparara-lhe o café, mas cozinhar dois ovos mexidos certamente não significava saber cozinhar. Aquele cardápio, porém, denotava certo amor pela boa culinária. Estava admirada.

— Esta noite você vai dormir aqui. — A afirmação não admitia réplicas. — Não é prudente voltar ao hotel.

— Acho que não vai acontecer nada comigo. E, além do mais, deixei todas as minhas coisas lá.

— Amanhã de manhã passaremos para pegá-las. No outro quarto há um sofá confortabilíssimo — insistiu com um sorriso. — Naturalmente, eu é que vou me sacrificar.

Pouco depois, Shalber colocou o risoto nos pratos e comeram quase em silêncio. Sandra gostou do peixe também, e o vinho teve o poder de fazê-la relaxar. Não como quando, depois da morte de David, entocava-se em casa à noite e atordoava-se, mandando para dentro uma taça de vinho tinto atrás da outra, até ser derrotada pelo sono. Dessa vez era diferente. Não achava que ainda era capaz de compartilhar uma refeição decente com alguém.

— Quem ensinou você a cozinhar?

Shalber engoliu uma garfada e bebeu um gole de vinho.

— Você aprende a fazer muitas coisas quando é sozinho.

— Nunca ficou tentado a se casar? Da primeira vez, ao telefone, me disse que chegou perto duas vezes…

Balançou a cabeça.

— O casamento não é para mim. É questão de perspectiva.

— O que quer dizer com isso?

— Todos nós temos uma visão da vida, projetada no futuro. Sabe como funciona, não é? Exatamente como em um quadro: existem alguns elementos colocados em primeiro plano, outros ao fundo. Estes últimos são tão necessários quanto os primeiros, caso contrário a perspectiva não se realizaria e teríamos somente uma figura achatada, logo, pouco realista. Pois bem, as mulheres da minha vida estão nos bastidores. São indispensáveis, mas não a ponto de merecer

a primeira fila.

— E nela, quem está?... Além de você, é claro — cutucou Sandra, com tom de deboche.

— Minha filha.

Não esperava aquela resposta. Shalber regozijou-se diante de seu sorriso amarelo.

— Quer vê-la? — Pegou a carteira e começou a procurar entre as divisórias.

— Não vai me dizer que você é um daqueles pais que saem por aí com a foto da filhinha no bolso! Caramba, Shalber: você decidiu mesmo me deixar perturbada — disse, com tom irônico. Na realidade, aquilo suscitava ternura.

Mostrou-lhe a fotografia amassada de uma menina com os cabelos loiros acinzentados, exatamente como os seus. Tinha puxado dele até os olhos verdes.

— Quantos anos ela tem?

— Oito. É magnífica, não é? O nome dela é Maria. Adora balé e frequenta a escola de dança clássica. Em todos os Natais ou no aniversário pede um bichinho. Talvez este ano eu a contente.

— Consegue vê-la com frequência?

Shalber anuviou-se.

— Mora em Viena. Não tenho grandes relações com sua mãe, ela tem raiva de mim porque não me casei com ela — riu. — Mas, quando tenho um pouco de tempo, pego Maria e a levo para cavalgar. Estou lhe ensinando, como meu pai fez comigo quando tinha a idade dela.

— É bonito de sua parte.

— Cada vez que volto para ela tenho medo de que não seja mais a mesma coisa. Que durante a minha ausência nossa relação tenha esfriado. Talvez agora ainda seja pequena demais, mas o que vai acontecer quando só quiser sair com seus amigos? Não quero virar um peso para ela.

— Não acho que vá acontecer — consolou-o Sandra. — Geralmente as filhas reservam esse tratamento para as mães. Eu e minha irmã erámos loucas pelo nosso pai, embora ficássemos pouco juntos, por causa do trabalho. Ou melhor, justamente por isso éramos alucinadas por ele. Cada vez que estava para voltar, uma estranha felicidade emanava pela casa.

Shalber concordou, grato pelo conforto. Sandra levantou-se e pegou os pratos para colocá-los dentro da pia. Ele a deteve.

— Por que não vai para a cama? Deixe que eu arrumo.

— Juntos fazemos tudo rapidinho.

— Eu insisto, deixe comigo.

Sandra parou. Todas aquelas atenções a assustavam. Alguém estava tomando conta dela novamente. Não estava mais acostumada com isso.

— Quando me ligou, odiei você de cara. Não poderia imaginar que, duas noites depois, até jantaríamos juntos e muito menos que você cozinharia para mim.

— Isso significa que não me odeia mais?

Sandra ficou vermelha de constrangimento. Ele explodiu em uma risada.

— Não brinque comigo, Shalber — repreendeu-o.

Ele levantou as mãos, em sinal de rendição.

— Não queria, me desculpe.

Naquele momento, pareceu-lhe extremamente autêntico. Distante da imagem antipática que tinha feito dele.

— Por que você odeia tanto os penitencieiros?

Shalber ficou sério.

— Não cometa esse erro você também.

— O que significa "você também"?

Pareceu se arrepender de ter formulado mal a frase, tentou corrigir o rumo:

— Já lhe expliquei: o que fazem é contra a lei.

— Não engulo a história da ilegalidade, sinto muito. Não é só isso. Então, o que há por trás?

Era evidente que Shalber estava ganhando tempo. Com aquele comportamento prudente, só confirmava que o que lhe dissera naquela manhã em relação à Penitenciaria era apenas uma parte da história.

— Tudo bem… Não é uma grande revelação, mas acho que o que estou para contar a você poderia explicar o motivo pelo qual seu marido morreu.

Sandra enrijeceu-se.

— Vá em frente.

— Na realidade, os penitencieiros não deveriam mais existir… Depois do Concílio Vaticano II, a Igreja desfez a ordem deles. Nos anos sessenta, já no século XX, a *Paenitentiaria Apostolica* foi reorganizada com novas regras e novos responsáveis. O arquivo dos pecados foi mantido em segredo. Os sacerdotes criminologistas cessaram suas atividades. Alguns voltaram a aceitar as regras, outros se opuseram e foram suspensos *a divinis*, os irredutíveis foram excomungados.

— Então como é possível que…

— Espere, antes me deixe terminar — interrompeu-a Shalber. — Quando a história parecia ter se esquecido deles, os penitencieiros reapareceram. Aconteceu há muitos anos, tanto que alguém no Vaticano suspeitou que, na realidade, muitos deles tivessem fingido obediência aos preceitos do papa com o único objetivo de continuar a obra de um jeito submerso. E era verdade. Comandando esse grupo restrito estava um simples sacerdote croata: Luka Devok. Foi ele quem ordenou e instruiu os novos penitencieiros. Talvez também respondesse a alguém que, nas altas esferas eclesiásticas, tivesse decidido reconstruir a Penitenciaria. De todo modo, era o único depositário de uma série de segredos. Por exemplo, Devok era o único que conhecia a identidade de todos os penitencieiros. Cada um respondia só a ele e ignorava quem eram os outros.

— Por que fala dele no passado?

— Porque Luka Devok morreu. Aconteceu há cerca de um ano, atiraram nele em um quarto de hotel em Praga. Naquele momento, a verdade veio à tona. O Vaticano apressou-se em conter uma situação que podia se tornar perigosa e constrangedora.

— Não me surpreende: é típico da Igreja intervir para calar os escândalos.

— Não se tratava apenas disso. Só a ideia de que algum alto cardeal tivesse acobertado Devok durante todos aqueles anos fazia todos tremerem. Não respeitar uma ordem do pontífice equivale a um cisma irremediável, entende?

— Então como conseguiram retomar o controle da situação?

— Bem — felicitou-se Shalber. — Vejo que você está começando a compreender como funcionam certas dinâmicas. Digamos que logo substituíram Devok por um homem de confiança, um português: padre Augusto Clemente. É muito jovem, mas bem experiente. Os penitencieiros são todos dominicanos, enquanto Clemente é um jesuíta. Outra escola de pensamento, muito mais pragmática e menos inclinada a sentimentalismos.

— Então, esse padre é o novo líder da Penitenciaria.

— Mas sua missão também é identificar todos os penitencieiros ordenados pelo padre Devok, a fim de levá-los de volta à Igreja. Por enquanto, encontrou somente um: o homem que você viu em San Luigi dei Francesi.

Mas, para Sandra, algo escapava:

— Portanto, o objetivo principal do Vaticano é fingir que não houve nenhuma violação das regras?

— Exatamente. Sempre se procura restaurar a rachadura. Por exemplo, acontece com os lefebvrianos, cujo movimento há anos está em negociação com a Igreja para voltar ao âmbito confessional. O mesmo vale para os

penitencieiros.

— O dever de um bom pastor é não abandonar a ovelha perdida e tentar levá-la de volta ao curral — ironizou Sandra. — Mas como você sabe dessas coisas?

— Sei delas, assim como David sabia. Mas tínhamos visões diferentes, por isso brigamos. Quando lhe pedi para não fazer "você também" o erro de julgar os penitencieiros com indulgência demais, me referia justamente ao que David pensava.

— Por que você estava certo e ele não?

Shalber coçou a cabeça, e então bufou.

— Porque alguém o matou pelo que tinha descoberto e eu ainda estou vivo.

Não era a enésima frase desrespeitosa em relação ao marido. Sandra teve que admitir que se tratava da verdade. E ela concordava com aquela versão dos fatos. Além disso, sentia-se culpada. Aquela bela noite servira-lhe para aliviar a tensão, e era mérito de Shalber. Não só havia se aberto com ela, contando-lhe coisas pessoais. Também tinha respondido às suas perguntas sem pedir nada em troca, quando ela, por sua vez, tinha mentido para ele, calando-se sobre seu segundo encontro com o penitencieiro.

— Por que não me perguntou por que demorei tanto para voltar aqui depois de ter visto Zini?

— Já lhe disse, não gosto de mentiras.

— Estava com medo de que não dissesse a verdade?

— As perguntas servem para oferecer um pretexto aos mentirosos. Se você tivesse alguma coisa a me dizer, teria dito por si mesma. Não gosto de forçar as coisas, prefiro que você confie em mim.

Sandra desviou o olhar. Dirigiu-se à pia e abriu a torneira para que o som cascateante preenchesse o silêncio. Por um instante, ficou tentada a lhe dizer tudo. Shalber estava alguns passos atrás. Enquanto se preparava para lavar a louça, sentiu-o se aproximar. Projetava sua sombra protetora sobre ela. Então, envolveu seus quadris e aproximou-se com o peito em suas costas para que se tocassem. Sandra deixou-o fazer isso. Seu coração batia forte e quis fechar os olhos. Se eu fechá-los, acabou, disse a si mesma. Estava assustada, mas não encontrava forças para repeli-lo. Ele inclinou-se sobre ela e tirou seus cabelos do pescoço. Sentiu o calor de sua respiração na pele. Instintivamente, dobrou a cabeça para trás, como que acolhendo aquele abraço. As mãos imóveis debaixo do jato d'água. Sem se dar conta, levantou-se levemente na ponta dos pés. As pálpebras cederam ao doce torpor. Com os olhos fechados, invadida pelos

arrepios, projetou-se na direção dele, indo procurar seus lábios.

Nos últimos cinco meses, tinha convivido com as lembranças.

Agora, pela primeira vez, Sandra esqueceu que era uma viúva.

23h24

A porta da casa estava aberta e batia. Não era um bom sinal.

Deu-se tempo para colocar as luvas de borracha e empurrou o batente. Os gatos de Zini vieram receber o novo visitante. Marcus compreendeu por que o policial cego escolhera justamente os felinos para lhe fazer companhia.

Eram os únicos animais que podiam viver com ele no escuro.

Fechou o vendaval atrás dele. Depois do fragor, esperava o silêncio. Em vez disso, escutou um som eletrônico, estridente e intermitente, bem perto.

Entrou, seguindo-o. Depois de poucos passos, viu de relance um telefone sem fio colocado na base, ao lado da geladeira. O sinal vinha do aparelho: chamava a atenção porque a bateria estava quase descarregando.

O mesmo telefone tocara em vão quando ligou para o número de Zini da casa de Federico Noni. Mas não foram seus toques insistentes que fizeram a bateria acabar: alguém tinha desligado a energia.

Que motivo tinha Fígaro para tirar a luz na casa de um cego?

— Zini! — chamou Marcus. Mas não obteve resposta.

Então, seguiu pelo corredor que dava para os outros quartos. Foi obrigado a pegar a lanterna para se orientar. Assim que a ligou, viu que alguns móveis obstruíam a passagem, como se tivessem sido movidos durante uma fuga.

Houve perseguição?

Tentou reconstituir o acontecido. A cegueira abrira os olhos de Pietro Zini: o policial havia entendido. Fora o e-mail anônimo que o colocara no rastro certo, talvez despertando um antigo suspeito.

Ele não é como você.

O cadáver de Villa Glori dera-lhe a confirmação. Então, telefonara para Federico Noni e talvez tenha havido uma discussão e o policial ameaçara denunciá-lo.

Mas por que não o fizera, dando-lhe tempo de vir ali para matá-lo?

Naquela casa, Zini tentara escapar, mas obviamente Federico — que era mais forte, por ser um ex-atleta e, principalmente, porque enxergava — não lhe

deixara saída.

Marcus tinha certeza de que alguém havia morrido naquele lugar.

Precedido pelos gatos, dirigiu-se ao escritório. Estava prestes a atravessar a soleira, mas notou que os animais, para entrar, davam um breve salto. Apontou a lanterna e viu algo brilhar a poucos centímetros do chão.

O cabo de náilon estava esticado e somente os gatos podiam enxergá-lo no escuro.

Não soube explicar o motivo daquele obstáculo. Limitou-se a passar por cima dele e entrou no cômodo.

O vento agitava-se fora da casa, procurando uma passagem para entrar. A lanterna vagou pelo escritório, afastando as sombras, que foram se entocar debaixo dos móveis. Exceto uma.

Mas não era uma sombra. Era um homem estendido no chão, com uma tesoura em uma das mãos e outra enfiada no pescoço. Uma bochecha afundava em uma poça de sangue escuríssimo. Marcus inclinou-se sobre Federico Noni, que o fitava com olhos inexpressivos, a boca dobrada em uma careta. De repente, deu-se conta do que realmente havia acontecido entre aquelas paredes.

Zini — um homem de justiça — tinha escolhido a vingança.

Fora o cego quem insistira para que Marcus encontrasse a policial. Assim, enquanto estavam no museu das almas do purgatório, aproveitara para colocar o plano em ação. Telefonara para Federico Noni, dizendo-lhe que sabia a verdade. Mas, no fundo, era principalmente um convite. E ele caíra.

À espera de sua chegada, preparara obstáculos e o cabo de náilon. Desligando a energia, igualou a desvantagem. Ninguém poderia ver o outro.

O policial agira como um felino. E Federico era o rato a ser capturado.

Zini era maior e mais hábil no escuro. Conhecia o ambiente, sabia como se mover. No fim, conseguira levar a melhor. Depois de tê-lo feito tropeçar, perfurara-o com a tesoura. Uma verdadeira correspondência entre crime e punição.

Uma execução.

Marcus ficou observando o olhar hipnótico do cadáver mais um pouco. Havia cometido outro erro. Mais uma vez, fora ele quem fornecera a peça que faltava para uma vingança.

Virou-se para voltar, mas percebeu que os gatos tinham se agrupado diante da porta-balcão que dava para a pequena horta.

Havia algo lá fora.

Escancarou a porta e o vento irrompeu, espalhando-se no cômodo. Os

animais foram se agrupar em volta da espreguiçadeira onde estava sentado Pietro Zini, como da primeira vez que o encontrara.

Marcus apontou a lanterna para seus olhos ausentes. Não usava os óculos escuros e tinha uma expressão resignada no rosto. Estava com uma mão no colo, na palma ainda apertava o revólver com o qual tinha atirado na boca.

Deveria estar com raiva de Zini. No fundo, servira-se dele e, principalmente, o despistara.

Aquele rapaz, Federico Noni, já sofreu o bastante. Anos atrás, perdeu o uso das pernas, e isso aconteceu justamente com ele, um atleta. Se lhe acontece de ficar cego na minha idade, você pode até aceitar. Depois, mataram brutalmente sua irmã, praticamente debaixo de seus olhos. Você consegue conceber apenas a ideia de uma coisa assim? Imagine como deve ter se sentido impotente. Sabe-se lá que sentimentos de culpa ele nutre por causa disso, mesmo não tendo feito nada de mau.

O policial poderia ter denunciado Federico Noni, reconstituído a verdade e absolvido um inocente trancado em Regina Coeli. Mas Zini estava convicto de que Nicola Costa estivesse a ponto de fazer "o grande pulo" quando o detiveram. Não era somente um mitômano, mas um psicopata perigoso. A atenção que conseguira depois da prisão acalmava seu instinto. Mas, no fundo, era um paliativo. Nele, habitava mais de uma personalidade. A narcisista não prevaleceria por muito tempo sobre a sanguinária.

E, depois, para Zini era também uma questão de orgulho. Federico Noni tinha brincado com ele, ressaltando uma fraqueza sua. Por causa da cegueira iminente, o policial havia encontrado uma empatia com aquele rapaz. Fora a compaixão que o prejudicara. Porém, a primeira regra de todos os policiais era nunca acreditar em ninguém.

Além do mais, Federico tinha cometido o crime mais ultrajante, matando a irmã. Qual é o ser que ataca os próprios afetos? O rapaz não era capaz de parar diante de nada. Por isso, de acordo com a lei de Zini, merecia morrer.

Marcus fechou a porta-balcão como uma cortina sobre aquele espetáculo. No escritório, logo identificou o computador com o monitor especial em braile. Embora não houvesse energia, estava ligado. Um nobreak alimentava-o.

Tratava-se de um sinal.

As caixas conectadas ao sintetizador vocal, naquela tarde, serviram para escutar o conteúdo do e-mail anônimo que Pietro Zini havia recebido só alguns dias antes. Mas Marcus tinha certeza de que havia mais coisas naquela mensagem e que o policial a interrompera antes que o computador revelasse o

resto.

Por isso, depois de ter identificado a tecla certa, Marcus acionou o aparelho novamente. A voz eletrônica fria e impessoal voltou a separar palavras misteriosas que, agora, porém, era capaz de decifrar.

— E-le-nã-o-é-co-mo-vo-cê… pro-cu-re-n-o-par--que-de-vil-la-glo-ri.

Essa era a parte que conhecia. E, como previsto, chegou a continuação também.

— O-ra-paz-te-en-ga-nou… lo-go-vo-cê-te-rá-u-ma-vi-si-ta.

O segundo fragmento referia-se diretamente a Federico Noni e, indiretamente, a Marcus, antecipando sua visita a Zini.

Mas foi a última estrofe da cantilena eletrônica que o impressionou.

— Já-a-con-te-ceu… a-con-te-ce-rá-de-no-vo… *c.g. 925-31-073*.

Por causa da profecia que anunciava — *já aconteceu, acontecerá de novo* —, por causa do código que se referia a outro caso de injustiça — *925-31-073* —, mas, principalmente, por causa das duas letras que precediam a sequência numérica.

Culpa gravis.

Agora Marcus sabia. *Existe um lugar onde o mundo da luz encontra o mundo das trevas. É lá que tudo acontece: na terra das sombras, onde tudo é rarefeito, confuso, incerto. Nós somos os guardiães colocados em defesa dessa fronteira. Mas, às vezes, algo consegue passar... Eu tenho que jogá-lo no escuro novamente*.

Quem colocava em contato vítimas e carrascos era um penitencieiro como ele.

UM ANO ANTES

KIEV

— O grande sonho acabou quando trocamos a nossa integridade por um pouco de aprovação, fomos dormir com uma esperança e acordamos com uma prostituta da qual nem lembrávamos o nome.

O Dr. Norjenko, com essa única frase, tinha resumido a Perestroika, a queda do muro, a fragmentação das repúblicas e até a geração dos ricos senhores do petróleo e do gás: nova oligarquia incontestada da economia e da política. No total, vinte anos de história soviética.

— E olhe aqui… — disse, batendo o indicador na primeira página do *Khar'kovskii Kurier*. — Tudo se despedaça, e eles o que dizem? Nada. Então, a liberdade nos serviu para quê?

Nikolaj Norjenko observou de soslaio seu visitante concordando, parecia interessado, mas não completamente participante daquela invectiva como o psicólogo gostaria. Então, fitou sua mão enfaixada.

— O senhor disse que é americano, Dr. Foster?

— Na verdade, sou inglês — respondeu o caçador, tentando desviar a atenção do homem da ferida que a mordida da jovem Angelina, no hospital psiquiátrico da Cidade do México, havia provocado.

O escritório onde estavam era no segundo andar do prédio administrativo do Centro Público para a Assistência à Infância, a oeste de Kiev. De um amplo vitral tinha-se a vista de um parque de bétulas que apresentava as cores de um outono precoce. Na decoração dominava a fórmica: tudo era revestido por ela, da escrivaninha às paredes. Em uma delas, ainda estavam bem visíveis três sombras retangulares emparelhadas. Em seu lugar, em uma época, deviam estar os retratos de Lenin e Stalin — os pais da pátria — e o do secretário do PCUS no cargo. Na sala havia um cheiro parado de cigarros, o cinzeiro diante de Norjenko estava cheio de guimbas. Embora tivesse passado dos 50 anos há pouco tempo, o aspecto desleixado e a tosse doentia que cortava suas frases faziam-no parecer muito mais velho. Junto com o catarro, nele se ocultava uma mistura de rancor e humilhação. O porta-retratos sem fotos em uma mesinha e as cobertas dobradas na extremidade de um sofá de couro faziam pensar em um casamento que acabara mal. Nos tempos do regime, devia ter sido um homem respeitado. Agora, era a paródia melancólica de um funcionário público com o salário de um gari.

O psicólogo pegou a folha com as referências falsas que o caçador mostrara-lhe quando tinham se apresentado um pouco antes e olhou-a novamente.

— Aqui diz que o senhor é o diretor da revista de psicologia forense da

Universidade de Cambridge. É notável para a sua idade, Dr. Foster, parabéns.

O caçador sabia que aquele detalhe chamaria sua atenção, queria seduzir o ego ferido de Norjenko e estava conseguindo. Este, satisfeito, pousou a folha:

— Sabe, é estranho… Ninguém até hoje tinha vindo me perguntar sobre Dima.

Chegara até Norjenko graças à Dra. Florinda Valdés, que, na Cidade do México, lhe mostrara um artigo dele publicado em 1989 em uma revista menor de psicologia. Tratava-se do caso de um menino: Dimitri Karoliszyn — *Dima*. Talvez o psicólogo ucraniano esperasse que aquele estudo lhe abrisse as portas para uma nova carreira, enquanto em volta dele tudo se desagregava inexoravelmente. Não tinha sido assim. E aquela história permanecera enterrada, junto com expectativas e ambições, até aquele momento.

Era hora de fazê-la reemergir.

— Me diga, Dr. Norjenko, o senhor conheceu Dima pessoalmente?

— Claro. — O psicólogo juntou as mãos em uma pirâmide, levantando os olhos em busca de uma lembrança. — No início, parecia um menino como os outros, talvez mais perspicaz, mas muito silencioso.

— Que ano era?

— A primavera de 1986. Naquela época, aqui no Centro estávamos na vanguarda da educação infantil na Ucrânia, e talvez em toda a União Soviética — deleitou-se Norjenko. — Assegurávamos um futuro concreto às crianças sozinhas no mundo, não nos limitávamos a tomar conta delas, como acontecia nos orfanatos no ocidente.

— Todos conheciam seus métodos, vocês serviram de exemplo.

Norjenko recebeu a adulação, satisfeito.

— Depois do desastre de Chernobyl, o governo de Kiev nos pediu que fôssemos responsáveis pelas crianças que tinham perdido os pais por causa de doenças causadas pelas radiações. Era muito provável que eles também desenvolvessem patologias. Nossa tarefa era assisti-las temporariamente e procurar parentes que pudessem acolhê-las.

— Dima chegou com elas?

— Seis meses depois do incidente, se me lembro bem. Era de Pripyat. A cidade encontrava-se na zona de exclusão em torno da central e foi evacuada. Tinha 8 anos.

— Ficou muito tempo com vocês?

— Vinte e um meses. — Norjenko fez uma pausa, enrugou a testa, e então se levantou e dirigiu-se a um fichário. Depois de uma breve pesquisa, voltou à

escrivaninha com um processo com a capa bege. Começou a folheá-lo. — Como todas as crianças de Pripyat, Dimitri Karoliszyn sofria de enurese noturna e variações de humor, consequências do estado de choque e do afastamento forçado. Por esse motivo, era acompanhado por uma equipe de psicólogos. Durante as sessões, falava de sua família: de sua mãe, Anja, dona de casa, e de seu pai, Konstantin, que trabalhava como técnico na central nuclear. Descrevia momentos de sua vida juntos… com detalhes que, depois, se revelariam exatos. — Fez questão de reforçar a última frase.

— O que aconteceu?

Antes de responder, Norjenko pegou um cigarro do pacote que guardava no bolsinho da camisa e acendeu-o.

— Dima tinha só um parente ainda vivo, um irmão do pai: Oleg Karoliszyn. Depois de várias buscas, conseguimos encontrá-lo no Canadá: o homem estava feliz por poder cuidar do sobrinho. Só conhecia Dima pelas fotos que Konstantin lhe mandava. Então, quando lhe enviamos uma imagem recente para que pudesse confirmar o reconhecimento, nunca teríamos imaginado o aconteceria. Para nós, era pouco mais do que uma formalidade.

— Oleg, porém, afirmou que aquele menino não era seu sobrinho.

— Exato… Mas Dima, embora nunca o tivesse encontrado, sabia muitas coisas sobre o tio, histórias da infância com o pai, e lembrava-se dos presentes que ele lhe enviava todos os anos pelo seu aniversário.

— Então, o que vocês acharam?

— A principio, que Oleg tinha mudado de ideia e não queria mais cuidar de Dima. Mas quando, como contraprova, nos mandou a foto do menino que o irmão lhe enviara durante anos, ficamos incrédulos… Estávamos lidando com um indivíduo diferente.

Um silêncio constrangedor desceu na sala por alguns instantes. Norjenko examinou a expressão imperturbável de seu interlocutor para entender se o achava maluco. Felizmente este falou.

— Vocês não se deram conta antes…

— Não existiam imagens de Dima precedentes a sua chegada ao Centro — afirmou o psicólogo, levantando os braços. — A população de Pripyat tinha sido obrigada a abandonar rapidamente as próprias casas, levando estritamente o necessário. O menino chegou até nós só com a roupa que tinha no corpo.

— E aí?

Norjenko aspirou uma profunda porção de fumaça.

— Havia somente uma explicação: aquele menino vindo do nada tinha

pegado o lugar do verdadeiro Dima. Mas tem mais… Não se tratava de uma simples troca de pessoa.

Os olhos do caçador brilharam e um lampejo passou no olhar de Norjenko. Podia apostar, era medo.

— Aqueles dois meninos não eram simplesmente "parecidos" — pontuou o psicólogo. — O verdadeiro Dima era míope, o outro também. Ambos sofriam de alergia a lactose. Oleg nos disse que seu sobrinho tinha uma carência de audição no ouvido direito por causa de uma otite maltratada. Submetemos nosso menino aos testes audiométricos, ocultando esse detalhe. O resultado foi o mesmo déficit auditivo.

— Podia estar fingindo, no fundo os testes audiométricos se baseiam nas respostas fornecidas espontaneamente pelo paciente. Talvez o Dima de vocês soubesse.

— Talvez… — O resto da frase apagou-se nos lábios de Norjenko, estava constrangido. — Um mês depois da nossa descoberta, o menino desapareceu.

— Fugiu?

— Diria mais que isso… sumiu. — O psicólogo ficou mais soturno: — Procuramos durante semanas, com a ajuda da polícia.

— E o verdadeiro Dima?

— Nenhum rastro dele, como também de seus pais: só sabíamos que tinham morrido porque nosso Dima nos dissera. No caos daqueles meses, era impossível verificar as notícias: tudo o que dizia respeito a Chernobyl era mantido em segredo, até a informação mais banal.

— Logo depois o senhor escreveu o artigo com essa história.

— Mas ninguém deu crédito a ele. — Norjenko balançou amargamente a cabeça, desviando o olhar de seu interlocutor, quase como se se envergonhasse de si mesmo. Depois, porém, retomou uma expressão decidida e, fitando-o, disse-lhe: — Aquele menino não estava simplesmente tentando se fazer passar por outra pessoa, acredite em mim: naquela idade, a mente não é capaz de estruturar uma mentira tão articulada. Não, em sua psique ele era mesmo Dima.

— Quando desapareceu, não levou nada com ele?

— Não, mas deixou algo…

Norjenko curvou-se para abrir uma das gavetas da escrivaninha. Depois de ter fuçado um pouco, tirou dela um pequeno boneco e colocou-o na mesa diante de seu visitante.

Um coelhinho de pano.

Era azul, estava sujo e em mau estado. Alguém tinha remendado seu rabo

e faltava-lhe um olho. Sorria, feliz e sinistro.

O caçador observou-o.

— Não me parece grande coisa como pista.

— Concordo com o senhor, Dr. Foster — admitiu Norjenko, e seus olhos iluminaram-se como se tivesse algo guardado: — Mas não sabe onde o encontramos.

* * *

Depois de terem atravessado um canto do parque justamente quando estava escuro, Norjenko abriu caminho para o colega dentro de outro prédio do Centro.

— Antigamente este era o dormitório principal.

Não se dirigiram aos andares superiores, mas ao subterrâneo. Norjenko acionou uma série de interruptores: as lâmpadas fluorescentes iluminaram um vasto ambiente. As paredes eram escuras de umidade e no teto corriam tubos de todos os tamanhos, muitos dos quais gastos e consertados de qualquer jeito.

— Algum tempo depois do desaparecimento do menino, um funcionário da limpeza fez a descoberta. — Não antecipava nada, quase como se quisesse aproveitar a surpresa do colega quando chegassem lá. — Quis conservar este lugar exatamente como o encontramos. Não me pergunte por quê, simplesmente achei que um dia nos seria útil para entender. E, depois, nunca vem ninguém aqui embaixo.

Passaram por um corredor alto e estreito, com portas de aço de onde vinha o barulho obscuro das caldeiras. Então chegaram a uma segunda sala, utilizada como depósito de móveis velhos: camas e colchões que estavam apodrecendo. Norjenko abriu espaço e convidou o colega a fazer o mesmo.

— Estamos quase chegando — anunciou.

Viraram a esquina e viram-se em um vão estreito e mal-arejado sobre uma escada. Estava escuro, mas Norjenko cuidou de iluminar o lugar com o isqueiro a petróleo que usava para acender os cigarros.

À luz ambarina daquela pequena chama, seu visitante deu um passo à frente, incrédulo diante do que via.

Parecia um gigantesco ninho de inseto.

O caçador esboçou um movimento de repulsa, mas depois, aproximando-se, enxergou a trama densíssima de pequenos pedaços de madeira, amarrados por farrapos de tecido de várias cores, cordas, grampos e tachinhas, folhas de

jornal modeladas com água e usadas para cimentar. Tudo tinha sido montado com extrema meticulosidade.

Era o refúgio de trapos de uma criança.

Ele também tinha construído alguns parecidos quando era pequeno. Mas naquele havia algo de diferente.

— O bichinho estava lá dentro — disse Norjenko, e viu seu visitante inclinar-se em direção à entrada estreita e tocar algo no chão. Projetou-se por cima de seu ombro e surpreendeu-o examinando uma coroa de pequenas manchas escuras.

Para o caçador era uma revelação clamorosa.

Sangue seco. O mesmo indício que tinha encontrado em Paris, na casa de Jean Duez.

O falso Dima era o camaleão.

Mas não devia se mostrar empolgado demais, então perguntou, evasivo:

— E vocês têm uma ideia sobre a proveniência dessas manchas?

— Na verdade não…

— O senhor se incomoda se eu pegar uma amostra?

— Vá em frente.

— E queria também o coelhinho de pano, pode ser relacionado ao passado do falso Dima.

Norjenko hesitou: tentava entender se o colega realmente estava interessado na história, provavelmente era a última oportunidade que tinha para resgatar a própria existência.

— Considero que o caso ainda tem valor científico, valeria a pena aprofundá-lo — acrescentou o caçador para convencê-lo.

Àquelas palavras, nos olhos do psicólogo brilhou uma ingênua esperança, mas também um mudo pedido de socorro:

— Então, o que acha: poderíamos escrever um novo artigo, talvez nós dois juntos?

Naquele momento, Norjenko certamente não podia imaginar que, provavelmente, passaria o resto de seus dias naquele instituto.

O caçador virou-se e sorriu-lhe.

— Naturalmente, Dr. Norjenko. Voltarei para a Inglaterra esta noite mesmo e lhe darei notícias o mais rápido possível.

Na realidade, tinha outro destino em mente. Iria aonde tudo começara. A Pripyat, nos rastros de Dima.

DOIS DIAS ATRÁS

O cadáver disse:

— Não.

Essa exclamação ficou suspensa entre o sonho e a vigília. Vinha do passado, mas tinha conseguido transitar no presente um instante antes que o portal que ligava os dois mundos se fechasse e Marcus fosse novamente seu guardião.

Pronunciara aquela negação com firmeza, mas também com medo, na frente da boca impassível de um revólver. Já sabendo que não serviria para nada. Como fazem todos na linha de tiro. Aquela palavra é a última e inútil barreira diante do inevitável. A invocação de quem sabe não ter mais saída.

Marcus não procurou imediatamente a caneta hidrográfica com a qual assinalava os retalhos de sonho na parede ao lado da cama. Ficou pensando nisso — com o coração quicando no peito e a respiração ofegante —, porque, dessa vez, não esqueceria o que vira.

Ainda tinha clara diante dos olhos uma imagem do homem sem rosto que havia atirado nele e em Devok. Nas versões anteriores do sonho, era uma sombra de vapor que esvaecia sempre que se esforçava para focá-la. Mas agora possuía um detalhe importante do assassino. Tinha visto a mão com a qual segurava o revólver.

Era canhoto.

Não era muito, mas para Marcus constituía uma esperança. Talvez, um dia, subiria por aquele braço esticado e olharia nos olhos o homem que o condenara a vagar em si mesmo, em busca da própria identidade. Porque o que lhe restava era a consciência de estar vivo. Nada mais.

Pensou novamente em Federico Noni e nos desenhos no caderno que tinha encontrado na casa dele. Relatavam a gênese de um monstro. O fato de que as fantasias violentas remetessem à infância o perturbava. No emaranhado que tentava desenredar havia o filamento vermelho de uma dúvida. Bons ou maus, perversos ou piedosos — assim nascemos ou nos tornamos? Como podia o coração de uma criança cultivar tão lucidamente o mal e deixar-se infestar por ele?

Alguém poderia atribuir a responsabilidade a uma série de acontecimentos que haviam cavado feridas na psique de Federico, como o abandono da mãe ou a morte prematura do pai. Mas era uma explicação fraca e simplista. Muitas crianças viviam dramas piores, mas nem por isso, quando adultas, viravam assassinas.

Além disso, Marcus tinha consciência de que aquela dúvida relacionava-se a ele bem de perto. A amnésia zerara as lembranças, não seu passado. O que acontecera antes daquele momento? No caderno de Federico talvez houvesse o vestígio de uma resposta. Em cada indivíduo existe algo de inato, que vai além da consciência de si, da experiência acumulada e da educação recebida. Uma faísca que identifica cada homem, mais que seu nome ou seu aspecto.

Um dos primeiros passos de seu treinamento consistira em se liberar das ilusões geradas pela aparência. Clemente fizera-lhe examinar o caso de Ted Bundy, o serial killer com cara de bom rapaz. Tinha uma namorada, e os amigos o descreviam como uma pessoa afável e generosa. Entretanto, matara 28 vezes. Mas, antes de ser reconhecido como um homicida impiedoso, Bundy tinha sido condecorado com uma medalha por ter salvado uma menina que estava se afogando em um laguinho.

Estamos sempre no meio de uma batalha, Marcus dissera a si mesmo. Aprendera com isso que a escolha das companhias com as quais se alinhar nunca era pura. E que, no fim, o único juiz era o próprio homem, que decidia, caso a caso, seguir a própria faísca, positiva ou negativa, ou ignorá-la.

Isso valia para os culpados, mas também para as vítimas.

Os últimos três dias tinham sido muito instrutivos desse ponto de vista. Monica — a irmã de uma das garotas assassinadas por Jeremiah Smith —, Raffaele Altieri e Pietro Zini encontraram-se diante de uma encruzilhada e fizeram suas escolhas. A verdade lhes fora oferecida, mas também a chance de decidir entre perdão e vingança. Monica escolhera o primeiro, os outros dois optaram pela segunda.

E, depois, havia a policial que investigava para encontrar quem tinha assassinado o marido. O que buscava, uma verdade liberatória ou a oportunidade de infligir um castigo? Marcus nunca ouvira o nome de David Leoni, que, segundo a mulher, tinha sido assassinado enquanto investigava os penitencieiros. Havia prometido que a ajudaria a resolver o mistério. Por que o fizera? Temia que ela também fizesse parte daquele plano de vingança, embora ainda não soubesse como. Tinha sido um jeito de ganhar tempo. E sentia que havia uma ligação que a igualava aos outros.

Todas as pessoas envolvidas, até aquele momento, tinham sofrido uma injustiça que modificara para sempre suas vidas. O mal não se limitara a atingi-las, mas, em sua passagem, havia disseminado esporos. Em alguns casos, estes vingaram, infectando a existência delas. Como um parasita silencioso, o mal crescera nas metástases do ódio e do rancor, transfigurando o hospedeiro. Era

assim que terminava a metamorfose. Indivíduos que nunca acharam que poderiam tirar a vida de outro ser humano eram atingidos por um luto violento que, com o tempo, os transformava, por sua vez, em distribuidores de morte.

Uma parte de Marcus, porém, não tinha coragem de condenar quem, em vez de se contentar com a verdade e ir em frente, escolhera infligir uma punição. Porque ele mesmo tinha muito em comum com aquelas pessoas.

Virou-se em direção à parede ao lado da cama e releu os últimos dois detalhes da cena do hotel de Praga que havia escrito.

"Vidros quebrados." "Três tiros." Depois, acrescentou: "Canhoto."

O que faria se se visse diante do assassino de Devok, o homem que havia tentado matá-lo e o privara da memória? Não achava que era uma pessoa justa. Pode-se perdoar quem não pagou pelos próprios erros? Por isso, não queria repreender totalmente quem, para corrigir um delito, manchara-se também de um crime.

Aqueles homens tinham recebido um poder imenso. *E quem lhes dera isso fora um penitencieiro*.

Depois daquela descoberta, Marcus sentira emoções contrastantes. Interpretou como uma traição, mas também sentiu um enorme alívio ao descobrir que não era o único a ter aquele talento obscuro. Embora ainda não conhecesse a razão que movia seu colega penitencieiro, o fato de haver, por trás de todas as revelações, um homem de Deus infundia-lhe uma esperança por Lara.

Não a deixará morrer, disse a si mesmo.

Porém, Marcus sentia que os fios da investigação estavam escapando de suas mãos. Sua prioridade devia ser a estudante raptada por Jeremiah Smith, mas quase se esquecera dela. Deixara-se transportar pelos acontecimentos, confiando que a trama daquele plano também contivesse um projeto para a garota. Mas, naquele momento, ressoaram em sua cabeça as palavras da última mensagem do misterioso penitencieiro, contidas no e-mail que havia mandado a Pietro Zini.

Já aconteceu. Acontecerá de novo.

E se, em vez disso, tudo tivesse sido tramado para que ele chegasse muito próximo de libertar Lara e falhasse? Depois teria que conviver com esse remorso. Decididamente, seria demais para sua jovem memória.

Devo ir até o fim, não tenho escolha. Mas preciso chegar um instante antes que tudo se conclua. Só assim salvarei a vida dela.

Por ora, pôs de lado qualquer presságio. Havia um perigo mais iminente em que pensar.

C.g. 925-31-073.

O código que fechava o e-mail anunciava outro crime impune. O sangue havia sido derramado sem que ninguém pagasse o preço. Em algum lugar, lá fora, alguém se preparava para escolher se continuaria a ser vítima ou se viraria um carrasco.

A dois meses do início de seu treinamento, Marcus perguntara a Clemente sobre o arquivo. Depois de ter ouvido falar tanto dele, estava curioso para saber quando poderia inspecioná-lo. Uma noite, muito tarde, o amigo apresentara-se à porta do sótão da via dei Serpenti e lhe anunciara:

— Chegou a hora.

Marcus deixara-se levar por Roma sem fazer perguntas. Haviam percorrido uma parte do trajeto de carro e seguido a pé. Depois de um tempo, chegaram a um antigo prédio do centro. Clemente convidara-o a descer ao subterrâneo. Depois, abrira-lhe caminho por um corredor com afrescos, até uma portinha de madeira. Enquanto abria com a chave que levava consigo, Marcus observava-o, pouco à vontade. Diante daquela última fronteira, não se sentia pronto. Além disso, não achava que fosse tão simples chegar até ali. E, desde que tinha ouvido falar dele pela primeira vez, o arquivo lhe incutia certo temor. Ao longo dos séculos, aquele lugar havia assumido várias denominações, sugestivas ou inquietantes. A biblioteca do mal. A memória do diabo. Marcus imaginara-o como um emaranhado de deambulatórios, apinhados de prateleiras cheias de volumes. Um enorme labirinto onde seria fácil perder-se, ou perder a razão, por causa do que ele continha. Porém, quando Clemente abriu a porta, Marcus olhou para dentro sem entender.

Tratava-se de uma pequena sala com as paredes vazias e sem janelas, com uma cadeira e uma mesa no centro. Sobre essa última havia um dossiê.

Clemente convidara-o a sentar-se e a lê-lo. Tratava-se da confissão de um homem que tinha matado onze vezes. As vítimas eram todas meninas, crianças. Cometera o primeiro homicídio com 20 anos de idade, desde então não conseguira mais parar. Não sabia explicar qual força obscura guiava suas mãos enquanto concediam a morte. Nele existia uma inexplicável compulsão em repetir o terrível comportamento.

Marcus logo pensou em um serial killer e perguntou a Clemente se, no fim, tinha sido detido.

— Sim — o amigo o tranquilizara. Só que os fatos remontavam a mais de

mil anos no passado.

Marcus sempre achara que os serial killers eram um produto da era moderna. No último século, a humanidade havia obtido enormes resultados no campo ético e moral. A existência dos assassinos seriais, para Marcus, podia ser incluída entre os custos a se pagar pelo progresso. Mas lendo aquela confissão teve que mudar de ideia.

Depois daquela vez, durante todas as noites sucessivas, Clemente levou-o até a salinha e submeteu-lhe um novo caso. Em pouquíssimo tempo, Marcus chegou a se perguntar por que o conduzia justamente àquele lugar. Não poderia levar-lhe os dossiês ao sótão? Mas a resposta era simples. Aquele isolamento era necessário para que Marcus compreendesse, sozinho, uma importante lição.

— O arquivo sou eu — disse a Clemente um dia.

E ele lhe confirmou que, além do lugar secreto onde estavam guardados materialmente os testemunhos do mal, o arquivo eram os próprios penitencieiros. Cada um conhecia uma parte diferente dele, preservava aquela experiência e levava-a pelo mundo.

Mas, desde a morte de Devok até a noite anterior na casa de Zini, Marcus sempre pensara que estivesse sozinho.

Esse pensamento não o deixava em paz enquanto andava pelas ruazinhas do gueto judeu em direção ao Portico d'Ottavia, situado atrás da grande sinagoga. Na antiga Roma, havia hospedado um templo de Juno Rainha e depois o de Júpiter Stator. As ruínas eram dominadas por um moderno píer de aço e madeira que servia como mirante para o Circo Flaminio.

Clemente segurava-se na balaustrada com as duas mãos. Já sabia de tudo.

— Qual é o nome dele?

O jovem sacerdote não se virou, imobilizado pela pergunta.

— Não sabemos.

Marcus, dessa vez, não podia se contentar com uma resposta escassa.

— Como vocês conseguem não ter ideia da identidade do penitencieiro?

— Não menti para você quando disse que só o padre Devok conhecia os nomes e os rostos de vocês.

— Então qual foi a mentira? — pressionou-o, intuindo que Clemente se sentia em falta.

— Tudo isso começou muito antes de Jeremiah Smith.

— Por isso vocês sabiam que alguém estava violando o sigilo do arquivo. — Deveria ter entendido sozinho.

— "Tudo o que já aconteceu acontecerá de novo." Queria saber o que

significa? Eclesiastes: capítulo 1, versículo 9.

— Desde quando as revelações estão acontecendo?

— Há meses. Houve mortos demais, Marcus. Isso não faz bem à Igreja.

As palavras de Clemente lhe imputaram uma sensação de desconforto. Imaginara que todos os esforços fossem por Lara. Em vez disso, tinha que se resignar com algo diferente.

— Então é isso que interessa a vocês: parar a hemorragia do arquivo, evitar que descubram que dependeu de nós se alguém começou a fazer justiça por si só. E, portanto, Lara o que é, um simples imprevisto? A morte dela será classificada como um dano colateral inevitável? — Estava furioso.

— Você foi chamado para salvar a menina.

— Não é verdade — calou-o Marcus.

— O que os penitencieiros faziam era contrário às decisões hierárquicas da Igreja. Vocês foram colocados de lado, a ordem abolida. Mas alguém quis continuar.

— Devok.

— Ele afirmava que era errado parar, que os penitencieiros tinham um papel fundamental a desempenhar. Todo aquele conhecimento sobre o mal, proveniente do arquivo, devia permanecer à disposição do mundo. Estava convicto da própria missão. Você e outros sacerdotes o seguiram nessa missão maluca.

— Por que ele foi a Praga me procurar? O que eu fazia lá?

— Não sei, eu juro.

Marcus deixou correr o olhar sobre os restos da Roma imperial. Começava a compreender o próprio papel.

— Cada vez que revela um dos segredos, o penitencieiro deixa pistas para seus colegas. Quer ser detido. Vocês me treinaram novamente apenas para encontrá-lo. Eu era útil a vocês. O desaparecimento de Lara lhes ofereceu o pretexto para me fazer entrar no caso sem suspeitar de nada. Na verdade, vocês não se importam com ela… nem comigo.

— Não, pelo contrário. Como pode afirmar uma coisa dessas?

Aproximou-se de Clemente, de modo que o olhasse nos olhos.

— Se o arquivo não estivesse em perigo, vocês teriam me deixado sem memória naquele leito de hospital.

— Não. Teríamos lhe fornecido as lembranças para ir em frente. Cheguei a Praga porque Devok tinha morrido. Fiquei sabendo que quando atiraram nele havia alguém junto. Eu não tinha ideia de quem era, só sabia que o desconhecido

estava no hospital e tinha amnésia.

No começo, Marcus fizera-se repetir aquela história várias vezes, para se convencer da própria identidade. Vasculhando em suas coisas no quarto do hotel, Clemente havia encontrado um passaporte diplomático vaticano com uma identidade falsa e suas anotações, uma espécie de diário em que Marcus falava de si em modo genérico, talvez temendo que, se fosse assassinado, deixasse apenas um cadáver sem nome. De qualquer maneira, daquele diário Clemente deduzira quem era. Mas a confirmação veio somente quando, após a alta do hospital, Clemente levou-o até a cena de um crime recente. Daquela vez, Marcus fora capaz de descrever, com um notável grau de aproximação, o que tinha acontecido.

— Comuniquei a descoberta aos meus superiores — prosseguiu Clemente. — Eles queriam deixar para lá. Insisti, achando que você era a pessoa certa, e os convenci. Você nunca foi usado, se é isso que o preocupa. Para nós, você representava uma oportunidade.

— Se eu conseguir encontrar o penitencieiro que traiu, o que será de mim depois?

— Você estará livre, não entende? E isso não porque outra pessoa vai decidir: você pode ir embora agora se quiser, depende de você. Não existe nenhuma obrigação que o prenda. Mas sei que, no fundo do coração, você sente necessidade de saber quem é realmente. E o que está fazendo, embora não admita, o ajuda a compreender isso.

— E, quando tudo terminar, os penitencieiros voltarão a ser história. E desta vez vocês vão se assegurar de que seja para sempre.

— Se a ordem foi abolida, existe uma razão.

— Qual? — Marcus o desafiou. — Vamos, me diga.

— Há coisas que nem eu nem você podemos compreender. Decisões que vêm do alto e que respondem a exigências precisas. Nosso dever de homens da Igreja é servir sem questionar, sabendo que existe alguém acima de nós fazendo escolhas para o nosso bem também.

As nuvens volteavam por entre as colunas antigas, replicando a mesma harmonia e cantando no ar penetrante da manhã. O dia começara com sol, mas aquela luminosidade não encontrava correspondência no estado de ânimo de Marcus. Por mais que combatesse, a ideia de poder viver de um jeito diferente não lhe desagradava. Desde que descobrira o próprio talento, sentira-se de algum modo obrigado. Como se a solução para todo o mal residisse nele. Agora, porém, Clemente estava lhe deixando uma saída. Mas tinha razão: o que estava fazendo

lhe servia. Se achasse Lara e detivesse o penitencieiro, mereceria a possibilidade de ir embora. Àquela altura, seria aceitável.

— O que devo fazer?

— Descubra se a garota ainda está viva e salve-a.

O único jeito, Marcus sabia bem, era seguir os rastros do penitencieiro.

— Ele conseguiu resolver casos que estavam classificados como não solucionados no arquivo. É bom nisso.

— Você também é. Ou não teria descoberto as mesmas coisas. Você é como ele.

Marcus não sabia se a comparação o consolava ou o aterrorizava. Mas tinha que ir em frente. Até o fim, disse a si mesmo.

— O código desta vez é *c.g. 925-31-073*.

— Você não vai gostar — Clemente logo o avisou e tirou um envelope do bolso interno do impermeável. — Alguém morreu, mas não sabemos quem é. Seu assassino admitiu o próprio crime, mas não sabemos o nome dele.

Marcus pegou o processo das mãos de Clemente e logo lhe pareceu leve e fino demais. Abriu-o e viu que, lá dentro, havia uma única folha escrita à mão.

— O que é?

— A confissão dos pecados de um suicida.

7h40

Foi acordada por uma carícia na bochecha. Abriu os olhos, esperando ver Shalber ao seu lado. Mas estava sozinha. Porém a sensação tinha sido nítida.

O companheiro daquela estranha noite já se levantara. Ouvia a água do chuveiro fluindo. Melhor assim. Sandra não tinha certeza se queria encontrá-lo. Ainda não, pensou. Precisava de um pouco de tempo para si mesma. Porque, agora, a impiedosa sinceridade do dia lhe devolvia um sentido completamente diferente ao que tinha acontecido entre aqueles lençóis. Indiferente aos seus pudores e ao seu embaraço, o sol vazava da persiana, colocando em evidência sua lingerie espalhada no chão junto com as roupas, as cobertas emaranhadas aos pés da cama, e iluminava seu corpo nu.

— Estou nua — repetiu para si mesma, como se quisesse se convencer disso.

Em um primeiro momento, colocou a culpa no vinho. Mas depois se deu

conta de que não seria suficiente como bode expiatório. Quem estava querendo enganar? As mulheres nunca fazem amor por acaso, disse a si mesma. Os homens são assim: veem-se diante de uma oportunidade e se jogam. As mulheres precisam de uma preparação. Querem estar com a pele lisa para ser tocadas, ter um bom cheiro. Mesmo quando parece que estão se jogando na aventura de uma noite, na realidade elas planejaram. E, embora nos últimos meses Sandra não tivesse previsto que aconteceria um encontro desse tipo com ela, não se esquecera de si mesma. Continuara a cuidar de si. Uma parte dela não queria entregar o jogo para a dor. E além do mais sua mãe tinha a ver com isso, mais uma vez. Antes do funeral de David, ordenara que fosse ao quarto para arrumar o cabelo.

— Uma mulher sempre encontra dois minutos para se pentear — dissera. — Mesmo quando está sofrendo e tem dificuldade até para respirar.

Era um conceito que não tinha nada a ver com beleza ou aparência. Era uma questão de identidade. Uma atenção que os homens liquidariam como fútil e afetada em um momento como aquele.

Mas Sandra agora sentia vergonha. Sabe-se lá se Shalber achava que ela se entregara facilmente demais. Tinha medo do julgamento dele. Não por si mesma: por David. Sentira pena dele depois de ter conferido quanto sua viúva estava preparada para ir para a cama com outro?

De repente, percebeu que estava procurando um motivo para odiá-lo. Mas Shalber tinha sido cuidadoso naquela noite. Não se tratava de uma paixão arrebatadora, tudo se desenrolara com uma doçura exasperante. Ele segurando-a abraçada a si, sem dizer uma palavra, tinha ficado marcado para ela. De vez em quando deixava cair um beijo na cabeça dela, sentia-o chegando pelo calor de sua respiração.

Sentira-se atraída por ele desde o primeiro momento. Talvez fosse isso que lhe dava raiva. Reconhecia o clichê. Primeiro, os dois se odeiam, depois inevitavelmente se apaixonam. Sentia-se banal como uma menina de 15 anos. Só faltava comparar seu namoradinho novo com David. Embora fosse um exagero, expulsou essa ideia, irritada, e encontrou forças para se levantar. Pegou a calcinha e colocou-a rapidamente, antes que Shalber saísse do banho e a surpreendesse ainda indefesa.

Sentou-se na cama, esperando o banheiro ficar livre para se entocar debaixo do jato de água quente. Claro que seria estranho passar na frente dele vestida. Ele poderia interpretar isso como uma mudança de ideia tardia. Só que Sandra não estava nem um pouco arrependida. Gostaria de chorar, mas em vez

disso sentia uma inconsciente alegria.

Amava ainda David.

Mas justamente nesse "ainda" estava a diferença. A palavra ocultava a cilada do tempo. Já há algum tempo o vocábulo intrometera-se naquela frase sem que Sandra se desse conta, plantando-se logo no meio. Concretizando, de fato, uma separação. Antecipando, de um jeito dissimulado, o que aconteceria. Tudo muda e se transforma, mais cedo ou mais tarde aquele sentimento também mudaria. O que sentiria por David dali a vinte ou trinta anos? Levando em conta que a vida lhe desse todo aquele tempo. Tinha 29 anos, por isso era obrigada a seguir seu caminho, mesmo que ele tivesse parado o seu. Olharia ainda para trás e seu marido ficaria cada vez menor. Até que, um dia, sumiria por trás do horizonte. Tinham estado juntos por muito tempo. Mas não o suficiente se comparado ao futuro que a esperava.

Tinha medo de esquecê-lo. Por isso se agarrava desesperadamente às lembranças.

Como naquele momento, enquanto olhava o próprio reflexo no espelho ao lado do armário: não via mais uma viúva, mas uma jovem mulher ainda capaz de doar as próprias energias e o próprio ardor a um homem. E lhe vinham à cabeça as incontáveis vezes em que tinha feito amor com David. Duas delas, em especial.

A primeira em absoluto — o que era previsível —, que também tinha sido a menos romântica. Depois do terceiro encontro, no carro, enquanto iam para casa, onde uma cama confortável e toda a intimidade necessária para um momento desse tipo os esperavam. Em vez disso, encostaram na beira da rua, literalmente se jogando no banco de trás. Sem desgrudar os lábios, a não ser por poucos momentos. Tirando as roupas um do outro, freneticamente. Não souberam resistir à urgência de se encontrarem, quase como se pressentissem que se perderiam cedo demais.

A segunda, porém, era menos óbvia. Não se tratava da última vez. Aliás, desta, Sandra guardava somente uma vaga reminiscência. Notara uma concomitância que, em vez de torná-la triste, a fazia sorrir: sempre que uma pessoa querida morre, as últimas vezes viram um instrumento de tortura para os que ficam. Poderia ter dito isso, feito aquilo. Ela e David não tinham contas a prestar. Ele sabia quanto ela o amava e vice-versa. Sandra não tinha remorsos. Mas um sentimento de culpa, sim. E vinha justamente daquela vez em que fizeram amor em casa, alguns meses antes que seu marido fosse assassinado. Em muitos sentidos, aquela noite não fora diferente das outras. Tinham seus

rituais de flerte que previam que ele lhe dissesse coisas bonitas a noite toda. Ela o deixava se aproximar lentamente, negando-lhe o prêmio até o último momento. Embora fizessem isso todos os dias, não perdiam o hábito. Não se tratava apenas de uma brincadeira para tornar tudo mais interessante. Era uma maneira de renovar a promessa de que nunca se subestimariam.

Naquele dia, porém, algo acontecera. David voltara depois de uma viagem de trabalho de dois meses. Não podia imaginar o que tinha acontecido enquanto estava fora. Nem ela deixou transparecer nada. Durante toda a noite, Sandra fingiu sem mentir. Um meio-termo que se consegue simplesmente repetindo uma rotina. Como se estivesse tudo normal. Inclusive o hábito de fazer amor.

Nunca tinha falado disso com ninguém. Proibia-se até de pensar nisso. David não sabia, e, se um dia tivesse lhe confessado, a teria deixado, tinha certeza. Havia uma palavra que definia sua culpa, mas nunca a pronunciara.

— Um pecado — disse ao próprio clone no espelho.

Quem sabe se o penitencieiro a perdoaria. Mas a frase não serviu para atenuar a sensação de incômodo que experimentava por si mesma.

Olhou para a porta fechada do banheiro. E agora o que vai acontecer?, perguntou-se. Ela e Shalber tinham feito amor ou só sexo? E como deveriam lidar um com o outro? Não havia considerado isso e agora lhe parecia tarde demais para cogitar alguma coisa. Não queria que fosse ele quem falasse primeiro. Mas a verdade era que não queria parar. Sentiu-se atrapalhada de repente. Se ele fosse frio, não queria que lesse a decepção em seu rosto. Porém, não sabia como evitar isso. Para se distrair daquele pensamento, olhou a hora. Estava acordada havia vinte minutos e Shalber ainda não tinha saído do banheiro. Continuava escutando a água do chuveiro, mas só então reparou que o som estava imóvel. Não havia nenhuma variação no ruído da água, como deveria acontecer quando um corpo se mexe debaixo do jato. O barulho era constante, como se não houvesse nenhuma resistência.

Sandra ficou de pé num pulo, precipitando-se na direção do banheiro. A maçaneta abaixou facilmente e o pressentimento de pouco antes assumiu uma terrível consistência. Foi investida por um manto de vapor. Tentou dispersá-lo com a mão e entreviu o box: atrás do vidro opaco, nenhuma sombra. Aproximou-se da porta e a escancarou.

A água fluía, mas debaixo dela não havia ninguém.

Existia um único motivo pelo qual Shalber podia ter idealizado um truque daqueles. Sandra virou-se para o vaso sanitário imediatamente. Foi até lá, moveu a tampa da descarga e viu que o envelope impermeável que tinha escondido

ainda estava ali. Pegou-o para verificar o conteúdo. No lugar das pistas de David havia uma passagem de trem para Milão.

Sentou-se no chão coberto de vapor condensado, segurando a cabeça entre as mãos. Agora sim estava com vontade de chorar. E de gritar também. Seria libertador, mas não o fez. Não pensou na noite que tinha acabado de passar, perguntando-se se o carinho que teve fazia parte da enganação. Em vez disso, voltou à sua cabeça aquela vez em que tinha feito amor com David mesmo sabendo que estava escondendo algo dele. Por muito tempo tentara afastar esse segredo. Agora era um refluxo de sua consciência que não conseguia mais calar.

Sim, sou uma pecadora, admitiu para contentá-la. E a morte de David foi a minha punição.

Tentou contatar Shalber no celular. Mas uma voz gravada devolvia todas as suas tentativas, comunicando-lhe que o usuário estava fora de alcance. Claro que não esperava que ele se deixasse ser encontrado. E, de qualquer maneira, não havia tempo para se lamentar, nem para se perguntar se cometera um erro. Precisava voltar a ser operante.

Firmara um pacto com o padre com a cicatriz na têmpora. Mas agora que Shalber tinha a foto que David tirara dele seria mais simples identificá-lo. E, se o prendesse, para ela seria o fim. O caminho para encontrar o assassino de seu marido interrompera-se bruscamente com a foto escura, e o penitencieiro era a última esperança que lhe restava.

Devia avisá-lo antes que fosse tarde demais.

Não tinha ideia de como encontrá-lo e não podia esperar que o penitencieiro aparecesse, como prometera. Tinha que inventar algo.

Começou a passear pela casa, tentando pensar nos últimos acontecimentos. A raiva não a ajudava, mas tentava mantê-la sob controle. Nela existiam sentimentos contraditórios em relação ao funcionário da Interpol. Mas não cederia o controle à cólera.

Teria que voltar ao caso Fígaro.

Na noite anterior, no museu das almas do purgatório, tinha dado ao padre uma solução plausível para o mistério. Ele a escutara e depois escapara, dizendo que devia se apressar antes que fosse tarde. Não lhe dera mais explicações, e ela não pudera insistir.

Queria saber se a situação tinha mudado de algum jeito. E a resposta podia vir da televisão. Dirigiu-se à cozinha e ligou o pequeno aparelho que estava sobre o bufê. Depois de ter peregrinado pelos canais, achou uma edição resumida do telejornal. A locutora comentava o descobrimento do cadáver de uma jovem

mulher ainda não identificada em Villa Glori. Depois, passou para outra notícia policial e pronunciou os nomes de Federico Noni e Pietro Zini. O homicídio-suicídio em Trastevere era a notícia de fechamento.

Sandra não conseguia acreditar. Qual havia sido seu papel naquele dramático epílogo? Podia ter contribuído, mesmo minimamente, para aquelas mortes? Percebeu que não quando ouviu a notícia dos fatos. Os horários não coincidiam: enquanto aquele drama se consumia, ela conversava com o penitencieiro. Por isso, nem mesmo ele estava presente enquanto acontecia.

Apesar disso, o caso Fígaro era considerado encerrado, e não lhe serviria para entrar novamente em contato com a Penitenciaria.

Era frustrante. Não sabia por onde recomeçar.

Espere um momento, disse a si mesma. Como Shalber fez para saber que estavam cuidando do caso Fígaro?

Recapitulou o que o funcionário da Interpol lhe dissera sobre o caso. Retrocedendo, encontrou a informação que buscava: Shalber soube do interesse dos penitencieiros instalando alguns microfones. A interceptação do local acontecera em uma mansão fora de Roma, onde a polícia fazia uma perquirição.

Que mansão? E por que estavam lá?

Foi pegar o celular na bolsa e digitou o número da última chamada recebida no dia anterior. De Michelis respondeu no sexto toque.

— O que posso fazer por você, Vega?

— Inspetor, preciso da sua ajuda de novo.

— Estou aqui para isso. — Estava de bom humor.

— Você está sabendo que os nossos homens fizeram uma perquirição em uma mansão em Roma nos últimos dias? Deve ser um lugar relacionado a um caso grande. — Sandra deduziu isso do fato de Shalber ter sido certeiro ao colocar aqueles microfones.

— Mas você não lê os jornais?

Ficou desnorteada.

— O que eu deveria saber?

— Pegamos um serial killer. As pessoas são loucas por essas histórias, você deveria saber disso.

Devia ter sido uma notícia da edição resumida do telejornal, mas ela tinha perdido.

— Me atualize.

— Não tenho muito tempo. — Ouviam-se vozes em volta de De Michelis. Assim, o inspetor mudou de lugar para ter um pouco de privacidade. — Então:

Jeremiah Smith, quatro vítimas em seis anos. Teve um enfarte três noites atrás. É socorrido e, na ocasião, descobrem que era um monstro. Está no hospital, mais para lá do que para cá. Caso encerrado.

Sandra ficou pensativa um instante.

— Está bem. Preciso de um favor.

— Mais um?

— Desta vez é grande.

De Michelis resmungou algo incompreensível. Depois disse:

— Fale…

— Uma ordem de serviço para operar nesse caso.

— Você deve estar brincando, espero.

— Prefere que eu comece a investigar sem nenhuma cobertura? Você sabe que eu faria isso.

De Michelis esperou um momento para refletir.

— Você vai me explicar tudo isso um dia desses, não é? Ou vou me sentir um cretino por ter lhe dado crédito.

— Pode contar com isso.

— Tudo bem, eu mando a ordem de serviço por fax para a delegacia de Roma daqui a uma hora. Vou ter que inventar um motivo plausível, mas fantasia é o que não me falta.

— Preciso lhe agradecer?

De Michelis riu.

— Óbvio que não.

Desligou. Sandra sentia-se novamente no jogo. Quis esquecer o que Shalber lhe fizera e se contentou em descontar a própria raiva na passagem de trem que lhe deixara no lugar das pistas: rasgou-a em pequeníssimos pedaços, que espalhou no chão do alojamento. Duvidava que Shalber voltasse ali para entender aquele gesto. Estava convencida de que não se veriam mais. E essa consideração lhe fez um pouco mal. Evitou pensar nisso. Aliás, prometeu-se que deixaria de lado o que acontecera. Tinha outra coisa a fazer. Devia ir à delegacia retirar a ordem de serviço, depois pediria que lhe entregassem uma cópia da documentação sobre Jeremiah Smith. Percorreria aqueles acontecimentos guiada por uma intuição: se o caso interessava aos penitencieiros, não estava encerrado de jeito nenhum.

Marcus estava sentado a uma das mesas compridas de um refeitório da Caritas. Havia crucifixos pendurados nas paredes e cartazes com a palavra de Deus. Um perfume penetrante de caldo e refogado espalhava-se pelo refeitório. Àquela hora da manhã, os sem-teto que normalmente frequentavam o lugar tinham ido embora e os fogões começavam a preparar o almoço. Geralmente, faziam fila desde as cinco para o café da manhã. Por volta das sete estavam novamente na rua, exceto quando chovia ou fazia frio, quando alguns ficavam mais um pouco. Marcus sabia que muitos deles — não a maioria, certamente — não eram mais capazes de permanecer em locais fechados e recusavam qualquer alojamento, fosse uma comunidade ou um dormitório, mesmo se só por uma noite. Tratava-se principalmente de quem tinha passado muito tempo na prisão ou em um instituto psiquiátrico. A perda temporária da liberdade os privara da orientação. E agora não sabiam mais de onde vinham e onde era casa.

Dom Michele Fuente os acolhia com um sorriso sincero, distribuindo refeições quentes e calor humano. Marcus observava-o enquanto dava ordens aos colaboradores para que tudo estivesse em ordem para a nova horda de desesperados que se espalharia silenciosamente dali a algumas horas. Comparado àquele padre e à missão que tinha predeterminado para si, sentia-se um sacerdote incompleto. Muitas coisas haviam sumido de sua memória e também de seu coração.

Quando terminou, dom Michele sentou-se diante dele.

— Padre Clemente me avisou de sua visita, limitando-se a me dizer que o senhor também é um padre e que não deveria perguntar seu nome.

— Se não o incomodar.

— Não me incomoda — confirmou o sacerdote. Era um sujeito gorducho, com as bochechas grandes e perenemente avermelhadas. O hábito talar estava salpicado de migalhas e manchas de gordura. Tinha mais ou menos 50 anos, as mãos pequenas, os cabelos despenteados. Usava óculos de grau com a armação preta e redonda, no pulso tinha um relógio de plástico que olhava continuamente e calçava um par de tênis Nike deformado.

— Há três anos o senhor tomou uma confissão — disse Marcus. Não era uma pergunta.

— Bem, desde então ouvi tantas outras.

— Desta, porém, deve se lembrar. Não é todo dia que se escuta um aspirante a suicida.

Dom Michele não ficou surpreso, mas toda cordialidade sumiu de seu rosto.

— Como é de praxe, transcrevi as palavras do penitente e as transmiti à Penitenciaria. Não podia absolvê-lo, o pecado que me confessou era terrível.

— Li o relatório, mas gostaria de escutá-lo do senhor.

— Por quê? — A pergunta também continha uma evocação, o sacerdote sentia-se incomodado em voltar ao assunto.

— Seria importante, para mim, colher uma impressão original. Preciso entender todas as nuances daquele encontro.

Dom Michele pareceu se convencer.

— Eram onze da noite, estávamos fechando. Lembro-me de ter notado aquele homem, parado do outro lado da rua. Tinha ficado ali a noite toda, depois entendi que estava buscando coragem para entrar. Quando o último visitante saiu do refeitório, finalmente se decidiu. Veio diretamente até mim, me pedindo para se confessar. Nunca o havia visto antes. Vestia um sobretudo pesado e um chapéu, não os tirou em nenhum momento, como uma pessoa que está com pressa. E apressada foi a nossa conversa. Não procurava conforto, nem compreensão, só queria se livrar de um peso.

— O que lhe disse exatamente?

O sacerdote coçou a barba grisalha e desalinhada que manchava seu rosto.

— Logo entendi que estava pensando em fazer algo extremo. Havia um tormento nos seus gestos, na sua voz, que me fez entender que suas intenções eram sérias. Ele sabia que para aquilo que estava prestes a fazer não existia perdão, mas não tinha vindo para ser absolvido pelo pecado que ainda não tinha cometido. — Fez uma pausa. — Não pedia perdão pela sua vida, que queria tirar, mas sim por aquela que tinha arrancado.

Dom Michele Fuente era um padre das ruas, constantemente em contato com as sujeiras do mundo. Mas Marcus não condenava seu mal-estar: no fundo, ouvira a confissão de um pecado mortal.

— Quem ele tinha matado, e por quê?

O sacerdote tirou os óculos e começou a limpá-los com a batina.

— Não me disse. Quando perguntei, foi evasivo. Como motivação por aquela reticência, alegou que era melhor que eu não tomasse conhecimento, caso contrário eu correria perigo. Só queria ser absolvido. Quando lhe disse que, por causa da gravidade de sua culpa, um simples padre não poderia fazer isso, ficou mal. Me agradeceu e foi embora sem acrescentar nenhuma palavra.

Por mais que aquele relato fosse insuficiente, evasivo e não contivesse pistas, era, de qualquer maneira, tudo o que Marcus tinha à disposição. No arquivo da Penitenciaria as confissões de homicidas eram classificadas em um

setor apropriado. A primeira vez que tinha colocado o pé lá, Clemente lhe fizera uma única recomendação:

— Não esqueça que o que você vai ler não é o relatório catalogado em uma base de dados da polícia. Nesse caso, a objetividade é uma espécie de barreira protetora. No nosso, ao contrário, a visão do acontecido é subjetiva, porque é sempre o assassino que relata. Às vezes, você terá a impressão de estar no lugar dele. Não permita que o mal o engane, lembre que se trata de uma ilusão. Pode ser perigoso.

Lendo aquelas palavras, Marcus ficava impressionado com os detalhes. Havia sempre algo naqueles relatos que parecia fugir do contexto. Um assassino, por exemplo, lembrava-se do detalhe dos sapatos vermelhos da vítima, e o padre mencionara aquilo também na sua transcrição. Não tinha nenhuma relevância, não influenciaria o julgamento. Mas era como se, em uma lista de horrores e violências, se quisesse criar uma rota de fuga, uma saída de emergência. Sapatos vermelhos: uma mancha de cor interrompia por um instante a narração, consentindo, a quem lia, a retomada do fôlego. No relato de Michele faltava um detalhe desse tipo. E Marcus suspeitava que a transcrição fosse parcial.

— O senhor sabe quem era o penitente, não é?

O sacerdote hesitou demais, dando a entender que, de fato, era verdade.

— Reconheci-o alguns dias depois, nos jornais.

— Mas quando transcreveu a confissão não inseriu o nome.

— Consultei o bispo, ele me aconselhou a omitir a identidade.

— Por quê?

— Porque todos achavam que era um homem bom — disse, incisivo. — Construiu um grande hospital em Angola, o país africano é um dos mais pobres do mundo. O bispo me convenceu de que não era necessário enlamear a memória de um grande benfeitor, que era melhor preservar seu exemplo. Porque àquela altura o julgamento sobre ele não nos dizia mais respeito.

— Qual era o nome dele? — insistiu Marcus.

O padre suspirou.

— Alberto Canestrari.

Intuiu que houvesse mais coisas, mas não queria forçar o sacerdote. Ficou observando-o em silêncio, esperando que ele falasse.

— Há outra coisa — acrescentou dom Michele com algum temor. — Os jornais escreveram que morreu por causas naturais.

Alberto Canestrari não era somente um cirurgião de fama internacional, um luminar da ciência médica e um inovador de sua profissão. Era principalmente um filantropo.

A imagem surgia das placas de honra ao mérito penduradas nas paredes de seu consultório na via Ludovisi. Mas também dos artigos de imprensa emoldurados, que descreviam as numerosas descobertas com as quais tinha aperfeiçoado a técnica cirúrgica e louvavam sua generosidade por ter exportado suas capacidades aos países do Terceiro Mundo.

Sua maior obra era a edificação de um grande hospital em Angola, onde ia operar pessoalmente.

Aqueles mesmos jornais que haviam celebrado sua figura mais tarde relatariam a notícia da morte imprevista por causas naturais.

Marcus entrara naquele que antigamente era seu consultório, no terceiro andar de um prédio nobre a dois passos da via Veneto, e percorria com o olhar aquelas preciosidades, examinando o rosto sorridente do médico de 50 anos nas fotos de praxe, ao lado de várias personalidades, mas também com os pacientes — muitos deles indigentes — que lhe deviam a cura e, em alguns casos, a própria vida. Eram sua grande família. Por ter dedicado toda a existência à profissão, o cirurgião não tinha se casado.

Se tivesse que julgar o homem pelo florilégio de adjetivos espalhados naquela parede, Marcus não teria dúvidas em defini-lo um bom cristão. Mas podia ser uma fachada: a experiência o convidava a ser prudente nos juízos. Principalmente à luz das palavras que o cirurgião pronunciara poucos dias antes de morrer, em sua última confissão.

Para o mundo inteiro, Alberto Canestrari não tinha se suicidado.

Para Marcus, era difícil imaginar que, ao anúncio da intenção de acabar com tudo, realmente tivesse se seguido a desconcertante pontualidade de um falecimento por causas naturais. Há mais coisa aí, disse a si mesmo.

O consultório era composto por uma grande sala de espera, uma secretaria para classificar os pacientes, uma sala com uma grande escrivaninha de mogno rodeada por uma vasta coleção de livros de medicina, muitos deles encadernados. Uma porta de correr escondia um pequeno consultório, mobiliado com um leito, alguns equipamentos e um pequeno armário para os medicamentos. Marcus, porém, parou na sala de Canestrari. Havia uma salinha com sofás de couro, como a poltrona giratória na qual — sempre de acordo com as reconstituições da mídia — o cirurgião fora encontrado morto.

Por que estou aqui?, perguntou-se.

Se aquele homem tinha realmente matado, a questão já estava encerrada. Marcus não deveria se preocupar. O assassino estava morto e o penitencieiro misterioso, dessa vez, não poderia provocar nenhuma vingança. Mas, se o conduzira até ali, a verdade não podia ser tão elementar.

Uma coisa de cada vez, disse a si mesmo. O primeiro passo era apurar os fatos, e a primeira anomalia a ser resolvida era o suicídio.

Canestrari não tinha mulher e filhos, após o falecimento acendera-se uma disputa entre os sobrinhos pela herança. Por isso, o consultório médico, objeto de litígio legal, permanecera inalterado nos últimos três anos. As janelas do apartamento estavam fechadas e sobre todos os objetos se depositara uma grossa camada de poeira. A mesma que pairava como névoa brilhante nos finos feixes de luz que vazavam por entre as folhas das janelas. Embora o tempo o tivesse preservado com sua indiferença, aquele lugar certamente não tinha o aspecto de uma cena de crime. Marcus estava quase sentindo falta das vantagens de uma morte violenta, tão prenunciadora de rastros aos quais atrelar suas deduções. Em meio ao caos gerado pelo mal, era mais fácil enxergar a anomalia que lhe servia. Na falsa tranquilidade daquele lugar seria complexo encontrá-la. Dessa vez, o desafio exigia uma mudança drástica. Teria que se fundir com Alberto Canestrari.

O que é mais importante para mim?, perguntou-se. A fama me interessa, mas não é essencial: infelizmente não nos tornamos populares salvando vidas ou com beneficência. A profissão, então. Meu talento é mais importante para os outros; logo, não é isso que realmente me importa.

A solução veio sozinha, olhando novamente a parede que exaltava o médico. Meu nome, isso realmente conta. A reputação é o bem mais precioso que possuo.

Porque estou convicto de que sou um homem bom.

Sentou-se na poltrona de Canestrari. Juntou as mãos debaixo do queixo, fazendo-se uma única, essencial pergunta.

Como me suicido fazendo com que todos acreditem que morri por causas naturais?

O que o cirurgião mais temia era o escândalo. Nunca toleraria deixar uma péssima lembrança de si. Por isso, deve ter ruminado um jeito. Marcus tinha certeza de que a resposta estava muito perto.

— Ao alcance das mãos — disse. Então, girou a poltrona em direção à estante atrás dele.

Simular uma morte natural não devia ser um problema para quem

conhecia a fundo os segredos da vida. Tinha certeza de que havia um método simples e insuspeitável. Ninguém investigaria, ninguém se aprofundaria, afinal de contas se tratava da morte de um homem irreprochável.

Marcus levantou-se e começou a consultar os títulos dos livros empilhados nas prateleiras. Levou um pouco de tempo para achar o que precisava. Tirou o volume.

O livro era um compêndio das substâncias venenosas presentes na natureza ou artificiais.

Começou a folheá-lo. Havia uma lista de essências e toxinas, ácidos minerais e vegetais, alcalinos cáusticos. Ia-se do arsênico ao antimônio, da beladona ao nitrobenzeno, à fenacetina e ao clorofórmio. Verificou a posologia mortal dos princípios ativos, seu uso e os efeitos colaterais. Até se deparar com uma substância que se aproximava de uma resposta.

Succinilcolina.

Tratava-se de um relaxante muscular usado em anestesia. Canestrari era um cirurgião, devia conhecê-lo bem. Na explicação era comparado a uma espécie de curare sintético, porque possuía a capacidade de paralisar os pacientes durante toda a intervenção para prevenir a perigosa eventualidade de espasmos ou movimentos irrefletidos.

Lendo as propriedades do medicamento, Marcus chegou à conclusão de que, para Canestrari, bastaria um miligrama para bloquear os músculos da respiração. Poucos minutos e sufocaria. Uma eternidade naquelas circunstâncias, uma morte atroz, a menos preferível, mas muito eficaz, porque a paralisia do corpo tornaria o processo irreversível. Uma vez que o medicamento fosse injetado, não haveria tempo para mudar de ideia.

Mas o cirurgião o escolhera também por outro motivo.

Marcus ficou surpreso ao saber que a principal qualidade da succinilcolina era que nenhum exame toxicológico seria capaz de identificá-la, já que era composta por ácido succínico e colina, substâncias normalmente presentes no corpo humano. A causa da morte seria confundida com um mal-estar súbito. E nenhum médico-legista iria procurar um furo mínimo de agulha, por exemplo, entre os dedos dos pés.

Seu bom nome estaria a salvo.

— Tudo bem… e a seringa? — Se alguém a encontrasse ao lado do corpo, adeus simulação de morte natural. Esse detalhe não combinava com o resto.

Marcus parou para pensar. Enquanto esperava o dossiê de Clemente, antes de se dirigir até lá, tinha lido na internet que quem encontrou o cadáver do

cirurgião foi a enfermeira, na manhã seguinte, no horário de abertura do consultório. Era possível que tenha sido ela quem se livrou da constrangedora prova de que não se tratava de uma morte natural.

Aleatório demais, Marcus pensou: a mulher também podia não ter feito. Porém, Canestrari tinha certeza de que a seringa seria removida. Por quê?

Marcus olhou o lugar onde o célebre médico decidira tirar sua vida. O consultório era o centro do seu universo. Mas não era esse o motivo pelo qual o escolhera. Tinha a certeza de que alguém terminaria seu plano. Alguém que tinha interesse em dar sumiço na seringa.

Fez aqui porque sabia que era observado.

Marcus levantou-se de um pulo. Tentando identificar de imediato algo na sala. Onde podem tê-las colocado? Na instalação elétrica, foi a resposta.

Mirou o interruptor de luz preso na parede. Aproximou-se dele, notando que havia um pequeno furo em seu espelho. Para removê-lo, usou um abridor de cartas que estava na escrivaninha. Primeiro afrouxou os parafusos, então o arrancou da parede, literalmente.

Foi suficiente uma olhada para reconhecer o cabo de um transmissor que se entrelaçava com os fios elétricos.

Quem quer que tenha escondido a microcâmera tinha sido esperto.

Mas, se alguém estava vigiando o consultório médico na época do suicídio de Canestrari, por que aquilo ainda estava ali depois de três anos? Marcus percebeu estar em iminente perigo. Àquela altura, sua presença no consultório já devia ter sido sinalizada.

Deixaram que eu fizesse para entenderem quem eu era. Mas agora estão vindo aqui.

Tinha que ir embora logo. Preparava-se para chegar à saída quando ouviu um barulho vindo do corredor. Tomando bastante cuidado, projetou-se um pouco além da soleira e viu se aproximar um brutamontes de paletó e gravata que tinha dificuldade de equilibrar o peso do próprio corpanzil para andar sem fazer barulho. Marcus retraiu-se antes de ser visto. Não tinha saída. Era a única rota de fuga e, no momento, estava ocupada por aquela montanha humana.

Olhou ao redor e viu a porta de correr que dava no consultório. Poderia se esconder lá. Se o homem entrasse na sala, ele teria mais espaço para escapar do alcance dele: de todo modo era mais ágil, bastaria correr.

O homem chegou à soleira e deteve-se, procurando o intruso. A cabeça rodava lentamente sobre o pescoço maciço. Dois olhos ínfimos exploravam a penumbra sem enxergar nada. Então, notou a porta retrátil que dava para o local

adjacente. Aproximou-se e enfiou os dedos grandes na abertura do umbral. Com um gesto seco, abriu e irrompeu no consultório. Não teve tempo de perceber que estava vazio: a porta atrás dele trancou-se rapidamente.

Marcus elogiou si mesmo por ter mudado de plano no último momento. Escondera-se embaixo da escrivaninha de Canestrari e, assim que o homem entrou na armadilha, pulou para fora para fechá-lo lá dentro. Mas exatamente enquanto se deleitava com a própria esperteza percebeu que a chave da porta não rodava na fechadura. A porta de correr começou a vibrar pelas pancadas desferidas. Marcus largou tudo e começou a correr. Estava no corredor e podia ouvir o passo do brutamontes, que se soltara e ganhava terreno. Conseguiu alcançar o corredor, depois de ter batido a porta atrás de si para diminuir a velocidade do perseguidor. Mas não serviu para muita coisa. Estava para continuar a fuga pela escada principal quando presumiu que o homem atrás dele podia ter vindo com um cúmplice que talvez estivesse de olho na entrada. Viu de relance uma saída de emergência e resolveu usá-la. As escadas eram mais estreitas e os lances mais curtos, e foi obrigado a saltá-los para manter a vantagem. O brutamontes, porém, era muito mais ágil do que Marcus imaginara e estava quase o alcançando. Os três andares que os separavam da rua lhe pareceram infinitos. Atrás da última porta estaria a salvação. Quando a escancarou, em vez de encontrar a rua, chegou a um estacionamento subterrâneo. Estava deserto. No fundo no vasto ambiente, viu um elevador e suas portas que se abriam. Quando acabaram de se abrir, em vez de lhe oferecerem uma nova rota de fuga, revelaram a existência de um segundo homem de paletó e gravata que o reconheceu e começou a correr em sua direção. Com dois perseguidores nos calcanhares não conseguiria. Começou a perder o fôlego e temia desabar de uma hora para a outra. Embocou a rampa dos carros, começou a subir enquanto alguns automóveis vinham ao seu encontro em sentido contrário. Dois desviaram dele por pouco, as buzinas reclamaram. Quando surgiu na superfície, os dois quase o tinham alcançado. Mas pararam de repente.

Diante deles havia a barreira humana de uma comitiva de turistas chineses.

Marcus serviu-se dela para dar sumiço nos próprios rastros. E agora observava de um canto a perplexidade dos perseguidores, curvado de cansaço, tentando retomar fôlego.

Quem eram aqueles dois? Quem os teria mandado até ali? Mais alguém estaria relacionado com a morte de Alberto Canestrari?

Apresentou-se à patrulha de vigilância diante do portão da mansão de Jeremiah Smith com o distintivo pendurado no pescoço e sacudindo a ordem de serviço que De Michelis lhe enviara. Os agentes conferiram suas credenciais, trocando alegres olhares de cumplicidade. Sandra tinha a impressão de que, de repente, o gênero masculino começara a se interessar por ela novamente. E até sabia por quê. Foi a noite que passou com Shalber, que tirou de cima dela o fedor de tristeza. Aguentou o procedimento com uma resignação maliciosa, depois os agentes a deixaram passar, pedindo desculpas por terem-na detido.

Encaminhou-se pela alameda de acesso da moradia dos Smith. O jardim estava abandonado. A grama tinha crescido até cobrir as grandes floreiras de pedra. Estátuas de ninfas e vênus surgiam aqui e ali, algumas sem membros. Saudavam-na com gestos incompletos, mas ainda cheios de graça. A hera havia invadido uma fonte, a água estagnava no tanque com uma cor esverdeada. A casa era um monólito escurecido pelo tempo. O acesso até ela dava-se por uma escada larga na base, que, depois, se estreitava em direção ao alto. Em vez de alongar a fachada, parecia que a sustentava como um pedestal.

Sandra subiu, alguns degraus estavam quebrados. Quando atravessou a entrada, a luz do dia sumiu de repente, absorvida pelas paredes escuras de um corredor comprido. Foi uma sensação estranha. Como se um buraco negro sugasse tudo. E tudo o que entrava não pudesse mais sair.

A Científica ainda fazia os levantamentos, mas o grosso do trabalho já havia sido feito. Os colegas estavam absortos examinando os móveis. Tiravam as gavetas e as despejavam no chão, então peneiravam o conteúdo delas. Tiravam o forro dos sofás, esvaziando as almofadas, e alguém auscultava as paredes com um estetoscópio à procura de nichos que pudessem servir como esconderijo.

Um homem alto e magro, com um terno espalhafatoso, estava dando instruções aos agentes da unidade cinófila, mandando-os ao jardim. Percebeu a presença dela e lhe fez um gesto para que o esperasse. Sandra concordou e parou na entrada. Os policiais com os cachorros saíram da casa, os animais os puxavam em direção ao jardim. Àquela altura, o homem veio ao seu encontro.

— Sou o delegado Camusso. — Estendeu-lhe a mão. Vestia um terno púrpura e uma camisa listrada da mesma cor, além de uma gravata amarela como toque final. Um perfeito *dandy*.

Sandra não se deixou distrair pela roupa excêntrica do colega, embora a achasse um alívio para os olhos — e para o humor — em meio ao preto que os

rodeava.

— Vega.

— Sei quem é você, me avisaram. Bem-vinda.

— Não quero ser um estorvo para vocês.

— Não se preocupe. Quase acabamos aqui. O circo vai desmontar a lona daqui a pouco: acho que chegou um pouco tarde para o espetáculo.

— Vocês têm Jeremiah Smith e as provas que o relacionam aos quatro homicídios, o que estão procurando?

— Não sabemos qual era o "salão de jogos" dele. As moças não foram assassinadas aqui. Ele as mantinha prisioneiras por um mês. Nenhuma violência sexual. Amarrava-as, mas não havia nenhum sinal de tortura nos cadáveres: depois de trinta dias degolava-as e ponto. Mas, de qualquer modo, precisava de um lugarzinho tranquilo onde pudesse fazer em paz o que queria. Esperávamos encontrar alguma coisa que nos levasse ao cativeiro, mas nada feito. E você, o que procura?

— Meu chefe, o inspetor De Michelis, quer que eu redija um relatório detalhado sobre o serial killer. Sabe, casos desse tipo não acontecem toda hora. Para nós, da Científica, representam uma ótima oportunidade de ganhar experiência.

— Entendo — disse o outro, sem nenhum interesse em apurar se tinha ouvido a verdade.

— O que a unidade cinófila ainda faz aqui?

— Os cães farejadores de cadáver vão dar mais uma volta no jardim: sempre pode surgir algum corpo, não é a primeira vez que acontece. Com toda a chuva dos últimos dias não foi possível. De todo modo, duvido que conseguirão farejar alguma coisa: o terreno está úmido e exala muitos cheiros. Os animais estão embriagados deles e não conseguem se orientar. — O delegado fez um aceno a um de seus subordinados, que se aproximou, trazendo-lhe um dossiê. — Tome, isto é para você. Contém os resultados do caso de Jeremiah Smith. Encontrará relatórios, perfis do assassino e das quatro vítimas e, obviamente, todo o material fotográfico. Se quiser uma cópia, deve fazer um pedido à magistratura competente. Por isso, me devolva quando terminar.

— Tudo bem, não vou demorar muito com isto — respondeu Sandra, pegando emprestada a documentação.

— Me parece que é tudo, não? Pode ir aonde quiser, não acho que precise de um guia.

— Vou sozinha, obrigada.

O delegado lhe deu sapatilhas descartáveis e luvas de borracha.

— Bom, divirta-se, então.

— Realmente, dar uma volta neste lugar melhora nosso humor.

— Isso, alegres como crianças brincando de esconde-esconde em um cemitério.

Sandra esperou que Camusso se afastasse e então pegou o celular com a intenção de tirar fotos da casa. Abriu o dossiê e leu rapidamente o último relatório. Referia-se à maneira como acontecera a identificação do serial killer. Enquanto lia, custou a acreditar que as coisas tinham acontecido como eram descritas.

Encaminhou-se para o cômodo onde Jeremiah Smith tinha sido encontrado, agonizante, pela equipe de uma ambulância.

Na sala de estar, os peritos da Científica haviam terminado o trabalho havia tempos. Sandra viu-se sozinha. Olhando em volta, tentou imaginar a cena. O socorro chega e encontra o homem de costas no chão. Tentam reanimá-lo, mas é muito grave. Estão estabilizando-o para levá-lo, mas um deles — a médica agregada à ambulância — repara em um objeto presente na sala.

Um patim de rodinhas vermelho com as fivelas douradas.

O nome dela é Monica e é a irmã de uma das vítimas de um serial killer que, há seis anos, rapta e mata meninas. Os patins pertenciam à sua gêmea. O outro encontrava-se no pé do cadáver dela. Monica percebe que está diante do assassino. O enfermeiro que está junto com ela está a par da história, como todos no hospital. Sandra sabia como eram certas coisas, na polícia acontecia o mesmo: seus colegas de trabalho viram uma espécie de segunda família, porque é o único jeito de enfrentar a dor e a injustiça encontradas todos os dias. Daquela ligação nascem novas regras e uma espécie de pacto solene.

Por isso, naquele ponto, Monica e o enfermeiro poderiam deixar que Jeremiah Smith morresse, como merecia. Está em condições desesperadoras, ninguém poderia acusá-los de negligência. Mas decidem mantê-lo vivo. Ou melhor, ela decide salvá-lo.

Sandra tinha certeza de que as coisas aconteceram dessa maneira, como sabiam os policiais que estavam na mansão naquele momento. Apesar de ninguém falar sobre isso.

O destino tinha jogado uma estranha partida naquela casa. A casualidade era tão perfeita que era impossível, para ela, imaginar uma dinâmica diferente. Não se organiza uma coisa desse tipo, disse a si mesma. Mas havia aspectos do acontecido que não batiam.

A tatuagem de Jeremiah Smith.

No tórax, gravara a frase "Me mate". No dossiê, ao lado da foto do escrito, havia uma perícia caligráfica que confirmava ter sido ele a executá-la. Embora fosse o emblema de uma perversão sadomasoquista, era singular que aquele convite correspondesse à escolha diante da qual Monica se encontrara.

Sandra tirou uma série de fotos da sala. A poltrona de Jeremiah Smith, uma xícara de leite aos pedaços no chão, o modelo antiquado de uma televisão. Quando terminou, sentiu uma súbita claustrofobia. Apesar de estar acostumada com a visão de cenas cruentas, a morte parecia-lhe mais palpável e indecente entre aqueles objetos tão familiares.

Era insuportável, a tal ponto que sentiu necessidade de sair da casa.

Existem objetos que mantêm ligados os mortos ao mundo dos vivos. É preciso encontrá-los e libertá-los.

Uma fita de cabelo, uma pulseira de coral, um cachecol… E um patim de rodinhas.

Sandra fez uma análise da breve lista dos fetiches encontrados pela polícia na casa de Jeremiah Smith, que o relacionavam às vítimas. Aliás, podia-se afirmar que as quatro garotas assassinadas, de algum modo, identificavam-se com aqueles objetos.

Parou em um banco de pedra no jardim da mansão para retomar fôlego. Pouco antes, saíra apressadamente diante dos colegas e se refugiara ao ar livre para evitar seus olhares. Era agradável estar ali, acarinhada pelo sol da manhã, com as árvores que deixavam as rápidas lufadas de vento lhes fazerem cócegas e o chiado das folhas que parecia uma risada.

Quatro vítimas em seis anos, repetiu Sandra para si mesma. Em comum, um corte seco na jugular. Uma espécie de sorriso na garganta cavado com a faca.

A irmã de Monica chamava-se Teresa. Tinha 21 anos e amava patinar. Em uma tarde de domingo como tantas, desaparecera. Na verdade, a patinação era uma desculpa: ela gostava de um menino e queria encontrá-lo. Sabe-se lá por quanto tempo Teresa tinha ficado esperando por ele na pista, porque naquele dia ele não tinha aparecido. Talvez Jeremiah a tenha escolhido naquele momento, enquanto estava completamente sozinha à mesinha de um quiosque de bebidas. Aproximara-se com uma desculpa, oferecera-lhe algo para beber. A Científica tinha identificado traços de GHB — o famigerado Ruffies — em um copo de

laranjada. Um mês depois, Jeremiah devolveu o corpo, deixando-a na beira do rio com a mesma roupa que ela usava no dia em que desaparecera.

Todos no *fast-food* lembravam-se da fita de cetim azul com a qual Melania — 23 anos — prendia os cabelos loiríssimos. O uniforme das garçonetes não era grande coisa, mas ela fazia questão de se destacar. Alegrava-o com esse toque anos 1950, decididamente *vintage*. Na tarde em que fora raptada, ia ao trabalho. A última vez em que foi vista estava esperando o ônibus. Seu corpo reapareceu trinta dias depois em um estacionamento. Assassinada e vestida. Mas a fita de seus cabelos tinha desaparecido.

Vanessa, aos 17 anos, era viciada em academia. Ia fazer *spinning* todos os dias. Não faltava a nenhuma aula, mesmo quando não estava muito bem. Quando sumiu, estava resfriada. Sua mãe desfiara um sermão, tentando convencê-la a faltar à aula naquele dia. Como não conseguia fazê-la mudar de ideia, dera-lhe um cachecol de lã para que ao menos se cobrisse um pouco mais. Para contentá-la, Vanessa usou-o. A mãe não tinha como saber que o cachecol cor-de-rosa não seria suficiente para protegê-la do perigo que a esperava. O narcótico, dessa vez, estava escondido na garrafinha de um suplemento de sais minerais.

Cristina detestava sua pulseira de coral. Mas só dissera isso para a irmã. Foi ela quem notou sua ausência no pulso enquanto reconhecia o cadáver no necrotério. O noivo tinha lhe dado, e por isso Cristina a usava. Os dois tinham 28 anos e planejavam o casamento. Talvez fosse por isso que estivesse um pouco tensa. Todos aqueles preparativos e pouco tempo à disposição, então, um pouco antes, começara a procurar sistemas rápidos para relaxar os nervos. Tomar bebidas alcóolicas ajudava. Começava de manhã e ia até a noite, um pouco de cada vez, sem nunca realmente encher a cara. Ninguém reparara que estava se tornando um problema. Jeremiah Smith, porém, tinha notado. Bastara segui-la a alguns bares para compreender que, com ela, seria mais fácil do que com as outras.

Cristina tinha sido a última vítima do serial killer.

Aqueles retratos eram o resultado dos testemunhos de parentes, amigos e namorados. Cada um havia acrescentado um detalhe íntimo, que coloria o frio relato dos fatos. Para que aquelas meninas aparecessem pelo que realmente eram.

Pessoas, e não objetos, pensou Sandra. E objetos como pessoas. Porque uma fita de cabelo, uma pulseira de coral, um cachecol e um patim de rodinhas substituíram quem tinha ido embora no imaginário de quem as amara.

Mas da leitura daqueles perfis também emergia um dado contraditório. As quatro moças não eram despreparadas. Tinham família, amigos, regras de conduta, exemplos a ser seguidos. Ainda assim tinham deixado um homem insignificante como Jeremiah Smith se aproximar. Um sujeito de 50 anos, que certamente não era bonito, que conseguiu lhes oferecer uma bebida e dominá-las. Por que aceitaram suas atenções? Agia à luz do dia e arrancava a confiança delas. Como fazia?

Sandra tinha certeza de que a resposta não estava entre aqueles fetiches. Fechou o dossiê, levantou a cabeça e deixou-se ser acariciada pela brisa. Ela também, por muito tempo, tinha identificado David com um objeto.

Uma horrível gravata verde-folha.

Sorriu enquanto pensava naquilo. Era ainda mais feia que a amarela usada pelo delegado que a recebera pouco antes. David nunca colocava roupas elegantes, achava uma chatice se empetecar como um almofadinha.

— Você deveria fazer um fraque — ela o alfinetava. — Todos os dançarinos de sapateado têm um, Fred.

Por isso, tinha só aquela gravata. Quando os funcionários da funerária lhe perguntaram que roupa colocariam nele no caixão, ela caíra das nuvens. Nunca imaginou que aos 29 teria que tomar uma decisão daquelas. Devia escolher algo que representasse David. Começou a vasculhar suas roupas desesperadamente. Selecionou uma saariana, uma camisa azul, uma calça cáqui e tênis. Era assim que todos se lembravam dele. Mas foi exatamente naquele momento que se deu conta de que a gravata verde-folha tinha sumido. Não conseguia encontrá-la em lugar nenhum e não se rendia. Fez uma bagunça na casa, tinha virado uma espécie de obsessão. Podia parecer loucura, mas já havia perdido David e não podia suportar abrir mão de outra coisa. Mesmo de uma gravata verde-folha horrorosa.

Então, um dia, lembrou exatamente que fim ela havia levado. Veio-lhe à cabeça de repente, quando não estava pensando naquilo. Como tinha esquecido?

A gravata era a única prova da vez que tinha mentido para seu marido.

A poucos passos da casa de Jeremiah Smith, Sandra achou que não merecia o calor do sol e a carícia do vento. Abriu os olhos que tinha entrefechado e viu, sobre si, o olhar de um anjo de pedra. Com seu silêncio imóvel, a estátua lembrava-lhe que ela própria tinha algo a ser perdoado. E que nem sempre o tempo nos oferece a chance de remediar os erros.

O que teria acontecido se o atirador que atirou nela na capela de São Raimundo de Peñafort tivesse conseguido matá-la? Teria ido embora com aquele

peso na consciência. Que objeto teria ficado para sua família e seus amigos lembrarem-se dela? O que quer que fosse teria escondido a verdade deles. Ou seja, que não merecia o amor de David, porque fora infiel a ele.

As garotas que Jeremiah raptou se sentiam seguras, disse a si mesma. Exatamente como eu antes de entrar naquela igreja. Por isso morreram. Ele pôde matá-las graças à vontade que tinham de viver, que as impedia de entender o que estava prestes a lhes acontecer.

Atrás do anjo de pedra, Sandra reconheceu os colegas da unidade cinófila, ocupados em inspecionar, com os cães, uma parte do jardim. Era como Camusso dissera: os animais pareciam desorientados pelos cheiros liberados pelo solo. Pouco antes, o delegado a fizera passar por uma busca de rotina, um ulterior escrúpulo para explorar todas as possibilidades. "Sempre pode surgir algum corpo, não é a primeira vez que acontece", dissera. Mas já era capaz de intuir quando um colega tentava despistá-la. Era um comportamento cauteloso que os policiais adotavam quando temiam ter dado uma bobeada, antes que essa se voltasse contra eles.

Naquele exato momento, o delegado Camusso chegou por trás dela.

— Tudo bem? — perguntou-lhe. — Vi que há pouco saiu da mansão correndo e…

— Precisava de um pouco de ar — interrompeu-o Sandra.

— Descobriu algo interessante? Não gostaria de que voltasse de mãos vazias para o seu superior.

Era evidente que o colega só estava tentando ser gentil. Mas Sandra quis aproveitar a oportunidade.

— Acho que tem uma coisa, sim. E é um pouco estranha. Talvez você possa me ajudar a entender…

O delegado fitou-a, perplexo.

— Fale.

Sandra avistou uma sombra preocupada em seus olhos. Abriu o dossiê e lhe mostrou os perfis das quatro vítimas de Jeremiah Smith.

— Notei que o assassino atacava em média a cada dezoito meses. Visto que quando vocês o encontraram tinha quase se passado esse tempo e que vocês têm certeza de que ele levava as meninas para outro lugar, eu me pergunto se por acaso não estava se preparando para voltar à atividade. — Ficou séria. — Como você certamente sabe, nos casos de serial killers os intervalos são cruciais. Se cada período se divide nas três fases de incubação, planejamento e ação, então eu diria que, quando se sentiu mal, Jeremiah devia estar no meio da terceira.

O delegado não proferiu nenhuma palavra.

Sandra pressionou-o:

— E, então, me pergunto se, em algum lugar, há uma prisioneira esperando a nossa ajuda.

Deixou que a última frase sedimentasse em benefício de Camusso, que de fato se anuviou.

— É possível — disse o delegado, com alguma dificuldade.

Sandra intuiu que não tinha sido a única a formular conjecturas semelhantes.

— Outra menina desapareceu?

Camusso enrijeceu-se.

— Você sabe como são essas coisas, agente Vega: há o risco de que circulem informações reservadas que possam prejudicar o êxito das investigações.

— Tem medo do quê? Da pressão dos jornais? Da opinião pública? De seus superiores?

O delegado ganhou tempo. Percebendo que a colega não desistiria facilmente, admitiu, enfim:

— Uma estudante de arquitetura desapareceu há quase um mês. No início havia pressupostos para se pensar em um afastamento voluntário.

— Meu Deus. — Sandra não conseguia acreditar que tinha adivinhado.

— É como você dizia: os tempos coincidem. Porém, não existem provas, somente suspeitas. Mas imagine que confusão se soubessem que menosprezamos isso até Jeremiah Smith aparecer.

Sandra não tinha coragem de repreender os colegas. Às vezes, os policiais agem sob pressão e cometem erros. Só que não lhes são perdoados. E tudo bem. Porque as pessoas esperam isto: respostas seguras, uma base sólida para fazer justiça.

— Nós estamos procurando por ela — disse logo Camusso.

E não estão sozinhos, pensou Sandra, que finalmente tinha entendido qual era o papel dos penitencieiros naquela história.

A estátua do anjo de pedra projetava sua sombra sobre o delegado.

— Qual é o nome da estudante?

— Lara.

O lago de Nemi tinha uma superfície de apenas 1,5 quilômetro quadrado, sobre as Colli Albani, ao sul de Roma.

A bacia, na realidade, era uma cratera vulcânica. Durante muitos séculos, correu a lenda de que guardava nas profundezas os destroços de dois gigantescos navios, ricamente decorados, construídos pelo imperador Calígula: verdadeiros palácios flutuantes. Os pescadores da área por muito tempo retiraram achados. Após diversas tentativas, somente no século XX, quando se removeu parcialmente a água, foi possível recuperar os navios, que, no entanto, foram incendiados no museu que os hospedava, durante a Segunda Guerra Mundial. A culpa foi atribuída aos soldados alemães, mas nunca houve uma prova definitiva.

As notícias estavam contidas em um folheto turístico que Clemente lhe deixara na caixa de correio habitual, que usavam para trocar documentos. Em meio àquelas páginas, inserira um breve dossiê sobre o cirurgião Alberto Canestrari. Nada especialmente relevante, exceto uma notícia que tinha estimulado Marcus a fazer um breve passeio fora da cidade. Enquanto margeava o lago sentado em um ônibus de linha, refletia sobre a singular relação entre aqueles lugares e o fogo.

Como se ecoasse um trágico legado, a clínica que Canestrari possuía em Nemi tinha sido destruída por um incêndio doloso. Os responsáveis nunca foram identificados.

O ônibus escalava pela estreita estrada panorâmica, tossindo e deixando para trás um breve rastro de fumaça preta. Da janela, Marcus identificou o prédio escurecido pelas chamas, que ainda gozava de uma vista invejável sobre a paisagem.

Ao chegarem às proximidades de uma clareira, desceu do ônibus para continuar a pé. Passou por um portão ao lado do qual ainda se destacava a placa com o nome da clínica, ilegível porque estava coberto pela hera. Entrou em uma alameda que atravessava um pequeno bosque. A vegetação crescera sem obstáculos e invadira todos os espaços. A clínica era composta por dois andares mais um subsolo: antigamente, devia ter sido uma casa de veraneio, depois transformada com numerosos ajustes.

Este era o pequeno reino de Alberto Canestrari, pensou Marcus, observando a estrutura que se tornara irreconhecível pela fuligem. Aqui, o homem que se achava bom presenteava a vida.

Marcus entrou por uma passagem estreita, atravessando o que sobrava de um portão de ferro. O interior era no mínimo tão fantasmagórico quanto o

exterior. As colunas que circundavam o átrio, corroídas pelas chamas, eram tão finas que era difícil acreditar que ainda conseguissem sustentar o peso da abóbada. O piso levantara-se em alguns pontos e a grama crescera nos interstícios. No teto havia uma abertura de onde se podia observar o andar de cima. Diante dele, impunha-se uma escada que se bifurcava na subida.

Marcus deu uma volta pelos cômodos, começando pelo segundo andar. Aquele lugar parecia um hotel: quartos individuais, dotados de todas as comodidades. Do que sobrava da decoração, podia-se deduzir certo luxo. A clínica de Canestrari devia ser muito lucrativa. Passou por três salas operatórias. Lá, o fogo tinha dado o melhor de si: concentrando-se como em uma fornalha alimentada pelo aparelho de oxigênio, fundira tudo. Sobrara um tapete de instrumentos cirúrgicos e outros objetos metálicos que opuseram resistência. O térreo estava no mesmo estado do piso superior. As chamas haviam corrido de um ambiente ao outro: podia-se notar sua sombra fugaz desenhada nas paredes.

A clínica estava vazia no momento do incêndio. Depois da morte de Canestrari, os pacientes se dispersaram. No fundo, o que os levava ali era uma esperança e a fé absoluta nos dotes do cirurgião.

Marcus deu corpo a uma ideia que abrira caminho nele na última hora. Se alguém tinha destruído a clínica depois do suicídio do médico, talvez temesse que ali estivesse escondido algo de comprometedor. E podia ser o mesmo motivo pelo qual tinham colocado microcâmeras em seu consultório e por que, naquela manhã, os dois brutamontes estavam com tanta raiva dele. Não pareciam simples mal-intencionados: vestiam elegantes ternos escuros, devia ser gente do ramo. Certamente alguém os contratara.

Marcus tinha esperança de que o fogo tivesse poupado alguma coisa. Um pressentimento lhe dizia que estava certo, caso contrário a investigação do penitencieiro que o precedera também teria se interrompido.

Se ele chegou à verdade, eu também posso chegar.

No subsolo, Marcus encontrou-se diante de um cômodo onde, de acordo com a placa na porta, era armazenado o lixo hospitalar. Imaginou que de tempos em tempos fossem enviadas estruturas apropriadas que tinham a função de escoá-lo. Entrou no ambiente onde ficavam alguns barris, em parte desmanchados pelo calor. O chão era composto por pequenas maiólicas decoradas de azul, muitas soltas por causa do calor. As outras estavam escurecidas.

Exceto uma.

Marcus ficou de quatro para observá-la melhor. Parecia que alguém a

removera, limpara e recolocara na posição original, em um canto da sala. Reparou que não estava presa e não teve dificuldade para levantá-la com os dedos.

Escondia uma cavidade pouco profunda, que se introduzia por baixo da parede. Enfiou a mão e, após ter tateado um pouco, extraiu uma caixinha de metal. O lado mais largo media cerca de trinta centímetros.

Não havia cadeado, nem fechadura. Levantou a tampa. Não entendeu de imediato o que estava a sua frente, demorou um pouco para compreender que o objeto alongado e esbranquiçado guardado na caixa era um osso.

Pegou-o e o observou, segurando-o com as duas mãos. Pela forma e pelas dimensões, estimou que se tratasse de um úmero humano. Parecia-lhe que sempre soubera disso, embora não entendesse de que passado viesse esse conhecimento. No momento não ligou, porque se deu conta de saber outra verdade sobre aquele osso.

Pelo estado das calcificações, a vítima ainda não tinha atingido a puberdade.

Então a vida que pesava na consciência de Alberto Canestrari pertencia a uma criança? O horror transtornou Marcus, tirando-lhe o fôlego e fazendo suas mãos tremerem. Não tinha forças para suportar aquilo. Qualquer que fosse a prova à qual Deus o estava submetendo, ele não era digno. Estava quase fazendo o sinal da cruz quando reparou em um detalhe.

Um minúsculo escrito entalhado no osso com um instrumento pontiagudo. Um nome. *Astor Goyash*.

— Sinto muito, mas eu fico com isso.

Marcus virou-se e viu o revólver na mão do homem. Reconheceu-o: era o brutamontes de paletó e gravata que tentara atacá-lo no consultório de Canestrari algumas horas antes.

Não previra reencontrá-lo. A situação em que estavam — a quilômetros do centro habitado, no meio de um bosque e em um lugar abandonado — deixava-o em clara desvantagem. Morreria ali, tinha certeza.

Mas não queria morrer outra vez.

De repente, a cena lhe pareceu familiar. Já havia sentido aquele medo diante de um revólver. Acontecera no quarto de hotel em Praga, no dia em que Devok foi assassinado. Subitamente, com aquela emoção, Marcus recuperou parte da memória de como os fatos se desenrolaram.

Ele e seu mestre não tinham participado como simples espectadores. Houve uma luta. E ele se opusera ao terceiro homem, ao sicário canhoto.

Assim, enquanto estendia o úmero ao brutamontes, Marcus levantou-se de um pulo e atirou-se contra ele. Este não conseguiu opor o próprio corpanzil porque não esperava uma reação tão repentina. Recuou instintivamente, tropeçando em um dos barris. Desabou no chão, perdendo o revólver.

Marcus apanhou a arma e apareceu diante dele. Nele pulsava uma sensação nova, nunca experimentada antes. Não conseguia controlá-la. Era ódio. Apontou o cano para a cabeça do homem. Não se reconhecia, só tinha vontade de apertar o gatilho. Foram as palavras do outro que lhe impediram de atirar.

— Aqui embaixo! — gritou o homem.

Marcus compreendeu que lá em cima estava o cúmplice que entrevira naquela manhã. Olhou na direção da escada: tinha apenas poucos segundos à disposição. O úmero estava mais perto do homem no chão. Era arriscado resgatá-lo, ele podia tentar desarmá-lo. E Marcus agora não tinha mais a força para atirar nele. Fugiu.

Subiu os lances de escada sem encontrar obstáculos. Dirigiu-se para os fundos do prédio. Quando chegou lá fora, olhou por um instante a arma que apertava na mão. Jogou-a.

A única rota de fuga era o alto da colina. Começou a escalar, esperando que as árvores tornassem a perseguição difícil. Ouvia apenas a própria respiração ofegante. Depois de um tempo, deu-se conta de que ninguém o seguia. Não teve tempo para entender por quê: um tiro chocou-se com um galho, a poucos centímetros de sua cabeça.

Tornara-se um alvo.

Voltou a correr, procurando abrigo atrás dos arbustos. Os pés afundavam na terra e corria o risco de escorregar para trás.

Faltavam dois metros para a margem de uma estrada. Arrastou-se com as mãos pelo terreno. Outros tiros. Estava quase lá. Agarrou uma raiz para se impulsionar para cima e viu-se em uma estradinha asfaltada. Ficou deitado de barriga para baixo, achando que assim não o veriam. Percebeu que estava sangrando no quadril direito, mas o tiro devia ter saído e não sentia queimação. Se não saísse dali o mais rápido possível, eles o alcançariam.

Uma luz cegou-o. Era o reflexo do sol no para-brisa de um veículo que vinha em sua direção. Distinguiu um rosto familiar ao volante.

Era Clemente com seu velho Panda. Encostou.

— Suba, rápido.

Marcus entrou na cabine.

— O que está fazendo aqui?

— Depois que você me falou da tentativa de agressão no consultório, resolvi verificar se estava tudo bem — disse Clemente enquanto acelerava. — Vi um carro suspeito fora da clínica, estava para chamar a polícia. — Notou a ferida no quadril.

— Está tudo bem — antecipou-o Marcus para tranquilizá-lo.

— Tem certeza?

— Sim — mentiu. Porque não estava nada bem. Mas não era culpa da bala que tinha passado de raspão nele. Conseguira sobreviver ao encontro com a morte mais uma vez. Mas lamentou não ter outra amnésia, porque agora conhecia uma coisa sobre si mesmo de que não gostava: ele também seria capaz de matar. Logo chamou a atenção para outro assunto:

— Achei um úmero na clínica. Presumo que pertencesse a uma criança.

Clemente não disse nada, mas parecia abalado.

— Tive que fugir e o deixei lá.

— Não se preocupe, você tinha que pensar em se salvar, antes de tudo.

— Havia um nome entalhado no osso — disse Marcus. — Astor Goyash. Temos que descobrir quem era.

Clemente fitou-o.

— Quem é, você quer dizer. Ainda está vivo e certamente não é mais uma criança.

13h39

A primeira lição que Sandra Vega tinha aprendido era que as casas nunca mentem.

Por isso, decidiu fazer uma inspeção no apartamento de Lara na via dei Coronari. Esperava restaurar os contatos com o penitencieiro com a cicatriz na têmpora, porque queria saber se a moça era realmente a quinta vítima de Jeremiah Smith.

Ainda pode estar viva, dizia a si mesma. Mas lhe faltava coragem para imaginar o que poderia estar se passando naquele momento. Por isso preestabeleceu o mais absoluto distanciamento.

Conduziria um procedimento de perícia em fotografia criminal.

Pena que não estava com a reflex. Teria que se contentar com a câmera fotográfica do celular novamente. Mas, mais que uma necessidade, era uma

questão de *forma mentis*.

Eu vejo o que a minha câmera vê.

Pensara em liberar espaço na memória do telefone apagando as fotos que tirara na capela de São Raimundo de Peñafort. Era inútil guardá-las, já que aquele lugar não tinha nada a ver com o caso. Mas depois voltou atrás: eram um útil lembrete do dia em que a morte passara rente a ela. Tiraria proveito da experiência para não cair em uma armadilha novamente.

Ao atravessar a soleira na via dei Coronari foi recebida por um cheiro de ambiente fechado e umidade. Aquele lugar precisava de uma bela renovação de ar. Não precisara de chaves para entrar, a porta tinha sido arrombada pela polícia quando os familiares da menina apresentaram a denúncia de desaparecimento. Os agentes não levantaram nada de insólito naquele que era oficialmente o último lugar em que estivera Lara antes de sumir no nada. Pelo menos assim afirmavam os amigos que a acompanharam na noite do desaparecimento e os registros telefônicos, nos quais constavam dois telefonemas feitos pela estudante daquela casa antes das onze da noite.

Sandra anotou mentalmente aquele detalhe: se a raptaram, acontecera nas horas que se sucederam, portanto no escuro. E isso infringia o hábito de Jeremiah Smith de agir sempre de dia. Mudou o *modus operandis* por causa dela, pensou. Devia ter um bom motivo para fazer isso.

Colocou a bolsa no chão e pegou o celular. Ativou o visor e preparou-se para fotografar. Seguiria o manual à risca, por isso começou declarando seus dados pessoais como se usasse o gravador com o microfone de cabeça. Então, passou para a data e o lugar onde se encontrava. Forneceria uma descrição pontual do que via enquanto imortalizava aquela imagem.

— O apartamento é distribuído em dois níveis. No primeiro andar, há uma sala de estar com cozinha. A decoração é modesta, mas decente. A típica casa de uma estudante fora de sua cidade. Com a diferença de que esta é muito cuidada. — Até demais, pensou.

Fez uma série de cliques no ambiente ao redor. Quando se virou para enquadrar a porta de entrada, ficou petrificada com um detalhe.

— Estão presentes duas fechaduras. Uma é uma correntinha e só pode ser aberta e fechada por dentro. Mas também está arrancada.

Como os colegas puderam não reparar nisso? Lara estava dentro de casa quando desapareceu. Não fazia sentido.

Estava ansiosa para solucionar o mistério, mas corria o risco de se distrair com a descoberta. Registrou a incongruência, mas preferiu verificar o andar de

cima.

A segunda lição que Sandra Vega tinha aprendido era que as casas também morrem, assim como as pessoas.

Mas Lara não morreu, pensou para se convencer.

Sandra logo notou que, se a estudante tinha sido raptada durante o sono, Jeremiah se dera o trabalho de fazer a cama dela e levar uma mochila e algumas roupas, e seu celular. Precisava parecer um afastamento voluntário. Mas a fechadura o desmentia. Porém, tivera todo o tempo para dar sumiço nos rastros de sua presença. Mas como tinha conseguido entrar e sair se a porta estava fechada por dentro? Aquela dúvida a atormentava.

Passou a imortalizar aquela imagem em uma sequência rápida: o urso de pelúcia entre os travesseiros, a mesinha de cabeceira com a foto dos pais, a mesa de estudo com o projeto incompleto de uma ponte, os livros de arquitetura arrumados na estante.

Havia uma simetria anômala naquele quarto. Deve ser típico dos arquitetos, pensou. Sei que você está me escondendo alguma coisa. Se aquele monstro a escolheu é porque a conhecia. Me diga que em algum lugar você guarda um vestígio que me levará até ele. Me dê a confirmação de que estou certa e juro que virarei o mundo de cabeça para baixo para encontrá-la.

Enquanto invocava um sinal de Lara, Sandra continuava a descrever em voz alta tudo o que via. Não notou nada de especial, exceto a organização maníaca. Então, repassou os últimos cliques no visor do telefone, esperando que um detalhe lhe saltasse aos olhos.

Embaixo da escrivaninha havia um cesto de lixo cheio de lenços de papel usados.

O cuidado que Lara dedicava à casa lhe fizera presumir que era uma pessoa bem certinha. Compulsiva, foi a palavra que lhe veio à cabeça. Sua irmã era idêntica. Havia coisas que corriam o risco de enlouquecê-la: por exemplo, o desenho do cigarro no isqueiro do seu carro sempre tinha que estar na posição horizontal, os enfeites da casa sempre deviam estar em ordem crescente de altura. Pelo empenho com que se dedicava a certas manias, parecia que estava em jogo o destino da humanidade. Lara também era assim, a simetria que Sandra notara pouco antes não era casual. Por isso, o fato de não ter esvaziado aquele cesto cheio lhe pareceu estranho. Sandra pousou o celular e curvou-se para verificar melhor seu conteúdo. No meio de lencinhos usados e anotações velhas, achou uma bolinha de papel. Abriu-a. Tratava-se da nota fiscal de uma farmácia.

— Quinze euros e noventa centavos — leu, mas o artigo não tinha sido indicado. Pela data, remontava a duas semanas antes que Lara desaparecesse.

Por um momento, Sandra abandonou a perícia fotográfica. Começou a verificar as gavetas, à procura do medicamento que pudesse corresponder àquela compra. Não encontrou remédios. Então, apertando aquele pedaço de papel, desceu ao andar de baixo e dirigiu-se ao banheiro.

Era um pequeno vão, que também abrigava um quartinho para vassouras e sabão em pó. No espelho havia um armário. Sandra abriu-o: os remédios estavam separados dos cosméticos. Começou a puxá-los para fora e a conferir o preço impresso nas embalagens. À medida que prosseguia, colocava-os na pia.

Nada que custasse quinze euros e noventa centavos.

Mas Sandra sabia que aquela informação era importante. Acelerou a operação, mais por nervosismo do que por necessidade. Quando terminou, apoiou-se com as duas mãos na borda de cerâmica, tomando alguns segundos para aplacar a ânsia. Respirou profundamente, mas foi obrigada a expirar o ar porque ali dentro o cheiro de umidade era mais forte do que no resto da casa. Embora o vaso sanitário parecesse limpo, puxou a descarga para despejar a água parada e virou-se para voltar para cima. Então, reparou no calendário pendurado atrás da porta.

Só uma mulher pode entender por que outra mulher tem a necessidade de manter um calendário no banheiro, disse a si mesma.

Tirou-o do preguinho onde estava pendurado e começou a folheá-lo, voltando no tempo. Em todas as páginas, havia dias consecutivos assinalados em vermelho. Coincidiam mais ou menos em todos os meses, com certa regularidade.

Mas, no último, aqueles dias estavam sem marcações.

— Merda — exclamou.

Compreendera tudo desde o início. Aquela confirmação não lhe servia. Lara jogara no cesto de papel a notinha da farmácia, mas depois não encontrara forças para esvaziá-lo no lixo. Porque junto com a nota fiscal e os lencinhos havia algo mais. Algo que tinha um significado especial para a estudante e do qual era difícil se separar.

Um teste de gravidez.

Mas Jeremiah levou-o embora junto com Lara, pensou. Depois da fita de cabelo, a pulseira de coral, o cachecol cor-de-rosa e o patim de rodinhas, seria o

enésimo fetiche do monstro?

Sandra passeava na sala de estar com o celular nas mãos: estava para avisar o delegado Camusso da descoberta, talvez a notícia de que Lara estivesse grávida desse um novo impulso às investigações. Mas se deteve, perguntando-se o que mais tinha deixado de lado.

A porta fechada por dentro, foi a resposta.

Esse era o único obstáculo à teoria de que alguém tinha levado Lara de seu apartamento. Se conseguisse demonstrar com certeza que a estudante não se afastara por sua própria vontade, não haveria mais dúvidas para lhe conceder o diploma de quinta vítima de Jeremiah Smith.

O que está me escapando?

A terceira lição que tinha aprendido era que as casas têm um cheiro.

Qual era o cheiro daquela casa? Umidade, disse logo Sandra, pensando novamente no que havia sentido ao entrar no apartamento. Mas, prestando mais atenção, lembrou-se de tê-lo sentido principalmente no banheiro. Podia ser por causa das águas residuais. Não havia nenhum vazamento evidente, mas era penetrante demais. Voltou ao pequeno banheiro e acendeu a luz, olhando ao redor. Conferiu os escoamentos do chuveiro, da pia, deu mais uma descarga. Parecia que funcionavam perfeitamente.

Curvou-se porque o cheiro vinha de baixo. Observou atentamente o mosaico de azulejos sob seus pés e notou que um estava com o contorno lascado. Como se algo tivesse sido enfiado perto de suas bordas para dar impulso. Olhou em volta e agarrou uma tesourinha que estava em uma prateleira. Introduziu a ponta dela na abertura. Com grande surpresa, conseguiu levantar um pedaço do piso. Moveu-o para o lado e viu o que escondia.

Abaixo dela havia um alçapão de pedra que alguém tinha deixado aberto.

O fedor vinha dali. Degraus de travertino levavam a uma passagem subterrânea. Não era suficiente para demonstrar que Jeremiah tivesse passado por lá. Precisava de outras provas. Só havia um jeito de consegui-las.

Sandra tomou coragem e desceu.

Ao chegar ao final da escadaria, pegou o celular do bolso com a intenção de usar a luz do visor para se orientar. Iluminou os dois lados do túnel, mas teve a impressão de que, da direita, exalava uma corrente de ar. E, além do mais, dali também vinha um barulho soturno e retumbante.

Encaminhou-se, prestando atenção em onde colocava os pés. Estava escorregadio e, se caísse, poderia se machucar seriamente. Ninguém me acharia aqui embaixo, disse a si mesma, para afastar ritualisticamente aquela

eventualidade.

Após ter percorrido cerca de vinte metros, reconheceu um brilho que prenunciava uma saída. Dava diretamente no Tibre. Fluía, cheio, por causa das precipitações dos dias anteriores, e a água lodosa arrastava com fúria detritos de todos os tipos. Dali não era possível ir além, por causa de uma grossa grade metálica. Complicado demais para Jeremiah, pensou. Por isso, a direção correta era a oposta. Ainda usando a luz do celular, voltou, passou pela escada de pedra que levava ao banheiro de Lara e logo descobriu que, do outro lado, a passagem subterrânea perdia-se em um labirinto de túneis.

Sandra checou se havia sinal e usou o telefone para contatar a delegacia. Depois de poucos minutos, passaram a linha para o celular do delegado Camusso.

— Estou na casa da estudante. Era como temíamos: Jeremiah Smith a raptou.

— Que provas tem?

— Encontrei a passagem que usou para levá-la embora sem ser incomodado. Estava escondida por um alçapão no banheiro.

— Dessa vez nosso monstro estudou bem seu plano de ação — pareceu se congratular o policial. Mas pela falta de entusiasmo de Sandra entendeu que não era só isso.

— O que mais?

— Lara está grávida.

Camusso calou-se. Sandra podia ler seu pensamento. A responsabilidade deles aumentava: agora, eram duas vidas a serem salvas.

— Escute, delegado, mande alguém rápido.

— Eu vou — ofereceu-se o homem. — Chegamos já.

Sandra acabou a ligação e estava para voltar. Apontava a luz do celular para o solo pegajoso, como tinha feito na ida. Mas talvez antes estivesse distraída e não percebera a segunda fileira de passos impressos no lodo.

Havia alguém com ela lá embaixo.

Quem quer que fosse, agora se escondia no emaranhado de túneis diante dela. Sandra estava congelada de medo. Sua respiração condensava-se no ar frio da passagem subterrânea. Colocou a mão no revólver, mas logo se deu conta de que, no ponto em que se encontrava, era um alvo fácil demais caso seu perseguidor estivesse armado.

Está. Tinha certeza de que estava, principalmente depois da experiência do franco-atirador. É ele.

Podia se virar e começar a correr em direção à escada de pedra. Ou atirar

a esmo no escuro, torcendo para ser a primeira. As duas soluções, porém, eram audaciosas. Enquanto isso, sentia a atração de dois olhos que a observavam. Não havia nada naquele olhar. Tivera a mesma sensação escutando a voz gravada do assassino de David cantando "Cheek to Cheek".

Acabou.

— Agente Vega, está aqui embaixo? — O chamado ecoava atrás dela.

— Sim, estou aqui — gritou Sandra, estridente. Era o terror que mudava seu tom, fazendo-a parecer ridícula.

— Sou um colega: estávamos de patrulha aqui perto, o delegado Camusso nos mandou.

— Venham me pegar, por favor. — Sem se dar conta, um tom implorante saiu dela.

— Estamos no banheiro, é só o tempo de descer.

Foi então que Sandra ouviu distintamente os passos de alguém afastando-se na direção oposta da passagem.

O olhar invisível que a aterrorizara estava escapando.

14h03

Tinham se dirigido a uma das casas-estafeta das quais a Penitenciaria dispunha, que fazia parte das numerosas propriedades vaticanas espalhadas na cidade de Roma. No apartamento podiam dispor de um kit de primeiros socorros e de um computador para se conectar à internet.

Clemente conseguira uma muda de roupa e alguns sanduíches para se restabelecerem. Enquanto isso, Marcus, de torso nu diante do espelho do banheiro, costurava a ferida com agulha e linha de sutura — outra capacidade que não sabia possuir — e, como sempre, evitava cruzar com o reflexo do próprio rosto, concentrando-se no que estava fazendo.

Depois daquela da têmpora, esta de todo modo não seria sua segunda cicatriz.

Tinha outras marcas na carne. A amnésia impedia-lhe de encontrar lembranças dentro de si, então procurava as que ficavam sobre si. Rastros de pequenos traumas do passado, como a marca rosada que tinha no tornozelo ou o corte na cavidade do cotovelo. Quem sabe, talvez viessem de uma queda de bicicleta ocorrida durante a infância ou de um banal acidente doméstico quando

era maior. De todo modo, não serviu para que se lembrasse. Era triste não ter um passado. A criança de quem encontrou o osso, porém, não teria um futuro. De qualquer jeito, ambos estavam mortos. Só que, para Marcus, a morte tinha agido de um jeito bizarro, procedendo ao contrário.

No trajeto entre a clínica de Canestrari e a casa segura, Clemente atualizara-o sobre Astor Goyash.

Era um trambiqueiro búlgaro, tinha 70 anos e há uns vinte vivia em Roma. Seu negócio estendia-se da construção civil à prostituição. Não era um personagem recomendável: era informante do crime organizado, reciclando dinheiro sujo.

— O que um sujeito assim tem a ver com Alberto Canestrari? — perguntou novamente Marcus, que, após ter escutado o relato de Clemente, não conseguia encontrar uma explicação satisfatória de jeito nenhum.

O amigo, que enquanto isso segurava algodão hidrófilo e desinfetante para ele, tentou raciocinar:

— Antes, precisamos entender quem deixou aquele osso lá, não acha?

— Foi o penitencieiro misterioso — afirmou Marcus com segurança. — Quando cuidou do caso, depois da confissão de Canestrari, encontrou os restos do menino no depósito do lixo especial. Quem sabe o cirurgião, atormentado pelos sentimentos de culpa, tenha hesitado em se livrar deles. Felizmente o penitencieiro escondeu o úmero para nos deixar encontrá-lo, entalhando o nome de Astor Goyash nele. Caso contrário, teria sido destruído no incêndio da clínica.

— Vamos tentar colocar os fatos em ordem — propôs Clemente.

— Então… Canestrari mata uma criança. No homicídio, um criminoso de grosso calibre também está envolvido: Astor Goyash. Mas ainda não sabemos por quê.

— O búlgaro não confia em Canestrari: o médico está em um estado de prostração psíquica e poderia dar passos em falso. Assim, Goyash fica de olho nele: as microcâmeras colocadas em seu ambulatório nos demonstram isso.

— O suicídio do cirurgião, para o búlgaro, deve ter soado como um sinal de alerta.

— Por isso, logo depois, seus homens tocaram fogo na clínica: na esperança de apagar definitivamente eventuais provas do homicídio do menino. No fundo, já haviam dado sumiço, no consultório, na seringa com a qual Canestrari injetara a substância que o matou, para evitar que se abrisse uma investigação.

— Isso — concordou Marcus. — Mas permanece um nó fundamental: o

que associa um benfeitor reconhecido por todos a um criminoso?

Clemente foi no ponto:

— Com toda a honestidade, não vejo relação. Foi você que disse: pertenciam a mundos diferentes.

— Mas existe um fio que os une, tenho certeza.

Clemente usou seu tom persuasivo:

— Escute, Marcus: o tempo está se esgotando para Lara. Talvez você devesse deixar essa história de lado e se concentrar na busca da estudante.

O convite soou estranho para Marcus. Por um instante, fingiu se dedicar ao cuidado do machucado, enquanto verificava a expressão de Clemente através do espelho.

— Talvez você tenha razão, me dei conta disso hoje. Felizmente você veio à clínica: se não tivesse me levado embora, aqueles dois teriam me matado.

Enquanto dizia isso, o amigo baixou o olhar.

— Você estava me vigiando, não é?

— Mas o que você está dizendo? — Clemente tentou se indignar.

Marcus não acreditava nele e virou-se para fitá-lo.

— O que está acontecendo? O que você está me escondendo?

— Nada.

Clemente estava na defensiva, Marcus tentou deduzir o motivo.

— Dom Michele Fuente relata a confissão do aspirante a suicida Alberto Canestrari, mas, a convite do bispo, omite o nome do penitente. O que vocês estão tentando salvaguardar? Quem, acima de nós, quer silêncio sobre tudo?

Clemente calou-se.

— Eu sabia — disse Marcus. — A relação entre Canestrari e Astor Goyash é o dinheiro, não é?

— O cirurgião não parecia precisar de dinheiro — objetou o outro, mas sem muita convicção.

Marcus entendeu a dificuldade dele.

— A coisa mais importante para o médico era o seu nome. — Mas acrescentou: — Ele achava que era um homem bom.

Clemente entendeu que não podia continuar por muito tempo com aquela encenação.

— O hospital que Canestrari construiu em Angola é uma obra grandiosa. Assim corremos o risco de destruí-la.

Marcus concordou.

— Com que dinheiro a realizou? Com o de Goyash, certo?

— Não sabemos.

— Mas é plausível. — Marcus estava transtornado e furioso. — A vida de uma criança em troca de milhares de vidas.

Clemente não pôde acrescentar mais nada: a essa altura, o aluno tinha entendido tudo.

— Escolhemos o mal menor. Mas assim adotamos a lógica que induziu o cirurgião a aceitar um pacto tão perverso.

— Essa lógica não tem a ver com a gente. Mas a vida de milhares de pessoas sim.

— E aquela criança? A vida dela não contava nada? — Fez uma pausa para controlar a raiva. — Como julgaria tudo isso o Deus em nome do qual agimos? — Então, olhou Clemente nos olhos: — Alguém vingará aquela única vida, como previu o penitencieiro misterioso. Podemos escolher ficar olhando enquanto isso acontece ou tentar fazer alguma coisa. No primeiro caso, não seríamos diferentes de qualquer cúmplice de homicídio.

Clemente sabia que Marcus tinha razão, mas hesitava. Depois de um tempo, quebrou o silêncio:

— Se Astor Goyash sente a necessidade de vigiar o consultório de Canestrari três anos depois dos acontecimentos, é porque tem medo de ser envolvido — afirmou. Então, acrescentou: — Quer dizer que existe uma prova que ainda pode enrascá-lo por aquele homicídio.

Marcus sorriu: o amigo estava do lado dele, não o abandonaria.

— Temos que descobrir a identidade do menino assassinado — disse prontamente. — E acho que sei como fazer isso.

Dirigiram-se ao cômodo ao lado, onde estava o computador. Depois de ter se conectado à internet, Marcus foi até o site da polícia civil.

— Onde quer procurá-lo? — perguntou Clemente atrás dele.

— O penitencieiro misterioso oferece uma chance de vingança, por isso a jovem vítima certamente é de Roma.

Abriu a página dedicada às pessoas desaparecidas e foi à seção de menores. Apareceram os rostos de crianças e adolescentes. O número era impressionante. Com muita frequência, tratava-se de filhos disputados que tinham sido levados por um dos pais. Por essa razão, a solução do mistério era simples e o nome deles logo sumiria da lista. Igualmente frequentes eram as fugas de casa que se concluíam em poucos dias com uma reunião familiar e um

sermão. Mas alguns daqueles menores tinham desaparecido no nada havia anos e permaneceriam naquela página até que se soubesse o que lhes aconteceu. Sorriam em fotos desfocadas ou muito velhas. No olhar deles, uma inocência violada. Em alguns casos, daquela imagem a polícia extraía um perfil para presumir qual pudesse ser a evolução do rosto com o crescimento. No entanto, as esperanças de que aquelas crianças ainda estivessem vivas eram muito fracas. Com frequência, a foto no site substituía uma lápide, era um jeito de não esquecê-los.

Indo por exclusão, Marcus e Clemente concentraram-se nos menores desaparecidos em Roma três anos antes. Acharam dois. Um menino e uma menina. Leram as fichas deles.

Filippo Rocca sumira do nada em uma tarde na saída da escola. Os colegas que estavam com ele não perceberam nada. Tinha 12 anos e um sorriso alegre, onde faltava um incisivo superior. Usava o jaleco do instituto religioso que frequentava por cima da calça jeans, um casaquinho laranja com uma camisa polo azul e tênis. Em sua mochila estavam espetados os broches dos escoteiros e estava preso o escudo do time de futebol para o qual torcia.

Alice Martini tinha 10 anos e tranças loiras compridas. Usava óculos de grau com a armação cor-de-rosa. Desaparecera enquanto estava no parque com a família: pai, mãe e um irmãozinho menor. Usava um casaco felpudo branco com a cara do Pernalonga, shorts e sapatos de tecido. A última pessoa que a notara fora um vendedor de balões: ele a tinha visto perto dos banheiros enquanto falava com um homem de meia-idade. Mas foi só um instante e ele não soube fornecer uma descrição à polícia.

Marcus extraiu outras informações navegando nos sites dos jornais que cuidaram dos dois desaparecimentos. Tanto os pais de Alice quanto os de Filippo dirigiram apelos, participaram de programas de TV e concederam entrevistas para manter vivo o interesse sobre os dois casos. Mas as investigações não tiveram nenhum êxito.

— Você acha que entre essas crianças está a que procuramos? — perguntou Clemente.

— É provável, mas preferiria que fosse só uma. O tempo não joga a nosso favor. Até agora o penitencieiro calculou tudo, fazendo com que, todos os dias, fosse consumada uma vingança. Primeiro, a irmã de uma das vítimas de Jeremiah Smith o encontra agonizante em casa e descobre a verdade. Na noite seguinte, Raffaele Altieri mata seu pai, mandante do homicídio da mãe, ocorrido vinte anos antes. Ontem, Pietro Zini matou Federico Noni, culpado de ser um

agressor serial e de ter matado primeiro sua irmã Giorgia para fazê-la se calar e, depois, uma moça enterrada em Villa Glori. Notou que nesses últimos dois casos as mensagens do penitencieiro aos vingadores chegaram com um incrível senso de oportunidade? Sempre nos deixou poucas horas para descobrir e parar o mecanismo que havia colocado em movimento. Não acho que desta vez será diferente das outras. Por isso, temos que ser rápidos: alguém tentará matar Astor Goyash até esta noite.

— Não será tão fácil se aproximar dele. Você também viu os guarda-costas que ele usa, e anda sempre escoltado.

— De todo modo, preciso de você, Clemente.

— De mim? — declarou o outro, surpreso.

— Não posso ficar de olho nas duas famílias das crianças desaparecidas, precisamos dividir as tarefas. Vamos usar a caixa postal de voz para nos comunicarmos: assim que um dos dois descobrir algo, deixa um recado na secretária.

— O que você quer que eu faça?

— Procure os Martini, eu me viro com os pais de Filippo Rocca.

Ettore e Camilla Rocca moravam em um balneário, em Ostia, em uma casa de um só andar, de frente para a praia. Era uma casa digna, comprada com as economias.

Era uma família normal.

Marcus tentara tantas vezes dar um sentido mais extenso àquele adjetivo. Também podia significar um conjunto de pequenos sonhos e expectativas consolidados no tempo, que constituíam uma couraça contra as prováveis asperezas da vida, mas também um verdadeiro projeto de felicidade.Para alguns, a maior aspiração era repetir uma existência tranquila e sem muitos solavancos, sempre igual a si mesma. Era a condição de um pacto silencioso com o destino, renovado todos os dias.

Ettore Rocca era representante comercial e geralmente estava fora de casa. Sua mulher Camilla era uma assistente social empregada em um centro de orientação que fornecia apoio a famílias pobres e jovens em dificuldade. Devotava-se aos outros, quando ela também podia ser incluída entre aqueles que precisavam de ajuda.

O casal escolhera viver no litoral porque Ostia era mais tranquila e custava menos. Todos os dias iam até Roma para trabalhar, mas era um sacrifício

tolerável.

Quando entrou na casa deles, Marcus pela primeira vez experimentou a sensação de ser um intruso. Havia grades em portas e janelas, mas não tivera dificuldade em abrir a fechadura principal, que trancou quando estava dentro. Foi recebido por uma cozinha que também era uma sala de estar. As cores dominantes eram branco e azul-marinho. Poucos móveis, todos em estilo náutico. A mesa de jantar parecia feita com as tábuas de um barco e acima dela havia uma lâmpada para pesca. Na parede estava pendurado um velho timão, onde havia sido encaixado um relógio, e sobre uma prateleira estava bem exposta uma coleção de conchinhas.

A areia conseguia se insinuar pelas correntes de ar e crepitava sob os sapatos. Marcus aventurou-se, tentando entender se havia sinais que levavam ao penitencieiro. Primeiro, dirigiu-se à geladeira, onde tinha visto de relance um papelzinho preso por um ímã em forma de caranguejo. Era um bilhete de Ettore Rocca para a mulher.

Nos vemos daqui a dez dias. Te amo.

O homem estava fora a trabalho, mas também podia ter mentido para o bem da esposa. Talvez estivesse se preparando para matar Goyash. Após ver os riscos, quis deixá-la fora daquela história para protegê-la. Uma semana para se preparar, trancado em um motel fora da cidade. Mas Marcus não podia se abandonar às conjecturas. Precisava de confirmações. Continuou a inspecionar a primeira sala e, à medida que prosseguia, sentia a falta de algo.

Não havia dor naquelas coisas.

Talvez, de um modo ingênuo, esperava que o desaparecimento de Filippo tivesse criado uma espécie de fratura na existência dos pais. Como uma ferida que, em vez de estar na carne, estivesse nos objetos. E bastasse acariciá-los para vê-los sangrar. Mas aquele menino de 12 anos tinha sumido dali também. Não havia fotos, nem lembranças dele. Mas talvez a dor estivesse justamente naquele vazio. Marcus não era capaz de senti-la, porque só uma mãe e um pai a podiam ver. Então entendeu. Quando observara o rosto do pequeno Filippo, junto com os dos outros menores no site da polícia civil, tinha se perguntado como seus familiares conseguiam seguir em frente. Era diferente da morte de um filho. Nos casos de desaparecimento, era preciso administrar a dúvida. Podia se insinuar em qualquer lugar, corroendo tudo por dentro, sem que se dessem conta. Consumia os dias, as horas. E os anos se passavam sem respostas. Marcus achara que, em comparação, é muito melhor saber que seu filho foi assassinado.

A morte tomava para si as lembranças, até as mais bonitas, e as

inseminava com a dor, tornando a memória insuportável. A morte virava dona do passado. A dúvida era pior, porque tomava para si o futuro.

Entrou no quarto de Ettore e Camilla. Em cima dos travesseiros da cama de casal estavam os respectivos pijamas. As cobertas sem uma dobra, as pantufas emparelhadas. Tudo em seu devido lugar. Como se com a ordem se pudesse fazer frente à loucura da dor, à bagunça gerada por um drama. Domesticando tudo o que nos rodeia. Instruindo os objetos à farsa da normalidade para que sempre nos repetissem a confortante notícia de que está tudo bem.

E, naquele quadrinho idílico, finalmente encontrou Filippo.

Sorria de um porta-retratos, junto com os pais. Não tinha sido esquecido. Ele também, entretanto, tinha seu lugar: em cima de um gaveteiro, debaixo de um espelho. Marcus estava quase saindo do quarto quando passou os olhos em um objeto e entendeu ter se enganado.

Sobre a mesinha de cabeceira do lado da cama onde dormia Camilla havia uma babá eletrônica.

Só existia uma razão para explicar a presença daquele objeto. Servia para vigiar o sono de uma criança.

Impressionado com a descoberta, Marcus prosseguiu em direção ao quarto vizinho. A porta estava fechada. Abrindo-a, descobriu que, naquele que tinha sido o quartinho apenas de Filippo, havia um berço agora, ao lado de sua cama. O espaço estava dividido por igual. Havia os pôsteres do time do coração, a escrivaninha para as lições, mas também um trocador de fraldas, uma cadeira de bebê e uma montanha de brinquedos para a primeira infância. E uma caixinha de música com pequenas abelhas que formavam uma roda.

Filippo ainda não sabia, mas tinha um irmãozinho ou uma irmãzinha.

A vida é o único antídoto para a dor, pensou Marcus. E compreendeu como o casal Rocca tinha feito para encontrar um motivo para retomar o futuro, arrancando-o das névoas da dúvida. Apesar disso, não estava convencido. Aquela família iria realmente colocar em perigo a tentativa de reencontrar uma forma de serenidade para consumar uma vingança? Como reagiriam à notícia de que o primogênito estava morto? Isso se for de fato Filippo a vítima de Canestrari, lembrou a si mesmo.

Estava prestes a deixar a casa, com a intenção de interceptar Camilla Rocca no centro onde trabalhava e segui-la pelo resto do dia, quando sentiu as vibrações de um motor. Afastou a cortina de uma janela e viu um carro popular que tinha acabado de estacionar na aleia. A bordo estava a assistente social.

Pego de surpresa e impossibilitado de sair, seguiu freneticamente à procura

de um lugar onde se esconder. Achou um cômodo que era utilizado como quarto de passar roupa e que também funcionava como quartinho de despejo. Plantou-se no canto atrás da porta e esperou. Ouviu o clique da fechadura. Depois, Camilla entrando e fechando a porta. O som das chaves colocadas em uma prateleira. Os saltos tamborilando no chão. A mulher tirou os sapatos e deixou-os cair, um depois do outro. Marcus viu-a de relance através da fenda da porta. Andava descalça e levava algumas sacolas de papel. Tinha ido fazer compras e voltara para casa antes do previsto. Mas o filho, ou a filha, não estava com ela. Entrou no quarto de passar para pendurar um vestido novo em um cabide. Realizou a operação sem se virar. Separando-os, havia apenas o obstáculo da porta, uma fina camada de madeira. Se a mulher a tivesse afastado, teria se deparado com ele. Mas não o fez. Dirigiu-se para o banheiro e fechou-se lá dentro.

Marcus ouviu a água do chuveiro irrompendo e saiu de seu refúgio. Passou diante da porta fechada e, ao voltar para a sala de estar, viu que sobre a mesa havia um embrulho de presente.

De algum jeito, a vida tinha recomeçado naquela casa.

Em vez de alentá-lo, aquele pensamento agitou-o. Foi tomado por uma sensação de angústia e de pânico.

— Clemente — murmurou, entendendo que, provavelmente, a família que procuravam coubera ao amigo.

Aproveitando que Camilla Rocca estava debaixo do chuveiro, pegou o telefone preso na parede da cozinha e digitou o número da caixa postal. Havia uma mensagem de Clemente. O tom era exaltado.

— Você tem de vir logo: o pai de Alice Martini está carregando o carro com malas e temo que esteja se preparando para deixar a cidade. E há mais uma coisa: o homem possui uma arma ilegal.

17h14

Não dissera nada aos colegas em relação ao perigo que correra na passagem subterrânea debaixo da casa de Lara. Não tocara no assunto com o delegado Camusso. Isso não tem nada a ver com a moça, dissera a si mesma. Diz respeito só a mim e a David.

E, além do mais, não estava mais com medo. Entendera que seu

perseguidor tinha outro plano, não queria matá-la. Não agora, pelo menos. Naquele túnel poderia ter feito isso antes de ela começar a telefonar. Não tinha simplesmente desperdiçado a chance, detivera-se de propósito.

Ele a estava controlando.

Camusso, no entanto, notou que havia algo de estranho com ela. Encontrou-a abalada, e Sandra atribuiu a culpa ao cansaço e à fome. Assim, o delegado *dandy* convidou-a ao Francesco, uma típica *trattoria* romana na piazza del Fico. Comeram uma pizza no meio da tarde, curtindo os perfumes e os sons do bairro, sentados a uma mesinha ao ar livre. Ao redor deles, Roma com suas ruas de pedra, os prédios com as fachadas rugosas, a hera trepando desaforadamente nas sacadas.

Logo depois, voltaram à delegacia. Camusso ciceroneou-a, mostrando-lhe o belo prédio onde tinha a sorte de trabalhar. Sandra evitou dizer que o conhecia, porque fizera pesquisas no arquivo enganando um colega.

Acomodaram-se no escritório do delegado. Lá também havia abóbadas altas e afrescos, mas a decoração não espelhava o gosto excêntrico do homem. Muito sóbria e minimalista, diferentemente de Camusso, que se movia como uma mancha colorida pela sala. Enquanto ajeitava seu paletó púrpura sobre a poltrona atrás da escrivaninha, Sandra percebeu que, no pulso, usava abotoaduras com pedras turquesas e escapou-lhe um sorriso.

— Tem mesmo certeza de que Lara está grávida?

Já haviam abordado o assunto no restaurante. Camusso não se conformava com a ideia de que as mulheres possuíssem um sexto sentido para certas coisas, embora ela tivesse ótimos elementos comprobatórios para sustentar sua tese.

— Por que tem dúvidas?

Camusso estendeu os braços.

— Ouvimos os amigos e os colegas da faculdade: ninguém relatou a existência de um namorado ou de um companheiro ocasional. Dos levantamentos efetuados sobre a utilização telefônica da estudante e no e-mail não consta que mantivesse um relacionamento.

— Não é necessário ter um relacionamento para ficar grávida. — Disse isso como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Apesar de entender as resistências do delegado: Lara não parecia o tipo de relações ocasionais. — Eu me perguntava uma coisa em relação a Jeremiah Smith. A não ser dessa última vez, nas anteriores ele seduziu as vítimas à luz do dia, convencendo-as a beber com ele. Que tipo de atrativo um sujeito assim podia exercitar sobre aquelas meninas?

— Acompanho o caso desse homicida em série já há seis anos e não sei explicar isso. Qualquer que fosse o recurso que usava, era malditamente eficaz — comentou Camusso, sacudindo a cabeça com os olhos baixos. — Sempre a mesma história: uma moça desaparecia, empregávamos todos os recursos para procurá-la, sabendo ter apenas um mês à disposição. Trinta dias em que encenávamos um roteiro para as famílias, a imprensa e a opinião pública. Sempre as mesmas falas, as mesmas mentiras. Então, o tempo se esgotava e encontrávamos um cadáver. — Fez uma longa pausa. — Quando, na outra noite, entendi que aquele sujeito em coma era o culpado, dei um suspiro de alívio. Eu estava feliz. Sabe o que significa?

— Não.

— Eu exultava porque outro ser humano estava morrendo. Disse a mim mesmo: "Deus, o que está acontecendo comigo?" O que esse homem nos fez é terrível. Fez com que nos tornássemos como ele. Porque só os monstros podem ter prazer com a morte. Eu tentava me convencer de que, no fundo, com seu fim outras meninas seriam poupadas. Esse fato salvava vidas. E as nossas? Quem nos salvaria pela alegria que sentíamos?

— Está querendo me dizer que quando vocês descobriram que ele tinha raptado outra foi quase uma consolação?

— Se Lara ainda estiver viva, obviamente. — Camusso sorriu, amargo. — Isso também é bem monstruoso, não acha?

— Acho que sim — concordou Sandra. — Como fazer a salvação dela depender do despertar de Jeremiah Smith.

— Provavelmente aquele homem permanecerá um vegetal para o resto de seus dias.

— O que dizem os médicos?

— Estranhamente, entendem pouco disso. No início achavam que era um enfarte, mas depois de exames clínicos apurados excluíram essa hipótese. Estão buscando um dano neurológico, ainda não conseguem identificá-lo.

— Poderia ser a ação de um agente tóxico, talvez um veneno.

Camusso foi obrigado a admitir.

— Estão analisando o sangue para encontrar a substância.

— Mas, se for assim, então alguém mais está envolvido. Alguém que tentou matá-lo.

— Ou fazer com que a irmã de uma de suas vítimas o matasse…

Sandra associou essa informação com o caso Fígaro. Havia uma correspondência entre o modo como Federico Noni tinha sido morto e aquilo que

tinha sido feito a Jeremiah Smith. Pareciam execuções. Ambos haviam sido punidos por seus crimes. Ou por seus pecados, disse a si mesma.

— Espere um momento, quero lhe mostrar uma coisa.

Sandra estava distraída e não entendeu a que o delegado se referia.

Camusso afastou-se para pegar um computador portátil de uma bolsa. Ligou-o e posicionou-o diante dela.

— Uma semana antes do desaparecimento, houve uma festinha de formatura na faculdade de arquitetura. O pai do recém-formado filmou tudo com uma câmera. — Deu início a um vídeo. — Estas são as últimas imagens de Lara antes de sumir no nada.

Sandra inclinou-se em direção ao monitor. O enquadramento estava tremido. Havia vozes e alguns riam. A câmera afastou-se e mostrou a sala. Havia cerca de trinta convidados e alguns usavam ridículos adereços de festa. Falavam entre si, separados em pequenos grupos. Na cátedra, estavam dispostas as bebidas, e muitos tinham um copo na mão. Havia uma torta, mas só sobrara metade. O operador rodava por entre os presentes, convidando-os a dizer algo, dirigindo-se à objetiva. Alguns cumprimentavam, alguns tentavam parecer engraçados. A câmera parou em um rapaz que se aventurou em um monólogo sarcástico sobre as dificuldades universitárias. À sua volta, os amigos riam. Atrás dele, no fundo, havia uma menina que parecia alheia à festa. Estava encostada em uma carteira, com os braços cruzados e o olhar perdido no vazio. A alegria não conseguia contagiá-la.

— É ela — disse o delegado, como se fosse necessário.

Sandra observou-a atentamente. Balançava-se sobre os calcanhares, mordendo um lábio, uma criatura aflita.

— Não é estranho? Me faz pensar em quando a mídia publica a foto da vítima de um crime. É sempre pega de algum acontecimento que não tem nada a ver com o que lhe ocorreu. Um casamento, um passeio, um aniversário. Talvez elas nem gostassem daquela foto. Certamente, enquanto estavam posando, não pensavam que, um dia, aquela imagem acabaria nos jornais ou na televisão.

Os mortos sorrindo nas fotos do passado, Sandra conhecia bem a sensação de se encontrar diante de uma alegria artificial.

— Talvez, no decorrer de sua existência, a ideia de ficar famosas nunca tenha passado por suas cabeças. De repente morrem e as pessoas sabem tudo sobre elas. Bizarro, não é?

Enquanto Camusso se perdia naquelas reflexões, Sandra notou uma pequena variação na expressão de Lara. Seu instinto de fotógrafa criminal tinha

desenterrado um detalhe.

— Volte um pouco, por favor.

O delegado observou-a e obedeceu sem pedir explicações.

— Agora coloque a imagem em câmera lenta. — Sandra ficou à espreita, esperando que o milagre se realizasse novamente.

Nos lábios de Lara surgiu uma palavra.

— Ela falou — disse Camusso, surpreso.

— Sim, ela falou — confirmou Sandra.

— E o que disse?

— Me deixe ver de novo.

O delegado passou a filmagem várias vezes, enquanto Sandra se esforçava para entender cada letra.

— Disse: "Imbecil."

Camusso observou-a, perplexo.

— Tem certeza?

Sandra virou-se para ele.

— Acho que sim.

— E com quem está chateada?

— Certamente com um homem. Vá em frente e vamos tentar entender quem é.

O delegado acionou a filmagem novamente. O operador era bem indisciplinado, não lhes dava tempo de focalizar nenhum dos convidados. Até que o enquadramento disparou para a direita. Sandra teve a impressão de que seguia o olhar de Lara. Não estava perdido no vazio, como achara pouco antes: estava olhando para alguém.

— Pode pausar um momento? — pediu ao delegado, indicando o monitor.

Camusso o fez.

— O que foi?

Sandra tinha identificado um homem de uns 40 anos, sorrindo, rodeado por um grupo de moças. Vestia uma camisa azul e estava com a gravata solta. Um visual irreverente, cabelos castanhos, olhos claros: um sujeito charmoso. Estava com a mão apoiada no ombro de uma das estudantes.

— Esse seria o imbecil? — perguntou o delegado.

— Cara ele tem.

— Então acha que é o pai da criança?

Sandra fitou Camusso.

— Certas coisas não podem ser apuradas com um vídeo.

O delegado deu-se conta da gafe e tentou se safar com uma piadinha.

— Achava que o sexto sentido feminino lhe dizia alguma coisa.

— Não acho. — Ela fingiu se magoar. — Mas talvez seja útil dar uma palavrinha com ele.

— Espere, lhe digo quem é. — Camusso deu a volta na escrivaninha e foi conferir algo em uma pastinha. — Fichamos os presentes na festa, nunca se sabe.

Sandra impressionou-se com a eficiência dos colegas romanos.

Após ter consultado uma lista, o delegado anunciou:

— Christian Lorieri é um professor assistente de história da arte.

— Vocês o ouviram?

— Não tinha contatos com Lara e não existia nenhuma razão legal nem exigência investigativa para interrogá-lo. — Camusso intuiu o que se passava pela cabeça dela. — Mesmo que fosse o pai da criança que a moça carrega e soubesse disso, duvido que esteja disposto a falar conosco: é casado.

Sandra pensou um pouco sobre isso.

— Às vezes as reações devem ser provocadas — disse maliciosamente.

Camusso parecia curioso.

— Como pretende fazer?

— Antes tenho que imprimir algumas fotos.

* * *

Nos corredores da faculdade de arquitetura havia um vaivém de estudantes. Sandra sempre achou peculiar que os universitários desenvolvessem certas semelhanças dependendo da matéria que estudavam. Como se respondessem a uma espécie de código genético que identificava o grupo a que pertenciam e fazia vir à tona características afins em todos. Por exemplo, os inscritos em direito eram indisciplinados e competitivos. Os de medicina, rigorosos e com pouco senso de humor. Em filosofia eram melancólicos e usavam roupas de números maiores. Os arquitetos, por sua vez, eram despenteados e com a cabeça nas nuvens.

Foi conduzida por um porteiro ao escritório de Christian Lorieri e agora procurava seu nome nas plaquetas expostas ao lado das portas. Na delegacia imprimira as fotos guardadas na memória do celular. Havia os cliques da mansão de Jeremiah Smith, mas também cópias das fotos da Leica de David que ela, felizmente, tinha duplicado no banheiro do alojamento. Havia as imagens do

apartamento de Lara e, principalmente, as da capela de São Raimundo de Peñafort. E dizer que pensara em apagá-las, achando que não lhe servissem. Agora, porém, podiam lhe ser úteis.

A porta do escritório do professor assistente de história da arte estava aberta. Lorieri estava sentado com os pés em cima da escrivaninha, absorto na leitura de uma revista. Era um sujeito bonito, exatamente como aparecia no filme. O clássico quarentão despenteado que levava as estudantes à loucura. A essência de sua personalidade era delineada no All Star que usava nos pés. Comunicava uma pacífica mensagem revolucionária.

Sandra bateu na porta com um sorriso.

O assistente levantou os olhos da leitura.

— A prova foi transferida para a semana que vem.

Ela acomodou-se sem que tivesse sido convidada a entrar, com o favorável clima relaxado que vigorava na sala.

— Não estou aqui para ser avaliada.

— Se quiser uma reunião, tem que voltar nos dias ímpares.

— E não sou uma aluna — precisou em seguida. Depois, tirou o distintivo: — Sandra Vega, polícia civil.

Lorieri não pareceu surpreso e não se inclinou para apertar a mão dela. Como gesto de educação, limitou-se a tirar os pés da mesa.

— Nesses casos, se deveria dizer: "O que posso fazer pela senhora, agente?" — Sorriu, tentando cativar sua simpatia.

Sandra odiava o charme dele. Lembrava-lhe Shalber e o pobre professor não podia imaginar quanto isso depunha contra ele.

— Estou acompanhando um caso e precisaria da consultoria de um historiador de arte. Encaminharam-me a você.

Christian Lorieri apoiou os cotovelos na mesa, surpreso.

— Nossa. Do que se trata? Será que li algo nos jornais?

— É reservado — piscou Sandra.

— Entendo — concordou. — Estou à disposição. — Sorriu-lhe novamente.

Se fizer isso de novo, meto o revólver na cara dele, pensou Sandra.

— Você teria que dar uma olhada nisto aqui para ver se reconhece os lugares. — Entregou-lhe as fotos da capela de São Raimundo de Peñafort. — Nós as encontramos no bolso de um suspeito, não conseguimos entender de onde provêm os cliques.

Lorieri colocou os óculos de grau e começou a examinar as imagens. Pescava as fotos do maço uma de cada vez, levantando-as a sua frente.

— Há monumentos fúnebres. Portanto diria que certamente é uma capela. É muito provável que se encontre em uma igreja.

Sandra observava-o, esperando o momento e a reação dele.

— Há vários estilos, é difícil estabelecer onde estamos. — Tinha analisado mais de dez, quando topou com a primeira foto do apartamento de Lara. — Há uma que não tem a ver com… — Parou. Quando viu a segunda e a terceira também, o sorriso sumiu. — O que quer de mim? — disse, sem ter coragem de olhá-la no rosto.

— Você já esteve nessa casa, não é?

O homem pousou o maço de fotos e cruzou os braços, colocando-se na defensiva.

— Só uma vez. Talvez duas.

— Digamos três e paramos por aqui. Tudo bem por você? — provocou-o Sandra.

Lorieri concordou.

— Esteve lá na noite em que Lara desapareceu também?

— Não, naquela noite não — disse, fazendo questão de frisar com ênfase. — Eu já a tinha despachado havia duas semanas.

— Despachado? — reforçou Sandra, horrorizada.

— Eu queria dizer que… Enfim, sabe o que quero dizer: sou casado.

— Está lembrando isso para mim ou para você mesmo?

O professor levantou-se, aproximando-se das persianas da janela. Passava uma das mãos na cabeça nervosamente, deixando a outra apoiada no quadril.

— Quando soube que ela havia desaparecido, eu queria ir à polícia. Mas depois pensei em todas as perguntas que me fariam, e na minha mulher, no reitor, na universidade, e que não conseguiria mais manter a coisa escondida. Seria uma tragédia para a minha carreira e para a minha família. Achava que era só uma manha da Lara, um jeito de chamar a minha atenção, e que, no fim, voltaria para casa.

— Não passou pela sua cabeça a ideia de que ela tivesse cometido um gesto irrefletido por causa da sua rejeição?

Lorieri deu de ombros.

— Claro — admitiu.

— Quase um mês se passou e você não disse nada. — Separando bem cada palavra, Sandra tentou fazer seu desgosto transparecer.

O professor estava sob pressão.

— Tinha me oferecido para ajudá-la.

— A abortar?

Lorieri compreendeu estar encrencado.

— O que eu poderia fazer? Não era nada além de uma aventura, e Lara sabia disso. Nunca saímos juntos, não nos falávamos por telefone, eu não tinha nem o número dela.

— O fato de não ter dito nada, unido ao desaparecimento da moça, faz de você um suspeito de homicídio.

— Homicídio? E por quê? — Estava fora de si. — Vocês encontraram o cadáver?

— Não é necessário: existe uma motivação. Às vezes isso é suficiente para processar alguém.

— Merda, eu não matei ninguém. — Estava quase começando a chorar.

Estranhamente, Sandra sentiu pena dele. Antigamente, aplicaria a lei do bom policial: nunca acreditar em ninguém. Mas achava que o professor estava dizendo a verdade: fora Jeremiah Smith quem pegara Lara, o plano para levá-la de seu apartamento era articulado demais. Se Lorieri quisesse matá-la, teria sido suficiente atraí-la a um lugar isolado, Lara o teria seguido. E, mesmo se a tivesse matado em um surto de loucura, talvez depois de uma briga na casa dela, teriam permanecido indícios do homicídio.

A morte está nos detalhes, lembrou. E nada fazia pensar que Lara estivesse morta.

— Agora se acalme e sente-se, por favor.

O homem olhou Sandra com os olhos brilhantes e avermelhados.

— Está bem, eu vou me acalmar. — Sentou-se novamente, levantando o nariz.

Sandra tinha um bom motivo para perdoar aquele adúltero e sua covardia. Eu não sou diferente dele. Eu também traí, disse a si mesma. E voltou-lhe à cabeça a gravata verde-folha.

Mas não queria compartilhar aquela história com Lorieri.

Então lhe disse:

— Lara não queria colocá-lo diante do fato consumado. Disse-lhe que estava grávida para lhe dar uma chance. Se estiver viva e por acaso voltar, escute-a.

O homem não foi capaz de proferir uma palavra. Sandra, por sua vez, pegou as fotos da escrivaninha rapidamente porque queria sair dali. Estava colocando-as na bolsa junto com as outras quando, descuidadamente, deixou-as cair. Espalharam-se pelo chão e o professor inclinou-se com ela para pegá-las.

— Deixe, eu ajudo.

— Eu cuido disso sozinha, não se preocupe. — Sandra tentou pegar de volta as fotos rapidamente. Notou que entre elas também tinha ido parar a do padre com a cicatriz na têmpora.

— O penitencieiro.

Virou-se para Lorieri, tentando entender se havia escutado bem.

— Conhece esse homem? — perguntou, indicando-o.

— Na verdade não sei quem é… Estava me referindo àquele. — Pegou uma foto e lhe mostrou. — São Raimundo de Peñafort. Queria saber sobre a capela ou era só uma desculpa?

Sandra olhou-a: tinha tirado no nicho no altar que retratava o frade dominicano.

— Me explique, por favor.

— Bem, não há muito a se dizer: a pintura foi realizada no século XVII, encontra-se na basílica de Santa Maria sopra Minerva.

— Não, na verdade eu me referia ao santo.

Lorieri levantou-se para se dirigir à estante. Observou os volumes e foi certeiro, retirando um de uma prateleira. Folheou as páginas e, então, mostrou a Sandra uma reprodução do quadro, depois leu a legenda:

— "A *Paenitentiaria Apostolica* é uma congregação da Santa Sé que sempre cuidou de pecados, e o frade Raimundo foi um de seus membros mais respeitáveis. No século XIII foi encarregado de redigir um texto que analisasse os casos de consciência para facilitar a obra dos confessores, assim escreveu a *Summa de Casibus Paenitentiae*. O texto fornecia critérios de avaliação unívocos e para cada culpa fazia corresponder uma penitência específica."

Sandra repreendeu-se por não ter procurado antes as informações sobre a capela. Alguém, colocando o santinho com o escrito *Fred* debaixo da porta de seu quarto de hotel, não queria simplesmente atraí-la para uma armadilha.

Aquele lugar tinha um significado.

Embora a ideia de voltar ao lugar onde um franco-atirador tentara matá-la não a entusiasmasse, tinha que descobrir qual era.

18h22

O talento de Clemente era encontrar as informações. Nos últimos dias, Marcus

tinha conseguido mais de uma confirmação de suas capacidades. Nunca lhe perguntou como fazia. Imaginava que extraía do arquivo, mas não era a única fonte. Acima dele devia haver um emaranhado de tramas secretas que obtinha as notícias ou as interceptava. Historicamente, a Igreja sempre tinha sido capaz de se introduzir nas instituições laicas ou nos grupos organizados que podiam ameaçá-la. Era uma forma de autodefesa.

Como Clemente repetia com frequência, o Vaticano era plácido e alerta.

Mas dessa vez seu amigo tinha se superado. Encontraram-se em uma sala de bingo de onde, pelas vitrines, podiam vigiar a entrada do prédio onde morava a família Martini. O local estava cheio de jogadores, cada um concentrado apenas em seu próprio jogo.

— O pai de Alice carregou o carro com duas grandes malas. — Clemente indicou um Fiat Multipla estacionado do outro lado da rua. — Estava muito agitado. Tirou uma semana de férias e sacou uma quantia considerável no banco.

— Você acha que está se preparando para fugir?

— Certamente é um comportamento suspeito, não acha?

— E o revólver? Como você conseguiu saber que ele tem um?

— Ano passado atirou em um homem que tentava seduzir uns meninos em um parquinho. Não conseguiu matá-lo porque a polícia interferiu a tempo. Fugiu, mas nenhum dos presentes no tiroteio quis testemunhar contra ele e não puderam incriminá-lo porque na busca que fizeram na casa dele não conseguiram achar o revólver. Nem preciso lhe dizer que não tem porte de armas e que, por isso, deve tê-la conseguido ilegalmente.

Seu nome era Bruno Martini. E Marcus lembrou-se de que sua filha desaparecera justamente em um parque.

— Um justiceiro. — Balançou a cabeça. — Era só o que faltava, caramba.

— Depois do ocorrido, a mulher o deixou, levando com ela o outro filho. O homem nunca conseguiu se dar sossego por causa do desaparecimento de Alice. Há três anos conduz uma investigação por sua conta, chocando-se com frequência com as forças da ordem. Durante o dia trabalha como motorista de ônibus, à noite vai procurar a filha. Percorre os lugares frequentados pelos pedófilos, os locais da prostituição clandestina, certo de conseguir encontrá-la.

— Acho que ele espera, principalmente, encontrar uma resposta que lhe dê um pouco de paz. — Marcus comparou aquela situação com a do casal Rocca. Os pais de Filippo não se renderam diante da escuridão, não lhe abriram a porta, permitindo que invadisse a vida deles. Não transformaram o mal recebido em mal a ser retribuído. — Vão matar Bruno Martini.

Clemente concordou com ele. Astor Goyash era praticamente inatingível. Seus guarda-costas abririam fogo antes que o homem conseguisse atirar. Sua ideia de escapar logo depois era pura ilusão.

Enquanto esperavam que Martini saísse de casa, Clemente atualizou Marcus das outras novidades do dia.

— A polícia começou a procurar Lara.

Estava incrédulo.

— Desde quando?

— Relacionaram o desaparecimento aos casos de Jeremiah Smith. O mérito também é de uma policial de Milão que está colaborando com eles.

Marcus compreendeu que se tratava da mulher com quem firmara um pacto e não comentou. Mas a notícia o animava.

— E tem mais: os médicos excluíram que Jeremiah tenha tido um enfarte. Acham que foi um envenenamento e estão fazendo exames toxicológicos. Então, você tinha razão.

— E sei até de que substância se trata — acrescentou Marcus. — Succinilcolina. Paralisa os músculos, e o efeito parece o de um ataque cardíaco. Além disso, não deixa resíduos no sangue. — Deixou escapar uma expressão satisfeita. — Acho que meu misterioso colega penitencieiro se inspirou no suicídio do cirurgião Canestrari.

Clemente estava admirado, seu aluno estava passando brilhantemente em todas as provas.

— Já decidiu o que vai fazer quando esta história terminar?

Gostaria de se dedicar aos outros, estar em contato com as pessoas, um pouco como aquele sacerdote da Caritas. Mas disse somente:

— Por enquanto, evito pensar nisso. — Estava quase acrescentando mais uma coisa, mas o amigo chamou sua atenção, tocando seu braço.

— Está saindo.

Olharam além da vitrine e viram Bruno Martini encaminhando-se para seu carro.

Clemente entregou as chaves de seu Panda a Marcus.

— Boa sorte — disse-lhe.

A cidade estava se esvaziando por causa da hora do jantar e o Fiat Multipla seguia numa marcha regular pelo trânsito. Marcus conseguia ficar atrás dele sem dificuldade, mantendo uma distância de segurança para não ser identificado.

Martini dirigia para fora de Roma. Deduziu isso lendo as placas de trânsito que confirmavam seu trajeto. Mas, primeiro, parou em um caixa eletrônico. Marcus logo achou estranho, porque Clemente lhe dissera que o homem tinha sacado dinheiro no banco naquele dia. Viu-o entrar no carro novamente e retomar o caminho. Mas depois de uns dez minutos parou de novo, dessa vez para tomar um café em um bar lotado de clientes que assistiam a um jogo. Bruno Martini não parecia conhecer ninguém, não cumprimentou ninguém e ninguém pareceu reconhecê-lo. Depois de ter consumido, pagou e recomeçou a viagem. Dirigiu-se para uma área de trânsito limitado: um visor luminoso indicava que a proibição estava em vigor, mas, sem se preocupar com a multa que lhe prescreveriam, transitou sob a câmera que registrou a placa. Marcus não pôde deixar de segui-lo. Àquela altura, Martini pegou a marginal que conduzia à periferia norte de Roma. Apresentou-se no pedágio da estrada, retirando o bilhete de entrada. Depois de poucos minutos, ele fez uma terceira parada para colocar combustível. Marcus esperou-o na pracinha logo depois do posto de gasolina e observou-o pelo retrovisor enquanto reabastecia em uma das bombas, tranquilamente, e pagava com cartão de crédito. Retomou o caminho, mantendo uma velocidade moderada e constante.

Onde está indo?, perguntou-se Marcus. Começava a não entender o que estava acontecendo. Algo lhe escapava.

Pegou a direção de Florença, mas depois de ter percorrido cerca de dez quilômetros parou de novo em um posto de gasolina com lanchonete. Dessa vez, Marcus resolveu segui-lo lá dentro. Estacionou e entrou no restaurante do posto. Bruno Martini comprou um pacote de cigarros e pediu um segundo café. Marcus fingiu olhar algumas revistas enquanto, protegido por um mostruário, o observava terminar o café no balcão. Quando acabou, o homem fez um gesto que, na hora, Marcus não soube interpretar.

Levantou o olhar até interceptar a objetiva de uma câmera de segurança colocada acima do caixa, ficando parado por alguns segundos.

Deixou que o enquadrassem, pensou Marcus.

Depois, Martini colocou a xícara no balcão e chegou à escada que levava aos banheiros, situados no andar de baixo. Marcus foi atrás dele. Ao passar por uma porta de mola e verificar que estavam sozinhos, alcançou-o enquanto lavava as mãos. Instalou-se a duas pias dele e abriu a torneira. O homem examinou-o através do espelho, mas sem especial curiosidade.

— Precisa de um álibi, Sr. Martini?

As palavras chegaram-lhe inesperadamente.

— Algum problema?

— O caixa eletrônico, o posto de gasolina, o restaurante na estrada: só lugares vigiados por câmeras. Entre os torcedores reunidos no bar para o jogo, certamente alguém deve ter reparado em você. Esperta a ideia de tomar uma multa. O passeiozinho na estrada também: as cabines do pedágio marcam a entrada e a saída. Você está deixando rastros para que todos os seus movimentos sejam registrados. Mas para onde exatamente está indo?

O homem aproximou-se com ar ameaçador. Nos olhos havia raiva por ter sido desmascarado.

— O que quer de mim?

Marcus retribuiu seu olhar, sem temor:

— Só quero ajudá-lo.

O homem estava pronto para atingi-lo, mas se deteve. A índole irascível deduzia-se pelo jeito como mexia as mãos fortes, além da postura dos ombros: como os de um leão pronto para atacar.

— É um tira?

Marcus deixou que acreditasse nisso, evitando lhe responder.

— Alberto Canestrari, Astor Goyash. Conhece esses nomes?

Martini não teve nenhuma reação, não hesitou, parecia apenas perdido.

— Você os conhece ou não?

— Quem é você, porra, posso saber?

— Você está só fugindo, não é? Não é diferente de mim: você também está tentando ajudar alguém. Quem?

Bruno Martini deu um passo para trás, como se tivesse sido atingido bem no rosto.

— Não posso.

— Você tem que me dizer, caso contrário tudo será inútil. Essa pessoa não vai conseguir fazer justiça. Hoje à noite morrerá. — Aproximou-se dele, repetindo: — Quem é?

O homem apoiou-se em uma das pias, levando uma mão à testa.

— Ela veio à minha casa ontem, me disse que o filho desaparecido na verdade estava morto e que tinha a chance de encontrar o assassino.

— Camilla Rocca. — Marcus não esperava por isso.

Martini concordou.

— O que aconteceu com as nossas duas famílias há três anos nos uniu. Depois do desaparecimento, Alice e Filippo viraram praticamente irmãos. Eu e Camilla nos conhecemos em uma delegacia e, desde então, a dor nos aproximou.

Camilla esteve perto de mim quando minha mulher me largou. Era a única que podia me entender. Por isso, eu não soube dizer não quando ela me pediu o revólver.

Marcus não conseguia acreditar naquilo. A familiazinha que soubera reagir, o novo filho nascido para tentarem ir em frente. Era tudo uma ilusão. E podia entrever a trama do plano de Camilla. Não dissera nada ao marido, aproveitando-se do fato de que estava fora da cidade. Não o informara porque, caso acontecesse algo, um deles tinha que ficar para tomar conta do filho. Por isso, naquela tarde, o pequeno não estava com ela. Certamente o deixara sob os cuidados de alguém.

— Camilla sabia do revólver que você detinha ilegalmente. Você deu para ela e, depois, tentou construir um álibi, caso alguma coisa desse errado e a polícia relacionasse o revólver a você, visto que já o usou quando botou na cabeça dar uma de justiceiro. — Marcus sabia que o encurralara, a essa altura não podia mais negar-lhe a verdade. — Camilla disse a você o que pretendia fazer?

— Há alguns dias, recebeu um telefonema. Uma voz anônima lhe revelou que, para encontrar o homem que tinha mandado matar seu filho Filippo, bastaria ir a um quarto de hotel esta noite. O mandante do homicídio se chama Astor Goyash.

— Que quarto, qual hotel? — Marcus perguntou logo.

Martini continuava a fitar os próprios pés.

— Pensei no que eu faria. Não havia garantias de que fosse verdade e não uma brincadeira de mau gosto. Mas a dúvida faz você acreditar em qualquer coisa. Aquele silêncio é insuportável. Você só quer fazê-lo parar. Ninguém mais pode ouvi-lo, mas para você é uma tortura, te faz perder a cabeça.

— Não serão tiros de revólver que o farão acabar… Me diga onde Camilla Rocca está agora, por favor.

— Hotel Exedra, quarto 303.

20h

A temperatura tinha baixado diversos graus, a mudança térmica em relação à manhã fizera descer uma finíssima bruma, colorida de laranja pela luz dos postes. Era como ir em busca de um incêndio. Sandra esperava que as chamas aparecessem de uma hora para a outra.

Na praça com o obelisco e o elefantinho, os fiéis se demoravam, conversando ao fim da missa. Passou no meio deles e entrou em Santa Maria sopra Minerva. Ao contrário da primeira vez em que estivera lá, a igreja não estava deserta. Turistas, ou simples religiosos, rodavam pela basílica. Sandra sentiu-se tranquilizada pela presença deles. Dirigiu-se logo à capela de São Raimundo de Peñafort. Queria entender.

Ao chegar diante do altar miserável, viu-se novamente na frente do retrato do santo. À sua direita, o afresco *Cristo-juiz entre dois anjos*, cercado pelos círios votivos e pelas velas. Sabe-se lá por quais preces estavam ardendo ou quais pecados se expiavam naquelas pequenas chamas. Dessa vez, Sandra compreendeu o sentido dos símbolos ao seu redor. Era a síntese de um lugar de justiça.

O Tribunal das Almas, pensou.

A simplicidade da capela em relação às outras que enfeitavam a basílica conferia a austeridade justa ao ambiente. A iconografia descrevia um verdadeiro processo: Cristo era o único juiz, assistido *a latere* pelos seus anjos, enquanto são Raimundo — o penitencieiro — expunha-lhe o caso.

Sandra sorriu. Tinha a confirmação de que não fora conduzida até lá por acaso da primeira vez. Não era uma especialista em balística, mas, de cabeça fria, pôde reconsiderar o tiroteio da manhã anterior. O eco dos disparos perdera-se na igreja, impedindo-lhe de compreender onde o atirador estava posicionado. Mas, depois do que tinha acontecido na passagem subterrânea debaixo da casa de Lara, nutria dúvidas se alguém realmente queria matá-la. O túnel teria sido a oportunidade perfeita para um franco-atirador, mas ele não aproveitou. Algo dentro dela refutava que se tratasse de duas pessoas diferentes.

Quem a atraíra à basílica queria verificar o que ela sabia. Porque David devia ter descoberto alguma coisa daquele lugar. Uma informação que faltava para alguém que, por sua vez, a queria a todo custo. Alguém que primeiro a usara, aproveitando-se da falsa ameaça iminente à sua vida e, ao mesmo tempo, gabando-se de uma amizade com seu marido. Depois, a traíra com um objetivo: transformá-la em uma isca para chegar à captura do penitencieiro. Por isso tinha descido naquele túnel junto com ela. Sandra virou-se e o viu, rodeado por um grupo de fiéis.

Shalber fitava-a, mantendo-se a distância. Não tinha mais motivos para ficar escondido.

Ela colocou uma das mãos no coldre escondido sob o casaco felpudo para fazê-lo entender que não toleraria nenhum movimento audacioso. Ele abriu os

braços e aproximou-se lentamente, com uma postura não hostil.

— O que quer?

— Imagino que, a essa altura, você tenha entendido tudo.

— O que quer? — repetiu ela, enfática.

Shalber indicou com o olhar o Cristo-juiz.

— Me defender.

— Foi você quem atirou em mim.

— Coloquei o santinho debaixo da porta do seu quarto de hotel e atraí você aqui porque queria pegar as fotos de David. Mas quando você fez o meu celular tocar entendi que devia agir ou perderia tudo. Improvisei.

— O que o meu marido tinha descoberto em relação a este lugar?

— Nada.

— Então, você se fez passar pela pessoa que salvou a minha vida, arrancou a minha confiança, me contou lorotas sobre sua relação com meu marido. — "Me levou para a cama, me fez acreditar que aquele carinho fosse sincero", queria acrescentar, mas não o fez. — Tudo isso só para se apoderar da imagem do padre com a cicatriz na têmpora.

— Tudo bem, eu representei, exatamente como você. Entendi que estava mentindo para mim, que não tinha me mostrado todas as fotos. Eu sou bom com os mentirosos, lembra? Existe algum tipo de pacto entre você e o sacerdote, não é? Você espera que ele a ajude a chegar à verdade em relação ao assassino de David.

Sandra estava furiosa.

— Por isso você me seguiu: para ver se eu o encontraria de novo.

— Segui você para protegê-la também.

— Pare com isso. — O tom de Sandra foi ácido, em seu rosto havia repugnância, além de ressentimento. — Não quero ouvir mais mentiras.

— Mas uma coisa você vai ter que ouvir. — Shalber foi igualmente duro com ela. — Quem matou seu marido foi um penitencieiro.

Estava abalada, mas não queria deixar transparecer.

— Agora é conveniente para você me dizer isso. E espera que eu acredite?

— Você não se perguntou por que o Vaticano, a certa altura, decidiu abolir a ordem dos penitencieiros? Algo de muito grave deve ter impelido o papa a tomar uma decisão assim, não acha? Algo que nunca foi revelado. Uma espécie de… efeito colateral da atividade deles.

Sandra não disse nada, mas esperava que Shalber continuasse.

— O arquivo da *Paenitentiaria Apostolica* é o lugar onde o mal tem sido

estudado, decomposto e analisado desde sempre. Mas existe uma regra pela qual cada penitencieiro só tem acesso a uma parte da documentação. Isso para preservar o sigilo, mas também porque ninguém poderia suportar o conhecimento de tanta maldade. — Consciente de ter toda a atenção de Sandra, prosseguiu: — Iludiram-se que, levantando a mais ampla casuística possível de todas as culpas, poderiam compreender as manifestações do mal na história do homem. Mas, por mais que se esforçassem em classificá-lo, de comprimi-lo em categorias específicas, o mal conseguia encontrar uma maneira de se esquivar de qualquer esquema, de qualquer possibilidade de previsão. Sempre havia *anomalias*: pequenas imperfeições que podiam, todavia, ser corretas. Assim, os penitencieiros passaram de simples pesquisadores e arquivistas a investigadores, tomando parte diretamente no processo de justiça. A maior lição do arquivo que os sacerdotes valorizaram é que *o mal gerado gera mais mal*. Às vezes comporta-se como um contágio irrefreável, que corrompe os homens sem fazer distinções. Mas os penitencieiros não consideraram que, enquanto seres humanos, eles também poderiam ser envolvidos naquele processo.

— Você quer dizer que, com o tempo, o mal os desencaminhou?

Shalber concordou.

— Não se pode viver em contato íntimo com uma força tão obscura sem sofrer a influência dela. Se cada penitencieiro sempre foi impedido de conhecer muito do arquivo, existia uma razão que, porém, se perdeu nos séculos. — Shalber passou a um tom mais amigável. — Pense, Sandra, você é uma policial. Sempre consegue deixar fora da sua vida o que vê nas cenas de crime que examina com a sua máquina fotográfica? Ou alguma coisa daquela dor, daquele sofrimento, daquela maldade a segue até em casa?

Veio-lhe à cabeça a gravata verde-folha de David. Percebeu que Shalber podia ter razão.

— Quantos colegas você viu desistirem por esse motivo? Quantos passaram para o outro lado da barricada? Agentes com uma carreira impecável que, de repente, deixam-se comprar por um traficante. Policiais a quem você teria confiado a vida que, esquecendo o próprio papel, batem selvagemente em um suspeito com a desculpa de fazê-lo falar. Abusos de poder, corrupção: são homens que se renderam, que entenderam que não havia nada a se fazer. Por mais que tentassem reparar as injustiças, o mal sempre vencia.

— Trata-se de exceções.

— Eu sei, eu também sou um policial. Mas isso não significa que não pode acontecer.

— E aconteceu com os penitencieiros?

— Padre Devok não queria se conformar com a ideia. Continuou a recrutar os sacerdotes em segredo. Estava convicto de que conseguiria controlar a situação, mas pagou com a vida tanta ingenuidade.

— Por isso você não sabe ao certo quem poderia ter matado David. Pode até se tratar do padre com a cicatriz na têmpora.

— Poderia lhe dizer que sim, mas a verdade é que não sei responder.

Sandra examinou-o, tentando entender se estava sendo sincero. Depois balançou a cabeça, divertida.

— Que burra, estava quase caindo de novo.

— Não acredita em mim?

Fitou-o com ódio.

— Até onde eu sei, até você poderia ter matado meu marido. — Disse isso reforçando as palavras "meu marido", como se quisesse marcar a diferença entre ele e David, além da escassa importância que tivera para ela a noite que passaram juntos.

— O que posso fazer para convencer você do contrário? Quer que a ajude a encontrar o assassino?

— Já estou cheia de acordos. E, depois, existe um modo mais simples.

— Está bem, me diga.

— Venha comigo, há um delegado em quem confio, ele se chama Camusso. Vamos contar tudo a ele e deixar que nos dê uma mão.

Shalber não teve nenhuma reação, mas fez uma pausa para pensar.

— Claro, por que não? Vamos agora?

— Para que perder tempo? Mas ande na minha frente enquanto saímos daqui.

— Se isso a deixa mais tranquila. — Então se encaminhou pela nave.

A basílica estava prestes a fechar e os fiéis se aglomeravam em direção à saída central. Sandra seguia o funcionário da Interpol mantendo-se a dois metros de distância. Este às vezes se virava para conferir onde ela estava. Andava lentamente para que ela ficasse logo atrás dele. Em seguida foi englobado pela pequena multidão que se formara junto ao portal. Sandra, porém, ainda podia ficar de olho nele. Shalber virou-se novamente em direção a ela e fez-lhe um gesto para que ela entendesse que não dependia dele. Sandra também se introduziu no fluxo. Via a cabeça de Shalber emergir no meio das outras. Então, alguém na frente dela caiu no chão. Levantaram-se vozes de protesto para quem o empurrara. Sandra entendeu o que tinha acontecido e abriu caminho com

dificuldade. Não conseguia mais identificar a nuca do funcionário. Dando cotoveladas, obstinadamente conseguiu passar. Quando chegou ao átrio, olhou em volta.

Shalber tinha sumido.

20h34

Um telefonema tinha sido suficiente para motivar Camilla Rocca. Nenhuma prova, nenhuma evidência.

Finalmente ela possuía um nome, Astor Goyash, e isso lhe bastava.

O Hotel Exedra encontrava-se naquela que, antigamente, era a piazza dell'Esedra — porque surgira sobre o semicírculo das vastas Terme di Diocleziano, cujas ruínas ainda podiam ser admiradas, perto dali — e que, nos anos 1950, levava o nome de piazza della Repubblica. Mas os romanos nunca tinham se acostumado com a mudança e, apesar do tempo passado, continuavam a usar a denominação anterior.

O hotel de luxo estava situado diante da grande Fontana delle Naiadi, no lado esquerdo da praça. Da estrada, Marcus levou meia hora para chegar ao destino, esperando interceptar Camilla antes que fizesse algo irremediável.

Ainda não sabia o que o esperava. Não conseguira descobrir a razão da morte do pequeno Filippo. Dessa vez a verdade sugerida pelo outro penitencieiro não tinha sido tão clara. "Você é tão bom quanto ele. Você é como ele", dissera-lhe Clemente. Mas não era verdade. Nunca tinha se colocado o problema de entender onde seu predecessor estaria escondido agora. Mas tinha certeza de que o estaria observando, julgando cada movimento seu a distância. Vai aparecer, disse a si mesmo. Estava convencido de que, no fim, se encontrariam. E lhe explicaria tudo.

Entrou no hotel passando diante de um porteiro de cartola e libré. A luz dos lustres de cristal era refletida pelos mármores valiosos, a decoração era suntuosa. Parou no saguão como um cliente qualquer, perguntando-se como faria para encontrar Camilla.

De onde se encontrava, viu chegarem muitos jovens arrumados para a noite. Marcus esquivou-se. Naquele momento, um entregador que trazia um grande embrulho com um laço vermelho aproximou-se da recepção.

— É para Astor Goyash.

O recepcionista indicou-lhe o fundo da sala.

— A festa de aniversário é no terraço.

Marcus finalmente entendeu o sentido do presente que tinha visto na casa de Camilla Rocca, além da compra do vestido novo: eram recursos para entrar no Exedra sem dar na vista.

Viu o entregador indo para a fila, com outros convidados, na frente do elevador que levava diretamente à cobertura. Controlando quem subia estavam também os dois brutamontes que o perseguiram após a visita ao consultório do cirurgião Canestrari e, depois, na clínica.

Astor Goyash estaria ali naquela noite. Entretanto, com aquelas medidas de segurança, seria impossível se aproximar dele. Mas o penitencieiro misterioso tinha dado uma alternativa a Camilla.

Marcus tinha que ir ao quarto 303 antes que a mulher chegasse lá.

As portas do hotel abriram-se e um grupo numeroso de guarda-costas entrou: estavam em volta de um homem não muito alto, de uns 70 anos, os cabelos grisalhos, o rosto bronzeado e esculpido por rugas, os olhos de gelo.

Astor Goyash.

Marcus olhou ao redor, temendo ver surgir Camilla de uma hora para outra. Mas não aconteceu. Goyash foi escoltado para outro elevador. Quando as portas se fecharam, Marcus entendeu que tinha que agir rápido. Dali a pouco sua presença seria notada pelo sistema de câmeras de vigilância e o pessoal da segurança do hotel se aproximaria discretamente dele para apurar os motivos pelos quais estava lá. Dirigiu-se ao recepcionista, pedindo o quarto que reservara pouco antes usando o celular de Bruno Martini. Pediram-lhe um documento de identidade, e Marcus mostrou o falso passaporte diplomático com a efígie do Vaticano que Clemente lhe dera no início de seu treinamento.

— A Sra. Camilla Rocca já chegou?

O recepcionista fitou-o, sem saber se lhe dava aquela informação ou não. Marcus prendeu seu olhar e, no fim, o outro se limitou a admitir que a senhora pegara seu quarto uma hora antes. Para Marcus era suficiente. Agradeceu e lhe entregaram uma chave eletrônica: seu quarto era no segundo andar. Dirigiu-se para outra fila de elevadores, não vigiados pelos homens de Goyash. Quando estava dentro da cabine, porém, apertou o terceiro botão.

As portas abriram-se para um corredor comprido. Olhou em volta, mas não havia guarda-costas à vista. Pareceu-lhe logo estranho. Lendo os números dos quartos, dirigiu-se ao 303. Virou em um canto e percorreu cerca de dez metros até estar diante dele. Não havia ninguém vigiando, e isso também lhe

pareceu anômalo. Talvez estivessem dentro com Goyash. Na fechadura eletrônica estava aceso o visor "não perturbe". Marcus, indeciso sobre o que fazer, bateu. Esperou mais ou menos vinte segundos antes que uma voz feminina lhe perguntasse quem era.

— Serviço de segurança do hotel. Sinto muito incomodá-la, mas um detector de fumaça no seu quarto transmitiu um alarme.

A fechadura destravou e a porta se abriu. Com grande surpresa, viu-se diante de uma menina loira que teria, no máximo, 14 anos. Estava seminua, enrolada em um lençol, o olhar embaçado de quem tinha consumido drogas.

— Acendi um cigarro, não achei que estava fazendo uma coisa grave — justificou-se.

— Fique tranquila, mas eu tenho que verificar. — Sem esperar um convite, afastou-a e entrou.

Era uma suíte. O primeiro cômodo era uma sala de estar com o piso de parquê escuro. Havia uma salinha diante de uma televisão de plasma gigantesca e um bar. Em um canto estavam amontoados embrulhos de presente. Marcus deu uma olhada em volta: além da menina, não parecia haver ninguém ali.

— O Sr. Goyash está aqui?

— Está no banheiro, se quiser eu o chamo.

Marcus ignorou a proposta e dirigiu-se ao cômodo ao lado.

A menina o seguiu, contrariada, esquecendo-se de fechar a porta.

— Ei, aonde está indo?

Havia uma grande cama desfeita. Em uma mesinha viu de relance um espelho com fileiras de cocaína e uma nota enrolada. A televisão estava ligada e na tela passavam videoclipes, o volume estava alto.

— Saia imediatamente — repreendeu-o duramente a menina.

Marcus colocou uma mão sobre sua boca e fitou-a para que entendesse que não era o caso de reclamar. Ela pareceu se acalmar, mas agora estava assustada. Marcus aproximou-se da porta do banheiro e a indicou à menina. Ela concordou: Goyash estava lá dentro. O volume da televisão lhe impedia de ouvir o que estava acontecendo do outro lado.

— Está armado?

Ela fez um gesto de que não. Marcus entendeu que a menor de idade que estava diante dele era a razão pela qual o velho trambiqueiro búlgaro tinha se liberado temporariamente de sua escolta. Um presentinho à base de sexo e coca antes da festa de aniversário.

Estava quase pedindo para a menina ir embora quando se virou e viu

Camilla Rocca parada na soleira. Ao lado de seus pés estava a caixa aberta de um presente. Nas suas mãos, um revólver. Nos seus olhos, o brilho negro do ódio.

Instintivamente, estendeu uma mão, como para detê-la. A menina deu um berro que se perdeu entre as notas ensurdecedoras de um rock. Marcus empurrou-a para o lado e a adolescente foi se encolher em um canto da cama, aterrorizada.

Camilla respirava profundamente para tomar força.

— Astor Goyash? — Obviamente, sabia que deveria estar na frente de um homem de 70 anos.

Marcus procurou ficar calmo e tentou fazê-la raciocinar.

— Conheço a sua história, mas não vai resolver nada desse jeito.

A mulher percebeu a luz que vazava debaixo da porta do banheiro.

— Quem está ali dentro? — Levantou o revólver naquela direção.

Marcus tinha consciência de que, assim que se abrisse, ela abriria fogo.

— Me escute. Pense no seu novo filho. Qual é o nome dele?

Tentava ganhar tempo, desviar a atenção para algo que gerasse nela uma indecisão, pelo menos uma hesitação. Mas Camilla não lhe respondia, o olhar ainda fixo na porta. Tentou novamente:

— Pense no seu marido. Você não pode deixá-los sozinhos.

Nos olhos de Camilla começaram a aflorar as primeiras lágrimas.

— Filippo era um menino meiguíssimo.

Marcus resolveu ser duro.

— O que você pensa que vai acontecer quando tiver apertado o gatilho? Como acha que vai se sentir depois? Eu lhe digo: nada vai mudar, tudo ficará como é agora. Nenhum alívio espera por você. Será difícil do mesmo jeito. E o que você terá ganhado?

— Não existe outro modo de fazer justiça.

Marcus sabia que a mulher tinha razão. Não havia provas para relacionar Astor Goyash e Canestrari a Filippo. A única — o osso que encontrara na clínica — os homens do búlgaro tinham pegado.

— Nunca será justiça — disse com um tom firme mas cúmplice, sob o qual aflorava um vestígio de resignação, porque temia não poder evitar o pior. — A vingança não é a única possibilidade que lhe resta. — Reconheceu nela o mesmo olhar de Raffaele Altieri antes de atirar em seu pai, depois de sempre ter suspeitado dele. A mesma determinação de Pietro Zini quando executara Federico Noni em vez de denunciá-lo. Por isso, dessa vez também tinha sido tudo inútil, a porta do banheiro se abriria e Camilla apertaria o gatilho.

Viram a maçaneta abaixando-se. A luz no interior apagou-se e a porta se escancarou. A menina gritou da cama. O alvo apareceu na moldura da porta. Vestia um roupão claro, fitou o cano do revólver com súbita incerteza e seus olhos de gelo se derreteram em um instante. Mas não era um velho de 70 anos.

Era um rapaz de 15.

No quarto todos ficaram igualmente confusos e perdidos. Marcus olhou Camilla, que fitou o jovem.

— Onde está Astor Goyash?

Respondeu com um fio de voz, mas ninguém conseguiu ouvi-lo.

— Onde está Astor Goyash? — repetiu Camilla com cólera, brandindo a arma na direção dele.

O rapaz disse apenas:

— Sou eu.

— Não, não é você — replicou ela, como se não quisesse acreditar na evidência.

— Então… talvez meu avô… Lá em cima há a minha festa de aniversário, ele está lá agora.

Camilla deu-se conta do erro e hesitou. Marcus aproveitou para se aproximar dela e colocar uma mão no revólver, até fazer com que o baixasse. Os olhos abatidos da mulher curvaram-se junto com a arma.

— Vamos embora — disse-lhe. — Não há mais nada a se fazer aqui. Você não vai querer matar o menino só porque o avô dele, por alguma razão obscura, está envolvido na morte do seu filho, não é? Isso nem tem o valor de uma vingança, seria crueldade gratuita. E sei que você não é capaz disso.

Camilla pensou naquilo. Estava dando ouvidos a ele quando se deteve de repente. Tinha notado algo.

Marcus seguiu a direção do seu olhar e viu que observava o rapaz novamente. Fitava a abertura do roupão dele, exatamente na altura do tórax. Aproximou-se e ele recuou, ficando com as costas na parede. Camilla afastou as bordas atoalhadas com doçura, descobrindo a comprida cicatriz que tinha sobre o esterno.

Um tremor percorreu Marcus, tirando-lhe a respiração por um longo instante. Meu Deus, o que fizeram.

O neto de Astor Goyash, três anos antes, tinha a mesma idade de Filippo Rocca. Alberto Canestrari era um cirurgião. Tinha matado por encomenda para

conseguir um coração.

Mas Camilla não podia saber aquela verdade, Marcus disse a si mesmo. Entretanto, algo nela — um pressentimento, o instinto materno, um sexto sentido — a impelira a realizar aquele gesto. Embora a mulher não parecesse compreender completamente a razão dele.

Pousou a mão no tórax do rapaz, que a deixou fazê-lo. Ficou sentindo o batimento marcado daquele órgão alheio. Um som proveniente de outro lugar, de outra vida.

Camilla e o rapaz se olharam. No fundo de seus olhos, aquela mãe procurava uma luz que lhe dissesse que seu filho também estava ali? Ou talvez a revelação de que Filippo, de algum modo, também pudesse vê-la naquele momento?

Marcus não sabia, mas se deu conta de que a única prova que poderia relacionar o velho Astor Goyash à morte do menino estava trancada no peito do neto. Bastariam uma biópsia no coração e a comparação do DNA com o dos familiares de Filippo para detê-lo. Mas Marcus não tinha certeza se a justiça, dessa vez, teria uma função consolatória para aquela pobre mãe que sofria. A dor seria dilacerante, por isso resolveu se calar. Só queria levar Camilla embora daquele quarto, a mulher tinha outra criança para cuidar.

Encontrou coragem para interromper o contato entre ela e o jovem Goyash. Pegou-a pelos ombros com a intenção de conduzi-la para a saída.

Camilla despediu-se, tirando docemente a palma da mão do peito do menino, como em uma última carícia de adeus.

Depois caminhou para a porta com Marcus. Percorreram o corredor do hotel em direção ao elevador. Inesperadamente, Camilla virou-se para seu salvador e pareceu tê-lo visto pela primeira vez.

— Eu conheço você. Você é um padre, não é?

Marcus ficou desnorteado e não conseguiu rebater. Apenas concordou, à espera do resto.

— Ele me falou de você — continuou a mulher.

E Marcus entendeu que se referia ao penitencieiro misterioso e a deixou continuar.

— Há uma semana, ao telefone, me avisou que encontraria você aqui. — Camilla inclinou a cabeça e olhou-o com uma expressão estranha: parecia estar com medo por ele. — Me pediu para lhe dizer que vocês se encontrarão onde tudo começou. *Mas desta vez você deverá procurar o diabo*.

Pegara o 52 no ponto final na piazza San Silvestro, deixando o ônibus na altura da via Paisiello. De lá, com o 911, tinha chegado à piazza Euclide. Saltara na estação ferroviária subterrânea e pegara o trem que vinha de Viterbo a Roma e que, no último trecho, imergia no subsolo ligando a zona norte da cidade ao centro. Única parada, piazzale Flamino. Lá, tomara o metrô, prosseguindo na direção Anagnina. Ao chegar à estação Furio Camillo, voltara à superfície e chamara um táxi.

Cada baldeação tinha durado poucos segundos e o trajeto fora ditado pelo acaso, só para despistar eventuais perseguidores.

Sandra não confiava em Shalber. O funcionário da Interpol mostrara certa destreza em prever seus movimentos. Por mais que tivesse conseguido escapar dela na saída de Santa Maria sopra Minerva, ela tinha certeza de que ficaria escondido nas redondezas, tentando se colocar ao seu encalço novamente. Mas as providências que adotara deviam ser suficientes para dar sumiço nos próprios rastros. Porque ainda tinha uma missão naquela noite, antes de voltar ao hotel.

Visitar um novo conhecido.

O táxi deixou-a na frente da entrada principal da grande policlínica. Sandra percorreu a pé o último trecho, seguindo as indicações das placas, até chegar ao prédio que abrigava a Unidade Operacional Complexa.

Mas, entre os que trabalhavam no Gemelli, era conhecido como *a fronteira*.

Passou por uma primeira porta de correr, encontrando-se em uma sala de espera com quatro fileiras de cadeiras de plástico, uma presa na outra, azuis como as paredes que as rodeavam. Os aquecedores também eram dessa cor, assim como os jalecos de médicos e enfermeiros, e até mesmo o distribuidor de água potável. O efeito era uma incompreensível monotonia cromática.

A segunda porta era uma passagem de segurança. Para ter acesso ao coração da estrutura — a terapia intensiva — era necessário estar munido do crachá apropriado, que fazia abrir eletronicamente a fechadura. Havia também um policial de guarda. Uma presença formal para lembrar que, afinal de contas, no setor estava internado um sujeito perigoso, embora, a essa altura, impossibilitado de fazer mal. Sandra mostrou o documento de identificação ao colega, e uma enfermeira lhe indicou os procedimentos preliminares à visita. Fez com que vestisse sapatilhas descartáveis, jalecos estéreis e touca nos cabelos. Então, acionou o mecanismo da porta para deixá-la entrar.

O longo corredor que se apresentou diante dela lembrava um aquário.

Como o de Gênova, que visitara com David duas vezes. Ela adorava peixes, deixava-se hipnotizar pelo movimento deles e podia ficar olhando-os por horas. À sua frente, agora, havia uma série de redomas, que na verdade eram os vidros divisórios das salas de reanimação. As luzes eram baixas e sobre tudo dominava um estranho silêncio. Ao escutá-lo bem, porém, descobria-se que era feito de sons. Baixos e fracos como respiração, ritmados e constantes como um batimento submerso.

Parecia que aquele lugar dormia.

Encaminhou-se pelo piso de linóleo, passando ao lado da cabine com duas enfermeiras sentadas na penumbra diante de um painel de controle: em seus rostos refratava-se o clarão dos monitores que reproduziam os parâmetros vitais dos pacientes internados no setor. Atrás delas, um jovem doutor escrevia, sentado a uma mesinha de aço.

Duas enfermeiras e um médico: era a equipe necessária para administrar o setor à noite. Sandra apresentou-se, pediu indicações e eles a encaminharam.

Ao passar diante das redomas dos homens-peixes, observava-os imóveis nos leitos, enquanto nadavam naquele mar de silêncio.

Dirigiu-se à última vidraça. Enquanto se aproximava, notou que havia alguém olhando do outro lado. Era uma moça pequena que usava um jaleco branco, podiam ter a mesma idade. Foi para o lado dela. Na sala havia seis leitos. Mas apenas um estava ocupado. Por Jeremiah Smith. Estava entubado e seu tórax levantava-se e baixava, sempre na mesma cadência. Demonstrava ter muito mais que seus 50 anos.

Só então a moça virou-se para olhá-la. Ao ver seu rosto, Sandra teve uma sensação de *déjà-vu*. Após um instante, recordou onde a havia visto e a lembrança provocou-lhe um arrepio. Na cabeceira daquele monstro estava o fantasma de uma das suas vítimas.

— Teresa — disse.

Ela sorriu.

— Sou Monica, a gêmea dela.

A garota a sua frente não era somente a irmã de uma das pobres inocentes mortas por Jeremiah, era também a médica que salvara sua vida, intervindo com a ambulância quando o homem sentira-se mal.

— Meu nome é Sandra Vega, sou da polícia. — Estendeu-lhe a mão para se apresentar.

A moça apertou-a.

— É a primeira vez que vem aqui?

— Por que, dá para notar?

— Pelo jeito como o olhava.

Sandra observou Jeremiah Smith novamente.

— Como eu o olhava?

— Não sei. Mas eu diria que era como se observa um peixe vermelho em um aquário.

Sandra balançou a cabeça, divertida.

— Disse alguma coisa errada?

— Não, nada. Não se preocupe.

— Eu venho aqui todas as noites. Antes de começar o plantão da madrugada ou quando largo o do dia. Fico aqui por quinze minutos, depois vou embora. Não sei por que faço isso. Tenho vontade e pronto.

Sandra admirava a coragem de Monica.

— Por que o salvou?

— E por que todos vocês me perguntam a mesma coisa? — A moça, porém, não estava ressentida. — A pergunta certa seria: por que não o deixou morrer? São duas coisas diferentes, não acha?

É mesmo, não tinha pensado nisso.

— Se você me perguntar se eu gostaria de matá-lo agora, responderei que faria isso se não tivesse medo das consequências. Mas que sentido tinha deixá-lo morrer sem intervir? Como uma pessoa normal que chega ao fim da vida e se apaga naturalmente. Ele não é como os outros. Ele não merece isso. Minha irmã não teve essa chance.

Sandra foi forçada a refletir. Ela procurava o assassino de David e continuava a repetir para si mesma que era para chegar à verdade, para dar um sentido à morte do marido. Para fazer justiça. Mas no lugar de Monica como teria se comportado?

A moça continuou:

— Não, a minha vingança mais impiedosa é vê-lo nessa cama. Nenhum processo, nenhum júri. Nenhuma lei, nada de sofismas. Nenhuma perícia psiquiátrica, nenhum atenuante. A verdadeira desforra é saber que ele vai permanecer assim, prisioneiro de si mesmo. Desse cárcere com certeza não sairá. E poderei vir vê-lo todas as noites, olhá-lo na cara e dizer a mim mesma que a justiça foi feita. — Dirigiu-se a Sandra. — Quantos, entre os que perderam um ente querido por causa da maldade de outra pessoa, podem gozar do mesmo privilégio?

— De fato, tem razão.

— Fui eu quem aplicou a massagem cardíaca nele, colocando as mãos em seu tórax, naquela tatuagem… *Me mate*. — Sufocou a repugnância. — Na minha roupa havia o cheiro das fezes dele, da urina, sua saliva entre os meus dedos. — Fez uma pausa. — No meu trabalho vemos muitas coisas. A doença acerta as contas. Mas a verdade é que nós, médicos, não salvamos ninguém. Porque cada um se salva sozinho. Escolhendo a vida mais justa, o melhor caminho. Chega para todos o momento em que você se enche de fezes e urina. E é triste se você descobre quem é apenas nesse dia.

Sandra surpreendeu-se com tanta sabedoria. Ainda assim, a moça tinha mais ou menos a sua idade e parecia frágil. Ficaria escutando-a mais um pouco.

Monica olhou o relógio.

— Me desculpe tê-la segurado aqui. É melhor eu ir, meu plantão está quase começando.

— Foi um prazer conhecê-la. Aprendi muito com você esta noite.

A garota sorriu.

— Também crescemos com as pancadas da vida, meu pai diz sempre.

Olhou-a enquanto se afastava no corredor deserto. Uma ideia materializou-se novamente na cabeça dela. Mas continuava a expulsá-la. Estava convencida de que Shalber matara seu marido. E ela tinha ido para a cama com ele. Mas precisava daqueles carinhos. David entenderia.

Aproximou-se da porta da sala de reanimação. Pegou uma máscara de uma embalagem estéril e colocou-a. Então, atravessou a soleira daquele pequeno inferno com um único condenado.

Contou os passos enquanto se aproximava do leito de Jeremiah Smith. Seis. Não, sete. Começou a fitá-lo. O peixe vermelho estava ao alcance das mãos. Os olhos fechados, rodeado por uma gélida indiferença. Aquele homem não era mais capaz de suscitar coisa alguma. Nem medo nem compaixão.

Havia uma pequena poltrona ao lado. Sandra sentou-se. Apoiou os cotovelos nos joelhos, cruzou os dedos, inclinando-se em sua direção. Queria ler dentro dele, entender o que o impelira a fazer o mal. No fundo, era exatamente o trabalho dos penitencieiros. Perscrutar o espírito humano em busca das motivações profundas de cada ação. Ela, ao contrário, como perita em fotografia criminal, observava os sinais do exterior, as feridas que o mal deixava no mundo.

Veio-lhe à cabeça a foto escura no filme da Leica.

É esse o meu limite, disse a si mesma. Sem a imagem, irremediavelmente

perdida talvez por causa de um erro no momento do clique, não era capaz de prosseguir pelo caminho que David lhe indicara.

Quem sabe se havia algo naquela foto.

A exterioridade era a sua fonte de detalhes, mas também a sua barreira. Entendeu quanto lhe faria bem, por outro lado, olhar para dentro de si mesma. E, depois, puxar tudo para fora, tentando buscar o caminho do perdão. Uma confissão seria, no mínimo, liberatória. Por isso, de repente, começou a falar com Jeremiah Smith.

— Quero lhe contar a história de uma gravata verde-folha. — Não sabia por que tinha dito aquilo, saíra e pronto. — Os fatos aconteceram algumas semanas antes de alguém matar meu marido. David tinha voltado de uma longa viagem de trabalho. Aquela noite parecia como todas as outras vezes em que nos víamos depois de tanto tempo. Fazíamos uma festa, só nós. O resto do mundo estava fechado fora de casa, e nos sentíamos os único pertencentes à espécie humana. Entende o que quero dizer, por acaso já sentiu isso? — Balançou a cabeça, divertida. — Não, claro que não. De todo modo, naquela noite, pela primeira vez desde que nos conhecemos, tive que fingir que o amava. David me fez uma pergunta rotineira. "Como você está, tudo bem?" Quantas vezes nos perguntamos isso todos os dias, e claro que não esperamos receber uma resposta sincera. Mas, quando eu lhe disse que estava tudo bem, não se tratava apenas de uma frase convencional: era uma mentira… Alguns dias antes eu tinha ido ao hospital para abortar. — Sandra sentiu as lágrimas subindo aos olhos, mas deteve-as. — Tínhamos todos os requisitos para sermos pais fantásticos: nos amávamos, tínhamos certeza um sobre o outro. Mas ele era um repórter, sempre por aí fotografando guerras, revoluções e massacres. Eu, uma policial a serviço da Científica. Você não pode dar à luz um filho se seu trabalho te faz arriscar a vida, como acontecia com David. E não pode fazer isso se vê tudo o que eu sou obrigada a ver, todos os dias, nas cenas de crime. Violência demais, medo demais: não era bom para uma criança. — Falou isso com convicção, sem deixar transparecer nenhum arrependimento. — E esse é o meu pecado. Vou levá-lo comigo enquanto eu viver. Mas o que não consigo me perdoar é não ter permitido a David opinar. Me aproveitei da ausência dele para decidir. — Sandra deixou escapar um sorriso triste. — Quando voltei para casa depois de ter abortado, encontrei no banheiro o teste de gravidez que tinha feito sozinha. Meu filho, ou a coisa que tinham tirado de mim, não sei o que era com apenas um mês, tinha ficado naquele hospital. Eu o senti morrer dentro de mim, depois o deixei sozinho. É terrível, não acha? De qualquer forma, achei que aquela

criatura merecia pelo menos um funeral. Então, peguei uma caixa e coloquei dentro o teste e uma série de objetos que pertenciam a sua mãe e a seu pai. Entre eles, a única gravata de David. Verde-folha. Então, de Milão fui de carro até Tellaro, a cidadezinha na Ligúria onde passávamos as férias. E joguei tudo no mar. — Tomou fôlego. — Nunca disse isso a ninguém. E me parece absurdo que esteja contando justamente a você. Mas o melhor vem agora. Porque eu estava convicta de que pagaria sozinha as consequências do meu gesto. Em vez disso, sem saber, eu tinha causado um desastre irremediável. Me dei conta só depois, e era tarde demais. Junto com o amor que eu poderia sentir pelo meu filho, tinha jogado fora também o amor por David. — Enxugou uma lágrima. — Não tinha jeito: eu o beijava, fazia carinho nele, fazia amor com ele e não sentia nada. A toca que aquela criança tinha começado a cavar dentro de mim para sobreviver tornara-se um vazio. Comecei a amar meu marido de novo só quando ele morreu.

Cruzou os braços no peito, com as costas curvadas. Afundando-se naquela posição desconfortável, começou a soluçar. O choro jorrou, sem trégua, mas libertador. Não conseguia parar. Durou alguns minutos. Depois, enquanto assoava o nariz e tentava se recompor, riu de si mesma. Estava exausta. Mas, incompreensivelmente, sentia-se bem ali. Mais cinco minutos, disse a si mesma. Só cinco. Os *bips* regulares do cardiógrafo conectado ao tórax de Jeremiah Smith, a cadência do respirador automático que o mantinha vivo, agiram nela com um efeito hipnótico e relaxante. Fechou os olhos por um momento e, sem perceber, pegou no sono. Reviu David. Seu sorriso. Os cabelos desgrenhados. O olhar bom. Aquela careta que fazia sempre que a surpreendia um pouco triste ou pensativa, projetando o lábio inferior e inclinando a cabeça para o lado. David pegou-a pelas bochechas e puxou-a para si para lhe dar um de seus longuíssimos beijos estalados. "Está tudo bem, Ginger." Ela sentiu-se aliviada, em paz. Então, seu marido se despediu dela com a mão e se afastou sapateando e entoando a música deles. "Cheek to Cheek". Embora a voz parecesse a de David, no seu sonho Sandra não podia saber que pertencia a outra pessoa. E era tudo real.

Na sala alguém estava cantarolando.

22h17

Depois de ter assistido ao gesto de Camilla Rocca, que, de um jeito totalmente

imprevisível, tinha colocado a mão no tórax do rapaz que herdara o coração de seu filho, Marcus, pela primeira vez, percebia uma interferência invisível e piedosa em sua existência. Somos tão insignificantes na imensidão do universo que parece que não merecemos o privilégio de um Deus que se interessa por nós, repetia a si mesmo. Mas estava mudando de ideia.

Vamos nos encontrar onde tudo começou.

Conheceria seu antagonista. Receberia o prêmio da salvação de Lara.

E o lugar onde tudo tinha começado era a mansão de Jeremiah Smith.

Parou o Panda diante do portão principal. A patrulha de vigilância não estava mais lá e a polícia científica tinha suspendido as atividades havia um tempo. O lugar estava desolado e melancólico como devia ser antes que seu segredo fosse revelado. Marcus encaminhou-se para a casa. Só a lua cheia se opunha ao poder da escuridão.

As árvores da alameda principal balançavam por causa da brisa fresca noturna. As folhas que se mexiam eram risadas fugazes, que corriam ao seu lado, zombeteiras, para depois se apagarem atrás dele. As estátuas que decoravam o jardim não cultivado fitavam-no com seus olhos vazios.

Chegou à mansão. Lacres haviam sido aplicados em portas e janelas. Na realidade, não esperava que o penitencieiro o aguardasse ali. A ordem na mensagem era clara.

E desta vez procure o diabo.

Aquela era sua última prova. Em troca, conseguiria as respostas.

O sentido do desafio era procurar um sinal sobrenatural? Mas repetiu a si mesmo que os penitencieiros não estavam interessados na existência do demônio, ou melhor, eram os únicos na Igreja que duvidavam disso. Sempre o consideraram um cômodo pretexto, inventado pelos seres humanos para se eximirem das responsabilidades pelas próprias culpas e para absolver os defeitos da própria natureza.

O diabo só existe porque os homens são maus.

Removeu os lacres da porta e entrou na casa. A luz da lua não o seguiu lá dentro, parando na soleira. Não havia barulhos, nem presenças.

Pegou a lanterna do bolso e, com ela, abriu caminho pelo corredor com as paredes escuras. Lembrou-se da primeira visita, quando seguira a cabala dos números atrás dos quadros. Mas algo devia ter lhe escapado, já que o penitencieiro quis que ele voltasse. Avançou até a sala onde Jeremiah Smith tinha sido encontrado agonizante.

O diabo não mora mais aqui, disse a si mesmo.

Faltava algo que estava na vez anterior. A mesinha caída, os cacos da xícara de leite e os farelos dos biscoitos tinham sido removidos pela Científica. Assim como os materiais — luvas estéreis, pedaços de gaze, seringas e cânulas — usados pela equipe da ambulância na tentativa de reanimá-lo. Não havia os fetiches — a fita de cabelo, a pulseira de coral, o cachecol cor-de-rosa e o patim de rodinhas — com os quais o monstro evocava os fantasmas de suas jovens vítimas, para que lhe fizessem companhia durante as longas noites de solidão.

Mas no lugar dos objetos ainda pairavam as perguntas.

Como fizera Jeremiah Smith — um homem limitado, antissocial, sem qualquer atrativo — para arrancar a confiança daquelas meninas? Onde as mantinha prisioneiras por um mês antes de matá-las? Onde estava Lara?

Marcus evitou se perguntar se ainda estava viva. Tinha desempenhado a própria tarefa com a máxima dedicação, por isso não aceitaria um epílogo diferente.

Olhou ao redor. *Anomalias*. O sinal não é sobrenatural, pensou. Mas algo que somente um homem de *fé* poderia reconhecer. Desta vez, tinha que recorrer a um talento que temia não possuir.

Seu olhar vagou pela sala, em busca de algo que interrompesse a normalidade. A pequena fenda em outra dimensão. A passagem utilizada pelo mal para extravasar.

Existe um lugar onde o mundo da luz encontra o mundo das trevas... Eu sou o guardião colocado em defesa dessa fronteira. Mas, às vezes, algo consegue passar.

Seus olhos pararam na janela. Para além do vidro, a lua lhe estava indicando algo.

Abria as asas e olhava em sua direção. O anjo de pedra o estava convocando.

Encontrava-se no meio do jardim, junto com as outras estátuas. As Escrituras narravam que Lúcifer era um anjo antes de cair. O predileto do Senhor. Veio-lhe à cabeça e então correu para fora.

Deteve-se diante daquela figura alta, iluminada por um clarão lívido.

A polícia não percebeu nada, disse a si mesmo, observando o terreno aos pés do anjo. Se aqui embaixo existe algo, os cães da unidade cinófila deveriam ter farejado. Mas por causa das chuvas insistentes dos últimos dias os cheiros gerados pela terra devem ter confundido o olfato dos animais.

Marcus apoiou as mãos na base da estátua, empurrou-a e o anjo se mexeu, revelando, sob ele, um alçapão de ferro. Não estava trancado. Foi suficiente levantar a alça.

Escuridão, um forte cheiro de umidade subiu como um bafo fétido daquele buraco. Marcus apontou a lanterna: seis degraus conduziam ao abismo. Nenhuma voz, porém. Nenhum barulho.

— Lara — chamou. Depois, mais três vezes. Depois mais uma. Mas não obteve resposta.

Agarrando-se na escadinha, começou a descer.

O feixe de luz inspecionou aquele ambiente apertado, com o teto baixo, o piso de azulejos que em um ponto ficava mais profundo. Antigamente devia ter sido uma piscina, mas alguém havia feito dele uma sala secreta.

A lanterna ia em busca de uma presença humana. Marcus, a essa altura, temia encontrar somente um corpo mudo. Mas Lara não estava lá.

Apenas uma cadeira.

Por isso também os cães não farejaram nada, disse a si mesmo. Mas era para lá que Jeremiah as levava. Era aquela a toca onde as mantinha prisioneiras por um mês e, no fim, as matava. Não havia correntes penduradas nas paredes para se deleitar com jogos de tortura, nem engenhocas para dar vazão ao próprio sadismo, ou alcovas onde ter relações sexuais. Nenhum abuso, nenhuma violência, lembrou Marcus a si mesmo. Jeremiah não as tocava. Tudo se reduzia àquela cadeira, e ao lado estavam a corda com a qual as amarrava e uma bandeja com a faca de cerca de vinte centímetros, que em seguida usava para cortar a garganta delas. A fantasia perversa daquele monstro estava toda ali.

Marcus aproximou-se da cadeira e viu que em cima dela havia um envelope fechado. Pegou-o e o abriu. Dentro dele, as plantas originais do apartamento de Lara, com a localização do alçapão escondido no banheiro. Havia uma lista dos movimentos e dos horários da menina. Anotações que indicavam o plano para esconder o narcótico no açúcar. Enfim, uma foto da estudante sorridente. Em seu rosto havia um ponto de interrogação vermelho. Você está brincando comigo, disse Marcus a si mesmo, dirigindo-se ao penitencieiro. No envelope havia as provas de que Jeremiah tinha realmente pegado a menina.

Mas não havia rastros de Lara. Assim como do companheiro misterioso que o conduzira até ali.

Marcus fervia de raiva. O penitencieiro tinha faltado com seu compromisso. Amaldiçoou-o, amaldiçoou a si mesmo. O escárnio era

insuportável. Não queria mais ficar naquele lugar. Virou-se para subir, mas a lanterna escorregou de suas mãos. Enquanto caía, porém, iluminou algo atrás dele.

No canto, às suas costas, havia alguém.

Observara a cena. E não se mexia. No feixe de luz podia-se enxergar apenas o perfil de um braço. Estava vestido de preto. Marcus inclinou-se para pegar a lanterna e, lentamente, levantou-a para o estranho.

Não era uma pessoa, mas um hábito de padre pendurado em um cabide.

Tudo ficou claro de repente. Era assim que Jeremiah se aproximava de suas vítimas. As meninas não o temiam porque viam o homem da Igreja, não o monstro.

Um dos bolsos do hábito estava cheio. Marcus aproximou-se e colocou a mão dentro dele. Tirou um vidrinho de um medicamento e uma seringa hipodérmica — *succinilcolina*.

Não tinha se enganado. Mas os objetos naquele bolso contavam uma história diferente.

Jeremiah fez tudo sozinho.

Sabia que a irmã de uma das suas vítimas estava de plantão naquela noite como a médica que se juntaria às ambulâncias em caso de código vermelho. Assim, ligou para o número de emergência descrevendo os sintomas de um ataque do coração. Esperou a chegada dos paramédicos para injetar a substância venenosa. Podia até ter jogado a seringa em um canto da sala ou debaixo de um móvel: a equipe da ambulância, na agitação, não teria percebido, e a polícia científica a teria confundido com o material descartável deixado pela médica e pelo enfermeiro no final da intervenção.

Não se trasvestia de padre. Ele é um padre.

O início de seu plano devia remontar a mais ou menos uma semana antes, quando enviara as mensagens anônimas aos que estavam envolvidos no homicídio de Valeria Altieri. Depois, cuidara de enviar o e-mail que Pedro Zini recebera sobre o caso Fígaro. Então, telefonara para Camilla Rocca para lhe antecipar que Astor Goyash se encontraria no Hotel Exedra poucos dias depois.

É ele o penitencieiro.

Durante todo aquele tempo eles o tiveram diante de seus olhos sem saber quem realmente era. Como o cirurgião Alberto Canestrari, Jeremiah simulara uma morte natural com a succinilcolina. Nenhum exame toxicológico a identificaria. Era suficiente um miligrama para bloquear os músculos da respiração. Poucos minutos e morria-se sufocado, exatamente como acontecera

com Canestrari. O medicamento provocava a paralisia imediata do corpo, não deixando espaço para qualquer mudança de ideia.

Canestrari não previra ser socorrido por uma ambulância. Mas ele sim.

O que vê a polícia? Um serial killer que não constitui mais um perigo. O que veem os médicos? Um paciente em coma. O que via Marcus?

Anomalias.

Mais cedo ou mais tarde o efeito da succinilcolina cessaria. De uma hora para a outra Jeremiah Smith ia acordar.

23h59

Para a frente. Pausa. Voltava. Depois de novo. Para a frente, pausa, voltava.

Na sala de espera azul da terapia intensiva havia apenas aquele som obsessivo e contínuo. Marcus olhou em volta. Deserto. Prosseguiu com cautela até a fonte do barulho.

A porta de correr de segurança que dava para o setor avançava, depois parava de repente e voltava. Repetindo o mesmo movimento diligentemente, sem conseguir completá-lo. Alguma coisa travava o mecanismo de fechamento. Marcus aproximou-se para verificar. Era um pé.

O agente de polícia que fazia a vigilância estava caído no chão, de bruços. Observou aquele corpo — as mãos, o uniforme azul-escuro, os sapatos com a sola de borracha — e percebeu que faltava algo nele. A cabeça, ele não tinha mais a cabeça. O crânio explodira pelo efeito de um tiro dado de perto.

É só o primeiro, disse a si mesmo.

Inclinou-se sobre ele e viu que o coldre em seu cinto estava vazio. Deu-lhe uma rápida bênção e levantou-se. Andava no linóleo controlando os passos e olhando, à direita e à esquerda, as salas de reanimação que davam para o corredor. Os pacientes dormiam de costas, um sono imperturbável e desinteressado. As máquinas respiravam por eles. Tudo parecia inalterado.

Marcus circulava naquele sossego irreal. O inferno deve ser assim, pensou. Um lugar em suspensão, onde a vida não é mais vida, mas também não é morte. Só a esperança o mantinha em suspenso. Parecia o truque de um ilusionista. A essência da ilusão era a pergunta que nos colocávamos olhando aqueles indivíduos. Onde estão? Porque estavam ali, e ainda assim não estavam.

Ao chegar ao lado da cabine dos funcionários, viu três deles que não

tiveram a mesma sorte dos pacientes que cuidavam. Ou tiveram, dependia do ponto de vista.

A primeira enfermeira estava debruçada sobre o painel de controle. Os monitores estavam sujos de seu sangue e a mulher apresentava uma profunda ferida na garganta. A segunda estava caída ao lado da porta. Tentara fugir, sem sucesso: um tiro atingira seu peito, derrubando-a para trás. No fundo da pequena sala, um homem de jaleco branco estava prostrado na cadeira, os braços pendurados, a cabeça virada e os olhos fitando um ponto impreciso no teto.

A sala que hospedava Jeremiah Smith era a última, ao fundo. Dirigiu-se para lá, certo de encontrar um leito vazio.

— Pode vir. — A voz que o chamara era rouca e profunda, como a de quem esteve entubado por três dias. — Você é um penitencieiro, não é? — Por alguns segundos, Marcus foi incapaz de se mexer. Então, avançou lentamente até a porta aberta que o esperava. Ao passar diante do vidro divisório, viu que as cortinas tinham sido abaixadas. Mesmo assim, distinguiu uma sombra no centro da sala. Então, ficou à espreita ao lado da porta, protegido pela parede.

— Entre. Não tenha medo.

— Você está armado — respondeu Marcus, retrucando. — Sei disso, eu verifiquei o policial.

Silêncio. Depois, viu algo deslizar até seus pés através da porta. Era um revólver.

— Pode conferir: está carregado.

Desnorteado, Marcus não sabia como se comportar. Por que lhe entregara aquilo? Não parecia uma rendição. Este é o jogo dele, lembrou. E eu não tenho escolha, tenho que jogar.

— Isso significa que você está desarmado?

O tiro de arma de fogo foi ensurdecedor. A resposta, eloquente. Ele também estava armado.

— Quem me diz que você não vai atirar em mim assim que eu puser os pés na soleira?

— É o único jeito, se quiser salvá-la.

— Me diga onde está Lara.

Uma risada.

— Na verdade eu não estava falando dela.

Marcus gelou. Quem estaria com ele? Decidiu projetar a cabeça um instante para verificar. Mas depois ficou ali.

Jeremiah Smith estava sentado na cama. Vestia uma camisa de hospital

curta demais. Os cabelos ralos despenteados e retos na cabeça. Estava com o aspecto bufão de alguém que tinha acabado de acordar. Com uma das mãos coçava uma coxa, enquanto com a outra segurava o revólver apontado para a nuca da mulher que estava ajoelhada a sua frente.

A policial estava com ele.

Esclarecida a proveniência da segunda arma, Marcus foi em frente.

* * *

Sandra tinha nos pulsos as algemas que Jeremiah pegara do colega de vigilância depois de ter atirado nele. Pegara no sono como uma idiota. Três detonações em rápida sequência a acordaram. Abrira os olhos, reconhecendo os tiros. Imediatamente, procurara o revólver no coldre, mas não estava lá.

Só então percebera o leito vazio.

Um quarto tiro e a cena inteira aparecera diante de seus olhos, como se a estivesse fotografando com sua reflex. Jeremiah levanta-se, rouba seu revólver. Passa na frente da cabine e fulmina enfermeiras e médico do plantão da noite. O policial na entrada escuta os disparos. No tempo que leva para acionar a fechadura de segurança, Jeremiah já está diante da porta. Assim que se abre, atira nele à queima-roupa.

Ela começara a correr para alcançá-lo, achando que conseguiria detê-lo, apesar de estar desarmada. Embora não fizesse sentido, sentia-se responsável, de algum jeito, por ter cedido ao cansaço e não ter ficado de guarda. Mas talvez houvesse outra coisa também.

Por que me deixou viva?

Então ela saiu para o corredor e não o viu. Precipitou-se para a saída, mas, ao passar diante da sala de medicamentos, avistou-o. Estava lá e a observava com um sorriso desagradável. Ficou transtornada. Então, ele apontou a pistola para ela e jogou-lhe as algemas.

— Coloque-as, porque daqui a pouco vamos nos divertir.

Fez como ele disse e a espera começou.

Agora, do chão da sala, Sandra fitava o padre com a cicatriz na têmpora para lhe comunicar que estava bem e não devia se preocupar. Ele concordou para que ela entendesse que tinha captado a mensagem.

Outra risada de Jeremiah Smith.

— E aí? Feliz em me ver? Há muito eu desejava conhecer outro penitencieiro. Por muito tempo achei que eu era o único. Tenho certeza de que o mesmo aconteceu com você. Qual é o seu nome?

Marcus, porém, não estava com vontade de fazer concessões.

— Vamos — insistiu Jeremiah. — Você sabe o meu nome. É justo que eu conheça o de quem foi tão hábil em me achar.

— Marcus — disse, e se arrependeu. — Deixe a mulher ir embora.

Jeremiah ficou sério.

— Sinto muito, Marcus, meu amigo. Ela faz parte do plano.

— Que plano?

— Na verdade, foi uma agradável surpresa receber a visita dela. Tinha previsto pegar uma das enfermeiras como refém, mas já que ela estava aqui… Como é que nós as chamamos mesmo? — Levou o indicador ao lábio e olhou para cima, fingindo não se lembrar. — Ah, sim: anomalias.

Marcus não o atendeu, permanecendo em silêncio.

— A presença dessa jovem é a confirmação de que a tese está certa.

— Que tese?

— "O mal gerado gera mais mal." Ninguém lhe falou disso? — Fez uma careta de desaprovação. — Então, eu não esperava mais encontrá-la. Há um tempo, porém, eu conheci o marido dela.

Sandra levantou os olhos até ele.

Jeremiah continuou:

— David Leoni era um bom repórter, nem tenho o que dizer. Tinha descoberto a história dos penitencieiros. Segui-o a distância, aprendendo muito com ele. Foi… instrutivo ter ficado sabendo de todos aqueles detalhes de sua vida privada. — Então, olhando a policial, acrescentou. — Enquanto seu marido estava em Roma, fui a Milão para conhecê-la: entrei na casa de vocês, vasculhei as coisas de vocês, e você não percebeu nada.

Sandra lembrou a musiquinha registrada no gravador de David com a voz de seu

assassino. “Cheek to Cheek”. Perguntara-se como aquele monstro conseguira saber uma informação tão íntima.

Intuindo os pensamentos dela, Jeremiah confirmou-lhe:

— Sim, querida. Fui eu que combinei com seu marido naquele canteiro de obras abandonado. Aquele bobo tinha tomado precauções, mas, no íntimo, confiava em mim porque acreditava que os padres, no fundo, são todos bons. Acho que mudou de ideia um pouco antes de se espatifar no chão.

Sandra tinha suspeitado de Shalber: a verdade arrebatou-a. Ao ouvir a morte de David ser liquidada com imprópria ironia, sentiu-se ferver. Pouco antes, tinha confiado seu segredo mais íntimo ao assassino de seu marido. Ele não estava em coma e escutara a história do aborto e de seus escrúpulos de consciência. E, agora, tinha ainda outra parte dela e de David, depois de ter tirado deles todo o resto.

— Ele tinha descoberto o arquivo da Penitenciaria. Você entende, Marcus, não podia deixá-lo vivo — justificou-se Jeremiah.

Agora Sandra sabia qual era a motivação, e, se o homem que estava com um revólver apontado para sua nuca era um penitencieiro, então Shalber tinha razão: tinha sido um deles que matara David, e ela não acreditara nele. Com o tempo, o mal os corrompera.

— De qualquer maneira, a mulher dele veio a Roma para vingá-lo. Mas nunca admitiria isso. Não é, Sandra?

Ela olhou-o com todo o seu ódio.

— Eu podia deixar você acreditar que aquilo foi um acidente — disse-lhe Jeremiah. — Mas lhe dei a possibilidade de saber a verdade e de me encontrar.

— Onde está Lara? — interrompeu-o Marcus. — Está bem? Ainda está viva?

— Quando planejei tudo, achei que, depois que você chegasse ao meu esconderijo na mansão, viria aqui me perguntar exatamente isso. — Fez uma pausa e fitou-o com um sorriso. — Porque eu sei onde a garota está.

— Então me diga.

— Tudo em seu tempo, meu amigo. Se, ao contrário, você não tivesse descoberto meu plano até hoje à noite, eu teria me sentido autorizado a me levantar desta cama e desaparecer para sempre.

— Entendi o seu plano, estive à altura. Então por que não deixa essa mulher ir e me entrega Lara?

— Porque não é tão simples: você terá que fazer uma escolha.

— Como assim?

— Eu tenho um revólver, você tem um revólver. Terá que decidir quem morrerá esta noite. — Com o cano, acariciou a cabeça da mulher. — Eu vou atirar na policial. Se me deixar fazer isso, lhe direi sobre Lara. Porém, se me matar, você salvará a vida da policial, mas nunca saberá o que aconteceu com a estudante.

— Por que quer que eu o mate?

— Ainda não entendeu, Marcus?

Enquanto lhe fazia a pergunta, o tom e o olhar lhe transmitiram um sofrimento inesperado. Era como se Jeremiah estivesse lhe dizendo que deveria saber bem.

— Me diga você — rebateu Marcus.

— Padre Devok, aquele velho maluco, pegara para si mesmo a lição dos penitencieiros: achava que o único jeito de parar o mal fosse o próprio mal. Mas, se pensar bem, que presunção. Para conhecê-lo tínhamos que penetrar seu território obscuro, explorá-lo por dentro, nos confundirmos com ele. Mas alguns de nós perderam o caminho para voltar atrás.

— E isso aconteceu com você.

— E com outros antes de mim — acrescentou Jeremiah. — Ainda lembro quando Devok me recrutou. Meus pais eram muito religiosos, a minha vocação veio deles. Eu tinha 18 anos, frequentava o seminário. Padre Devok me levou com ele, me ensinou a ver o mundo com os olhos do mal. Depois, apagou o meu passado, a minha identidade, me relegando a esse oceano de sombras para sempre. — Uma lágrima deslizou pelo seu rosto.

— Por que começou a matar?

— Sempre achei que fazia parte do grupo dos bons. E que isso fizesse de mim uma pessoa melhor que as outras. — Disse isso em tom sarcástico. — Mas, em certo ponto, eu precisava ter certeza de que não era só uma ideia minha. O único jeito era me colocar à prova. Raptei a primeira menina, levei-a ao esconderijo. Você viu: não há instrumentos de tortura, porque não sentia prazer no que fazia. Não sou um sádico. — A autodefesa parecia melancólica. — Mantive-a viva, procurando um bom motivo para deixá-la ir embora. Mas, todos os dias, protelava. Ela chorava, se desesperava, suplicando para que eu a libertasse. Me dei um mês para decidir. No fim, percebi que não sentia nenhuma compaixão. Então a matei.

* * *

Era Teresa. Sandra lembrou o nome da irmã de Monica, a médica que tinha salvado a vida dele.

— Mas eu ainda não estava satisfeito. Continuava a desempenhar o meu dever na Penitenciaria, identificando crimes e criminosos, sem que Devok suspeitasse de nada. Eu era duas coisas juntas, estava no justo e no pecado. Depois de um tempo, repeti a prova com uma segunda menina. E, então, com uma terceira e uma quarta. Pegava um objeto delas, uma espécie de suvenir, esperando que, com o tempo, isso me ajudasse a fomentar a culpa pelo que tinha feito. Mas eu obtinha sempre o mesmo resultado: nenhuma piedade. Estava tão acostumado com o mal que não conseguia mais distinguir entre o que encontrava nas investigações e o que eu mesmo fazia. E você quer saber a conclusão absurda dessa história? Quanto mais eu fazia o mal, mais me tornava bom em descobri-lo. Desde aquele momento salvei dezenas de vidas, evitei numerosos crimes. — Riu amargamente.

— Por isso, se eu o matar agora, salvo a vida desta mulher e perco Lara. — Marcus começava a entender. — Se não fizer isso, você me dirá onde está a estudante, mas, depois, vai atirar na policial. De qualquer maneira, estou sem saída. Sou eu a sua verdadeira vítima. Na verdade, as duas opções se equivalem: você quer demonstrar que só fazendo o mal se pode fazer o bem.

— O bem tem sempre um preço, Marcus. O mal é grátis.

Sandra estava transtornada. Mas ela não queria ser uma simples espectadora naquela situação absurda.

— Deixe esse babaca me matar — disse. — E faça ele lhe dizer onde está Lara. Ela está grávida.

Jeremiah deu uma coronhada nela.

— Não toque nela — ameaçou Marcus.

— Muito bem, assim que eu gosto. Quero vê-lo reativo. A raiva é o primeiro passo.

Marcus não sabia que Lara estava grávida. A revelação mexeu com ele.

Jeremiah percebeu.

— Dói mais ver alguém ser morto diante dos seus olhos ou saber que outra pessoa já está morrendo longe daqui? A policial ou Lara e o filho que leva na barriga? Decida.

Marcus precisava ganhar tempo. Não sabia se devia confiar na chegada da polícia. Como as coisas aconteceriam nesse caso? Porque Jeremiah não tinha nada a perder.

— Se eu deixá-lo atirar na policial, quem me garante que depois me dirá onde está Lara? Na verdade, você ainda poderia matar as duas. Talvez esteja contando que desse jeito vai suscitar minha cólera, me obrigando a me vingar. Você venceria.

Jeremiah piscou o olho.

— Realmente fiz um bom trabalho com você, não tenho o que dizer.

Marcus não entendia.

— O que isso significa?

— Pense, Marcus: como chegou até mim?

— A succinilcolina que Alberto Canestrari injetou em si mesmo: você se inspirou no último caso.

— Só por isso? Tem certeza?

Marcus foi forçado a refletir.

— Vamos, não me decepcione. Pense no que está escrito no meu tórax.

Me mate. O que estava tentando lhe dizer?

— Vou ajudá-lo um pouco: há algum tempo, decidi revelar os segredos do nosso arquivo a parentes ou conhecidos das vítimas dos casos que tinham ficado oficialmente não resolvidos. Eu, todavia, os tinha solucionado. Mas fiz com que sumisse da Penitenciaria o resultado das investigações, praticamente entregando-o a eles. Entretanto, achei que, já que eu também era um culpado, devia conceder a mesma chance a quem eu tinha feito sofrer. Daí a encenação com a ambulância e a simulação do enfarte. Se em vez de me socorrer a jovem médica tivesse me deixado morrer, eu teria pagado a minha dívida. Mas a irmã de Teresa escolheu me deixar viver.

* * *

Não foi uma grande escolha, pensou Sandra. O mal que Monica evitou tinha encontrado outro jeito de se manifestar. Por isso estavam ali, porque aquela

menina tinha sido boa. Era absurdo.

— Ainda assim, era tão evidente que eu tinha organizado tudo. Eu até escrevi em mim para evitar que houvesse equívocos… Mas ninguém soube ler o que estava escrito. Isso faz você lembrar o quê?

Marcus concentrou-se.

— O homicídio de Valeria Altieri. A palavra escrita com o sangue atrás da cama. EVIL.

— Muito bem — deleitou-se Jeremiah. — Todos liam EVIL, o mal, mas era LIVE. Procuravam uma seita, por causa do símbolo triangular desenhado com o sangue das vítimas no carpete, e ninguém pensou em uma câmera de vídeo. As respostas estão sempre diante dos olhos: *Me mate*. E ninguém nunca as vê. Ninguém as quer ver.

Marcus intuía o esquema na base daquele plano incrível:

— O caso de Federico Noni. Todos viam um garoto em uma cadeira de rodas, ninguém podia imaginar que fosse o assassino de sua irmã e, principalmente, que pudesse andar. Assim foi para você: um homem em coma, aparentemente inócuo. Só um policial para vigiá-lo. Depois de ter excluído o enfarte, nenhum médico conseguia entender o que você tinha. Porém, estava sob o efeito da succinilcolina, que logo cessaria.

— É a piedade que ferra a gente, Marcus. Se Pietro Zini não tivesse tido piedade de Federico Noni, o teria capturado logo. Se essa policial não tivesse tido piedade de mim, não teria me contado sobre quando se livrou do filho, abortando. E agora se preocupa porque Lara está grávida. — Riu, com desprezo.

— Miserável. Eu não senti nenhuma piedade de você.

Naquela posição, Sandra estava com dor nas costas. Mas continuava a pensar em como escapar. Podia aproveitar um momento em que Jeremiah estivesse distraído e tentar se jogar em cima dele. Então, Marcus — era assim que o penitencieiro se chamava, agora sabia — poderia desarmá-lo. Depois, começaria a chutar aquele monstro até ele revelar onde estava Lara.

* * *

— Não aprendi nada com você — respondeu-lhe Marcus.

— Inconscientemente, pegou aquelas lições para você e chegou até aqui. Agora, cabe a você decidir se vai além. — Fitou-o, sério. — Me mate.

— Não sou um assassino.

— Tem certeza? Para reconhecer o mal é preciso tê-lo dentro de si. Você é como eu. Por isso, olhe para dentro de você e vai entender. — Jeremiah posicionou melhor o cano na cabeça de Sandra, levando o outro braço para trás das costas e assumindo uma posição marcial. Como um carrasco pronto para a execução. — Agora vou contar até três. Você não tem muito tempo.

Marcus levantou o revólver sobre Jeremiah: era um alvo perfeito, daquela distância podia acertá-lo facilmente. Mas, antes, olhou a mulher mais uma vez: percebeu que ela estava prestes a fazer algo para se libertar. Só precisava esperar que fizesse um movimento, então feriria Jeremiah sem matá-lo.

— Um.

Sandra não lhe deu tempo para contar: levantou-se de um pulo, conseguindo atingir com um golpe de ombro o revólver na mão de Jeremiah. Mas, assim que deu o primeiro passo na direção de Marcus, sentiu um espasmo nas costas. Achava que tinha sido atingida, mas mesmo assim conseguiu alcançá-lo e proteger-se atrás dele. Naquele momento, percebeu que não tinha ouvido o tiro. Imediatamente levou uma das mãos nas costas e sentiu, com o tato, um objeto cravado entre as vértebras. Reconheceu-o.

— Meu Deus.

Era uma seringa.

Jeremiah ria com gosto, balançando-se na beira da cama.

— Succinilcolina — exclamou.

Marcus fitava a mão que o homem tirara de trás das costas. Previra até a revolta da policial.

— É incrível o que se pode encontrar em um hospital, não é? — disse o outro.

Tinha preparado após ter atirado no agente de vigilância. Isso explica por que ela

o encontrara diante da sala de medicamentos. Sandra compreendeu isso tarde demais. Primeiro, sentiu um entorpecimento nos membros, que se propagou em direção à garganta. Não conseguia mexer a cabeça, e as pernas cederam. Estava no chão. Seu corpo mexia-se a sobressaltos, sem que conseguisse controlá-lo. Então, sentiu que lhe faltava fôlego. Era como se na sala não houvesse mais ar. Como em um verdadeiro aquário, pensou, lembrando-se da comparação que tinha feito ao entrar naquele lugar. Mas ao redor não havia água. Era ela que não conseguia absorver o oxigênio.

Marcus jogou-se sobre a mulher: debatia-se e estava ficando cianótica. Não sabia como ajudá-la.

Jeremiah mostrou-lhe o tubo de borracha ao lado da cama.

— Para salvá-la você deveria colocar isso na garganta dela. Ou dar o alarme, mas antes você precisa me matar, caso contrário não vou permitir.

Marcus olhou o revólver que tinha colocado no chão.

— Só lhe restam quatro minutos, talvez cinco. Passados os três primeiros, os danos cerebrais serão irreversíveis. Lembre-se, Marcus: na fronteira entre o bem e o mal existe um espelho. Se você olhar lá dentro, descobrirá a verdade. Porque você também…

O tiro interrompeu a frase. Jeremiah caiu para trás com os braços abertos e a cabeça virada para o outro lado da cama.

Marcus não se importou com ele e nem com o revólver que ainda cerrava no punho depois de ter apertado o gatilho, concentrando-se na mulher.

— Por favor, resista. — Então, foi até a porta e abaixou a alavanca do alarme de incêndio. Era o jeito mais rápido de pedir ajuda.

* * *

Sandra não conseguia entender o que estava acontecendo. Sentia que estava prestes a perder os sentidos. Tinha fogo nos pulmões e não podia se mexer, não podia gritar. Tudo acontecia dentro dela.

Marcus ajoelhou-se e pegou sua mão. Assistia, impotente, à batalha silenciosa da

policial.

— Saia daí.

A voz decisiva vinha de trás dele. Fez como lhe foi mandado e viu uma moça pequena de jaleco branco agarrando Sandra pelos braços, arrastando-a para o leito vazio mais próximo. Ajudou-a levantando os pés. Deitaram-na.

A moça pegou um laringoscópio de um carrinho para emergências. Introduziu-o na garganta da mulher e, com calma, fez passar um tubo que, depois, ligou na máquina para a respiração. Com o estetoscópio auscultou seu tórax.

— O batimento está se regularizando — disse. — Talvez tenha dado tempo.

Depois se virou para o corpo exânime de Jeremiah Smith. Olhou o furo de bala gravado na têmpora dele. Então, a cicatriz na de Marcus, espantada com aquela singular analogia.

Só então ele a reconheceu. Era Monica, a irmã de Teresa. Desta vez tinha salvado a vida da policial.

— Vá embora daqui — disse-lhe a jovem médica.

Mas ele não compreendeu imediatamente.

— Vá embora — repetiu ela. — Ninguém entenderia por que atirou nele — Marcus hesitava. — Eu sei bem — acrescentou ela.

Ele virou-se para a policial, que, nesse meio-tempo, retomava sua cor. Notou um clarão em seus olhos arregalados. Estava concordando. Fez uma carícia nela e afastou-se em direção a uma saída de serviço.

UM ANO ANTES

PRIPYAT

O pôr do sol cicatrizava o horizonte sobre Chernobyl.

A central nuclear, placidamente estendida ao lado do rio, era um vulcão adormecido. Na verdade, o que aparecia apagado e inofensivo estava mais vivo e letal do que nunca, e continuaria a difundir mortes e deformidades por milênios.

Da estrada, o caçador via os reatores, entre os quais o número quatro, responsável pelo maior desastre nuclear da história, agora embrulhado em seu frágil sarcófago de chumbo e concreto.

O asfalto estava cheio de buracos e as suspensões do velho Volvo gemiam a cada trepidação. Prosseguiu costeando uma vasta área que abrigava bosques exuberantes. Após o acidente, devido ao vento radioativo, as árvores tinham mudado de cor. As pessoas do lugar, ainda sem saber o que realmente estava acontecendo, tinham cunhado a expressão "floresta vermelha".

O apocalipse silencioso teve início em 24 de abril de 1986, à uma e vinte e três da manhã.

No começo, as autoridades minimizaram o acontecido, tentando, ingenuamente, encobrir tudo. Sua preocupação dizia mais respeito à difusão de notícias que à saúde pública. A evacuação da área só começou 36 horas depois do acidente.

A cidade de Pripyat surgia a pouca distância dos reatores. O caçador viu surgir seu perfil espectral depois do para-brisa. Nenhuma luz, nenhum sinal de vida no meio dos altos prédios de cimento construídos junto à central. No ano do abandono, tinha 47 mil habitantes. Era uma cidade moderna com cafés, restaurantes, cinemas, teatros, centros esportivos e dois eficientes hospitais. As condições de vida eram melhores do que em outros lugares do país.

Agora era um tétrico cartão-postal em preto e branco.

Uma pequena raposa atravessou a estrada, o caçador teve que controlar a freada para não atropelá-la. A natureza soubera aproveitar a ausência do homem, muitas espécies animais e vegetais tinham se reapropriado do habitat que, paradoxalmente, virara uma espécie de paraíso terrestre. Mas ninguém saberia dizer o que aconteceria no futuro, por causa dos efeitos perduráveis das radiações.

No banco do carona, o caçador tinha um contador Geiger que continuava transmitindo um som elétrico e ritmado, como uma mensagem em código proveniente de outra dimensão. Não tinha muito tempo. Precisara corromper um funcionário ucraniano para conseguir um salvo-conduto para a zona de exclusão. A área proibida tinha um raio de trinta quilômetros e seu fulcro era justamente a

instalação em desuso. Devia aproveitar o crepúsculo para ir até o fim com a investigação. E logo escureceria.

Começou a se deparar com meios de transporte militares abandonados à beira da estrada. Havia centenas deles. Um verdadeiro cemitério de caminhões, helicópteros, tanques de guerra e veículos de todos os tipos. Tinham sido usados pelo exército que intervira para remediar a emergência, mas no fim das operações estavam tão contaminados que decidiram deixá-los ali.

Uma placa enferrujada com letras em cirílico deu-lhe as boas-vindas no centro povoado.

Na fronteira havia um parque de diversões onde as crianças continuaram a se divertir no dia seguinte ao acidente. Fora o primeiro lugar a ser investido pela nuvem radioativa. Havia a grande roda-gigante, a essa altura um esqueleto enferrujado pelas chuvas ácidas.

Alguns blocos de cimento haviam sido colocados no meio da pista para impedir o acesso a Pripyat. No arame farpado, pendiam avisos de perigo. O caçador parou o carro com a intenção de continuar a pé. Pegou uma bolsa do porta-malas e colocou-a nos ombros. Empunhando o contador Geiger, aventurou-se na cidade fantasma.

* * *

Sua entrada foi saudada pelo piar dos pássaros, cujo eco se perdia junto com o de seus passos entre as grandes alamedas rodeadas pelos prédios. A luz gélida do dia estava se esvaindo rapidamente e fazia cada vez mais frio. Às vezes parecia-lhe ouvir vozes que se sucediam pelas estradas vazias. Miragens sonoras ou, talvez, sons antigos, que haviam ficado aprisionados para sempre em um lugar onde o tempo não fazia mais sentido.

Alguns lobos circulavam por entre as ruínas. Podia ouvi-los ou perceber a presença deles sob a forma de manchas cinza. Por ora, ficavam longe, mas o observavam.

Conferiu o mapa que havia trazido e depois olhou ao redor. Cada construção era identificada por um número escrito em letras garrafais com tinta branca na fachada. O que interessava a ele era o prédio 109.

No 11º andar, antigamente moravam Dima Karoliszyn e seus pais.

Os caçadores sabem. Deve-se começar a investigação não pelo último homicídio da série, mas pelo primeiro. Porque o assassino ainda não aprendeu

com a experiência e é mais fácil que tenha cometido erros. A primeira vítima representa uma espécie de "amostra zero", de onde se iniciou a irrefreável cadeia de destruição e através da qual se pode compreender muitas coisas sobre o serial killer.

Até onde o caçador sabia, Dima tinha sido o primeiro sujeito em que o camaleão encarnara, quando tinha apenas 8 anos, antes que o levassem ao orfanato em Kiev.

Teve que enfrentar os lances de escada porque não havia energia para que os elevadores funcionassem. Mas, paradoxalmente, aqueles lugares estavam impregnados dela por causa das radiações. O contador Geiger registrava novos picos. O caçador sabia que em locais fechados era muito mais perigoso que ao ar livre. A radioatividade concentrava-se principalmente nas coisas.

À medida que subia, podia ver o que restava dos apartamentos desabitados. O que tinha sido poupado pelos chacais reproduzia exatamente as cenas domésticas interrompidas no momento da evacuação. Um almoço deixado pela metade. Uma partida de xadrez nunca terminada. Roupas penduradas para secar em um aquecedor. Uma cama desfeita. A cidade era uma enorme memória coletiva onde cada um, escapando de repente, deixara as próprias lembranças em custódia. Os álbuns de fotografias, os objetos mais íntimos e preciosos, as relíquias de família: tudo à espera de uma volta que nunca aconteceria. Tudo tinha ficado em suspenso. Como o cenário vazio no fim da encenação, quando os atores vão embora, revelando a ficção. Como uma provocação do tempo. Triste alegoria da vida e da morte, juntas. Do que existia e não existiria mais.

De acordo com os especialistas, os seres humanos não colocariam os pés em Pripyat novamente pelos próximos cem mil anos.

Assim que entrou no apartamento dos Karoliszyn, o caçador notou que estava quase intacto. O estreito corredor conduzia a três quartos, uma cozinha e um banheiro. O papel de parede estava solto em mais de um ponto, a umidade levara a melhor. A poeira recobria tudo, como um sudário transparente. O caçador começou a circular pelos cômodos.

O quarto de Konstantin e Anja estava em perfeita ordem. No armário ainda estavam todas as roupas.

No quartinho de Dima, ao lado da caminha estava montada uma pequena cama dobrável.

Na cozinha a mesa estava posta para quatro.

Na sala de estar havia garrafas vazias de vodca. O caçador sabia por quê. Quando se soube do acidente na cidade, as autoridades sanitárias difundiram a

falsa notícia de que o álcool diminuía a potência das radiações. Na verdade, era um jeito dissimulado de enfraquecer a vontade da população e impedir contestações. Na mesinha, novamente, o caçador contou quatro copos. O repetir-se daquele número só podia significar uma coisa.

Os Karoliszyn tinham um hóspede.

O caçador aproximou-se de um móvel sobre o qual estava um bonito porta-retratos em destaque: dentro dele, uma foto de família. Uma mulher, um homem e um menino.

Mas os rostos tinham sido eliminados.

Voltando, reparou que havia quatro pares de sapatos ao lado da porta de entrada. De homem, de mulher. Dois de criança.

Juntou aqueles detalhes e deduziu que o camaleão chegara àquela casa nas horas imediatamente seguintes ao acidente na central. Os Karoliszyn, sem saber quem era, receberam-no. Naqueles momentos de medo e nervosismo, não tiveram coragem de entregar um menino sozinho e amedrontado às autoridades.

Não imaginavam que gênero de monstro acolhiam em casa. Assim, lhe ofereceram uma refeição quente e o colocaram para dormir com Dima. Depois, deve ter acontecido algo. Talvez durante a noite. A família Karoliszyn sumira no nada e o camaleão pegara o lugar de Dima.

Onde os corpos tinham ido parar? Mas, principalmente, quem era aquele menino? E de onde tinha surgido?

A escuridão já havia começado o seu assédio às portas da cidade. O caçador tirou da bolsa a lanterna elétrica, com a intenção de deixar o prédio. Voltaria no dia seguinte, na mesma hora. Não passaria a noite naquele lugar.

Enquanto se preparava para descer as escadas, outra dúvida o surpreendeu de repente.

Por que justamente os Karoliszyn?

Não pensara nisso antes. O camaleão tinha escolhido aquela família por um motivo. Não tinha sido casual.

Porque *ele* não vinha de longe. Não chegara sabe-se lá de onde; pelo contrário, devia estar muito perto.

O caçador virou o feixe da lanterna em direção à porta do apartamento ao lado do apartamento dos Karoliszyn. Estava fechada.

Em uma plaquinha de metal estava escrito o nome de Anatolij Petrov.

Verificou a hora. Lá fora já estava escuro e, de qualquer maneira, teria que dirigir com os faróis apagados para não ser identificado pelos guardas ucranianos que vigiavam as fronteiras da zona de exclusão. De todo modo, valia

a pena ficar mais um pouco. O fato de estar perto de uma resposta o empolgava, fazendo com que esquecesse as precauções mais elementares.

Tinha que saber se sua intuição em relação a Anatolij Petrov estava certa.

O cadáver estava chorando.

Dessa vez não acendeu o abajur ao lado da cama. Não pegou a caneta hidrográfica para acrescentar mais um detalhe na parede do sótão da via dei Serpenti. Ficou em silêncio, no escuro, tentando dar um sentido ao que vira no sonho.

Reorganizou as últimas pistas do que tinha acontecido no quarto de hotel em Praga, recolhidas da recordação noturna.

Vidros quebrados. Três tiros. Canhoto.

Ao invertê-las, chegou à solução do mistério.

As últimas palavras de Jeremiah Smith foram: "Na fronteira entre o bem e o mal existe um espelho. Se você olhar lá dentro, descobrirá a verdade."

Encontrara o motivo pelo qual odiava tanto olhar-se no espelho. Um tiro cada um, para ele e para Devok. Mas o sicário não era canhoto. Seu reflexo é que era. O primeiro tiro tinha destruído o espelho.

Não havia nenhum terceiro homem. Estavam sozinhos.

Intuiu isso depois do que tinha acontecido no setor de terapia intensiva do Gemelli, quando atirara sem hesitar. Mas a certeza só chegou com o sonho, revendo o final da cena. Não sabia por que se encontrava em Praga, nem por que seu mestre estava lá. Não conhecia o teor da conversa deles, nem o que disseram.

Marcus só sabia que, poucas horas antes, matara Jeremiah Smith. Mas, antes dele, fizera o mesmo com Devok.

* * *

Ao amanhecer a chuva retomou Roma, limpando novamente a noite das ruas.

Enquanto circulava pelas vielas do bairro Regola, Marcus se abrigou sob arcadas. Olhou para cima, não dava a impressão de que pararia logo. Levantou a gola do impermeável e retomou o caminho.

Ao chegar à via Giulia, entrou em uma igreja. Nunca tinha estado ali. Clemente marcara com ele na cripta. Descendo os degraus de pedra, logo notou a peculiaridade do lugar. Era um cemitério subterrâneo.

Antes que um decreto napoleônico estabelecesse a norma higiênica segundo a qual os mortos tinham que ser enterrados longe dos vivos, cada igreja

tinha o seu cemitério. Mas aquele onde se encontrava era diferente dos outros. A decoração — candelabros, ornamentações e esculturas — era feita de ossos humanos. Um esqueleto encaixado na parede saudava os fiéis que molhavam os dedos em uma pia de água benta. Os ossos estavam divididos de acordo com o tipo e ordenadamente agrupados nos nichos. Havia milhares deles. Mas, mais que macabro, aquele lugar era grotesco.

Clemente estava com as mãos cruzadas atrás das costas, inclinado sobre uma inscrição colocada sob um amontoado de caveiras.

— Por que aqui?

O amigo virou-se e o viu.

— Me parecia o lugar ideal depois de ter ouvido a mensagem que você me deixou na caixa de voz esta noite.

Marcus indicou em volta.

— Onde estamos?

— Por volta do final do século XVI, a Irmandade da Oração e da Morte começou sua obra piedosa. O objetivo era dar uma sepultura digna aos cadáveres sem nome que eram encontrados nas ruas de Roma ou nos campos, ou devolvidos pelo Tibre. Suicídios, vítimas de assassinato ou simplesmente mortos em sofrimento. Existem cerca de oito mil amontoados aqui dentro.

Clemente estava tranquilo demais. Na mensagem, Marcus lhe resumira sumariamente o ocorrido da noite anterior, mas o amigo não parecia nem um pouco perturbado com o epílogo dos acontecimentos.

— Por que tenho a impressão de que você não está ligando nem um pouco para o que eu tenho para lhe dizer?

— Porque já sabemos de tudo.

Aquele tom condescendente o irritava.

— Quem? Você diz "sabemos", mas não quer me revelar a quem se refere. Quem está acima de você? Tenho o direito de saber.

— Você sabe que não posso. Mas estão muito satisfeitos com você.

Para Marcus era frustrante.

— Satisfeitos com o quê? Tive que matar Jeremiah, Lara está desenganada e, esta noite, depois de um ano de ausência total de memória, recuperei minha primeira lembrança… Eu atirei em Devok.

Clemente ganhou tempo.

— Há um detento nos braços da morte em um presídio de segurança máxima que se manchou de um crime horrível e espera a execução há vinte anos. Cinco anos atrás ele foi diagnosticado com um câncer no cérebro. Ao

extirpá-lo, perdeu a memória. Teve que aprender tudo do início. Depois da operação, era estranho para ele se ver em uma cela, condenado por um delito que não lembrava ter cometido. Agora afirma ser uma pessoa diferente do assassino que matou várias vítimas, ou melhor, diz que não seria capaz de tirar uma vida. Pediu para ser perdoado, assegura que, caso contrário, um inocente é que será justiçado. Os psiquiatras acham que é sincero, que não é um truque para evitar a condenação à morte. Mas o problema é outro. Se o responsável pelas ações de um indivíduo é o próprio indivíduo, onde fica sua culpa? É inata ao seu corpo, à sua alma ou à sua identidade?

Tudo ficou claro para Marcus de repente.

— Vocês sabiam o que eu tinha feito em Praga.

Clemente concordou, depois acrescentou:

— Matando Devok você cometeu um pecado mortal. No entanto, se não se lembrava dele, não podia confessá-lo. E se não o confessasse não poderia ser absolvido. Mas, pelos mesmos motivos, era como se não o tivesse cometido. Essa é a razão por que você foi perdoado.

— Por isso você me manteve escondido.

— Qual é a frase que os penitencieiros repetem sempre?

Marcus pensou na litania que havia aprendido.

— Existe um lugar onde o mundo da luz encontra o mundo das trevas. É lá que tudo acontece: na terra das sombras, onde tudo é rarefeito, confuso, incerto. Nós somos os guardiães colocados em defesa dessa fronteira. Mas, às vezes, algo consegue passar… Meu dever é jogá-lo no escuro novamente.

— Sempre perigosamente em suspenso sobre essa linha, alguns penitencieiros cometeram um passo fatal: engolidos pela escuridão, não voltaram mais.

— Está tentando me dizer que o que aconteceu com Jeremiah tinha acontecido comigo também, antes que me esquecesse?

— Com você, não. Com Devok.

Marcus não conseguiu mais falar.

— Foi ele quem levou o revólver para aquele quarto de hotel. Você só o desarmou e tentou se defender. Houve uma luta e saíram os tiros.

— Como conseguem saber como foi? Não estavam lá — protestou.

— Antes de ir a Praga, Devok se confessou. *Culpa gravis 785-34-15*: ter desobedecido a uma determinação do papa e ter cometido traição em relação à Igreja. Naquela circunstância, revelou a existência da ordem clandestina dos penitencieiros. Provavelmente já havia intuído que algo não ia bem: o arquivo

tinha sido violado, quatro garotas tinham sido raptadas e degoladas e a investigação era continuamente despistada. Padre Devok começou a ter suspeitas sobre seus homens.

— Quantos são os penitencieiros?

Clemente suspirou.

— Não sabemos. Mas temos a esperança de que alguém vai se revelar, mais cedo ou mais tarde. Na confissão, Devok não quis citar nomes. Disse somente: "Cometi um erro, tenho que repará-lo."

— Por que veio até a mim?

— Supomos que quisesse matar todos vocês. Começando por você.

Marcus entendeu como as coisas tinham acontecido, estava incrédulo.

— Devok queria me matar?

Clemente encostou uma das mãos em seu ombro:

— Sinto muito. Eu preferia que você nunca soubesse disso.

Marcus olhou os olhos vazios de uma das tantas caveiras guardadas na cripta. Quem tinha sido aquele indivíduo? Qual era seu nome, seu rosto? Fora amado por alguém? Como tinha morrido e por quê? Era um homem bom ou mau?

Alguém poderia dirigir as mesmas perguntas ao seu cadáver se Devok tivesse conseguido matá-lo. Porque, como todos os penitencieiros, ele não tinha identidade.

Eu não existo.

— Antes de morrer, Jeremiah Smith disse: "Quanto mais eu fazia o mal, mais ficava bom em descobri-lo." E eu me pergunto: por que não lembro a voz da minha mãe, mas sei como descobrir o mal? Por que esqueci todo o resto e o não o meu talento? O bem e o mal são inatos em cada um de nós ou dependem do percurso que cada um faz na própria vida? — Marcus levantou o olhar ao amigo. — Eu sou bom ou mau?

— Agora você sabe que cometeu um pecado mortal matando Devok e depois Jeremiah. Por isso, terá que se confessar e se submeter ao julgamento do Tribunal das Almas. Mas tenho certeza de que receberá a absolvição, porque quando lidamos com o mal às vezes nos sujamos.

— E Lara? Jeremiah levou seu segredo com ele. O que vai ser daquela pobre menina?

— Sua tarefa termina aqui, Marcus.

— Está grávida.

— Não podemos salvá-la.

— E seu filho não terá nem mesmo uma chance. Não, não aceito isso.

— Olhe este lugar. — Clemente indicou-lhe o ossário. — O sentido deste local é a piedade. Dar uma sepultura cristã a um indivíduo sem nome, independentemente do que foi ou cometeu durante a existência. Quis encontrá-lo aqui para que você sentisse um pouco de piedade por si mesmo. Lara morrerá, mas não será por culpa sua. Por isso, pare de se atormentar. A absolvição do Tribunal das Almas não servirá para nada se, antes, você não tiver se absolvido sozinho.

— Agora estou livre, então? Não é assim que eu imaginava. Não faz bem como eu achava.

— Ainda tenho uma missão para você — Clemente sorriu. — Talvez isso torne as coisas menos pesadas para você. — Estendeu-lhe um dossiê do arquivo.

Marcus pegou-o, leu na capa: *c.g. 294-21-12.*

— Você não salvou Lara. Mas talvez ainda possa salvar esta aqui.

9h02

No setor de terapia intensiva acontecia uma cena surreal. Os policiais e os peritos da Científica desempenhavam os trabalhos de levantamento habituais para reconstruir a dinâmica da carnificina. Mas tudo era feito na presença dos pacientes em coma, que não puderam ser removidos rapidamente. Não havia risco de que interferissem nas investigações, portanto, tinham sido deixados ali. A consequência inexplicável era que os agentes moviam-se com discrição, falando em voz baixa, como se estivessem com medo de acordar alguém.

Observando os colegas de uma cadeira no corredor, Sandra balançava a cabeça, perguntando-se se só para ela aquilo parecia estúpido. Os médicos tinham insistido em mantê-la em observação, mas assinara para ter alta. Não se sentia tão bem, mas queria voltar para Milão, retomar as rédeas de sua vida. E tentar recomeçar.

Marcus, disse a si mesma, lembrando o nome do penitencieiro com a cicatriz na têmpora. Queria falar com ele de novo, tentar entender. Enquanto estava sufocando, o aperto da mão dele infundira-lhe a coragem necessária para resistir. Queria que ele soubesse disso.

Jeremiah Smith tinha sido levado em um saco preto para cadáveres. Tinha passado na sua frente e ela descobriu que não sentia nada por aquele homem.

Naquela noite, Sandra experimentou o efeito da morte sobre si. Fora suficiente para libertá-la de todo o ódio, o rancor, o desejo de desforra. Porque naquele momento tinha se sentido muito perto de David.

Monica arrancara-a de um fim certo com sua força de médica corajosa. Depois, encenara para a polícia, colocando-se no lugar de Marcus na cena. Assumira a culpa por ter atirado em Jeremiah. Apagara competentemente as impressões digitais do revólver e imprimira as dela. Não uma vingança, mas legítima defesa. Tudo a fazia pensar que tivessem acreditado nela.

Sandra viu-a vindo a seu encontro no corredor, ao final do enésimo interrogatório. Monica não parecia cansada, pelo contrário, reservou-lhe uma expressão alegre.

— Então, como está?

— Bem — respondeu Sandra, limpando a garganta. Ainda estava rouca por causa do tubo do respirador e sentia dor em todos os músculos do corpo. Mas pelo menos a horrível sensação da paralisia havia passado. Um anestesista ajudou-a a sair do efeito da succinilcolina progressivamente. Tinha sido como ressuscitar. — Também crescemos com as pancadas da vida, dizia seu pai, se não me engano.

Riram. Só por acaso, na madrugada anterior, Monica voltara ao setor de terapia intensiva depois da habitual visita da noite. Sandra não tinha lhe perguntado por que, mas ela lhe dissera que não sabia o motivo que a levou até lá.

— Vai ver que foi por causa da conversa que tivemos pouco antes, não sei.

Sandra não sabia se agradecia a ela por aquela fatalidade, ou ao destino ou a alguma outra pessoa que, lá de cima, de vez quando cuidava de arrumar as coisas. Que fosse Deus ou seu marido, para ela não fazia diferença.

Monica inclinou-se sobre Sandra e abraçou-a. Não precisavam de palavras. Ficaram assim por alguns segundos. Então, a jovem médica se despediu com um beijo na bochecha.

Estava distraída, observando-a enquanto se afastava, e não percebeu o delegado Camusso aproximar-se.

— Garota competente — sentenciou.

Sandra voltou o olhar para ele. Estava todo vestido de azul. Cor única para o paletó, a calça, a camisa e a gravata. Poderia apostar que as meias também faziam conjunto. A única exceção eram os mocassins brancos. Se não fosse pelos sapatos e pela cabeça, Camusso seria confundido com o mobiliário e as paredes do setor de terapia intensiva, sumindo como um camaleão.

— Falei com seu superior, o inspetor De Michelis. Está vindo de Milão para

buscá-la.

— Não! Droga. Por que não o deteve? Estava querendo ir embora hoje à noite.

— Me contou uma história simpática sobre você.

Sandra começou a temer.

— Ao que parece tinha razão, agente Vega. Parabéns.

Estava perplexa.

— Sobre o quê?

— A história da estufa a gás e do monóxido de carbono. O marido que atira na mulher e no filho depois do banho e que depois volta ao banheiro e desmaia, batendo a cabeça e morrendo.

O resumo estava perfeito, o epílogo não estava claro.

— O legista acolheu a minha tese?

— Não só a acolheu: adotou-a.

Sandra não conseguia acreditar. Isso não colocaria as coisas no lugar novamente. Mas a verdade sempre era consoladora. Como para David, notou. Agora que sabia quem o matara, sentia-se livre para deixá-lo ir.

— Todos os setores da policlínica são monitorados por um sistema de câmeras de segurança, sabia disso?

Camusso tinha saído com aquela frase do nada, e Sandra arrepiou-se porque não pensara nisso. A versão dos acontecimentos dada por Monica e depois confirmada por ela estava em perigo. Marcus estava em perigo.

— Vocês tiveram como examinar as gravações?

O delegado deixou escapar uma careta.

— Ao que parece, o equipamento das câmeras de vigilância da terapia intensiva saiu do ar por causa dos temporais dos últimos dias. Por isso, não existe nenhuma gravação do acontecido. Que azar, não acha?

Sandra tentou não se mostrar aliviada.

Mas Camusso ainda tinha algo a acrescentar:

— Sabia que o hospital Gemelli pertence ao Vaticano, não é?

Não era uma afirmação causal, continha uma insinuação que Sandra ignorou.

— Por que está me dizendo isso?

O policial encolheu os ombros, olhando-a de soslaio, mas desistiu de aprofundar o fato.

— Não sei, pura curiosidade.

Antes que ele retomasse o assunto, Sandra levantou-se da cadeira.

— Poderia pedir que alguém me levasse ao hotel?

— Eu levo você — propôs Camusso. — Não tenho mais nada a fazer aqui.

Sandra transformou a decepção em um falsíssimo sorriso.

— Tudo bem, mas queria passar em um lugar antes.

O delegado possuía um Lancia Fulvia velho e o mantinha em perfeitas condições. Ao entrar no carro, Sandra teve a impressão de estar voltando no tempo. O interior cheirava como se tivesse acabado de sair da concessionária. A chuva caía incessantemente, mas a carroceria parecia incrivelmente limpa.

Camusso acompanhou-a ao endereço que lhe indicara. Ao longo do caminho ouviram uma estação de rádio que só tocava sucessos dos anos 1960. Transitaram pela via Veneto e, para Sandra, parecia que tinha voltado à época da *Dolce vita*.

O passeio anacrônico terminou sob o prédio que hospedava o alojamento da Interpol.

Enquanto subia as escadas, Sandra desejava de todo o coração encontrar Shalber. Não tinha certeza se o acharia ali, mas devia tentar. Tinha mil coisas para lhe contar e, principalmente, esperava que ele lhe dissesse algo. Por exemplo, que estava feliz por ela ter sobrevivido, embora tivesse sido bobo em sumir daquele jeito: se na noite anterior a tivesse seguido até o Gemelli, talvez as coisas tivessem sido diferentes. No fundo, Shalber só tentava protegê-la.

Mas a frase que ela mais queria que ele dissesse era que talvez fosse bom que se vissem novamente no futuro. Tinham feito amor, e ela gostara. Não queria perdê-lo. Apesar de ainda não conseguir admitir, estava se apaixonando por ele.

Ao chegar ao corredor, encontrou a porta aberta. Atravessou a soleira com uma esperança, sem hesitar. Ouviu barulhos provenientes da cozinha e se dirigiu para lá. Porém, assim que entrou, viu-se diante de outro homem. Ele vestia um terno azul-marinho, muito elegante.

Só foi capaz de lhe dizer:

— Oi.

Ele a olhou, espantado com sua presença.

— Não trouxe seu marido?

Sandra não entendeu, mas apressou-se em esclarecer o eventual equívoco.

— Na verdade eu estava procurando Thomas Shalber.

O homem concentrou-se.

— Talvez seja um ex-inquilino.

— Acho que é um colega seu. Não o conhece?

— Até onde eu sei, a única agência que cuida da venda é a nossa. E não há ninguém com esse nome trabalhando para nós.

Sandra começou a entender, embora não estivesse tudo claro para ela.

— O senhor representa uma imobiliária?

— Não viu nossa plaquinha no portão? — disse o homem, com tom afetado. — O apartamento está à venda.

Não sabia se estava mais chateada ou surpresa.

— Há quanto tempo?

O corretor pareceu perdido.

— Há mais de seis meses não mora ninguém aqui.

Ela não sabia o que dizer. Nenhuma explicação que lhe vinha à cabeça a convencia.

O homem aproximou-se dela, afável.

— Eu estava esperando alguns compradores. De qualquer jeito, se enquanto isso quiser visitar o apartamento…

— Não, obrigada — respondeu Sandra. — Eu me enganei, me desculpe. — Virou-se para ir embora, mas ouviu o corretor insistir.

— Se a senhora não gosta dos móveis, não é obrigada a levá-los. Podemos descontá-los do preço.

Desceu as escadas rapidamente, tanto que, ao chegar ao térreo, foi obrigada a se apoiar na parede, tomada por uma tontura. Depois de dois minutos, saiu à rua e entrou no carro de Camusso.

— Por que está tão pálida? Quer que a leve de volta ao hospital?

— Estou bem. — Mas não era verdade. Estava furiosa. Outra enrolação de Shalber. Seria possível que o funcionário tivesse mentido sobre tudo? E a noite que passaram juntos, o que havia sido, então?

— Quem estava procurando naquele prédio? — perguntou-lhe o delegado.

— Um amigo que trabalha para a Interpol. Mas não estava lá e não sei onde está.

— Posso encontrá-lo para você, se quiser. Dou um telefonema para os colegas da sede de Roma, conheço-os bem e não me custaria nada.

Sandra sentiu a necessidade de ir até o fim com aquela história. Não podia voltar para Milão com aquela dúvida: tinha que saber se Shalber sentia pelo menos uma mínima parte do que ela sentia.

— Seria importante para mim se desse esse telefonema.

Bruno Martini estava enfurnado em um compartimento na garagem, que ficava no pátio interno do prédio onde morava. Transformara-o em uma espécie de laboratório. Seu passatempo eram os pequenos consertos. Ajustava eletrodomésticos, mas também fazia trabalhos de marcenaria e mecânica. Quando Marcus o viu, para além da porta de enrolar levantada, estava se dedicando ao motor de uma Vespa.

O pai de Alice não o notou enquanto se aproximava. A chuva caía reta como uma cortina, que se abriu sobre Marcus só quando chegou muito perto.

Martini estava ajoelhado ao lado da moto, levantou o olhar na direção dele e o reconheceu.

— O que você ainda quer de mim? — perguntou, brusco.

A montanha humana tinha músculos para enfrentar as asperezas da vida, mas era impotente diante do desaparecimento da filha. Seu péssimo caráter era a única proteção que lhe restava para não desabar. Por essa razão, Marcus não o censurava.

— Posso falar?

Martini pensou um pouco.

— Venha para dentro. Você está se molhando.

Aproximou-se e o outro ficou de pé, limpando a palma das mãos em um macacão sujo de óleo.

— Falei com Camilla Rocca hoje de manhã — disse o homem. — Estava transtornada porque agora sabe que nunca terá justiça.

— Não estou aqui por isso. Infelizmente não posso fazer mais nada por ela.

— Às vezes seria melhor não saber.

Espantou-se ao ouvir Martini pronunciando aquela frase. Um pai que sempre tinha se empenhado para procurar sua filha, que tinha comprado ilegalmente uma arma e se colocara contra as instituições, improvisando-se como justiceiro. Perguntou-se se fizera bem em vir.

— E você, ainda quer saber a verdade sobre o que aconteceu com Alice?

— Há três anos eu a procuro como se estivesse viva, mas choro por ela como se estivesse morta.

— Isso não é uma resposta — replicou Marcus com a mesma aspereza e teve a impressão de que Martini tinha baixado um pouco a guarda.

— Sabe o que significa não poder morrer? Quer dizer continuar obrigatoriamente vivendo, como um imortal. Mas, quando você pensa sobre isso,

que diabo de condenação é essa? Pois bem, eu não poderei morrer enquanto não descobrir o que aconteceu com Alice. E tenho que ficar aqui, sofrendo.

— Por que você tem tanta raiva de si mesmo?

— Há três anos eu ainda tinha o vício do fumo.

Marcus não entendia o que isso tinha a ver, mas deixou-o terminar.

— Naquele dia, no parque, eu me afastei para fumar um cigarro enquanto Alice desaparecia. A mãe dela também estava lá, mas era eu quem tinha que vigiá-la. Sou seu pai, era meu dever. Mas eu me distraí.

Para Marcus aquela resposta era suficiente. Colocou uma das mãos no bolso e tirou o dossiê que Clemente lhe dera.

C.g. 294-21-12

Abriu-o e pegou uma folha.

— O que estou para lhe revelar inclui uma condição: não deverá me perguntar como eu soube disso e nunca deverá dizer que soube por mim. Combinado?

O homem olhou-o, nervoso.

— Tudo bem. — Havia uma nota nova no fundo de sua voz. Era esperança.

Marcus continuou.

— Adianto que não será agradável o que escutará daqui a pouco. Sente-se pronto mesmo assim?

— Sim — disse, com um fio de voz.

Marcus tentou ser delicado.

— Há três anos Alice foi raptada por um homem que a levou para o exterior.

— Como assim?

— É um psicopata: acha que a esposa morta reencarnou na sua filha. Por isso a pegou.

— Então… — Não conseguia acreditar.

— Sim, ainda está viva.

Os olhos de Martini encheram-se de lágrimas, a montanha humana estava prestes a desmoronar.

Marcus estendeu-lhe a folha que tinha na mão.

— Aqui está tudo o que é necessário para encontrá-la. Mas não deverá fazer isso sozinho, me prometa.

— Prometo.

— No pé da página está anotado o número de telefone de uma especialista em encontrar pessoas desaparecidas, principalmente crianças. Fale com ela.

Parece ser uma ótima policial, seu nome é Mila Vasquez.

Martini pegou a folha e fitou-o, sem saber o que dizer.

— Agora é melhor eu ir.

— Espere.

Marcus parou, mas percebeu que o homem não conseguia falar. Soluços silenciosos sacudiam seu peito. Sabia o que estava lhe passando pela cabeça, aquele pensamento não era somente por Alice. Pela primeira vez, Martini conseguia imaginar a família reunida novamente. A mulher, que tinha ido embora por causa de seu modo de reagir ao desaparecimento, voltaria, e o outro filho também. E recomeçariam a se amar como antes.

— Não quero que Camilla Rocca saiba disso — afirmou Martini. — Ainda não, pelo menos. Seria horrível saber que Alice tem uma esperança, enquanto seu filho Filippo nunca mais vai voltar.

— Não tinha a intenção de contar nada a ela. E, de qualquer maneira, aquela mulher ainda tem sua família.

Martini levantou a cabeça e olhou-o, surpreso.

— Que família? O marido a deixou há dois anos, refez a vida com outra, têm até um filho. Por isso eu e ela nos unimos.

Sem perceber, Marcus lembrou-se do bilhete que tinha visto na casa de Camilla, preso na geladeira com um ímã em forma de caranguejo.

Nos vemos daqui a dez dias. Te amo.

Sabe-se lá há quanto tempo estava ali. Mas havia outra coisa que o perturbava, embora não soubesse o que era.

— Preciso ir — disse a Martini. E, antes que o homem pudesse lhe agradecer, virou-se, fendendo a cortina de chuva novamente.

Levou quase duas horas para chegar a Ostia, por causa do trânsito lento causado pela tempestade. O ônibus deixou-o diante de uma rotatória no litoral e dali continuou a pé.

O carro de Camilla Rocca não estava estacionado na aleia. Mas Marcus ficou um tempo debaixo do temporal observando a casa para se assegurar de que não houvesse ninguém lá. Depois, avançou até a entrada e estava dentro da casa novamente.

Nada mudara em relação à visita do dia anterior. A decoração de estilo náutico, a areia crepitando sob os sapatos. Mas a torneira da pia da cozinha não tinha sido bem fechada e pingava. Aqueles pingos se perdiam no silêncio,

confundindo-se com a chuva que irrompia lá fora.

Avançou na direção do quarto. Sobre os travesseiros estavam dois pijamas. Não se enganara, lembrava bem. Um de mulher, o outro de homem. Os enfeites e outros objetos ainda estavam em ordem. Na primeira vez em que estivera lá, pensara que aquela precisão fosse um refúgio dos medos, do caos gerado pelo desaparecimento de um filho. Tudo parecia no seu devido lugar, tudo perfeito. Anomalias, disse a si mesmo, lembrando-se do que deveria procurar.

A foto sorridente de Filippo observava-o do gaveteiro, e Marcus sentiu-se conduzir. Na mesinha de cabeceira, do lado da cama onde dormia Camilla, estava a babá eletrônica, com a qual a mulher deveria vigiar o sono de seu novo filho. E isso o fez pensar no quarto ao lado.

Atravessou a soleira daquele que, antigamente, era o quartinho de Filippo, agora dividida igualmente em duas partes. A que lhe interessava estava ocupada por um trocador de fraldas, uma montanha de bichos de pelúcia e um berço.

Onde está essa criança que eu achei ter visto? Que truque esconde essa encenação?

Lembrou as palavras de Bruno Martini: "O marido a deixou há dois anos, refez a vida com outra, têm até um filho."

Camilla tinha sido obrigada a suportar outro sofrimento. O homem que escolhera para amar tinha lhe abandonado. Mas a traição não estava no fato de haver outra mulher, mas sim no filho que ela lhe tinha dado. Um substituto de Filippo.

A verdadeira condenação não é a perda de um filho, pensou. Mas que a vida continue apesar disso. E Camilla Rocca não queria deixar de ser mãe.

Assim que entendeu a verdade, Marcus percebeu a anomalia. Dessa vez não era uma presença. Quando muito, algo que não estava lá.

Ao lado do berço faltava a outra babá eletrônica.

Se o receptor encontrava-se no quarto de Camilla, onde estava o transmissor?

Marcus voltou e sentou-se na cama de casal, ao lado da mesinha de cabeceira. Esticou uma das mãos para o botão que ligava o aparelho. Acionou-o.

Um chiado constante e ininterrupto. Aquele som era a voz incompreensível da escuridão. Marcus aproximou o ouvido, tentando escutar alguma coisa. Nada. Aumentou o volume ao máximo. O barulho invadiu o quarto. Ficou à espera, vigilante. Os segundos passavam e ele investigava as profundezas daquele mar de sussurros, em busca de uma mínima variação, uma nota de cor diferente das outras.

Então, ouviu. Havia algo no fundo da poeira cinza emitida pelo alto-falante. Outro som. Ritmado. Não era artificial, *era vivo*. Uma respiração.

Marcus agarrou a babá eletrônica e, segurando o aparelho nas mãos, começou a circular pela casa à procura da origem do sinal. Não podia estar longe, dizia a si mesmo. Esses aparelhos têm um alcance de poucos metros. Então, onde está?

Abriu todas as portas, verificou os quartos. Ao chegar diante da saída dos fundos, através da tela de um mosquiteiro, viu a imagem desfocada de um jardim não cultivado e de um barracão de ferramentas.

Saiu pelos fundos e logo notou que as casas dos vizinhos eram afastadas e a propriedade era circundada por pinheiros altos que serviam de defesa. O lugar era perfeito. Passou por um caminho de cascalho para chegar até a estrutura de chapa de metal. Os passos afundavam na brita molhada, a chuva golpeava-o sem trégua, um vento contrário opunha-se, como se forças obscuras tentassem convencê-lo a desistir. Mas chegou ao destino. A porta estava trancada com um cadeado pesado.

Marcus olhou ao redor e logo achou o que precisava: uma barra de ferro enfiada no terreno que servia de base para um irrigador. Pousou a babá eletrônica e agarrou a barra com as duas mãos, arrancando-a com um grande esforço. Depois, voltou na direção do cadeado e começou a bater nele decidido, mas também com raiva. No fim, levou a melhor: o anel de aço pulou e a porta se abriu alguns centímetros. Marcus não esperou para escancará-la.

A luz bolorenta do dia irrompeu nos poucos metros quadrados, revelando um tapete de lixo e um pequena estufa elétrica. A segunda babá eletrônica estava ao lado de um colchão largado no chão e coberto por um monte de panos… que, porém, se mexeram.

— Lara… — chamou, e esperou longamente uma resposta que não chegava. — Lara? — repetiu, mais alto.

— Sim — disse uma voz incrédula.

Marcus precipitou-se até ela. Estava encolhida debaixo de cobertas imundas. Estava cansada, suja, mas ainda viva.

— Fique tranquila, estou aqui para ajudar você.

— Me ajude, por favor — suplicou, chorando, sem se dar conta de que já estava sendo ajudada.

Continuou a repetir aquela frase mesmo quando Marcus a pegou no colo e saiu com ela debaixo da chuva, enquanto percorriam a breve trilha de cascalho, até atravessarem juntos a soleira da casa, e, então, Marcus parou.

No corredor estava Camilla Rocca, ensopada. Nas mãos, um molho de chaves e as sacolas do supermercado. A assistente social estava imóvel.

— Ele a pegou para mim. Disse que eu poderia ficar com o filho dela…

Marcus entendeu que se referia a Jeremiah Smith.

A mulher fitou-o e fitou Lara.

— Ela não o queria.

O mal gerado gera mais mal, foram as palavras de Jeremiah. Camilla recebera uma injustiça da vida. Mas justamente o que tinha sofrido a fizera se tornar o que era. Aceitara a dádiva de um monstro. Marcus também entendeu por que a mulher conseguira enganá-lo. Tinha criado um mundo paralelo, que para ela era real. Era sincera, não interpretava um papel.

Voltou a andar e passou ao lado dela com Lara nos braços. Ignorando-a, pegou de suas mãos as chaves do carro.

Camilla os observou, depois se encolheu no chão. Falava consigo mesma com um fio de voz, repetindo continuamente uma única frase.

— Ela não o queria…

22h56

O inspetor De Michelis empanturrava de moedas uma máquina automática de café. Sandra estava hipnotizada pelo cuidado com o qual desempenhava a operação. Não imaginava que voltaria tão cedo à policlínica Gemelli.

O telefonema de Camusso chegara uma hora antes, enquanto se preparava para fazer as malas para deixar o hotel e entrar em um trem que a levaria de volta a Milão ao lado de seu superior, que tinha vindo buscá-la. A princípio, achou que o delegado tivesse novidades em relação a Shalber, mas, depois de lhe assegurar que estava cuidando da Interpol, lhe comunicara a última reviravolta no caso de Jeremiah Smith. Àquela altura, ela e De Michelis precipitaram-se ao hospital para ver com os próprios olhos que era tudo verdade.

Lara estava viva.

A descoberta acontecera em circunstâncias pouco claras. A estudante de arquitetura encontrava-se em um carro abandonado no estacionamento de um shopping center na entrada de Roma. A revelação chegara à polícia anonimamente, com um telefonema. As informações ainda eram fragmentadas e não vazaram para além da porta da emergência onde Lara estava internada

para averiguações.

O que Sandra sabia era que o delegado Camusso levara alguns homens para efetuar uma prisão em Ostia porque Lara os colocara naquela pista, e, além disso, os documentos do carro suspeito remetiam exatamente a um endereço da cidadezinha no litoral. Perguntava-se de que jeito Jeremiah Smith esteve envolvido, mas, principalmente, tinha certeza de que, por trás da solução do caso, estava Marcus.

Sim, foi ele, repetia a si mesma. A menina certamente falaria de um salvador misterioso com uma cicatriz na têmpora, e quem sabe se os inquiridores conseguiriam chegar até o penitencieiro. Esperava que não acontecesse.

Assim que a notícia da libertação difundiu-se, a mídia assediou a policlínica. Jornalistas, operadores de câmera e fotógrafos estavam à espreita no parque em frente. Os pais de Lara ainda não tinham chegado porque a viagem do sul exigia tempo, enquanto os amigos começavam a surgir aos poucos, para saber de seu estado. Entre eles, Sandra reconheceu Christian Lorieri, o professor assistente de história da arte e pai do filho que Lara carregava na barriga. Trocaram um olhar fugaz, mas mais eloquente do que mil palavras. Se estava ali, a conversa que tiveram na universidade havia servido para alguma coisa.

Até então, só havia sido divulgado um boletim médico. Relatava de maneira concisa que o quadro clínico da estudante era bom e que, apesar do estresse sofrido, o feto também estava bem.

De Michelis aproximou-se de Sandra, soprando um copo de plástico.

— Você não acha que, a essa altura, deveria me explicar algo?

— Tem razão, mas vou logo avisando que um café só não será suficiente.

— Sem problemas, até porque antes de amanhã de manhã não poderemos viajar: acho que teremos que passar a noite aqui.

Sandra pegou a mão dele.

— Queria falar com o amigo e deixar o policial fora dessa história. Por você tudo bem?

— O que é, você não gosta mais dos tiras? — ironizou. Mas, ao ver que Sandra estava séria, mudou de tom. — Não estive por perto quando David morreu. O mínimo que posso fazer agora é escutá-la.

Durante as duas horas seguintes, Sandra contou tudo ao homem que tinha uma integridade moral que sempre lhe servira de exemplo. De Michelis deixou que falasse, interrompendo-a apenas para pedir alguns esclarecimentos. Quanto terminou, sentia-se muito mais leve.

— Você disse penitencieiros?

— Sim — confirmou ela. — Será que você nunca ouviu falar neles?

De Michelis encolheu os ombros.

— Já vi tanta coisa nessa profissão que nada mais me surpreende. Aconteceu de alguns casos se resolverem com uma denúncia ou por motivos fortuitos e sem explicação. Mas eu nunca relacionei isso a alguém que investigasse paralelamente à polícia. Sou um homem de fé, você sabe. Gosto de pensar que existe algo de irracional e ao mesmo tempo lindo ao qual me entregar quando não aguento mais as coisas horríveis que vejo todos os dias.

De Michelis fez um carinho nela, exatamente como tinha feito Marcus antes de sumir da sala de reanimação e da sua vida. Por cima do ombro do inspetor, Sandra notou dois homens de paletó e gravata dirigirem-se a um agente, que, por sua vez, apontava na direção deles. Os dois se aproximaram.

— Você é Sandra Vega? — perguntou um deles.

— Sou — confirmou.

— Poderíamos falar um instante? — perguntou o outro.

— Claro.

Fizeram com que entendesse que o assunto era reservado e, enquanto se afastavam para ficar apartados, lhe mostraram os documentos de identificação.

— Somos da Interpol.

— O que está acontecendo?

O mais velho falou.

— Esta tarde o delegado Camusso nos telefonou para pedir informações sobre um agente nosso, dizendo que você precisava delas. O nome é Thomas Shalber. Pode nos confirmar que o conhece?

— Sim.

— Quando o viu pela última vez?

— Ontem.

Os dois se olharam. Depois, o mais novo lhe perguntou:

— Tem certeza disso?

Sandra começava a perder a paciência.

— Claro que tenho certeza.

— É esse o homem que encontrou?

Mostraram-lhe uma carteirinha, e Sandra inclinou-se para olhá-la melhor.

— Apesar da semelhança considerável, não sei quem é esse homem.

Os dois voltaram a se olhar, e dessa vez estavam preocupados.

— Estaria disposta a fornecer uma descrição da pessoa que viu ao nosso especialista em perfis?

Sandra já aguentara demais, queria saber o que estava acontecendo.

— Tudo bem, pessoal. Qual dos dois vai me dizer o que está acontecendo? Porque alguma coisa está me escapando.

O mais novo procurou a aprovação do mais velho com o olhar. Quando a obteve, resolveu falar.

— A última vez que entrou em contato conosco, Thomas Shalber estava acompanhando um caso sob cobertura.

— Por que diz "estava"?

— Porque sumiu no nada e, há mais de um ano, não sabemos nada sobre ele.

A notícia a desnorteou. Sandra não sabia o que pensar.

— Desculpe-me, mas, se o agente de vocês é o sujeito na foto e não sabem que fim ele levou, quem eu conheci, então?

UM ANO ANTES

PRIPYAT

Os lobos se chamavam pelas ruas desertas, uivando seus nomes para o céu negro. Eram eles os donos de Pripyat agora.

O caçador podia ouvi-los enquanto, no corredor do 11º andar do edifício 109, tentava arrombar a porta da casa de Anatolij Petrov.

Os lobos sabiam que o intruso não tinha deixado a cidade, e agora o procuravam.

Não poderia ir embora antes do nascer do sol. As mãos doíam por causa do frio e não conseguia dominar a fechadura. Mas por fim a abriu.

O apartamento tinha as mesmas dimensões do apartamento ao lado. Nada havia sido tocado.

As janelas tinham sido vedadas com panos e fita isolante, para que cobrissem as correntes de ar. Anatolij devia ter tomado aquela precaução logo depois do acidente nuclear a fim de impedir que as radiações entrassem.

O caçador viu o crachá com sua foto no uniforme da central pendurado na entrada. Tinha cerca de 35 anos. Cabelos lisos e loiros, com uma franja que cobria sua testa. Óculos para miopia com a armação pesada, sob os quais se avistavam olhos azuis vazios. Lábios finos sob uma penugem clara. Sua função no trabalho era "técnico das turbinas".

O caçador olhou em volta. A decoração era modesta. Na sala de estar havia um sofá de veludo florido e uma televisão. Em um canto estavam dispostas duas redomas de vidro vazias. Uma estante cobria parte de uma parede. O caçador aproximou-se para ler a lombada dos volumes. Havia textos de zoologia, antropologia e muitos de etologia. Estavam presentes autores como Darwin, Lorenz, Morris e Dawkins. Estudos sobre a aprendizagem animal, sobre o condicionamento ambiental das espécies e tratados sobre a relação entre instinto e estímulos externos. Leituras que não tinham nada a ver com o trabalho de técnico das turbinas. Mais abaixo estavam arrumados alguns cadernos. Havia uns vinte deles, todos numerados.

O caçador não sabia o que pensar. Mas a conclusão mais importante era que Anatolij Petrov vivia sozinho. Não se viam sinais da presença de uma família. Nem de uma criança.

Foi tomado por um desconforto momentâneo. Agora era obrigado a ficar a noite toda. Não podia acender uma fogueira, porque a combustão amplificaria o efeito das radiações. Não tinha comida, só água. Teria que encontrar cobertas e alguns enlatados. Enquanto fazia a busca, deu-se conta de que faltavam roupas do armário no quarto e que na despensa as prateleiras tinham sido esvaziadas. Tudo fazia acreditar que Anatolij tinha sido tão previdente a ponto de deixar Pripyat

logo após o acidente no reator de Chernobyl, mas antes da evacuação em massa. Não abandonara tudo correndo, como os outros. Provavelmente, não tinha acreditado nas garantias das autoridades que, na imediação do desastre, repetiam para a população que permanecesse em casa.

O caçador preparou um leito improvisado na sala de estar, usando as almofadas do sofá e alguns edredons. Pensou em usar um pouco da água que trazia para lavar o rosto e as mãos, e tirar um pouco de poeira radioativa, pelo menos. Pegou o cantil da bolsa e, com ele, saiu o coelhinho de pano que antigamente pertencera ao falso Dima. Colocou-o ao lado do contador Geiger e da lanterna, para que lhe fizesse companhia naquela situação absurda. Sorriu.

— Talvez você possa me dar uma mão, meu velho.

O boneco limitou-se a fitá-lo com seu único olho. E o caçador sentiu-se um idiota.

Casualmente, dirigiu o olhar para a fileira dos cadernos na estante. Pegou um ao acaso — o número seis — e levou-o para a cama, com a intenção de folheá-lo.

Não tinha um título e estava escrito à mão. As letras em cirílico apresentavam uma grafia precisa e ordenada. Leu a primeira página. Era um diário.

14 de fevereiro.

Tenho intenção de repetir o experimento número 68, mas desta vez vou mudar sensivelmente o método de abordagem. O objetivo é demonstrar que o condicionamento ambiental age sobre o comportamento, invertendo a dinâmica de imprinting. *Com esse objetivo, hoje comprei dois exemplares de coelho branco na feira…*

O caçador levantou o olhar sobre o coelhinho de pano de repente. Era uma estranha coincidência. E ele nunca gostou de coincidências.

22 de fevereiro

Os dois exemplares foram criados separadamente e alcançaram maturidade suficiente. Hoje vou cuidar de trocar os hábitos de um dos dois…

O caçador olhou as redomas de vidro que estavam na sala. Era lá que Anatolij Petrov mantinha suas cobaias. A sala de estar era uma espécie de laboratório.

5 de março

A falta de comida e o uso dos eletrodos tornaram um dos coelhos mais agressivo. Sua índole pacífica está mudando gradualmente em direção a um instinto primordial…

O caçador não entendia. O que Anatolij estava tentando demonstrar? Por que se dedicava com tanta abnegação àquela atividade?

12 de março

Juntei os dois exemplares em uma única redoma. A fome e a agressividade induzida produziram seus frutos. Um atacou o outro, ferindo-o mortalmente…

Horrorizado, o caçador levantou-se da cama e foi pegar outros cadernos da estante. Em alguns deles, também havia fotos comentadas por legendas precisas. As cobaias eram obrigadas a assumir comportamentos que não faziam parte de sua natureza. Tudo isso acontecia deixando-as em jejum ou sem água por muito tempo, ou no escuro ou em plena luz, ou provocando-as com pequenos choques elétricos ou administrando nelas medicamentos psicotrópicos. Em seus olhos podia-se perceber o terror misturado com a loucura. O experimento sempre terminava de um jeito cruel porque um dos exemplares matava o outro, ou era o próprio Anatolij que dava um fim nos dois.

O caçador notou que o último caderno — o nono — remetia a outros cadernos sucessivos, mas que não estavam na estante. Provavelmente Anatolij Petrov levara-os consigo, abandonando os que considerava menos preciosos.

Foi uma anotação a lápis na última página que o impressionou especialmente.

... Todos os seres vivos na natureza matam. Mas só o homem faz isso, além de por necessidade, por puro sadismo, que é o prazer de infligir sofrimento. A bondade ou a maldade não são apenas categorias morais. Durante estes anos demonstrei que se pode instilar uma raiva homicida em qualquer animal, anulando o legado da sua espécie. Por que o homem deveria ser uma exceção?...

Ao ler aquelas palavras, o caçador sentiu um arrepio. De repente, o olhar insistente do coelhinho de pano aborreceu-o. Esticou uma das mãos para mudá-lo de lugar e, sem querer, esbarrou no cantil que, caindo, derramou um filete d'água no chão. Quando estava prestes a levantá-lo, deu-se conta de que parte do líquido tinha sido absorvida pelo rodapé sob a estante. O caçador derramou mais água. E ela também desapareceu.

Observou a parede e estimou as proporções da sala, até intuir que atrás do móvel havia algo, talvez um vão.

Além disso, notou que sobre os tijolos diante da estante havia um risco circular. Inclinou-se para verificar de perto. Apoiando-se nas mãos, soprou no sulco para liberá-lo da poeira que o preenchera ao longo dos anos. Quanto acabou, ficou de pé e o observou. Descrevia um perfeito arco de 180°.

A estante era uma porta e o uso contínuo tinha delimitado aquela marca no chão.

Agarrou uma das prateleiras e puxou-a em direção a si para abri-la. Era pesada demais. Resolveu tirar os livros. Levou alguns minutos para colocá-los no chão. Então, tentou novamente e começou a sentir a estante deslizando sobre os eixos. Depois de algum tempo, conseguiu abri-la.

Atrás, revelou-se uma segunda portinha, trancada com dois ferrolhos.

No meio ficava um olho mágico, ao lado havia um interruptor que, sem a energia elétrica, servia para pouca coisa. Mesmo assim, o caçador tentou espiar lá dentro, sem sucesso. Decidiu abrir aquela passagem também. Demorou um pouco para rodar os ferrolhos porque o metal se oxidara com o tempo.

Quando conseguiu, uma entrada escura revelou-se aos seus olhos. O mau cheiro obrigou-o a se retrair. Depois, com uma das mãos na boca, pegou a lanterna e apontou-a para o antro.

Media dois metros quadrados, o teto tinha somente um metro e meio de altura.

A parte interna da portinha e as paredes eram forradas por um material macio de cor escura, parecido com uma espuma usada para isolar

acusticamente os ambientes. Havia uma lâmpada de baixa voltagem, protegida por uma grade metálica. Em um canto, viam-se duas tigelas. O revestimento das paredes estava cheio de riscos, como se um animal tivesse sido aprisionado ali.

O feixe da lanterna iluminou algo brilhante no fundo daquela cela. O caçador inclinou-se, pegou um pequeno objeto e o examinou.

Uma pulseira azul de plástico.

Não, aqui não havia um animal, pensou, com horror.

Nela, estava gravado, em cirílico:

"HOSPITAL PÚBLICO DE KIEV. SETOR DE MATERNIDADE."

O caçador ficou de pé novamente, incapaz de permanecer naquele lugar. Sacudido por ânsias de vômito, precipitou-se para o corredor. No escuro, apoiou-se em uma das paredes, com medo de desmaiar. Tentou se acalmar e, finalmente, conseguiu retomar fôlego. Enquanto isso, uma explicação tomava forma em sua mente. O fato de que havia uma motivação lúcida e racional para tudo aquilo o enojava. Ainda assim, ele a compreendia.

Anatolij Petrov não era um cientista. Era um doente sádico, um psicopata. Em seu experimento, escondia-se uma obsessão. Como as crianças que matam uma lagartixa com uma pedra. Na verdade, isso não é apenas uma brincadeira. Há uma estranha curiosidade que as empurra para a morte violenta. Não sabem disso, mas estão experimentando o prazer da crueldade pela primeira vez. Têm a consciência de ter tirado a vida de um ser inútil, e que ninguém as repreenderá por isso. Mas Anatolij Petrov devia ter se cansado logo dos coelhos.

Por isso tinha raptado um recém-nascido.

Criara-o em cativeiro, usando-o como cobaia. Durante anos submetera-o a todos os tipos de prova para condicionar sua natureza. Provocara nele um instinto homicida. Nascemos ou nos tornamos bons ou maus? Essa era a pergunta que tentava responder.

Isso que o camaleão era: o fruto de um experimento.

Com a explosão do reator da central, Anatolij apressara-se em deixar a cidade. Ele era um técnico das turbinas, sabia quanto a situação era grave. Mas não podia levar aquela criança com ele.

Talvez tenha pensado em matá-la, considerou o caçador. Mas, depois, algo deve tê-lo feito mudar de planos. Provavelmente a ideia de que sua criatura, a partir daquele momento, pudesse medir-se com o mundo. Se sobrevivesse, seria

seu verdadeiro sucesso.

Portanto, decidira deixar livre a cobaia que, a essa altura, tinha se tornado um menino de 8 anos. O pequeno vagara pela casa, então encontrara refúgio com os vizinhos, que não sabiam quem era. Porque havia uma coisa que Anatolij Petrov não tinha providenciado: esquecera-se de lhe dar uma identidade. A tarefa do camaleão de entender quem realmente era começara com Dima e ainda continuava.

O caçador se pegou administrando uma sensação de opressão. Sua presa tinha sido privada de qualquer empatia, todas as emoções humanas mais elementares lhe foram extirpadas. Sua capacidade de aprendizagem era extraordinária. Mas, no fundo, era apenas uma folha em branco, uma casca vazia, um espelho inútil. Seu único guia era o instinto.

A prisão atrás da estante — que ninguém nunca notou, em um apartamento rodeado por outros iguais, em um prédio cheio de gente — tinha sido seu primeiro ninho.

Enquanto pensava nisso, o caçador olhou para baixo. Tinha acostumado a vista à penumbra do corredor e, agora, podia enxergar as manchas escuras no chão, ao lado da porta de entrada.

Havia sangue no chão também desta vez. Pequenas gotas. O caçador curvou-se para tocá-las, como no orfanato de Kiev ou em Paris.

Mas desta vez o sangue estava fresco.

HOJE

No hotel, enquanto acabava de fazer as malas que não tinha terminado no dia anterior, Sandra pensava novamente na noite que passou com o homem que a convencera de que era Thomas Shalber, na casa que acreditava que fosse um alojamento da Interpol. No jantar que lhe preparara, nas confidências que tinham trocado. Inclusive a foto da menina que ele afirmava que era sua filha, Maria, que não conseguia ver com tanta frequência quanto gostaria.

Parecera-lhe… autêntico.

Na presença dos dois verdadeiros agentes da Interpol, fizera-se a pergunta sobre quem tinha realmente encontrado naqueles dias. Mas a interrogação que pairava na cabeça dela naquele momento era diferente.

Com quem eu fiz amor naquela noite?

Era desagradável não ter uma resposta. Aquele homem conseguira se insinuar em sua vida interpretando vários papéis. No início, era só uma voz telefônica irritante que queria convencê-la a ter dúvidas sobre seu marido. Depois, interpretou o papel do herói que lhe salvara a vida, livrando-a, no momento exato, da linha de tiro de um franco-atirador. Depois a satisfez, tentando seduzi-la para arrancar sua confiança. Então a enganou, apoderando-se das fotos da Leica.

Jeremiah Smith afirmara que David conseguira encontrar o arquivo secreto da Penitenciaria. Por isso, tinha sido obrigado a matá-lo.

O falso Shalber também estava procurando o arquivo? Talvez tenha precisado se render diante da última foto escura, que provavelmente continha a solução, mas a imagem não tinha aparecido.

Àquela altura, como Sandra temia, dedicara-se a descobrir Marcus, até porque a foto do penitencieiro que David tinha conseguido tirar era o único ponto de apoio que lhe restava.

Mas depois tinha reaparecido em Santa Maria sopra Minerva, na frente da capela de São Raimundo de Peñafort, só para lhe dar uma explicação sobre por que estava agindo daquela maneira e, depois, desaparecer de novo. No fundo, também podia não fazê-lo.

Qual era o objetivo, então?

Quanto mais se esforçava para encontrar um sentido lógico que associasse esses episódios, mais o significado de cada ação lhe escapava. Não sabia se devia considerá-lo um amigo ou um inimigo.

Bom ou mau?

David, pensou. Sabe-se lá se ele tinha entendido com quem estava lidando. Tinha seu número de telefone, fora ele quem lhe fornecera os números que

faltavam com a foto tirada com a Leica na frente do espelho do banheiro daquele mesmo quarto. Seu marido não confiava naquele homem o suficiente para lhe entregar aquelas pistas, mas, mesmo assim, quis que ela o encontrasse. Por quê?

Raciocinava e outras perplexidades surgiam. Sandra deixou a mala de lado por um momento e sentou-se na cama, pensando. Onde estou errando? Queria esquecer logo a história toda, e precisava fazer isso para não prejudicar o plano da nova vida que tinha na cabeça. Mas sabia que não conseguiria conviver com aquelas perguntas. Ela corria o risco de enlouquecer.

David era a resposta, tinha certeza disso. Por que seu marido tinha se jogado naquela missão? Era um bom repórter fotográfico, mas aquela história, aparentemente, não tinha nada a ver com ele. Era judeu e, diferentemente dela, quase nunca falava em Deus. Seu avô sobrevivera aos campos de concentração nazistas e David afirmava que tais horrores tinham sido concebidos não para destruir seu povo, mas para fazer com que perdessem a fé. Assim, os judeus teriam tido a prova de que Deus não existia, e isso teria sido suficiente para aniquilá-los.

A única vez em que tinham abordado o tema religioso um pouco mais seriamente aconteceu algum tempo depois do casamento.

Um dia, enquanto tomava banho, Sandra descobriu um nódulo. A reação de David foi tipicamente iídiche: começou a brincar com aquilo.

Ela considerava que seu comportamento provinha de uma espécie de fraqueza de caráter, em que seus problemas de saúde eram ridicularizados e transformados em uma brincadeira só porque David se sentia culpado por não ser capaz de resolvê-los. Tudo isso era muito amável, mas não ajudava em nada. Então, acompanhou-a para fazer as investigações, tirando sarro dela o tempo todo. Sandra o fez acreditar que, com aquelas piadas, de fato, estava conseguindo atenuar a tensão. Dentro, porém, estava muito mal e só queria que ele parasse. Mas era o seu jeito de lidar com as coisas, e ela não tinha certeza de que servia para ela. Mais cedo ou mais tarde precisariam falar sobre isso, e previa uma briga.

Durante a semana em que esperavam o diagnóstico dos exames, David continuou com aquele comportamento insuportável. Sandra pensava em antecipar a história e levantar logo a questão, mas tinha medo de estourar.

Na noite anterior ao dia dos resultados, acordou e procurou David na cama, esticando uma das mãos na direção dele. Mas ele não estava lá. Então se levantou e constatou que não havia nenhuma luz acesa na casa. Enquanto se

perguntava onde estava, chegou à soleira da cozinha e o viu. Estava sentado de costas, curvado. Balançava-se pronunciando, em voz baixa, palavras incompreensíveis. Não a notara, caso contrário teria parado de rezar. Ela voltou para a cama e chorou.

Felizmente, o nódulo revelou-se benigno. Mas Sandra precisava esclarecer com David aquela história. Certamente aconteceriam outras provas difíceis no casamento deles, por isso ele precisaria de algo além da ironia para ir em frente. Falou com ele sobre a noite da reza, e David, com certo constrangimento, foi obrigado a admitir o quanto estava assustado com a ideia de perdê-la. Ele não tinha medo da própria morte, seu trabalho na linha da frente levou-o a afastar automaticamente a ideia de poder morrer. Mas, quando se tratava de Sandra, não sabia o que fazer. A única coisa que lhe viera à cabeça fora recorrer a um Deus que sempre evitou.

— Quando você não tem mais recursos aos quais apelar, a última coisa que lhe resta é a fé em um Deus no qual não acredita.

Para Sandra, valeu como uma declaração de amor absoluto. Mas, agora, naquele quarto de hotel, sentada na cama ao lado de uma mala incompleta, perguntava-se por que, se seu marido tinha a intuição de que poderia morrer em Roma, tinha decidido lhe enviar como uma mensagem de despedida as pistas de uma investigação. Algumas fotos, para ser mais exata, porque — por causa dos trabalhos que desempenhavam — essa era a linguagem deles. Mas por que, por exemplo, não lhe preparara um vídeo para que ela soubesse quanto era importante para ele? Não lhe escrevera uma carta, um bilhete, nada. Se a amava tanto assim, por que o último pensamento não tinha sido para ela?

Porque David não queria que eu ficasse presa a ele caso ele morresse, pensou. E foi uma revelação.

Ele me deu o resto da minha vida de presente. A chance de me apaixonar novamente, de ter uma família, filhos. Uma existência diferente da de uma viúva. Mas não daqui a alguns anos. Imediatamente.

Tinha que encontrar um jeito de lhe dizer adeus. Ao voltar para casa em Milão, precisaria jogar fora as lembranças, tirar suas roupas do armário, dar sumiço no cheiro dele da casa — cigarros aromatizados de anis e loção pós-barba de má qualidade.

Mas podia começar logo. Pela última mensagem de David que mantinha na secretária do celular e que a conduzira até Roma. Antes, porém, quis escutá-la novamente. Nunca mais ouviria o som da voz de seu marido.

— Oi, te liguei um monte de vezes, mas sempre cai na secretária… Não

tenho muito tempo, por isso vou fazer logo uma lista do que estou sentindo saudade… Estou com saudade dos seus pés frios me procurando debaixo das cobertas quando você vem pra cama. Estou com saudade de você me fazendo provar as coisas na geladeira para ter certeza de que não estragaram. Ou quando você me acorda gritando às três da manhã porque sentiu uma câimbra. E, você não vai acreditar, estou com saudade até de você usar a minha gilete para depilar as pernas e depois não me dizer nada… Resumindo, aqui em Oslo está um frio danado e não vejo a hora de voltar. Te amo, Ginger!

No teclado, Sandra apertou o botão de apagar sem hesitar.

— Meu amor, vou sentir saudade de você. — As lágrimas desciam copiosamente pelo rosto. Era a primeira vez, depois de muito tempo, que não o chamava de Fred.

Depois, pegou as cópias das fotos da Leica, porque as originais ainda estavam com o Shalber falso. Empilhou-as, colocando a escura em cima de todas. Estava pronta para rasgá-las e esquecê-las, mas parou.

Entre as fotos de David não havia nenhuma da capela de São Raimundo de Peñafort. Mas o frade dominicano, antigamente, era um penitencieiro. Tinha sido Shalber, porém, a conduzi-la à basílica com o santinho debaixo da porta do quarto de hotel. Até agora, Sandra tinha deixado aquele detalhe de lado. Por que quis que ela conhecesse aquele lugar com uma trapaça?

A foto escura.

Se ele achava que naquele clique havia uma resposta ao enigma sobre o arquivo dos penitencieiros, então está escondido naquela capela miserável, Sandra disse a si mesma. Só que Shalber não era capaz de identificar o acesso.

Observou a foto novamente. A imagem não era fruto de um erro, como sempre achou. David quis expressamente que fosse escura.

Quando você não tem mais recursos aos quais apelar, a última coisa que lhe resta é a fé em um Deus no qual não acredita.

Antes de partir para Milão, tinha que voltar a Santa Maria sopra Minerva.

A última pista de David era uma prova de fé.

UM ANO ANTES

PRIPYAT

O caçador não estava sozinho. Havia outro habitante na cidade fantasma.

Está aqui.

O camaleão tinha escolhido o lugar mais inóspito da Terra para se esconder. Aquele onde nenhum homem viria procurá-lo.

Voltou para casa.

O caçador percebia sua presença. As gotas de sangue no chão ainda não tinham coagulado completamente.

Está perto.

Devia pensar rápido. Na sala de estar, junto ao abajur, estava a bolsa com a arma narcotizante. Mas não tinha tempo de pegá-la.

Estava me observando.

Só queria fugir do apartamento de Anatolij Petrov. A única salvação seria chegar até o Volvo que estacionara na frente dos blocos de cimento, colocados no meio da estrada para impedir o acesso dos veículos à cidade. Era um caminho e tanto. Os lobos que se danem, ele correria. Não existiam estratégias. Só podia escapar.

Lançou-se na direção da porta de entrada e começou a descer rapidamente os degraus. Não os sentia sob si, apenas os tocava. No escuro, não via onde colocava os pés. Se caísse, seria o fim. A ideia de ficar preso no ventre do prédio com uma perna quebrada, à espera de que seu inimigo aparecesse, em vez de motivá-lo a ser prudente fazia-o correr riscos. Às vezes pulava alguns lances, esquivando-se de pilhas de detritos. Estava ofegante e o suor gelava suas costas. Seus passos retumbavam na caixa das escadas.

Onze andares em disparada e, depois, a rua.

Havia somente sombras em volta dele. Edifícios que o olhavam com seus mil olhos vazios, carros como sarcófagos, prontos para acolhê-lo, árvores estendendo seus frágeis ossos lenhosos para agarrá-lo. O asfalto esfarelava-se em contato com os sapatos, como se o mundo estivesse desabando debaixo dele. Sentia uma sensação de angústia crescendo no peito, os pulmões começavam a queimar. A cada respiração, uma fisgada no tórax. Então é assim que se sente quando se foge de alguém que quer nos fazer mal.

O caçador tinha virado presa.

Onde você está? Sei que está aqui e está me olhando. Agora ri do meu desespero. E, enquanto isso, se prepara para aparecer.

Dobrou a esquina e encontrou-se diante de uma grande avenida. De repente, deu-se conta de que não se lembrava mais de onde tinha vindo. Perdera a orientação. Parou para pensar, curvado pelo cansaço. Então, viu as carcaças

enferrujadas dos carrosséis e entendeu que estava indo na direção do parque de diversões. O Volvo estava a menos de meio quilômetro dele. Ele conseguiria.

Vou conseguir.

Arrancou novamente, ignorando a dor e o cansaço, o frio e o medo. Mas, com o rabo do olho, viu o primeiro lobo.

O animal chegara ao seu lado e estava correndo com ele. Dali a pouco, surgiu o segundo. E o terceiro. Escoltavam-no, mantendo-se a distância. O caçador sabia que se diminuísse a velocidade o atacariam.

Assim, não se poupou. *Se pelo menos tivesse tido tempo de pegar a arma narcotizante que estava na bolsa...*

Viu o Volvo, parado onde o deixara. Um pequeno alívio, mas não sabia se tinha sido mexido. Nesse caso, seria a zombaria final. Mas não podia desistir agora. Faltavam poucos metros quando um dos lobos decidiu tentar um ataque. Deu-lhe um chute e, embora não tivesse acertado em cheio, convenceu-o a ficar distante.

O carro era mais que uma miragem. Era real.

Começou a pensar que, se conseguisse, muitas coisas mudariam. De repente, se deu conta de quanto gostava da própria vida. Não tinha medo da morte, mas sim da ideia de morrer naquele lugar, e de um jeito que não conseguia nem imaginar.

Não, assim não, por favor.

Quando alcançou o veículo, não acreditava. Escancarou a porta e viu os lobos diminuindo a velocidade. Tinham entendido que não conseguiriam e, agora, preparavam-se para se recolher no abrigo da escuridão. Procurou febrilmente as chaves que tinha deixado no painel. Quando as encontrou, teve medo de que o carro não funcionasse. Mas começou a andar. Riu, incrédulo. Virou rapidamente para inverter o sentido da marcha. Tudo funcionava à perfeição. A adrenalina ainda o dominava, mas os sinais do cansaço começaram a aparecer. O ácido lático fermentava e sentia dor nas juntas. Talvez estivesse começando a relaxar.

Uma última olhada no retrovisor: seus olhos ainda assustados e a ci-dade fantasma que se afastava. E a sombra de um homem que surgia do banco de trás.

Mas, antes que o caçador pudesse completar um pensamento, uma dolorosa escuridão desceu sobre ele.

Foi acordado pelo barulho da água. Pequenas gotas que pingavam da rocha.

Podia imaginar o lugar mesmo sem abrir os olhos. Não queria olhar. Mas, no fim, o fez.

Estava deitado sobre uma mesa de madeira. A luz era fraca e provinha de três lâmpadas penduradas no teto. As almas incandescentes tremiam com as oscilações de tensão. Podia ouvir o zumbido do gerador que as mantinha vivas.

Não conseguia se mexer, estava amarrado. Mas nem tentaria. Estava bem assim.

Estava em uma caverna? Não, em um subsolo. Exalações de mofo permeavam o cômodo. Mas havia outra coisa. Era um cheiro metálico, de soldagem. Zinco. E, além disso, havia o miasma, inconfundível, da morte.

Virou a cabeça com dificuldade e viu melhor. Encontrava-se em uma cripta. As paredes eram um mosaico ordenado. Havia algo de bonito e, ao mesmo tempo, terrível naquela visão.

Eram ossos.

Amontoados ou encaixados uns nos outros. Fêmures, ulnas, escápulas. Fundidos com o zinco que revestia os caixões, protegiam aquele lugar da contaminação.

Não poderia se servir de outra coisa para o seu ninho. Tinha sido esperto. No lugar onde cada objeto trazia em si o contágio das radiações, a única coisa não envenenada eram os mortos. Devia tê-los desenterrado do cemitério e os usado para construir um abrigo.

Reconheceu três caveiras escurecidas pelo tempo que o observavam, ocultadas pela sombra. Dois adultos e uma criança. O verdadeiro Dima e seus pais, pensou.

Sentiu-o se aproximar. Não era necessário se virar. Sabia.

Percebeu sua respiração calma, ritmada. Ele passou uma mão em sua testa para tirar os cabelos grudentos de suor. Um carinho. Então, caminhou em volta dele até encontrar seu olhar. Vestia um macacão militar e um pulôver de gola alta, vermelho e rasgado. Seu rosto estava coberto por um capuz, de onde saíam somente os olhos inexpressivos e tufos de barba malcuidada.

Naquele pedaço de rosto não transparecia nenhuma emoção. Parecia apenas curioso. Inclinou a cabeça, como fazem as crianças quando querem entender algo. Havia uma interrogação em seu olhar. Olhando-o, percebeu que não tinha saída.

Ele não conhecia a piedade. Não porque fosse mau. Mas porque ninguém lhe ensinara.

Apertava o coelhinho de pano nas mãos. Acariciava sua cabecinha,

despreocupado. Depois se afastou. Seguiu-o com o olhar. Em um canto havia uma cama de cobertas e panos. Colocou o coelho ali, sentou-se de pernas cruzadas e voltou a fitá-lo.

Queria lhe perguntar muitas coisas. Podia imaginar seu destino: não sairia vivo dali. Mas o que mais o amargurava era não saber as respostas. Tinha investido tanta energia na caça, ele merecia. Era uma espécie de honra de guerra.

Como acontecia a metamorfose? Por que o camaleão sentia a necessidade de deixar gotas de seu sangue — *uma espécie de assinatura* — cada vez que roubava a identidade de alguém?

— Fale comigo, eu lhe peço.

— Fale comigo, eu lhe peço.

— Diga alguma coisa.

— Diga alguma coisa.

O caçador começou a rir. Ele também riu.

— Não brinque comigo.

— Não brinque comigo.

E então entendeu. Não estava brincando. *Estava se exercitando*.

Viu-o se levantar e, ao mesmo tempo, tirar algo do bolso do macacão. Um objeto comprido e brilhante. Não entendeu o que era a princípio. Enquanto se aproximava, notou a lâmina afiada.

Encostou o bisturi em sua bochecha, traçando lentamente as linhas que dali a pouco percorreria mais profundamente. Uma cócega perigosa em sua pele. Agradável e apavorante.

Só existe o inferno, pensou. E é aqui.

O camaleão não queria simplesmente matá-lo: *logo a presa viraria o caçador*.

Mas, antes que isso acontecesse, algo ocorreu. Uma resposta. Tirou o capuz e, pela primeira vez, viu bem o rosto dele. Nunca tinham estado tão perto. No fundo, podia dizer que havia conseguido. O caçador alcançara o objetivo.

Mas havia algo no rosto do camaleão, algo de que nem sequer parecia se dar conta.

Finalmente compreendeu a origem do que acreditava que era uma *assinatura*.

Era, em vez disso, o sintoma da sua fragilidade. O caçador entendeu que não estava diante de um monstro, mas de um ser humano. E, como todos os seres humanos, o camaleão também tinha uma marca distintiva, algo que o tornava

único, embora fosse bom em se esconder em múltiplas identidades.

O caçador logo estaria morto, mas, naquele momento, sentiu-se aliviado.

Seu inimigo ainda podia ser detido.

A chuva cai sobre Roma como um funeral noturno. Não se consegue entender se está escuro ou se é dia.

Sandra atravessa a fachada anônima atrás da qual se esconde, insuspeita, a única igreja gótica de Roma. Com seus mármores suntuosos, os tetos elegantes, os afrescos magníficos, Santa Maria sopra Minerva a acolhe, deserta.

O barulho de seus passos dispersa-se no eco da nave da direita. Prossegue em direção ao último altar. O menor, o mais sem graça.

São Raimundo de Peñafort a está esperando. Só que, das vezes anteriores, ela não sabia disso. É como se agora expusesse seu caso ao *Cristo-juiz entre dois anjos*.

O Tribunal das Almas.

O afresco ainda está cercado pelas velas votivas deixadas pelos fiéis e que pingam cera no chão. Diferentemente das outras capelas da igreja, só naquela — a mais miserável — existe tal aglomeração de velas. Pequenas chamas diligentes, que a cada corrente de ar inclinam a extremidade em uníssono e voltam, retas.

Quem sabe por quais pecados estão acesas, perguntara-se Sandra das outras vezes em que estivera ali. Agora, tem a resposta. Pelos pecados de todos.

Pega da bolsa a última foto da Leica, olha-a. Na obscuridade representada naquele clique preto se esconde uma prova de fé. A última pista de David é a mais misteriosa, mas também a mais eloquente.

Não deve procurar a resposta fora, mas dentro de si.

Nos últimos cinco meses, perguntou-se onde David se encontra agora e qual é o significado do seu fim. Diante da dúvida, sentiu-se perdida. É uma perita em fotografia criminal, procura a morte nos detalhes, convicta de que só desse jeito tudo consiga se explicar.

Eu vejo as coisas através da minha máquina fotográfica. Confio nos detalhes para que me revelem como as coisas aconteceram. Mas para os penitencieiros existe algo além do que temos à nossa frente. Algo tão real quanto, mas que uma máquina fotográfica não pode perceber. Por isso, tenho que aprender que, às vezes, é preciso se entregar ao mistério. E aceitar que não nos é concedido entender tudo.

Diante das grandes perguntas existenciais, o homem de ciência se atormenta, o de fé para. E naquele momento, naquela igreja, Sandra sente ter chegado a uma linha de fronteira. Não por acaso, vêm-lhe à cabeça as palavras do penitencieiro: “Existe um lugar onde o mundo da luz encontra o mundo das trevas. É lá que tudo acontece: na terra das sombras, onde tudo é rarefeito,

confuso, incerto."

Marcus disse isso claramente. Mas Sandra, até agora, não tinha entendido. Não é a treva o verdadeiro perigo, mas a condição intermediária, onde a luz torna-se ilusória. Onde bom e mau se confundem, e não se consegue distingui-los.

O mal não se esconde no escuro. *Está na sombra*.

É lá que consegue falsificar as coisas. Não existem monstros, lembra a si mesma. Somente pessoas normais que realizam crimes horríveis. Por isso, o segredo é não ter medo do escuro, pensa Sandra. Porque no fundo dele estão todas as respostas.

Segurando a foto escura nas mãos, inclina-se sobre as velas votivas. Começa a soprar por cima delas, apagando-as. São dezenas, por isso demora algum tempo. À medida que prossegue, a escuridão sobe como uma maré. Ao seu redor, tudo some.

Quando termina, dá um passo para trás. Não vê mais nada, teme, mas repete para si mesma que só tem que esperar e, finalmente, saberá. Como quando era criança, na cama antes de dormir. A escuridão parecia-lhe ameaçadora, mas assim que os olhos se acostumavam tudo reaparecia magicamente — o quartinho com os brinquedos, as bonecas — e podia dormir tranquila. Lentamente, o olhar de Sandra adapta-se à nova condição. A lembrança da luz some e, de repente, percebe que já consegue enxergar algo novamente.

As figuras a seu redor começam a ressurgir. No nicho do altar, são Raimundo de Peñafort reaparece reluzente. Assim como o Cristo-juiz e os dois anjos se vestem de uma luminosidade diferente, brilhante. No reboco rude das paredes, acinzentado pela fuligem, começam a se manifestar algumas formas. São afrescos. Retratam cenas de devoção e penitência, mas também de perdão.

O milagre realiza-se diante de seus olhos e Sandra está incrédula. A mais pobre das capelas, a desprovida de mármores e frisos, torna-se lindíssima.

Uma luz nova aflora das paredes nuas, formando matizes turquesa que se irradiam até a abóbada. Filamentos cintilantes escalam as colunas que pareciam nuas. O efeito total é um clarão azul, parecido com as profundezas sossegadas de um oceano. Continua tudo escuro, mas um escuro ofuscante.

Sandra sorri. *Tinta fosforescente*.

Embora exista uma explicação lógica, o passo que deu dentro de si para descobri-la não tinha nada de racional. Foi pura entrega, aceitação da própria limitação, uma agradável rendição ao insondável, ao incompreensível. A fé.

Ali estava o último presente de David. Sua mensagem de amor para ela. Aceite a minha morte, sem se perguntar por que esse destino foi acontecer justamente com a gente. Só assim ainda poderá ser feliz.

Sandra olha para o alto e lhe agradece.

— Não há nenhum arquivo aqui. O único segredo é tamanha beleza.

Os passos se aproximam atrás dela. Sandra vira-se, Marcus aparece.

— A descoberta da fosforescência remonta ao século XVII e deve-se a um sapateiro de Bolonha que pegou algumas pedras, tostou-as com carvão e observou um estranho fenômeno: depois de terem sido expostas à luz do dia, continuavam a emitir luz no escuro por horas. — Aponta a seu redor. — O que você vê foi realizado poucas décadas depois, pela mão de um artista anônimo que utilizou a substância do sapateiro para pintar a capela. Imagine o espanto das pessoas da época, que nunca tinham visto nada desse tipo. Hoje não nos surpreende mais como antes, porque sabemos as razões do fenômeno. De qualquer jeito, cada um pode escolher se está vendo a enésima singularidade de Roma ou algum tipo de milagre.

— Eu queria conseguir ver o milagre, queria de verdade — admite Sandra, com um pouco de tristeza. — Mas prevalece a razão. A mesma que me diz que não existe um Deus e que David não está em um paraíso onde a vida continua e se é sempre feliz. Mas queria muito estar enganada.

Marcus não se altera.

— Entendo. A primeira vez que alguém me trouxe aqui, disse-me que eu podia encontrar a resposta para a pergunta que eu havia me feito quando, depois da amnésia, me foi revelado que eu era um sacerdote. — Toca a cicatriz na têmpora. — Me perguntei: se é verdade que sou um padre, onde está a minha fé?

— E qual foi a resposta?

— Que não é simplesmente um dom. Temos que procurá-la sempre. — Abaixa o olhar. — Eu a procuro no mal.

— Que destino estranho nos une. Você tem que prestar contas com o vazio da memória, eu com lembranças demais de David. Eu, forçada a lembrar; você, condenado a esquecer. — Faz uma pausa, olha-o. — E agora, você vai continuar?

— Ainda não sei. Mas, se está me perguntando se tenho medo de que algo consiga me corromper um dia, só posso lhe dizer que sim. No início, achava que era uma maldição conseguir ver o mundo com os olhos do mal. Porém, encontrando Lara dei um sentido ao meu talento. Apesar de não lembrar quem eu era no passado, graças ao que faço finalmente sei quem sou.

Sandra concorda, mas sente-se em falta.

— Tenho que revelar uma coisa a você. — Faz uma longa pausa, escolhendo as palavras. — Existe um homem que o procura. Eu achava que ele queria encontrar o arquivo, mas depois do que vi aqui entendi que seu objetivo é outro.

Marcus está perturbado.

— Por quê?

— Não sei, mas mentiu para mim. Fez-se passar por um funcionário da Interpol, mas não era verdade. Não sei quem é realmente, mas temo que seja muito perigoso.

— Não vai conseguir me encontrar.

— Vai, sim. Ele tem uma foto sua.

Marcus reflete.

— E, mesmo se me encontrar, o que poderá me fazer?

— Ele matará você.

A segurança de Sandra não o atingiu.

— Como você sabe?

— Porque, se ele não é um policial e não quer prendê-lo, então sobra apenas um objetivo.

Marcus sorri.

— Já morri uma vez. Agora não tenho mais medo.

Sandra deixa-se convencer pela serenidade do padre, inspira-lhe confiança. Ainda se lembra de sua carícia no hospital. Fez bem a ela.

— Cometi um pecado e não consigo me perdoar.

— Para tudo existe um perdão, até mesmo para os pecados mortais. Todavia, não basta pedi-lo. É necessário compartilhar a culpa com alguém: externá-la é o primeiro passo para se libertar dela.

Sandra, então, inclina a cabeça, fecha os olhos e começa a abrir seu coração. Conta-lhe do aborto, do amor perdido e reencontrado, do modo como se autopuniu. Tudo acontece muito naturalmente, as palavras brotam de um lugar profundo. Imaginava que a sensação seria a mesma que se tem livrando-se de um peso. Mas é o oposto. O vazio escavado dentro dela por uma criança nunca nascida se fecha. A angústia sentida naqueles meses se cicatriza. Sente que algo nela está mudando, que se torna uma pessoa nova.

— Eu também tenho uma culpa grave na consciência — diz-lhe Marcus, no fim. — Tirei algumas vidas, exatamente como você. Mas isso é suficiente para nos tornar assassinos? Às vezes matamos porque temos que fazê-lo, para proteger alguém ou por medo. Nesses casos, seria necessário outro parâmetro de

julgamento.

Sandra sente-se aliviada por suas palavras.

— Em 1314, em Ardèche, no sul da França, a peste dizimava a população. Aproveitando-se da epidemia, uma gangue de ladrões semeava o terror saqueando, estuprando e matando. As pessoas estavam assustadas e no limite da sobrevivência. Então, alguns padres da montanha, despreparados e inexperientes, reuniram-se para afrontar os criminosos. Empunharam as armas e combateram. No fim, levaram a melhor. Homens de Deus que espalharam sangue: quem algum dia os perdoaria? Quando voltaram às suas igrejas, a população os aclamou como salvadores. Graças à proteção deles, em Ardèche não houve mais crimes. Desde então, as pessoas começaram a chamar esses padres de *os caçadores do escuro*. — Marcus pega uma vela, acende-a com um fósforo e a dá a Sandra. — Por isso, o julgamento sobre nossas ações não cabe a nós… Não podemos apenas pedir perdão.

Por sua vez, Sandra pega uma vela e acende-a com a de Marcus. Então, juntos começam a fazer a mesma coisa com todas as velas expostas aos pés do Cristo-juiz. À medida que a chama coletiva retoma vida, ela se sente libertada, exatamente como o penitencieiro previra. A cera volta a pingar no chão de mármore opaco. Sandra está serena, contente, pronta para voltar para casa. A emissão fosforescente começa a se enfraquecer. Somem os afrescos luminosos, os frisos brilhantes. Lentamente, a capela volta a ser miserável e anônima. Enquanto está completando a obra de acendimento, Sandra casualmente olha para baixo e descobre que algumas gotas são vermelhas.

Formam uma pequena coroa de manchas escuras. Mas não é cera. É sangue.

Levanta o olhar para Marcus e percebe que ele está com uma hemorragia no nariz.

— Cuidado — diz-lhe, porque ele não se deu conta.

Ele leva uma das mãos ao rosto e depois olha os dedos sujos.

— Às vezes acontece isso comigo. Mas depois passa. Sempre passa.

Procurando na bolsa, Sandra pega alguns lenços de papel, para que o ajudem a estancar o fluxo. Ele os aceita.

— Existem coisas sobre mim que não sei — diz, enquanto reclina a cabeça. — Cada vez que descubro uma nova, eu me surpreendo, antes só me davam medo. A hemorragia nasal também. Não sei de onde vem, mas faz parte de mim. E então digo a mim mesmo que, talvez um dia, isso também me ajudará a lembrar quem eu era antes.

Sandra inclina-se em direção a Marcus e o abraça.

— Boa sorte — diz.

— Adeus — responde ele.

UM ANO ANTES

PRAGA

Ficara em Pripyat mais alguns meses, para se assegurar de que mais ninguém viesse procurá-lo. O trabalho que fizera em sua última vítima tinha sido longo e cansativo. Não tinha sido como com as outras, que após algumas horas de tortura lhe diziam tudo. Levou diversos dias para obrigá-lo a falar e lhe contar tudo de si, e assim aprender como tornar-se ele. Estranhamente, a tarefa mais difícil tinha sido fazê-lo dizer seu nome.

O camaleão olhou-se ao espelho.

— Marcus — disse. Gostava dele.

Chegara à cidade havia três dias, pegara um quarto em um hotel. O prédio era antigo e, da janela, podia admirar os telhados pretos de Praga.

Trazia muito dinheiro, furtado, ao longo dos anos, dos homens que lhe cederam a existência. E um passaporte diplomático do Vaticano, roubado de sua última vítima e no qual tinha substituído a foto. A identidade no documento já era falsa, porque não coincidia com a que extorquira. A explicação era simples.

O caçador não existia.

Era a condição ideal para o camaleão. Tornar-se um homem que ninguém conhece o deixava definitivamente protegido do risco de ser descoberto. Mas ainda não podia ter certeza disso. Devia esperar, por isso estava ali.

Estava repassando as anotações que pegara em Pripyat: uma biografia resumida de sua nova identidade. Só as informações essenciais, porque o resto havia decorado.

Naquele momento, a porta do quarto se abriu.

Na soleira apareceu um velho de rosto chupado e ar cansado, vestido de escuro. Empunhava um revólver. Não atirou logo. Entrou e fechou a porta. Parecia calmo e determinado.

— Encontrei você — disse. — Cometi um erro e vim para reparar.

O camaleão ficou calado. Não perdeu a compostura. Com calma, colocou as folhas que estava lendo em uma mesinha e vestiu uma expressão imperturbável. Não tinha medo — ele não sabia o que era, não lhe fora ensinado —, só estava curioso. Por que aquele velho estava com lágrimas nos olhos?

— Pedi ao meu aluno mais capaz para perseguir você. Mas você está aqui, então Marcus está morto. E é culpa minha.

Viu que apontava a arma para ele. O camaleão nunca se vira tão perto da morte. Sempre lutara para sobreviver à sua própria natureza. Agora, não tinha vontade de ser assassinado.

— Espere — disse. — Não pode fazer isso. Assim não é justo, Devok.

O velho parou. Em seu rosto só havia espanto. Não fora a frase que o

detivera, nem o fato de que soubesse seu nome. Mas sim o som com o qual as palavras tinham sido formuladas.

O camaleão falara com a voz de Marcus.

O velho, agora, estava desorientado.

— Quem é você? — perguntou, amedrontado.

— Como assim, quem sou eu? Não me reconhece? — disse, quase implorando. Porque a arma do camaleão, a única de que precisava, a mais eficaz, era a ilusão.

Diante dos olhos do velho estava acontecendo algo incompreensível. Estava assistindo a uma espécie de transformação.

— Não é verdade. Você não é ele.

Por mais que tivesse certeza de estar com a razão, algo o detinha. Era o carinho que sentia pelo aluno. Por isso, não tinha mais a força que lhe servia para apertar o gatilho.

— Você foi meu mestre, meu mentor. O que sei, devo só a você. E agora quer me matar? — Continuava falando, mas enquanto isso se aproximava. Um passo de cada vez.

— Não o conheço.

— Existe um lugar onde o mundo da luz encontra o mundo das trevas — repetiu, de memória. — É lá que tudo acontece: na terra das sombras, onde tudo é rarefeito, confuso, incerto. Nós somos os guardiães colocados em defesa dessa fronteira. Mas, às vezes, algo consegue passar. Minha tarefa é jogá-lo no escuro novamente.

O velho tremeu, estava cedendo. O camaleão já estava perto dele, podia arrancar a arma de sua mão, quando viu a primeira gota caindo no carpete. Percebeu estar perdendo sangue pelo nariz. A hemorragia nasal era a única coisa de si que não podia mudar. O único requisito original, o resto pegava emprestado. Sua verdadeira identidade, enterrada sob dezenas de outras, estava trancada naquela marca pessoal.

A ilusão quebrou-se e o velho compreendeu a fraude.

— Desgraçado.

O camaleão jogou-se na mão que empunhava o revólver, agarrou-o no último instante. O velho caiu para trás e ele mirou nele.

Deitado no carpete, o velho começou a rir, enxugando a palma da mão suja de sangue na camisa. O camaleão estava com a cara manchada.

— Por que está rindo? Não tem medo, agora?

— Antes de vir aqui, confessei meus pecados. Estou livre e pronto para

morrer. E, além do mais, acho engraçado que você pense que bastará me matar para resolver seus problemas, quando na verdade eles acabaram de começar.

O camaleão achou que era uma armadilha, mas não cairia.

— Talvez seja melhor o silêncio, o que acha? É mais apropriado ir embora sem últimas palavras. Seria mais digno, não é verdade? Todos os homens que matei, no fim, sujavam sua morte com frases insossas, banais. Pediam piedade, me suplicavam. Sem saber que aquilo, para mim, era a confirmação de que não tinham mais nada a me dizer.

O velho sacudiu a cabeça.

— Coitado, tão tolo. Um padre melhor do que eu já está perseguindo você. Ele possui um talento igual ao seu: pode se transformar em quem quiser. Só que não é um camaleão e não mata ninguém. É bom em assumir a identidade das pessoas desaparecidas. Nesse momento, é um funcionário da Interpol e pode ter acesso a todas as investigações policiais. Logo ele o encontrará.

— Muito bem, agora você vai me dizer o nome dele.

O velho riu de novo, espalhafatosamente.

— Mesmo que você me torturasse, não iria lhe servir de nada. Os penitencieiros não têm um nome. Não existem, você deveria saber disso.

Enquanto o camaleão avaliava se estava blefando, o velho aproveitou-se de sua distração e encontrou forças para dar um pulo na direção dele. Agarrou o revólver e empurrou-o para baixo, revelando uma agilidade insuspeitada. Recomeçou a prova de força. Mas, dessa vez, o velho não queria soltar a presa.

Um tiro partiu em direção ao espelho e o camaleão viu a própria imagem se espedaçar. Conseguiu orientar a arma em direção ao adversário e apertou o gatilho. O velho paralisou-se em uma careta espantada, os olhos arregalados e a boca escancarada. A bala perfurara seu coração. Mas, em vez de se prostrar para trás, caiu para a frente, precipitando-se no solo com seu assassino. O choque com o chão fez partir um terceiro tiro. O camaleão teve a sensação de ver a bala passando como uma sombra fugaz diante de seus olhos, antes de se cravar em sua têmpora.

Caído no carpete, à espera de que o fim chegasse, observava a própria imagem refletida nos mil fragmentos do espelho aos pedaços. Lá estavam todas as suas identidades, os rostos que havia roubado. Como se a ferida na têmpora as tivesse libertado da prisão de sua mente.

Olhavam-no. Instante após instante, começou a se esquecer delas.

E, antes de morrer, não soube mais quem era.

7h37

O cadáver abriu os olhos.

NOTA DO AUTOR

Esta história nasceu de dois encontros que serão difíceis de esquecer.

O primeiro aconteceu em Roma, em uma tarde de maio, com um sacerdote singular. O encontro com padre Jonathan era na piazza delle Cinque Lune, na hora do pôr do sol. Inútil dizer que foi ele quem me forneceu indicações de local e horário, e, quando lhe pedi para ser um pouco mais preciso em relação à "hora do pôr do sol", respondeu-me, placidamente: "Antes do cair da noite." Não sabendo o que responder, resolvi me apresentar com muita antecedência.

Ele já estava lá.

Nas duas horas seguintes, padre Jonathan contou-me da Penitenciaria, do arquivo dos pecados e do papel dos penitencieiros no mundo. Durante todo o tempo achei incrível que ninguém tivesse contado essa história. Nosso passeio pelas ruelas de Roma terminou em San Luigi dei Francesi, em frente a *O martírio de são Mateus* de Caravaggio, que representa o primeiro teste no treinamento dos padres-*profilers*.

Em muitos casos, os sacerdotes colaboram com as forças da ordem. Na Itália, desde 1999, existe uma equipe antisseitas — a S.a.S. — que age ao lado da polícia civil para compreender melhor os chamados "delitos satânicos". Não porque haja um demônio a ser encontrado, mas por causa do significado demoníaco específico que alguns criminosos, principalmente assassinos, atribuem às próprias façanhas. Explicá-lo significa esclarecer a motivação de crimes cruéis e criar uma casuística útil às investigações.

Nos dois meses seguintes ao nosso primeiro encontro, padre Jonathan me *instruiu*, ilustrando-me a função de seu ministério especial e revelando-me os segredos dos lugares mágicos de Roma que visitávamos juntos (às vezes, deixando-me sem fôlego) e que são descritos no romance. Ele me deu aulas de todos os tipos, seu conhecimento estendia-se dos casos criminais à arte, à arquitetura, à história, até a origem das tintas fosforescentes.

Em relação às questões de fé e religião, tolerou bondosamente minha perplexidade e aceitou se confrontar abertamente com minhas críticas. Ao fim de tudo, dei-me conta de ter realizado um percurso espiritual involuntário, que me ajudou a compreender melhor o tipo de narrativa que deveria fazer.

Na sociedade moderna, a espiritualidade é frequentemente reduzida a uma

farsa ou considerada alimento para massas incultas, ou, ainda, virou uma prática *new age*. Os indivíduos perderam a distinção elementar entre bem e mal. O resultado foi dar Deus de presente aos integralistas, aos extremistas, aos cartunistas (porque os fanáticos do ateísmo, no fundo, não são tão diferentes dos fanáticos religiosos).

Tudo isso produziu a incapacidade de olhar dentro de nós mesmos, para além das categorias da ética e da moral — assim como da categoria totalmente aleatória do "politicamente correto" —, para encontrar a dicotomia essencial que permite discernir e avaliar cada comportamento humano.

Bem e mal, yin e yang.

Um dia, padre Jonathan comunicou-me que eu estava pronto para contar a minha história, desejou-me "sempre estar na luz" e se despediu com a promessa de que nos veríamos de novo. Desde então, ainda não aconteceu. Procurei-o sem êxito e espero que este romance faça com que nos reencontremos logo. Embora uma parte de mim suspeite que não acontecerá, porque tudo o que devíamos nos dizer foi dito.

O segundo encontro foi com N.N., que viveu entre o século XIX e o início do século XX.

O primeiro (e até agora único) serial killer camaleão da história, que representa um dos casos mais interessantes da criminologia.

N.N. não são as iniciais de seu nome, mas o acrônimo da expressão latina *Nomen Nescio,* que, convencionalmente, indica os indivíduos sem identidade (nos moldes do nome fictício John Doe para o mundo anglo-saxão).

Em 1916, o cadáver de um homem de mais ou menos 35 anos foi encontrado em uma praia de Ostende, na Bélgica. A morte tinha acontecido por afogamento. Vestia roupas e documentos dos quais constava ser um funcionário desaparecido no nada em Liverpool dois anos antes. Quando as autoridades mostraram o corpo aos parentes, vindos da Inglaterra para esse fim, estes não o reconheceram, insistindo que era um engano.

Através das fotos produzidas pelos familiares, porém, observava-se uma semelhança singular entre N.N. e o funcionário inglês. Mas não era a única afinidade. Os dois tinham em comum a paixão por pudim e por prostitutas ruivas. Ambos consumiam um remédio para dor no fígado e, mais importante, apresentavam uma leve manqueira na perna direita (no caso do afogado, o médico-legista deduziu isso pelo desgaste peculiar da sola do sapato e pela

presença de uma formação calosa na lateral do pé direito, sinal de que o peso do corpo era concentrado nele, por causa da má postura).

Além da prova constituída por essas semelhanças, no último domicílio de N.N. a polícia se deparou com uma coleção de documentos e objetos que pertenciam a indivíduos de diversos países europeus. Por meio de investigações sucessivas, descobriu-se que todos tinham desaparecido de repente e sem deixar rastros. Mas, principalmente, que os desaparecimentos podiam ser ordenados de acordo com a idade das vítimas, que era constantemente crescente.

Daí a dedução de que N.N. as escolhia com o objetivo de tomar o lugar delas.

Não foram encontrados cadáveres, mas foi fácil presumir que N.N. tinha matado aqueles homens antes de se apropriar da identidade deles.

O caso, escassamente sustentado por provas científicas por causa do atraso das técnicas investigativas da época, foi deixado de lado para, depois, voltar ao auge em torno dos anos 1930, quando Courbon e Fail tornaram famosos os primeiros estudos psiquiátricos sobre a síndrome de Fregoli — nome do famoso artista transformista italiano — e apareceram matérias sobre o distúrbio neurológico conhecido como *síndrome de Capgras.* Ambas as patologias traçam um fenômeno inverso ao caso de N.N.: quem é afetado por elas está convicto de ver uma transformação nos outros. Mas a descrição deles deu vazão a uma série de aprofundamentos científicos que levaram a identificar outras síndromes, como a do camaleão, que se aproxima muito do caso belga (e que inspirou *Zelig*, um magnífico filme de Woody Allen).

O caso de N.N. é a base de um novo ramo das ciências jurídicas: as "neurociências forenses", que estudam os delitos partindo de uma matriz genética ou fisiológica. Essas técnicas permitiram uma compreensão ou qualificação nova de alguns crimes. Um exemplo é a diminuição da pena concedida a um homicida com problemas nos lobos frontais e um mapa genético que indicava uma predisposição à violência, ou a demonstração de que o delito de um homem que massacrou a namorada a facadas tinha sido favorecido por uma carência de vitamina B12, provocada por uma dieta vegana que durava 25 anos.

De qualquer maneira, o talento de N.N. permanece um *unicum* que, até hoje, obteve apenas uma confirmação no caso da "menina no espelho" que contei no romance. A jovem mexicana realmente existiu, embora, diferentemente de N.N., nunca tenha matado ninguém. Por razões de conveniência, mudei o nome dela, chamando-a de Angelina.

N.N. está enterrado ainda hoje em um cemitério na beira do mar. Em sua lápide está gravado o epitáfio: “Corpo de afogado sem identidade. Ostende — 1916”.

Donato Carrisi

AGRADECIMENTOS

Stefano Mauri, meu editor. Pela paixão que coloca e pela amizade com a qual me honra.

Com ele, agradeço à Longanesi e às editoras que publicam meus livros no exterior. Pelo tempo e pelas energias investidas para que as minhas histórias chegassem ao destino.

Luigi, Daniela e Ginevra Bernabò. Pelos conselhos, pelo cuidado e pelo carinho que reservam para mim. É bom fazer parte do time de vocês.

Fabrizio Cocco — o homem que conhece os segredos das (minhas) histórias —, pela tranquila dedicação e por ser tão *noir*.

Giuseppe Strazzeri, por ter colocado seu fervor e seu olhar nesta aventura editorial.

Valentina Fortichiari, pela garra e pelo carinho (não sei como faria sem eles).

Elena Pavanetto, pelas ideias sorridentes.

Cristina Foschini, pela sua presença luminosa.

Os livreiros, pelo compromisso que assumem cada vez que entregam um livro a um leitor. Pela missão mágica que desempenham no mundo.

Esta história nasceu também graças à involuntária — e, com frequência, inconsciente — contribuição de uma série de pessoas que cito em ordem rigorosamente casual:

Stefano e Tommaso, porque agora existem. Clara e Gaia, pela alegria que me dão. Vito Lo Re, por sua música incrível e por ter encontrado Barbara. Ottavio Martucci, pelo seu cinismo do bem. Giovanni "Nanni" Serio, porque ele é Shalber! Valentina, que me faz me sentir membro da família. Francesco "Ciccio" Ponzone, um grande sujeito. Flavio, um malvado de coração terno. Marta, que nunca se poupa. Antonio Padovano, por suas lições sobre o prazer da vida. Tia Franca, porque está sempre comigo. Maria "Ià", por uma esplêndida tarde no Quirinale. Michele e Barbara, Angela e Pino, Tiziana, Rolando, Donato e Daniela, Azzurra. Elisabetta, porque há muito dela nesta história.

Chiara, que me enche de orgulho. Meus pais, a eles devo tudo de melhor.

Leonardo Palmisano, um dos meus heróis. Nunca falarei de você no passado e não te esquecerei.

Achille Manzotti, que em 1999 me deu a possibilidade de começar essa estranha profissão, pedindo-me que escrevesse a história de um padre de nome dom Marco. A escolha do nome Marcus para o protagonista é um tributo ao gênio desse grande produtor, à sua loucura e, principalmente, ao seu faro para roteiristas.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

O tribunal das almas

Booktrailer do livro
http://www.youtube.com/watch?v=6tBI_Ez7cUc

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/262173-o_tribunal_das_almas

Resumo do livro
http://livrosquevoam.blogs.sapo.pt/5740.html

Resenha do livro
http://verovsky-meninadospoliciais.blogspot.com.br/2012/05/
donato-carrisi-o-tribunal-das-almas.html

Wikipédia do autor
http://it.wikipedia.org/wiki/Donato_Carrisi

Site do autor
http://www.donatocarrisi.it/

Perfil do autor no Good Reads
http://www.goodreads.com/author/show/3467563.Donato_Carrisi

Capa

Rosto

Créditos

Epígrafe

Abertura

Cinco dias atrás

Um ano antes | Paris

Quatro dias atrás

Um ano atrás | Cidade do México

Três dias atrás

Um ano antes | Kiev

Dois dias atrás

Um ano antes | Pripyat

Ontem

Um ano antes | Pripyat

Hoje

Um ano antes | Pripyat

Agora

Um ano antes | Praga

Nota do autor

Agradecimentos

Colofão

Saiba mais